

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica

Thiago Alixandre da Cunha

PORNOCRACIA NO BRASIL:
uma economia política da comunicação obscena e a pornografia da morte

Mestrado em Comunicação e Semiótica

São Paulo

2021

Pontifícia Universidade de São Paulo – PUC-SP
Programa de Estudos Pós Graduated em Comunicação e Semiótica
Área de concentração: Signos e significação dos processos comunicacionais
Linha de pesquisa: Dimensões políticas da comunicação

Thiago Alixandre da Cunha

**PORNOCRACIA NO BRASIL:
uma economia política da comunicação obscena e a pornografia da morte**

Dissertação de mestrado apresentada à banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação e Semiótica, sob a orientação da Profa., Dra. – Helena Katz.

São Paulo

2021

Banca examinadora

à Zú,
*cuja morte ensinou sobre a eroticidade da vida, e
que os mistérios do acaso e os segredos dos
acidentes circunstanciais são irreveláveis.*

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob o processo nº 133882/2019-5

Manifesto ao inagradecível

Foi da singularidade de um acidente que tudo começou. Aos 15, num táxi, em Votorantim, ela me perguntou o que eu faria na universidade quando eu crescesse, e eu disse que não iria pra universidade porque eu era um artista e não queria limitar minhas ideias. Que orgulho de sentir vergonha disso, hoje.

Eu já era mais mocinho, tinha 20, quando recebi um SMS no meu Nokia 2280, azul. A mensagem dizia: "Thiago querido, andei pensando, você não gostaria de vir assistir as minhas aulas? Mas você não poderia contar pra ninguém, é claro. Seja discreto, ninguém vai saber, pois onde cabem 30, cabem 31. Se um dia a PUC colocar catracas, daí revemos".

Eu fui. E, felizmente, a PUC não tem catracas até hoje.

Iniciar clandestinamente a busca pelo conhecimento, demarca meu percurso acadêmico e, provavelmente, para sempre meu pensamento e minha escrita terão traços desta clandestinidade.

Desde então, às escondidas, me tornei a sombra clandestina obstinada a perseguir e a insistir na compreensão daquilo que me fascinava. Não faltei nunca às aulas. Até que um dia faltei, em uma. Neste dia, ela apresentou as ideias de Dany Robert-Dufour sobre pornografia. Minha amiga de toda vida, Preta, foi a esta aula e anotou tudo, tudinho, e depois se esforçou para me explicar o que pôde se lembrar. Lembrou o suficiente para me fazer saber que eu não podia seguir sem saber o que tinha perdido. Aquela falta, aquele desejo de saber do objeto perdido deu nesta pesquisa. Valeu, Prê!

Foram muitos os afetos que me permitiram chegar lá, chegar aqui. Não seria possível nomeá-los, nada daria conta de explicar todas as ajudas que recebi, todas, cada umas delas, que fizeram os meus possíveis, sendo tão improváveis, se tornarem exequíveis. A graduação em Filosofia, financiada com a ajuda dos amigos, do primeiro ao último mês dos 5 anos de curso. Os trajetos de ônibus, do interior até a capital e, muitas vezes, até o lanche, foram feitos com ajuda dos que acreditavam na importância deste percurso. Até mesmo a conexão de internet na minha casa foi paga por eles, para que eu pudesse estudar. A impossibilidade de um mestrado na PUC-SP foi viabilizada pelas invisíveis políticas afetivas daqueles que apostaram no meu comprometimento. Então, veio a Bolsa integral do CNPq. Era verdade, eu me formaria.

É da ordem do indizível, do inagradecível, este percurso. Não daria para nomear todos, por isso, como num longa metragem, ofereço, aos nomes todos, este pedaço da minha história, a todos os que têm crédito nela, mesmo aqueles que, porventura, numa falha, eu me esqueça de nomear. Mas antes, quero agradecer a dois personagens fundamentais neste roteiro: Gavroche Thénardier. O pseudônimo com o qual assinava as tantas cartas que recebi do amigo Marcelo Castilho Avellar (1961 – 2011), que me deu a República do Platão quando fiz 19, e foi o primeiro a me dizer que eu deveria dividir a vida entre o palco e a sala de aula. A primeira vez que entrei numa universidade como professor, foi com aquele volume da República embaixo do braço. Suas palavrinhas seguem comigo para sempre, Má.

E, por último, a personagem que inspirou todo este roteiro, porque me ensinou a lição mais transgressora dentre todas: que o amor é uma forma de conhecimento. Que sem amor, não há como conhecer. Que é preciso amar generosamente o conhecimento.

Com amor, tudo funciona e, sem ele, nada adianta, né profi?

Ofereço a todos os afetos que constelaram nesta trajetória uma música que toca enquanto sobem os créditos...



O Amor é filme¹ (Cordel do Fogo Encantado)

O amor é filme
Eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando
a gente ama
Eu sei porque eu sei muito bem como a cor da manhã
fica
Da felicidade, da dúvida, dor de barriga
É drama, aventura, mentira, comédia romântica

Um belo dia, a gente acorda e uhhh
Um filme passou por a gente
E parece que já se anunciou o episódio dois
É quando a gente sente o amor
Se abuletar na gente
Tudo acabou bem
Agora é o que vem depois

O amor é filme
Eu sei pelo cheiro de menta e pipoca que dá quando
a gente ama
Eu sei porque eu sei muito bem como a cor da manhã
fica
Da felicidade, da dúvida, dor de barriga
É drama, aventura, mentira, comédia romântica

É quando as emoções viram luz
E sombras e sons, movimento
E o mundo todo vira nós dois
Dois corações bandidos
Enquanto uma canção de amor persegue o
sentimento
O Zoom In dá ré e sobem os créditos

O amor é filme e Deus, espectador!

(Falcão João / Moraes Andre)

Alex Locci (pelo acolhimento), Amálio Pinheiro (pela alegria), Ana Lícia Pegorelli (pelo acompanhamento), Ana Teixeira (por me depositar tanto valor), André Oliveira (pela tradução), Andreia Nhur (pela amizade), Ao CED - centro de estudos em dança (por tanto aprendizado), Aos meus alunos (por hackearem comigo este mestrado), Bruno Souza, do estacionamento (por ser gentil sempre), Bruno Freire (por enriquecer com proximidades a nossa distância), Christine Greiner (pelo que você nem sabe), Cida Bueno (por fazer acontecer), Cnpq (por tornar viável), Dany-Robert Dufour (por me despertar), Diogo Marins Locci (por ter sido meu Tekoha), Dona Zinha (pelo acordo carinhoso), Fernanda Perniciotti (pela assistência técnica e pelo medo que compartilhamos), Glenn Gould (pela cia), Helena Katz (pelo amor), Ícaro Vidal (pelas trocas e por aceitar o convite), Jorge de Albuquerque Vieira (pela autonomia), José Luiz Aidar Prado (pelo rigor), Lucrécia D'Alessio Ferrara (por ensinar que nem tudo seriam flores), Mamãe (por permitir tanto), Maria Do Carmo (Du) (por cuidar da minha saúde), Norval Baitello Junior (por apostar em mim), Paula Locci (pela lealdade), Preta Ribeiro (por toda a vida), Rosa Hercoles (por ser tão precisa), Seu Floriano, da CAFIL (pela gentileza e competência com tantos xérox), Sr. Lawrence Lai (pelo apoio), Toca do Leão (pelo açaí mais gostoso do mundo), Tomas Fischer (por tanto), Vera Sala (por me ensinar a morrer em cena)...

¹<https://www.youtube.com/watch?v=2oPDow4EQno>

RESUMO

A crescente indistinção entre vida privada e pública praticada na internet produziu um fenômeno comunicacional que merece atenção, e é a questão da qual parte esta dissertação: a naturalização de certos modos de uso e transação de corpos, que agora prolifera em muitas plataformas, produz processos de subjetivação “des-erotizados”, obscenizantes e pornográficos, que passam a regular a comunicação, em suas diversas formas de manifestação. Vale esclarecer que não se trata apenas da expansão do consumo de pornografia na internet, nem tampouco do uso dos apps de relacionamento e das redes sociais de interação sexual, mas de um tipo de comunicação de enorme impacto e alcance, ainda sem a visibilidade que precisa ter. Dufour (2013) nos fala de “relações político-pornológicas e econômico-pornocráticas” que não escandalizam e nem mobilizam atenção, embora regulem a política e a economia, ou seja, o modo como vivemos. Podemos reconhecê-las no conjunto de informações divulgado nos meios de comunicação como: a espetacularização das delações premiadas, dos depoimentos em processos judiciais, das informações supostamente secretas do sistema judiciário (como o vazamento de gravações de áudios e vídeos nos veículos jornalísticos), ou a transformação de nossa subjetividade em perfis à venda pelas mineradoras de dados. Os discursos ejaculatórios, não ficam restritos às redes sociais, e parecem infectar o modo como se comporta o campo da comunicação e do jornalismo hoje, no Brasil. A hipótese é a de que há uma nova organização lógica nos hábitos cognitivos produzidos nas horas diárias investidas na vida *online*, que terminaram por promover um assujeitamento ao que se poderia nomear de *comunicação pornográfica*, dada a sua afinidade com uma espécie de obscenidade informacional, que traz para a cena o que ficava retido na penumbra/coxia. Para sustentá-la, a pesquisa se fundamentará, sobretudo, no conceito de espetáculo (DEBORD, 1967, 1997) biopolítica (Foucault, 2005), nos conceitos de pornografia e liberalismo (Dufour, 2013), na Teoria Corpomídia (Katz e Greiner, 2005) e no conceito de teatrocracia (Han, 2012). O objetivo é trazer para o prosaico a reflexão sobre as consequências da espetacularização de informações (Débord, 1967, 1997), identificando estas práticas na nossa comunicação cotidiana. A metodologia empregará a revisão bibliográfica e a organização de um Banco de Dados com o corpus da pesquisa, formado de matérias jornalísticas de diversos veículos da imprensa, como também da produção midiática nas quais reconhecemos relações político-pornológicas, cobrindo o período eleitoral de 2018, até 2021 no Brasil. Usaremos ainda fenômenos midiáticos em sites e blogs de notícias, em redes sociais como, Twitter, Instagram, Facebook, Youtube e WhatsApp, dentre outras plataformas. A exposição da vida íntima através da comunicação em rede parece ter dado vida à *Pornocracia* (Dufour, 2013), que necessita ser investigada para que se possa tecer um diagnóstico mais preciso deste fenômeno que agora regula a comunicação.

Palavras-chave: pornocracia, pornologia, corpomídia, política e pornografia, necropornobiopoder.

ABSTRACT

The growing indistinction between private and public life on the internet practices has produced a communicational phenomenon that deserves attention and it is the question from which this dissertation starts: the naturalization of certain modes of use and transaction of bodies that now proliferates on many platforms produces “De-eroticized”, obscenizing and pornographic processes of subjectification, which started to regulate communication in its various forms of manifestation. It is worth clarifying that it is not only about expanding the consumption of pornography on the Internet nor about the use of relationship apps and social networks for sexual interaction, but a type of enormously impactful communication and scope, even without the visibility that it needs to have. Dufour (2013) talks about “political-pornological and economic-pornocratic relations” that do not scandalize or mobilize attention, although they regulate politics and the economy, which is the way we live. We can recognize them in the set of information published in the media, such as: the spectacularization of the turning state’s evidence cases, the testimonies in judicial processes, the supposedly secret information of the judicial system (such as the leaks of audio and video recordings in the press), or the transformation of our subjectivity into profiles for sale by data mining companies. Ejaculatory speeches are not restricted to social networks and they seem to infect the way the communication field and journalism behave today in Brazil. The hypothesis is that there is a new logical organization in the cognitive habits produced in the daily hours invested in online life, which ended up promoting a subjection that could be called pornographic communication, given its affinity with a kind of informational obscenity that brings to the scene what was retained in the backstage. To support it, the research will be based mainly on the spectacle concept (DEBORD, 1967, 1997), biopolitics (Foucault, 2005), on the pornography and liberalism concepts (Dufour, 2013), on the Corpusmedia Theory (Katz and Greiner, 2005) and the teatrocracy concept (Han, 2012). The objective is to bring to the stage front the reflection about the consequences of the spectacularization of information (Débord, 1967, 1997), identifying these practices in our daily communication. The methodology will make use of a bibliographic review and the organization of a database taken from journalistic articles from several press vehicles, as well as from the media production in which we recognize political-pornological relations, covering the electoral period of 2018, until 2021 in Brazil. We will also use mediatized phenomena on news sites and blogs, on social networks such as Twitter, Instagram, Facebook, Youtube and WhatsApp, among other platforms. The exposure of intimate life through network communication seems to have given life to Pornocracy (Dufour, 2013), which needs to be investigated in order to make a more accurate diagnosis of this phenomenon that now regulates communication.

Keywords: pornocracy, pornology, corpusmedia, politics and pornography, necropornbiopower

Sumário

PREFÁCIO, PRÉ-FÁSCIA	12
SINOPSE.....	13
PRIMEIRO ATO: PORNOLOGIA PARA DESPIR A PORNOCRACIA	15
PENETRAÇÃO E/OU INTRODUÇÃO A UMA CERTA CENA.....	15
TETAS, TELAS, PIC(A)S E TITTYTAINMENT	21
PORNOGRAFIA: PORNÔ, PORNOGRÁFICO, PORNOLOGICO E PORNOCRÁTICO.....	33
LIMPANDO A CENA	43
<i>Notas sobre pornografias</i>	<i>43</i>
<i>Os Inomináveis são desgenerados.....</i>	<i>55</i>
<i>O capitalismo tem medo do que o corpo comunica.....</i>	<i>57</i>
<i>Espaço público, espaço público.....</i>	<i>60</i>
OPERAÇÃO DA LUZ	62
<i>Na cabine de comando da cena, operando a mesa de luz.....</i>	<i>64</i>
<i>Luz, câmera, não aja! Dissimule!.....</i>	<i>69</i>
<i>Velar, revelar, desvelar</i>	<i>70</i>
OPACIDADE DA TRANSPARÊNCIA	73
<i>Mocinhos da Democracia, Vilões da Pornocracia.....</i>	<i>76</i>
INTERVALO COMERCIAL	77
<i>Transparência Hacker.....</i>	<i>79</i>
PORNOGRAFIA COMO RACIONALIDADE COMUNICACIONAL	80
COMUNICAÇÃO SEM VERGONHA.....	84
<i>Desaparecer de vergonha, vergonha de desaparecer</i>	<i>88</i>
<i>Vergonha como emoção/sentimento revolucionários.....</i>	<i>91</i>
PERGUNTAS DESCARADAS.....	94
O REI ESTÁ NU. E DAÍ?	95
SPOILER, HAVERÁ SEXO E MORTE NO FINAL.....	97
A MORTE E O GOZO: O (MAIS) MORRER E O (MAIS) GOZAR	97
PORNOGRAFIA DA MORTE	105
SEGUNDO ATO: A PORNOCRACIA DESCORTINA-SE.....	108
CENA 1: APRESENTAÇÃO DO CENÁRIO.....	108
<i>Das lógicas arquitetônicas ceno(porno)gráficas:</i>	<i>109</i>
CENA 2: APRESENTAÇÃO DO ELENCO E PERSONAGENS PRINCIPAIS DESTA CENA	114
CENA 3: OS PROTAGONISTAS PERVERSOS	115
<i>Fenômenos comunicacionais perversos</i>	<i>123</i>
CENA 4: OS MASOQUISTAS COADJUVANTES.....	124
CENA 5: OS SÁDICOS CONTRACENAM OU A CONTRACENA SÁDICA	128
<i>Interlúdio mitológico - Narciso</i>	<i>131</i>
CENA 6: OS NARCÍSICOS QUEREM UM SOLO	133
CENA 7: O SUJEITO PORNOCRÁTICO AMBICIONA O PAPEL DO HERÓI	134
<i>Erosão do erótico e corrosão do sujeito</i>	<i>136</i>
<i>Supremacia pornográfica.....</i>	<i>139</i>
TERCEIRO ATO: COREOPORNOCRACIA	142
DEMOCRACIA PROSTITUÍDA É PORNOCRACIA	142
AVISO ANTES DO SINAL: CONTRATO, PACTOS E ACORDOS DE RELACIONAMENTO COM A PROPOSTA CÊNICO-COREO-GRÁFICA.....	143
PRÓLOGO.....	145
<i>Rastros da Pornocracia.....</i>	<i>145</i>
<i>Obscenos poderes necrófilos.....</i>	<i>147</i>
CENA 1: O OBSCENO GOLPEIA A CERVICAL DA DEMOCRACIA	151
CENA 2: A HISTERIA SE FANTASIA DE EXORCISMO	159
CENA 3: O BATISMO DO MESSIAS.....	161
CENA 4: JUDICIÁRIO PORNOCÊNICO - NÃO TEMOS PROVAS, MAS TEMOS CONVICÇÃO	164
<i>Salto temporal, a cena continua.....</i>	<i>164</i>

CENA 5: A PRISÃO DO TESÃO DIABÓLICO	166
CENA 6: <i>PORNOCRACIA</i> À BRASILEIRA	171
CENA 7: EPISÓDIOS DE HORROR: A <i>PORNOCRACIA</i> SE DISFARÇA DE DEMOCRACIA	173
<i>Intervalo</i>	179
(OBS)CENA 75940328198746371: LEITE CONDENSADO NO RABO	181
(OBS)CENA 98475628548345672: O PERVERSO PURITANISMO ENCENA	182
(OBS)CENA 09473998744563824: 80 TIROS OU 257 TIROS	184
(OBS)CENAS: 86755469001209311: PORNOGRAFIA POLÍTICA	185
(OBS)CENA 66689057688954317: UM RETRATO PLAYBOY	190
(OBS)CENAS: 87364554536632211: O PERVERSO-PURITANO É VÍTIMA DE PORN REVENGE	193
(OBS)CENAS: 17171717171717171: ESQUETES PORNÔS - A CRISE É TAMBÉM ESTÉTICA	198
(OBS)CENA 09878987656765434: CENA SEM CENA	207
(OBS)CENA 36545633372893841: STORIES NÃO TEM VIRGULA	210
CENA FINAL: NÚMEROS NÃO RESPIRAM	211
EPÍLOGO (CONSIDERAÇÕES FINAIS)	213
EXTRAS - MAKING ON-OFF, POR TRÁS DO POR TRÁS DAS CENAS	217
FICHA TÉCNICA	218

Prefácio, pré-fásia

Como tudo que está vivo, esta pesquisa também foi surpreendida pela crise sanitária gerada pela epidemia do Covid 19, precisando se relacionar com este contexto. A recente situação invadiu o corpo se alastrando feito o tecido da fásia que cobre e interpenetra cada músculo, ossos, nervos, órgãos, artérias e veias, ou seja, uma situação que enredou todo o corpo.

Curiosamente, junto com o que a grande mídia nomeou de mundo pandêmico, aqui, no Brasil, não só continuamos a viver uma Pornocracia², com traços agudizados, e, com isso, uma Pornologia³ continuou a se fazer necessária. Aqui, o vírus biológico e os “germes” políticos disputam o protagonismo das cenas midiáticas. Aqui, vórtices de pandemia e pandemônio conseguiram tornar a saúde doente.

Ao continuar observando como o objeto desta pesquisa, que já vinha se agudizando desde 2018, se comportava diante do contexto insalubre, o que se revelou foi que não houve trégua, mesmo em um momento de calamidade. O modo da comunicação lidar com a atual crise global da saúde continuou a enlaçar os eixos principais desta pesquisa: a) a obscenidade política sendo escrachada cotidianamente e sem pudor, mesmo diante do luto coletivo e global (e, mais que isso, talvez justamente para velar o luto coletivo global); e b) a subjetivação pornográfica através da comunicação.

Vale destacar o velamento e a privatização do que mereceria ser público, como, por exemplo, o escândalo das subnotificações do número de mortos pelo Ministério da Saúde, que dificultou o trabalho dos veículos de informação, obrigando-os a se unirem em um consórcio inédito no país, para combater a política de desinformação instaurada.

O sujeito, já hiper-exposto voluntariamente nas redes sociais, passou a expor-se compulsoriamente diante das telas, através dos fenômenos do

² Resumidamente um regime no qual a vida e a política são prostituídas aos interesses mercadológicos regidos por leis pornográficas. Mas é também, bem mais que isso, e, portanto, desenvolveremos este conceito ao longo do texto.

³ De acordo com Dany-Robert Dufour pornologia deverá se tornar um campo específico de estudo já que os fenômenos pornográficos invadem âmbitos políticos, econômicos e comunicacionais agora. Uma *Pornocracia* exigirá especialistas para lê-la, ou seja, um *pornólogo*, alguém capaz de ler pornologicamente os fenômenos políticos, sociais, econômicos, comunicacionais, afetivos e etc.

homeschooling, *homeoffice*, *lives*, reuniões políticas, festas de família, concertos, apresentações de teatro e dança e etc, fazendo figuras como Mark Zuckerberg, Jeff Bezos e Elon Musk se tornarem trilhonários⁴ da economia política de uma comunicação pornocrática.

A crise sanitária acabou por agudizar e promover a espetacularização da domesticidade e, com isso, a monetização do doméstico. Se a noção de privacidade, há muito, já estava borrada e era palavra sem alma⁵ no vocabulário, agora público e privado, íntimo e exterior, particular e aberto, dentro e fora, doméstico e o universal parecem se eclipsar em pur(t)a *Pornocracia*.

Sinopse

Se o mundo todo é um palco, como descreve Shakespeare (1600), se desde Débord (1967) sabemos que vivemos na sociedade do espetáculo, se com Augusto Boal (1975) sabemos que nem todos fazem teatro como ofício, mas, em certa medida, somos teatro porque somos atores dos nossos atos e, ao mesmo tempo, expectadores deles, se com Andrew Hewitt (2005) sabemos que nos regem coreografias sociais⁶, e com Byung-Chul Han (2012) chegamos à noção de teatrocracia, vamos propor aqui que, na coreografia teatrocrática da Pornocracia brasileira, o que acontece não é exatamente interpretação, mas dissimulação.

Com isso, queremos dizer que ministro que dissimula ser ministro, presidente que não preside, e governos que desgovernam são atores políticos que dissimulam. Se assemelham ao ator pornô quando numa cena de sexo explícito não interpreta personagem qualquer, apenas dissimula a si mesmo. A

⁴ Em <https://canaltech.com.br/resultados-financeiros/elon-musk-e-jeff-bezos-ficaram-ainda-mais-ricos-durante-a-pandemia-166039/>, consultado em 14 de outubro de 2020.

⁵ Alusão ao texto de Eliane Brum no qual conta que *Ñeé* é a palavra que, para os Guaranis Kaiowás, significa palavra e alma ao mesmo tempo, sendo palavra algo que age. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html, consultado em 14 de outubro de 2020.

⁶ Andrew Hewitt (2005), cunha o termo Coreografia Social para designar a relação estética que opera na base da experiência política e social, a fim de observar hábitos coreográficos que a sociedade desenha através do consumo midiático e de diretrizes políticas. Sugere que nossos hábitos são coreografados e ministrados por “coreógrafos oficiais” - a polícia, a política, a mídia. Aqui, nos interessa pensar o corpo submetido ao diário treino coreográfico pelas diversas mídias digitais.

atuação pornográfica resume-se a um si representando a si mesmo em uma performance de si e se esvazia em exibição pulsional⁷, portanto, pornográfica.

Desta *coreografia* política exploraremos sua teatrocracia, que parece reunir traços pornográficos. Tais traços tingem a economia política da comunicação (BARBERO,1987), que parece ter se tornado um teatro pornográfico. Não devemos nos esquecer que pornografia é um fenômeno de natureza cênica, ou seja, o pornográfico, em linhas gerais, aqui será admitido como aquilo que coloca em cena o que não mereceria⁸ estar na cena, o obsceno, aquilo que mereceria ser mantido no obscuro da cena, e assim, não ganhar visibilidade sob a luz que ilumina a cena.

A proposta aqui será a de compor uma espécie de roteiro coreográfico de abordagem filosófica, que permitirá analisar os aspectos comunicacionais de contornos pornográficos. Por isso, esta dissertação se estruturará como a criação de uma peça.

Construir um olhar dramaturgico para a economia política da comunicação tem o intuito de demonstrar, com recursos filosóficos, coreográficos, dramaturgicos e cênicos, uma metaestrutura do objeto epistemológico desta pesquisa: a pornografia como um *logos/razão* que agora regula a economia política da comunicação e produz implicações no corpo.

⁷ Pulsão refere-se ao aumento da excitação e motivação interna do sujeito para alcançar um objetivo específico, de modo a orientar o comportamento do indivíduo. Ao longo da história, aquilo que nos excita e nos motiva individualmente, tendeu a ficar restrito à esfera íntima, mas na Pornocracia, exibir as pulsões e mostrar o próprio funcionamento pulsional passou a ser um comportamento habitual. Desde um chique presidencial em *lives* ou coletivas de imprensa, a discursos de ódio e todos os tipos de paixões, agora exibidas publicamente, sem pudor nas redes sociais.

⁸ Não mereceria por motivos que o trabalho desenvolverá adiante.

PRIMEIRO ATO: *Pornologia* para despir a *Pornocracia*



Se a bios precisa da biologia, a psique precisa da psicologia, os fenômenos sociais precisam da sociologia e assim por diante, a pornografia, dado o avanço de seu estatuto epistêmico, parece também já merecer um campo específico de estudos, a Pornologia.

Penetração e/ou introdução a uma certa cena.

As redes sociais produziram um outro modo das informações serem consumidas. O viver *on line* gestou uma ética própria. O que era da ordem do privado, velado ou obsceno mudou com a ultra exposição dos corpos e com o controle permanente de nosso comportamento. A regulação biopolítica⁹ de nossas vidas se torna cada vez mais evidente.

O sujeito produzido pelas práticas comunicacionais *on line* parece ter passado do campo erótico para o atual estágio do pornográfico. Mais adiante, procuraremos mostrar a distinção entre erótico e pornográfico; por enquanto, vale destacar que não os pensamos como sinônimos. Ao pensar o erótico como sendo do âmbito do velado (que produz as fantasias desejantes) e o pornográfico como a revelação que supostamente nada esconde (alimentando o desejo de consumir), é possível identificar agora um novo traço, que parece ter superado o constrangimento, o segredo e a discrição de seu fazer e de seu consumo. Até poucos anos atrás, para assistir, no Brasil, a um filme pornô, era preciso alugá-lo numa locadora de vídeo, apresentar documentos de maioridade, atravessar a cortina preta para ter acesso ao espaço reservado de uma salinha, nos fundos da loja. Havia, neste procedimento, um jogo no qual a exposição se tornava constrangimento e desconforto social. Portanto, expor-se para consumir pornografia significava uma exposição com alto índice de *negatividade*.

Com a proliferação de sites pornôs na internet, o acesso irrestrito a todo

⁹ O conceito de Biopolítica desenvolvido por Foucault (1974), serve deste a virada do século como uma importante formulação teórica para lidar com os dispositivos de poder que regulam corpos, vida e morte em suas mais variadas manifestações. Questões como racismo, genocídio, aborto, sexualidade, gênero, questões ambientais e tecnológicas e uma infinidade de assuntos que perpassam o corpo vivo enquanto existência política. Autores como Giorgio Agamben, Antônio Negri, Michael Hardt, Roberto Exposito, dentre outros, desenvolveram o conceito propondo acepções singulares. Para conhecer a história do conceito e as principais abordagens destes autores, um bom trabalho é o livro do sociólogo alemão Thomas Lemke *Biopolítica: críticas, debates, perspectivas*, ed. Politeia (2018).

tipo de informação pornográfica, sem nenhum tipo de regulação etária, retirou grande parte das restrições para seu consumo, e isso fez do pornográfico um fenômeno que agora está autorizado a se vulgarizar no explícito. Historicamente, até mesmo no pornográfico se supunha alguma *negatividade*, mas, recentemente, nos tornamos gerentes de si, sujeitos narcísicos diante de telas nas redes sociais, onde as pessoas mais importantes do mundo são os que praticam o *me, myself and I*¹⁰, configurando uma *sociedade da positividade*¹¹, na qual já não há mais nada a esconder, tudo pode e deve ser exibido, sem sentir ou causar constrangimento ou vergonha.

Negativo e positivo aqui não são tratados como adjetivos morais, mas como conceitos: a negatividade, se referindo a qualquer força externa de resistência à afirmação do si mesmo, negatividade como uma alteridade, uma regra social, uma condição, algo que negue e recuse a pura positividade do sujeito, ou seja, algo que impeça o delírio cinético deslizante de um sujeito que se desloca sem freio para dentro de si, alimentando, assim, seu traço narcísico, acreditando que o seu ser em fluxo deve acelerar-se irrestrita e continuamente, sem nenhuma força que o contrarie. Constrangimento e vergonha parecem ser sentimentos desta negatividade. Não se trata aqui de ter vergonha do corpo nu ou do sexo, nem transformar estas questões em pautas morais, ao contrário, reconhecer na vergonha uma ética capaz de combater a moral pornográfica, um fenômeno ainda não muito evidente, mas que o esforço deste texto pretende torná-la visível.

Formou-se, portanto, um contexto que poderíamos designá-lo de comunicação pornográfica. Dufour (2013) chama a atenção para o fato de que o atual estágio do capitalismo neoliberal superou a era pornográfica na economia libidinal¹². Sugere que o avanço deste capitalismo, além de ser uma política

¹⁰ KATZ, Helena. A dança na cidade de São Paulo, em meio à produção de inexistência, de novos hábitos cognitivos e do homo oeconomicus. Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Goiânia: ANDA, 2016. p. 771-779.

¹¹ De acordo com o filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, em *Sociedade da Transparência*: “Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vai se desconstruindo cada vez mais a negatividade em favor da positividade. Portanto, a sociedade da transparência vai se tornando uma *sociedade positiva*” (p.9, 2017).

¹² Em seu livro de 1974, o filósofo francês Jean-François Lyotard explora as noções de libido e pulsão freudiana, associando-as ao desejo e gozo do consumo. Autores contemporâneos como Judith Butler e Vladmir Safatle, têm explorado o termo como uma lógica da economia neoliberal e também do facismo. A hipótese central é a de que o capitalismo funciona como uma máquina de produção de excitação e desejo, para o qual ele mesmo oferece satisfação e gozo, por meio

econômica global, tornou-se um modo de subjetivação, resultando em uma espécie de *exposição da exposição*, que seria uma operação capaz de tornar a exposição despotencializada de seu potencial de expor. O poder de expor da exposição se perde justamente porque é ela, a exposição, que fica exposta. Assim, adoecida pelo excesso, a exposição perde seu potencial profanatório e é expropriada de sua capacidade de denúncia.

Em **Profanações** (2007), Agamben nos lembra que, ao ser flagrado por um olhar, um rosto que, costumeiramente, é animado por expressões, se sente exposto e, por isso, tende a se neutralizar e tornar-se inexpressivo, ou seja, a esconder-se. Lembra, ainda, que os historiadores do cinema chamam a atenção para uma novidade desconcertante na sequência de **Monika** (1952), filme no qual a protagonista, Harriet Andersson, olha fixamente, por alguns segundos, para a lente da câmera, encarando-a. Ingman Bergman, o diretor, teceu o seguinte comentário, sobre a cena: “pela primeira vez, na história do cinema, estabelece-se um contato despudorado e direto com o espectador”. O despudoramento do qual fala Bergman, que era um recurso cinematográfico, se tornaria banalizado pelos filmes pornográficos.

Para Agamben (2007), este procedimento, nos filmes pornográficos, seria, por excelência, o exemplo da manifestação mais plena do conceito de ‘valor de exposição’ proposto por Walter Benjamin. Esta exposição da exposição, não parece ser mais uma habilidade que somente os astros pornôs desenvolveram, nem somente os participantes de um Big Brother; trata-se, sobretudo, do comportamento de certos políticos, nas redes sociais e em *lives*, ou mesmo, de cada sujeito exibindo as suas exposições nas suas páginas *online*. Na verdade, envolve todos aqueles que olham para suas câmeras todos os dias buscando modos de expor as suas exposições. O que seriam os youtubers senão a consagração, enquanto linguagem audiovisual, daquilo que Bergman chamou de “contato despudorado e direto com o espectador”? Ou seja, na arte, na vida e na política, parece que o erótico e o aurático¹³ perdem seu lugar para a glória do pornográfico.

do consumo. No entanto, para manter o ciclo, é preciso, além do gozo, produzir a insatisfação e assim manter o ciclo libidinal da economia. O filósofo espanhol Paul B. Preciado sintetiza esta estrutura sugerindo que ela opera produzindo: “Excitação-Frustração” (p.43, 2018).

¹³ Para Walter Benjamin (1936, 2018), a reprodutibilidade técnica e com isso a exposição demasiada de uma obra artística, causaria a erosão de sua aura. A aura seria para o autor uma

Byung-Chul Han, em seu livro **Agonia de Eros** (2017), defende que a “pornografização do mundo” tem se dado pelos novos comportamentos comunicacionais diante das redes sociais, e diz: “A pornografia serve ao *mero viver exposto*”.

Pode-se identificar uma aproximação (por inversão) com algo que não parece, de imediato, associado a esse contexto, por ser do campo da economia: a lógica neoliberal das privatizações. Repare que, enquanto o corpo, seus desejos e comportamentos devem tornar-se cada vez mais públicos para, então, pertencer aos bancos de dados privados das corporações, o Estado, no atual estágio do capitalismo, deseja privatizar tudo, retirando, por exemplo, serviços do uso público e dificultando seus acessos, agora regulado pelo interesse privado. Ou seja, o corpo agora se mostra para se privatizar em Big Data e pertencer a uma marca, já os bens públicos continuam expostos, mas sem o acesso público. O que era da ordem pública (do Estado), passa para a ordem do privado (das empresas e seus interesses), lembrando que nada pode se manter velado nesta nova ‘moralidade republicana’. Quando os valores republicanos do uso público/comum se tornam uma moral, a pornografia se torna uma eticidade forjada na associação midiática da transparência com a honestidade.

É como se o corpo passasse a espelhar a lógica neoliberal, espelhar mesmo, refletindo o inverso: o corpo se publiciza enquanto o estado se privatiza. Um claro exemplo de como estas lógicas se tornam corpos pode ser encontrada no doutorado do pesquisador Gleiton Matheus Bonfante intitulado **Erótica dos Signos em Aplicativos de Pegação**¹⁴. O pesquisador estuda apps de interação sexual para o público gay, e demonstra como o rosto, parte que, no corpo, costumeiramente se entende por uma parte pública por estar exposta, nestas plataformas, em geral, é a última coisa a ser compartilhada pelos usuários, enquanto as partes que, em geral, estão privadas do olhar do público (os genitais), passam a ser as primeiras imagens a serem compartilhadas. Nestes aplicativos, uma espécie de órgãos sem corpo interage num mecanismo de esquiteamento simbólico, nos quais sujeitos se tornam peças de carne, objetos

propriedade que emerge do ritual de ocultação, ou seja, de um regime erótico. Sugere-se aqui pensar a pornografia como o contrário: sendo um valor elementar que emerge do ritual de exposição.

¹⁴ **Erótica dos Signos em aplicativos de pegação – performances íntimo-espetaculares de si**. Rio de Janeiro, 2016, ed. Multifoco.

de interesse apresentados numa transação de trocas que, ao responder a interesses recíprocos, o rosto valorado pela ocultação aparece e triunfa como a moeda mais valiosa.

Cabe pensar também sobre as práticas supostamente legais e as ilegais operadas, via Facebook e WhatsApp, na divulgação (levada para âmbitos não autorizados) e comercialização de dados de seus usuários, com a manipulação de suas contas para finalidades explicitamente não explicitadas. O implícito se torna explícito nos termos de uso das redes sociais quando, majoritariamente, os usuários não leem, mas clicam em concordar, pois sabe-se que as letras miúdas, os textos longos com linguagem técnica e jurídica, geram indisposição nos usuários, de modo que a maneira de tornar os acordos explícitos se vale do que está implícito neles, numa evidente estratégia de controle. Ou seja, a 'legalidade' está explicitada nos termos de serviços e usos, porém, de uma forma implícita, expondo a manipulação deste procedimento.

Todavia, os dados utilizados são voluntariamente oferecidos pelo próprio usuário, quando posta, nas redes sociais (dominadas pelas grandes corporações da comunicação digital), informações a respeito de si e dos seus. É assim que o sujeito se torna o protagonista do sistema pornocrático, no qual pratica uma espécie de "prostituição legal", como sugere Eli Pariser, ao abrir seu livro **O Filtro Invisível** (2012), com a seguinte epígrafe:

Se você não está pagando por alguma coisa,
você não é o cliente; você é o produto à venda.
(PARISER apud LEWIS, p.25, 2012)¹⁵

Serviços de comunicação como Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo, expõem e exploram estas informações, porque revelar o que se come no almoço, que música se ouve na academia, que seriado se assiste com os amigos e etc, permite a elaboração de um perfil, que passa a ser uma moeda valiosa. A ideia é que, além do método clássico do mercado, de traçar perfis para servir o desejo do sujeito, e além do aprimoramento tecnológico, que transforma algoritmos em mordomos especializados nos mais íntimos detalhes do desejo do sujeito, para ofertas cada vez mais precisas, tem um outro nível que agora

¹⁵ Andrew Lewis, com o pseudônimo Blue Beetle, no site MetaFilter, <https://metatalk.metafilter.com/21570/BlueBeetle-FTW>, consultado em 18/02/2020.

extrapola estes modelos, pois os desejos, hábitos e comportamentos de cada pessoa, se tornam a moeda que paga pelo uso dos serviços nas redes sociais. O Instagram oferece os benefícios de estar conectado na plataforma e o usuário paga com a sua subjetividade, explorada em nível mercadológico. Ou seja, agora excitado a ser um consumidor cada vez mais voraz, o sujeito consumidor dá “pedaços” de si numa negociação que o torna consumidor e consumido, sujeito e objeto, usuário e produto.

As promessas de que a horizontalidade regularia a comunicação na internet e reconfiguraria as relações hierárquicas de poder não se cumpriram, e produziram a falsa sensação de autogoverno, que se manifesta nas práticas da auto-autorização - uma espécie de racionalidade, prática constitutiva desse sujeito que vem se desenhando. Agora gerentes de si, como explicam Foucault (2010) e Rose (2011), os sujeitos desfrutam de uma suposta liberdade, que se manifesta nas práticas comunicacionais *online* do deletar e do curtir o que se quer, no momento que se quer. Como o corpo sempre troca com o ambiente, modificando-se e modificando o ambiente, como nos propõe a Teoria Corpomídia (Katz e Geiner), não existe um corpo no viver *online* e outro, no viver *offline*, e, por isso, agora o corpo se tornou *on-off*, isto é, pratica os mesmos comportamentos também fora das telas.

O que está fora adentra e as noções de dentro e fora deixam de designar espaços não conectos para identificar situações geográficas propícias ao intercâmbio de informação. As informações do meio se instalam no corpo; o corpo, alterado por elas, continua a se relacionar com o meio, mas agora de outra maneira, o que o leva a propor novas formas de troca. Meio e corpo se ajustam permanentemente, num fluxo inestancável de transformações e mudanças (KATZ e GREINER, 2001, p.71).

E se é justamente no ambiente das redes sociais, que cada sujeito treina diariamente a produção dos discursos ejaculatórios, e os faz jorrar ininterruptamente, os praticantes deste comportamento passam a também gozar e se regozijar destes discursos não somente diante das telas.

Os veículos de comunicação têm papel central na produção e sustentação deste cenário, no qual a internet se tornou o **Sétimo Continente**¹⁶, no qual a política passou a ser uma biopolítica com economia libidinal e pornológica, e a comunicação passou a responder a um regime pornocrático (ambos conceitos serão desenvolvidos ao longo deste trabalho). Este contexto exige uma leitura crítica destes traços nos fenômenos comunicacionais.

Numa sociedade na qual o jorro discursivo transformou um ato de fala num ato de falo, como produzir pensamento crítico, face a estas práticas ejaculatórias de informações? O que cabe ser dito quando o tônus fálico da fala hipertrofia o músculo da língua, mas destreina e torna flácida a musculatura de nossa escuta?

Seja o lugar de fala ou *quando lugar de fala se torna a fala do lugar*¹⁷, estes lugares estão sempre suscetíveis a se tornarem lugar de falo. Os atos de falo na fala parecem ocorrer quando o discurso se torna reserva de poder. Uma afeição pelo monopólio, reserva e ostentação do poder de um falar falicamente. Parece, neste contexto, ser bem-vindo nos perguntarmos também sobre um ethos e os lugares de escuta. Ou seja, permitir a voz do outro penetrar e permear os nossos corpos.

Tetas, telas, pic(a)s e tittytainment

Dufour (2013) nos lembra que os anos 1960 e 1970 foram importantes na difusão da comunicação televisiva, e sustenta que a televisão foi um fator fundamental para desenvolver a **Arte de Reduzir as Cabeças**¹⁸ por exibir basicamente entretenimento, se caracterizando “pelo voyeurismo, a vulgaridade,

¹⁶ Associação ao título do filme de Michael Haneke (1989). Vale destacar que o **Sétimo Continente**, de Haneke, é relacionado a uma família tipicamente nuclear, mas que não coexiste e é acometida por depressão e sentimentos suicidas. Um mundo em que este tipo de estar junto adocece. Nesta perspectiva simbólica e não geográfica, a nucleação de mundos e a ‘continentalização’ de um espaço, mesmo que virtual, se dá quando, através de seus modos de existir, se desenvolve um tipo de neurose específica, gera suas próprias leis, culturas, crenças, míticas, ética, moral, linguagens e também suas próprias patologias. Se a internet fosse um continente, seria o segundo mais populosos do planeta, com cerca de 3,9 bilhões de pessoas, quase 50% da população mundial, perdendo apenas para a Ásia, que conta com 60% da população planetária.

¹⁷ Menção ao título homônimo do artigo da pesquisadora Helena Katz *Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar”* p. 145 a 162, em **Ágora: modos de ser em dança**, Alumínio (SP): Jogo de Palavras, 2019.

¹⁸ Título do livro de Dany-Robert Dufour: **L’Art de réduire les têtes: Sur la nouvelle servitude de l’homme libéré à l’ère du capitalisme total** (2003)

a feiura, a agressividade, o narcisismo, a incultura, a insignificância, a estupidez, e cada vez mais, a obscenidade” (DUFOR, 2013, p. 232).

A televisão seria, para o autor, uma “arte de reduzir as cabeças” porque, no mundo da revolução industrial, as imagens e notícias se tornaram fabricadas, ou seja, o espectador se torna um receptor passivo de imagens prontas e deixa de imaginar e criar imagens, se tornando um mero consumidor delas.

Além disso, quando a transmissão de conteúdos fabricados é interrompida, é para estimular a excitação da economia libidinal através de propagandas publicitárias “para digerir as apetências dos telespectadores para os objetos de cobiça que prometem a satisfação pulsional” (DUFOR, 2013, p. 232)

Em 1995, uma reunião com lideranças políticas como Mikhail Gorbatchev (ex-presidente da URSS), George Bush pai (ex-presidente dos Estados Unidos) e Margaret Thatcher (ex-primeira-ministra da Inglaterra), entre outros quinhentos dirigentes liberais, se propôs a pensar em soluções para a economia liberal. Uma proposta curiosa foi sugerida e denominada por Zbigniew Brzezinski (ex-assessor do presidente Jimmy Carter) de *tittytainment*. (DUFOR, 2013)

Tits é uma gíria, em inglês, que significa, peitos, tetas ou mamas e *tainment* é o sufixo de *entertainment* (entretenimento). A mistura entre mamas e entretenimento se tornaria, então, uma economia política perversa da comunicação televisiva.

Uma fórmula perfeita para manter entretida e bem-humorada a população frustrada e ressentida pelo fracasso econômico. O mamar que o *tittytainment* sugere não é exatamente de conotação sexual, mas o da metáfora maternal da mãe que aleita. Todavia, se o liberalismo é a mistura de Adam Smith e Marques de Sade, como sugere Dufour (2013), não podemos ser ingênuos e esquecer que o mercado virou uma espécie de religião materna, e que a palavra ‘mamar’ tem uma ótica perversa, que evoca o “clima obscenizante e infantilizante, caracterizando uma perversão polimorfa do adulto” (DUFOR, 2013). Afinal, não é só no contexto materno que tetas são mamadas, e nem sempre o ‘mamar’ se refere somente a elas.



*Você entendeu né?
Basicamente está
posto que mamar
nas tetas da mãe
(que é o mercado)
pode, mas nas
“tetas” do pai/pau
(que é o estado)
não.*

“A televisão consiste num dispositivo escópico, em que fundamentalmente você olha sem ser visto” (DUFOUR, 2013) - a prática de olhar através da fresta da fechadura¹⁹ é um convite para a imaginação perversa.



Ícone dos realities brasileiros A casa dos Artistas e BBB.

Nas redes sociais, o sujeito perverso, além de espião, é, sobretudo, exibicionista. Não só passa horas olhando pela fechadura alheia, mas como sabe que pertence a um mundo cuja ética é espiar a intimidade do outro, passa a estar sempre em performance, pois sabe que atrás da suposta fechadura escancara-se a desfaçatez da falsa e dissimulada privacidade.

Aquelas 500 lideranças políticas pensaram um dispositivo de subjetivação, através da televisão, cujo sadismo, pornografia, obscenidade e perversão ordinária parecem ter se tornado os ingredientes principais da receita comunicacional que veio se transformar na comunicação pornocrática dos dispositivos móveis de agora.

Para Dufour, a televisão é “um dispositivo em que os milhões que estão diante do aparelho olham, isolados uns dos outros, os poucos que aceitam

¹⁹ O leitor já percebeu que o ícone da fechadura aparecerá toda vez que o texto quiser se obcenizar, falar de canto, cochichar no ouvido e, despidoradamente, perverter transgredindo uma ou outra forma.

expor-se” (2013, p.234), promovendo o que o filósofo Jean-Jacques Delfour chamou de *teleintimidade*, que seria um mecanismo de “sujeição consentida (...) de pessoas a outras pessoas que as observam e desfrutam dessa submissão a um imperativo de desnudamento (...) uma mercantilização da intimidade no modo de prostituição” (Delfour apud Dufour, p.234, 2013)

A comunicação diante das telas dos dispositivos móveis tem agora um outro papel: o de prostituir a própria vida. A vida como vitrine de uma mera dissimulação do viver, um viver representado em função de comunicar que se vive uma vida idealizada, portanto distante de sua efetiva realização.

Não parece ser por acaso que *reality shows* do tipo Big Brother fizeram tanto sucesso midiático no mundo, com destaque para o Brasil, que detém o recorde de participação popular nas votações, que rendeu um título no Guinness Book²⁰. Nem a crise sanitária da Covid-19 parou o Big Brother no Brasil, mas fez algo curioso, ao quebrar o princípio básico do suposto isolamento, que é a marca do programa, uma vez que os participantes foram informados do mundo fora dos muros da casa. Ou seja, o isolamento e confinamento voluntários como espetáculo televisivo foi invadido pelo que a mídia nomeou de confinamento social, mas, este último, compulsório e de um real obscenizado.

Este tipo de programa concretiza a meta-estrutura do próprio funcionamento lógico da comunicação pela televisão. Faz do ato perverso de olhar pela fechadura um espetáculo sem indicação etária de público, convertendo a tradicional família em alunos das lições perversas neoliberais. No caso do Brasil, são vinte anos nos quais, pelo menos, duas gerações cresceram consumindo um programa televisivo no qual:

se desenrola uma atividade sádica múltipla: decifrar seus fatos e gestos sob olhar profissional dos escrutadores psicológicos; excluir regularmente um dos membros da casa, intimar os pais a explicar as eventuais falhas do rebento (...) uma máquina de desnudamento psíquico (...) que faz eco à pornografia dos campos de concentração: o sadismo permanente da situação é análogo ao sadismo infinito das práticas concentracionárias europeias. Com a diferença de que essa pequena rede formada por um campo

²⁰Disponível em: <https://www.guinnessworldrecords.com.br/news/2020/4/big-brother-brasil-faz-historia-e-bate-recorde-mundial> consultado em 28/10/2020

televisivo único e uma infinidade de mirantes não mata ninguém: nenhuma gota de sangue é derramada, nenhum assassinato real é cometido. E as vítimas consentem. Ainda está por escrever a história que conduz sociedades totalitárias nazistas e stalinistas, que se valiam de procedimentos extremamente violentos, a essas formas contemporâneas, lenitivas e desbrutalizantes (DELFOUR apud DUFOUR, p.235, 2013)

Como todos os fenômenos midiáticos, o Big Brother não ficou apenas na televisão, sua lógica perversa se pereniza nas redes sociais.

É com o livro **Pornotopia** (2010), de Paul B. Preciado, que nos lembramos que o primeiro *reality show* que explorou a intimidade de uma casa e que pioneiramente realizou a operação pornográfica de transpor o cotidiano íntimo e privado do doméstico em mercadoria, não foi o Big Brother, que foi criado apenas em 1994, pelo holandês John de Mol, mas sim, bem antes dele, por Hugh Hefner (1926-2017), que fundou a revista **Playboy**²¹ em 1952 e, em 1959, a mansão Playboy, mesmo ano que realizou um *reality show* televisivo intitulado Playboy Penthouse, que começou sua exibição em 24 de outubro de 1959, se mantendo por duas temporadas, aos sábados, às onze e meia da noite, no Canal 7, da WBKB, Chicago. A mansão Playboy se tornaria a casa oficial de Hefner em 1972.

A mansão Playboy tinha 32 quartos, que existiam não para serem quartos, mas para serem exibidos enquanto quartos (esta é uma importante distinção), e a cozinha não funcionava como uma cozinha, mas para ser exibida como tal. A casa era real, não um cenário, mas tudo funcionava como um cenário, para mostrar-se. Este comportamento não parece ser muito diferente da vida hoje, diante das telas.

Mesmo antes da crise sanitária disparada pela Covid-19, a vida íntima e o espaço doméstico já estavam sendo tratados como espaços de potencial instagramável. Quer se dizer com isso que nem tudo é exibido nas redes sociais,

²¹ Em **Pornotopia** (2010, p.26), Paul B Preciado nos conta que Hefner inventou a pornografia moderna, não exatamente por exibir a Marilyn Monroe nua, pois isso era feito em outras revistas (mesmo com as leis anti obscenidade que regiam a comunicação na época), mas por ter encontrado um jeito oficial de fazê-lo, associando a estratégia militar do exército, as classes dominantes, a masturbação masculina heterossexual e a comunicação de massa. Não eram as fotos nuas o pornográfico que ali se instaurava, mas a operação de tornar público o privado oficialmente numa escala de comunicação de massa.

mas sim aqueles pedaços do cenário cujo aspecto pode render empatia, aceitação, gerar *likes*, curtidas e visualizações, ou seja, vender uma imagem maquiada, editada e “fotoshopada”. Este treinamento comunicativo não fica restrito aos produtores de conteúdos, vlogers e blogueiras, mas se espalha como um novo hábito cognitivo da comunicação ordinária da maioria dos usuários das redes sociais, que treinam seu olhar para saber em qual parede fará o fundo para sua foto, que instante, que ângulo, que pedaço do seu dia, do lugar onde está, deverá ser privilegiado, recortado, editado, para, então, ser tornar público. Não é exatamente qualquer parede mofada, com pintura descascada ou sem reboco e com um rosto sem maquiagem que ganhará adesão nas redes sociais. Grande parte deste mundo instagramável foi preconizado por Hugh Hefner.

Hefner ficou mais de 40 anos sem sair da casa. De fato, viveu uma quarentena e nela preconizou, também, o mundo do trabalho *homeoffice*, construindo uma cama giratória com diversos monitores, por onde controlava a casa por câmeras de vídeo e computadores, a bordo do leito onde, além de suas atividades profissionais como administrador da maior empresa de comunicação e de maior sucesso midiático da época, mantinha também suas relações sexuais com as dezenas de amantes que mantinha para seu desfrute e dos seus convidados, em eventuais orgias e festas, que promovia para a alta burguesia norteamericana.

Fora de considerações morais ou legais, uma definição arquitetônico-midiática de pornografia como mecanismo capaz de produção pública do privado e espetacularização da domesticidade. (PRECIADO, 2010, p.12)²²

Ao nos atentarmos para o fato de a espetacularização da domesticidade ser um fenômeno midiático cuja matriz reside em invenções perversas, como a do *reality show* da Playboy de Hefner, e a do Big Brother de John de Mol, o primeiro, mais explicitamente, e o segundo, mais sutilmente pornográfico, podemos reconhecer que ambos tinham um interesse em comum: o sucesso comercial. É também sob a perspectiva de um capitalismo mercadológico que

²² “fuera de consideraciones morales o legales, una definición arquitectónico-mediática de pornografía como mecanismo capaz de producción pública de lo privado y espectacularización de la domesticidad”.

devemos ler o fenômeno da espetacularização da domesticidade no ambiente midiático das *lives* durante a crise sanitária da Covid 19, pelo menos no Brasil.

Seriam inúmeros os exemplos, por isso nos deteremos a aspectos mais gerais do fenômeno, pois o que parece interessar é o fato de que a casa se tornou, um espaço de exibição de um suposto real idealizado e “instagramizado”, tanto para as celebridades, as pessoas mais públicas, como para as não celebridades, as pessoas menos públicas, já que anônimos são raros em regimes pornocráticos, pois mesmo quando diante das telas se fabricam avatares ou perfis fakes, isto não interessa aos algoritmos, portanto cabe se perguntar: anonimato em que medida, anônimo pra quem?

Assim como na mansão Playboy, as casas exibidas nas *lives* não estão tendo a função que habitualmente uma casa tem, porque uma *live* exhibe uma domesticidade publicizada, na qual o tipo de organização espacial conta.

Os usos e as dinâmicas estéticas de ocupação e de comportamento em seu ambiente doméstico ficam alterados, corpo e ambiente sempre em estado de alerta, porque sabem que estão sendo assistidos. É o corpo de uma sociedade na qual as paredes de todas as casas são de vidro²³. É provável que o modo de se comportar dentro de casa seria alterado pelo estado de vigília perpétua. O corpo, que por ser vigiado se pune, desde Foucault, revela sua neurose obsessiva pelo controle. Na *Pornocracia*, se habilita no corpo, uma espécie de perversão exibicionista obsessiva, cujo intuito é mostrar o exibir-se ou exibir o mostrar-se.

Um código de moralidade ortopédica²⁴ se impõe aos corpos como uma moral estético-arquitetônica para regular os corpos (dos sujeitos e dos objetos) e o espaço (físicos e psíquicos), pornograficamente organizados. Pornografia se torna, neste contexto, uma tarefa de tomar conta do mostrar, neste contexto a pornografia funciona como um dispositivo de controle. É a nudez da própria noção vulgar de comunicação, uma comunicação nua, que não tem nada pra

²³ No romance **Nós** (1920), o escritor russo levguêni Zamiátin descreve um mundo totalitário, no qual as casas são de vidro para que o estado possa monitorar o comportamento dos corpos. O livro inspirou clássicos como **Admirável Mundo Novo**, de Aldous Huxley, e **1984**, de George Orwell.

²⁴ Referência ao termo “Ortopedia Moral”, que aparece em George Vigarello, no livro **O sentimento de Si – História da percepção do corpo – Séculos XVI-XX** (2016)

mostrar além de mostrar que é capaz de cuidar de mostrar. Se, por algum motivo, ainda não ficou compreendido o que tentamos expressar nestes últimos parágrafos, talvez um único exemplo ajude a ilustrar o que estamos tentando evidenciar.

A *live* da cantora Ivete Sangalo, realizada pelo canal Multishow, da TV Globo, e disponibilizada na plataforma Globo Play da mesma emissora, se passou na cozinha da cantora, que se apresentou de pijama, enquanto supostamente seu marido cozinhava o jantar com ajuda do filho do casal.

Ora, se você vai receber visitas, a não ser que sejam amigos íntimos que vão lhe ajudar a cozinhar, você prepara o jantar antes, certo? Mas ali, a cozinha não era uma cozinha, o marido não era um marido, o filho não era filho, e o jantar não tinha a função de um jantar. Tudo era performance e dissimulação da espetacularização de um cotidiano idealizado que pudesse fazer jus ao título da *live*: *Gente como a Gente*.

Qualquer um que produz eventos culturais sabe que a qualidade de transmissão de imagem e som ao vivo depende de muita tecnologia e serviços técnicos altamente especializados. Na *live* de Ivete, havia pelo menos 3 ângulos de câmeras que tinham movimento, o que revela uma equipe de operadores de câmera. Havia iluminação específica para aquele tipo de transmissão de imagem, e o espectador atento pôde perceber também que havia um tratamento de som sendo operado em tempo real, já que quando a cantora falava, o som tinha uma textura, e ao cantar, a equalização era perceptivelmente transformada, incluindo efeitos de voz, o que implicou na necessidade do trabalho de técnicos de som para realização do evento. Uma casa em cena, com muitos contrarregras em seus bastidores, portanto.

Para parecer espontâneo e doméstico, havia uma câmera sem fio que repousava diante da bancada, perto do fogão onde o marido supostamente cozinhava e, com uma espontaneidade minimamente duvidosa, ele, o filho e a própria Ivete operavam esta câmera, para a qual o sinal mudava em tempo real para vermos os detalhes que eles gostariam de privilegiar de suas intimidades para o espectador. Um destes detalhes chamava atenção: os eletrodomésticos da cozinha estavam com fitas isolantes pretas nas suas logomarcas, evidentemente porque os fabricantes não eram patrocinadores do evento, e já que o ambiente doméstico se tornou um espaço comercial, nada melhor que uma

gambiarra caseira para vetar a publicidade intrusa que ousa expor-se sem monetizar sua aparição pública.

Muitos outros aspectos interessantes e detalhes importantes poderiam ser explorados deste exemplo e de tantos outros, simbólicos deste período, mas basta lembrarmos que não é somente a cozinha da Ivete que vive este processo de cafetinagem, ou seja, somos cada uma de nós que cafetina a vida agora. O regime pornográfico, quando se torna um modo de existir, dando vida à Pornocracia, mantém tudo embaixo de suas leis. O proxenetismo prostitui nossa casa, tornando-a um ambiente institucional e corporativo.

O trabalho prostituído na Pornocracia foi apelidado simpaticamente de *homeoffice*. Assim, o lenocínio capital explora também a educação e a putaniza, retirando-a da escola e transformando-a em *homeschooling*. A constituição do doméstico em espaço comercial, corporativo, institucional e escolar agudiza o borrão da rarefeita fronteira público/privado. Não são exatamente o *homeoffice* e o *homeschooling* os fenômenos pornográficos, mas o modo de comunicá-los politicamente. É a comunicação que parece instituir os traços pornográficos, porque o jeito de comunicar, vela algo e exhibe outro algo de forma obscena e isso impacta o trabalho e a educação na medida em que a casa se torna o cenário que será público para os colegas de trabalho, do colégio, da universidade e etc. Velar e revelar faz parte da política desde sempre, e não sugere-se que a política é sempre pornográfica, por isso cabe distinguir os limites e deslimites do esconder-revelar se tornar pornográfico. Parece que a política se torna pornográfica quando elege um modo de comunicar que expõe algo pra esconder e controlar um aspecto que importaria ao interesse público que fosse exibido.

O esconder e o mostrar das estratégias políticas são diferentes do esconder e do revelar da pornografia. Na política, às vezes, esconder algo ou alguém é uma tática para salvar vidas. Na pornografia, o esconder algo parece estar a serviço de manter a própria vida do sistema pornográfico, em nome de seu poder. O jogo de velar e revelar é feito agora por cada sujeito, prática que se agudizou diante do isolamento social, que impeliu cada um de nós às práticas compulsórias diante das telas. Ou seja, o mercado parece ter se aproveitado de um fenômeno que já estava consolidado na esteira da história, pois já faz quase duas décadas que o sujeito treina diariamente se exhibir e mostrar sua casa nas

redes sociais, explorando-a a serviço do mercado. Talvez antes, de maneira menos consciente do potencial mercadológico de sua domesticidade, mas agora, parece ter se apropriado voluntariamente do que antes era um abuso. Agora é o próprio sujeito que abusa e explora de sua domesticidade enquanto espaço de empreendimentos monetizantes.

Os sujeitos pornocráticos organizam a cena *instagramavelmente*, elegem com critérios publicitários qual canto de sua casa será exposto, qual parede é mais *postável*. E ainda usam recursos de filtros que simulam cenários virtuais, verdadeiras maquiagens para o face arquitetônico da casa - um espaço que era íntimo, mas que, agora, precisa se arrumar para sair de casa. Na Pornocracia, a casa se veste e se arruma socialmente para sair de casa. A casa vira palco. Paraphraseando Eliane Brum, em seu artigo ao El País²⁵, *se há 'office' não há 'home'*. A jornalista nos lembra que o conceito fundamental de casa é aquele lugar onde cabe, de maneira protegida, o nosso modo de existir, onde o descanso, o alento, o remanso, garantem o nosso relaxamento. É neste sentido que, quando dentro de casa tem um abusador, a casa deixa de ser casa. Brum vai nos lembrar que quando o abusador mora em casa, a casa se *descasa*. Pois seríamos todos casados, no sentido de termos feito casa pra viver. Assim, a ascensão do homeoffice nos tornaria *descasados*, ou seja, solteiros de uma casa. Muitos de nós, teríamos nos tornado sem-casa, mesmo sem ser sem-teto.

As palavras estão prostituídas na comunicação, vide o uso abusivo do léxico sobre o cárcere para retratar a crise sanitária do Covid 19, em que se empregou midiática e sistemicamente, palavras como isolamento, confinamento, *lockdown* entre outras que carregam sentidos de perda de liberdade, nos fazendo crer, acriticamente, que o modo de vida que tínhamos, justamente o que nos trouxe até uma epidemia global, é um modo de se viver livremente. Estas palavras não nos deram condições, por exemplo, para pensar que a pausa nos encontros sociais pode ser lida como um grande movimento global em nome da ética da preservação da vida. A própria palavra pandemia foi esgotada sem o devido cuidado no seu emprego, como demonstra a pesquisadora Helena Katz em seu livro *O que lateja na palavra pandemia*²⁶. As palavras sequestradas,

²⁵ <https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-12-23/quando-o-virus-nos-trancou-em-casa-as-telas-nos-deixaram-sem-casa.html>

²⁶ KATZ, Helena, **O que lateja na palavra pandemia**, Zazie edições, 2020.

escravizadas e traficadas são prostituídas numa comunicação abusiva e obscena e tem consequências graves porque alimentam um certo modo de ler o mundo. Este mundo já estava montado, em certa medida, no entanto o traço que chamamos atenção aqui, é a espécie de ufanismo que agora é ostentada por cada sujeito como um grande valor de seu tempo. Os efeitos deste regime de prostituição impactam a informação jornalística, por exemplo com as Fake News, que dão corpo a ilicitude das informações, que são voluntariamente distribuídas por cada um de nós oralmente, por posts nas redes sociais, em grupos de WhatsApp e etc. O rufianismo sequestra o debate público e o lugar de fala do conhecimento, tornando a todos nós espécies de gigolôs de informações prostituídas, com as quais nos vendemos como sujeitos falsamente bem informados. Passamos a traficar informações, nos tornamos contrabandistas de conceitos, falsários do conhecimento, e assim, agiotamos a obscenidade informacional na qual agora vivemos, porque diante deste regime comunicacional pornocrático a informação passa a ser ilícita e traficada.

Paul B. Preciado sustenta que a “*Playboy* se converteria na primeira pornotopia da era da comunicação de massas.” (2010, p.15)²⁷. Se a *Playboy* é o primeiro *topos* pornográfico da comunicação de massa, o regime de governo atual no Brasil, parece ter se tornado uma eminente pornotopia, e a comunicação por telas, uma pornotopia continental sem fronteiras.

Por sua natureza cultural, o Brasil atual funda uma espécie de *topos* pornográfico nos trópicos, ou o que poderíamos chamar de uma entrópica pornografia tropical. Um Brasil Pornotrópico. Enquanto topógrafos agrimensores medem o *topos*, os lugares e relevos do solo, a pornologia que tentamos desenvolver aqui é o instrumento teórico que funciona como um pornotopógrafo, uma ferramenta teórica capaz de medir a agrimensura do *topos* pornográfico do chão que agora pisamos.

Quando o *logos* pornográfico institui um *ethos* pornotópico, ordena que a vida se torne um *reality show*, que mostra suas imagens interiores. Passamos todos a viver *O Show de Truman*²⁸. É então a própria *nomia* do *oikos* (ideia de casa) que passa a responder ao *logos* da *polis* (leis da cidade). Não se sugere

²⁷ “*Playboy* iba a convertir-se en la primera *pornotopía* de la era de la comunicación de masas.”

²⁸ **O Show de Truman** (1998), filme do diretor norte americano Peter Weir, mostra a vida cenográfica, vigiada, publicizada e explorada comercial e midiaticamente.

aqui que somente agora a casa é um espaço que compõe a *polis* e que foi recém politizada, mas o reconhecimento de que a *Pornocracia* implica o poli(s)ciamento do oikos, ou seja, a publicização e, portanto, a economicização do doméstico.



Ei, você, ficou complicado, né? Seguinte, a ideia é que a Pornocracia tá mandando a gente obedecer a uma ética, uns certos modos que orientam nossa conduta, nosso jeitão de se comportar e a gente começa a se comportar como se estivesse num Big Brother, fingindo que se esquece que está sendo vigiado, se fingindo espontâneo, mas não sendo, justamente porque quem é espontâneo não está ocupado e tomando conta de ser. Daí, quando isso acontece, a própria noção daquilo que chamamos de casa (um espaço íntimo para relaxar e viver ao nosso modo), fica regido por uma ideia de cidade (um espaço social no qual temos que cuidar dos nossos gestos porque eles são sempre societários). Por isso, o final do parágrafo sugere que a Pornocracia é como uma polícia que ordena a nossa casa a se render e se comportar como cidade e, com isso, a casa se torna um espaço público, para ser politizado com relações econômicas.

Entende?

#somostodostruman

Pornografia: pornô, pornográfico, pornológico e pornocrático.

Para explicitarmos a estreita relação entre política, consumo de informações e o atual estágio do mercado neoliberal e da economia libidinal no qual estamos inseridos, vale nos determos nas raízes etimológicas das palavras-chave desta investigação. Lembrando que todo fruto, que os olhos enxergam e desejamos consumir, é nutrido por uma raiz invisível e subterrânea, aqui se propõe o esforço arqueológico de mergulhar na escuridão submersa do passado para nos ajudar a revelar sua receita nutricional. Portanto, o fruto-palavra que, ao consumirmos nos consuma, depende das raízes que se atam a algum contexto que perpetua seus vestígios.

Pornê, em grego, significa prostituta, e *graphe*, “escrito”. Já prostituir vem do latim *prostituere*, “expor em público”, por sua vez composto de *pro*, “adiante”, e *statuere*, “colocar”. A pornografia é, portanto, constituída pelas noções de escrever, por adiante, encenar, tornar público, e, em linguagem contemporânea, poderíamos admitir que é, sobretudo, *postar* aquilo que, geralmente, não era exposto. Segundo o dicionário Bailly, a palavra pornografia vem diretamente do verbo *pérnemi*, que remete a tudo que diga respeito à compra e venda de mercadorias. Constata-se que as atividades pornográficas são compostas, sobretudo, de exposição para compra e venda, não somente do resultado sexual do corpo, mas de tudo aquilo que ele pode oferecer, seus hábitos, comportamentos, desejos, percepções, prazeres e etc.

Fazer um prato de comida ficar mais atraente, mais *sexy* e *instagramável* para postar nas redes sociais seria, nesta concepção, ‘pornografizar’ o corpo para o seu consumo – há, inclusive, a hashtag *#pornfood* pra isso. Este se tornou um comportamento habitual, tal como as *nudes* e *selfies* sempre publicadas com certo critério e rigor estético para o consumo. Cada sujeito se torna um visual merchandising de si e cafetão de suas próprias experiências. Claro que os sujeitos sempre se beneficiaram das suas experiências, mas refere-se aqui, à necessidade de publicizar os benefícios de uma experiência, ou seja, o gozar da exibição dela. O *prostituere* do postar, é um expor em público para ostentar os meios de gozo ou o próprio gozar. Este parece ser um novo traço instituído pela moral pornográfica. Ao postarmos as experiências de esfera íntima em redes

sociais, estamos propagando o privado no público, esta operação de propagar se liga à publicidade, ou seja, fazemos propaganda de nós mesmos, nos tornamos 'publicitários de si', lembrando que toda propaganda se presta a vender um produto - neste caso, cada um de nós. O sistema pornográfico invadiu outras dimensões da vida para além do sexual, e é isto que aqui nos interessa pensar, que ao 'putanizarmos' nossa própria vida, expondo-a para o consumo, ela se torna um produto pornológico.

Dufour (2013) sugere termos ultrapassado um certo estágio da pornografia, nomeando este atual estágio de "pós-pornográfico". Ao reconhecer que a pornografia sempre existiu, nos lembra que ela existia numa esfera oculta, e que agora, não apenas se manifesta, mas se ostenta publicamente.

Esclareçamos essa diferença. Quando a pornografia era oculta, constituía um mundo à margem do mundo oficial, um outro mundo ao qual se tinha acesso através de portas bem dissimuladas, fechadas ou guardadas, preservando o respeito. Mas, a partir do momento em que a pornografia se mistura ao mundo oficial, passa a fazer parte integrante de um novo mundo, na medida em que este ultrapassou a diferença entre o pornográfico e o não pornográfico. Um novo mundo que se caracteriza por ter se tornado, de certa maneira, pós-pornográfico. (DUFOUR, 2013, p. 19)

A hipótese do autor é que, ao invadir o âmbito público, a lógica da pornografia se mistura, espalhando seu *logos* para outras esferas além da sexual, sobretudo nas relações políticas, econômicas, e em outros modos de relações de poder. Por reconhecer esta infecção generalizada do *logos* pornográfico em tantas camadas psicossociais, políticas, econômicas e culturais, Dufour sugere a necessidade de um aparato teórico para lidar com este tipo novo de fenômeno, e a este aparato sugere o nome de 'pornologia', como já apontado na p.15

Seria o caso, portanto, de criar uma espécie de ciência – poderíamos dar-lhe o nome de pornologia geral – dedicada aos estudos de fenômenos obscenos, extremos, ultrapassando os limites, voltados para a *hybris* (a "falta de medida" dos gregos), manifestando-se em todos os terrenos relativos ao sexual, à dominação ou à posse e ao saber, que caracterizam o mundo

pós-pornográfico em que já agora vivemos (DUFOR, 2013, p. 19)

Seguindo com o autor, será possível propor que, ao institucionalizar-se em tantas relações, a lógica da pornografia se torna um tipo de poder soberano, um regime regulatório que nos treina cognitivamente, produzindo subjetividades pornográficas. Uma sociedade pornográfica, submetida a este regime, parece viver uma Pornocracia, como também já foi dito na p.12, e a este aspecto central desta pesquisa, nos deteremos mais adiante.

Tensões entre o pornográfico, o erótico, o obsceno, o explícito e o vulgar.

No senso comum, e até mesmo para alguns autores, pornografia e erotismo são limítrofes, e, por vezes, estas duas palavras se confundem como sinônimos de obsceno e, até mesmo, vulgar. No entanto, pretende-se aqui especificar melhor os contornos de cada uma delas, pensando-as como conceitos no debate acerca deste assunto, ao longo da história. Na obra **O que é Pornografia** (1984), as autoras Eliane Robert Moraes e Sandra Maria Lapeiz, ao usarem um título que sugere uma definição de pornografia, exercitam meios de circunscrever a ideia de pornografia, comparando-a com o erotismo. Na primeira página do livro, as autoras se propõem ao estudo etimológico das palavras. Segundo elas:

A palavra pornografia provém do grego pornógraphos, que significa, literalmente, 'escritos sobre prostitutas'... já a palavra erotismo surgiu no século XIX, a partir do adjetivo erótico, este derivado do grego Eros, Deus do desejo sexual no sentido mais amplo. (MORAES e LAPEIZ, p.7, 1984).

É possível reconhecer nas autoras um forte desejo de não apresentar uma explicação superficial, com explícitas preocupações em não operar com tais conceitos na lógica da sinonímia:

De forma geral, se não quisermos simplesmente reproduzir o chamado discurso do senso comum, é bastante difícil – senão impossível – traçar os limites entre o erótico e o pornográfico. Fiquemos, por enquanto, com a interessante sugestão de um

escritor francês (Alain Robbe Grillet): '*Pornografia é o erotismo dos outros*' (MORAES e LAPEIZ, p.8, 1984).

Sem o desejo de fazer claras distinções entre pornografia e erotismo, e mesmo com o evidente cuidado metodológico, as autoras incorrem numa afirmação da qual é a intenção desta pesquisa escapar: a noção de pornografia como um fenômeno resumido exclusivamente ao campo sexual.

Uma coisa é certa: seja pornografia ou erotismo, a característica essencial deste discurso é a sexualidade...estamos em pleno terreno da obscenidade (MORAES e LAPEIZ, p.8, 1984).

Mesmo com a literatura de Sade²⁹ já tendo escancarado, para além do sexo, os aspectos pornográficos, relacionando-o aos campos dos poderes políticos, talvez em 1984, para as autoras, ainda fosse possível, ou até mesmo, suficiente lidar com este assunto deste modo, mas hoje, limitar a pornografia à esfera apenas sexual, parece que nos afastaria de reconhecê-la nos âmbitos que seu *logos* atua. Todavia, associar pornografia ao obsceno, como sugerem as autoras, parece poder mesmo nos trazer pistas da natureza lógica de suas operações. Sobre o obsceno:

Havelock Ellis, médico inglês do século passado e pioneiro da sexologia, sugere que a palavra é uma corruptela ou modificação do vocabulário *scena*, e que seu significado literal seria "fora da cena, ou seja, aquilo que não se apresenta na cena da vida cotidiana. Aquilo que se esconde" (MORAES e LAPEIZ, p.8, 1984)

É mesmo difícil dizer o que é a pornografia, mas poderíamos admitir que se aquilo que não está na cena é trazido para ela, e a isso denominamos obscenidade, há de haver algum mecanismo que transporte o obsceno do escuro para a luz da cena, e, neste sentido, parece ser a pornografia o veículo desta operação.

²⁹ Marque de Sade (1740 a 1814), autor reconhecido por renunciar os princípios morais de sua época escrevendo romances com alegorias sexuais relacionando prazer ao sofrimento psíquico e a dores físicas, desenvolveu, em sua literatura, uma espécie de teoria do gozo perverso, usou elementos grotescos e bizarros para criticar a moralidade da época, associando política, poder econômico e religião ao puritanismo perverso. Decapitações, cropofagia, assassinatos, entre outras alusões radicais ao poder e dominação, marcam a escrita sádica. De seu nome surge o termo psicanalítico sadismo.

A princípio, podemos então admitir a pornografia como veículo do obsceno. E insistimos, não somente na esfera sexual, mas em qualquer fenômeno cuja existência se preserva em sua ocultação.

Talvez caiba destacar a existência de fenômenos cuja força transita entre o esconder e o nunca revelar, ou omitir e revelar na hora certa, como em condições que exigem estratégias políticas, ou quando em algumas situações se faz necessário o anonimato, o esconder-se, o não ser descoberto por um regime totalitário por exemplo. As vezes o simples prazer de uma surpresa depende do esforço em esconder um objeto, ou ainda pensar em nossos processos de subjetivação, ou seja, a nossa vida psíquica, que é lotada de coisas que se velam e revelam, que aparecem e se escondem, que são visíveis no consciente e invisíveis no inconsciente, nestes casos, os jogos de esconder e revelar são constituintes à vida desses processos.

A pornografia não exatamente como sendo a transformação do escuro em luz, mas como o mecanismo que deprava a natureza do que existe plenamente no escuro, e que passa meramente a sobreviver exposto à luz, mesmo que, para isso, passe a carbonizar traços indispensáveis do fenômeno. É neste sentido que o mecanismo da pornografia não se compromete com a manutenção da vida.

Embora alguns autores nos lembrem que aquilo que, em cada época, foi considerado pornográfico sofreu censura, chamar atenção para o fato de pornografia não ser antônimo de censura parece também importante, ou seja, nem tudo aquilo que se reprime e se guarda no escuro está sendo censurado. Censura é quando algo de interesse público deve ser exposto e é impedido por exercício de poder. Já a renúncia de algum desejo, ou a repressão de algum impulso não se denomina censura, ao contrário, para caber o direito social de todos numa civilização, alguns impulsos e desejos devem mesmo ser renunciados e reprimidos, guardados no escuro de si - este é o princípio da sociedade, como nos conta Herbert Marcuse, a partir de sua leitura filosófica do

pensamento freudiano, em seu livro **Eros e Civilização** (1983)³⁰. A sua tese é a de que, para Freud, a civilização só é possível por meio de sistemas de repressão, e que a constituição do caráter dos sujeitos se dá pelas marcas das renúncias de seus impulsos. Felizmente, a maioria de nós somos capazes de controlar e reprimir certos impulsos e de renunciar a certos desejos, caso contrário, atos de violência e abusos de diversas ordens não seriam considerados crimes.

Em **Pornografia e Censura** (2016)³¹, o jornalista e pesquisador Rodolfo Rorato Londero reúne diversas perspectivas e abordagens teóricas sobre pornografia. No capítulo intitulado “Teorias da Pornografia”, pode-se entrar em contato com inúmeros autores que formulam hipóteses para lidar com a complexidade desta questão. Logo no início do capítulo, Londero nos lembra que Izidoro Blikstein recorre a Erwin Panofsky ao dizer a seguinte observação:

Conquanto seja verdade que a arte comercial está sempre em perigo de acabar como uma prostituta, é igualmente verdadeiro que a arte não comercial está sempre em perigo de acabar como uma solteirona. (BLIKSTEIN, 1987, p.14, apud LONDERO, 2016, p.65)

A partir desta citação, o autor desenvolve seu próprio raciocínio, chegando à seguinte conclusão:

Mas é popular porque é pornográfica? Ou é pornográfica porque é popular? Se a pornografia é a arte prostituída, é bem provável que o erotismo seja a arte solteirona. (LONDERO, p. 65, 2016).

Aqui temos uma operação delicada a distinguir, pois é necessário ainda separar pornografia de vulgaridade, pois nem tudo que é popular, vulgar, que pertence ao vulgo, aquilo que é barato, corriqueiro e ordinário, é necessariamente, da ordem do pornográfico; mas, com toda certeza, tudo o que se torna pornográfico se vulgariza em publicidade.

³⁰ **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Trad. Álvaro Cabral, São Paulo, Círculo do livro, 1983.

³¹ **Pornografia e Censura: Adelaide Carraro e Cassandra Rios e o sistema literário brasileiro nos anos 1970**, Londrina: Eduel, 2016.

A distinção entre erotismo e pornografia torna-se mais acirrada a partir da segunda metade do século XIX, devido ao surgimento da indústria cultural, transformando a pornografia em um produto de consumo destinado à cultura de massa, enquanto o erotismo se manifesta em obras de arte reservadas à cultura erudita (CASTELLO BRANCO, 1991, p.73-74, apud LONDERO, 2016, p.66).

Como se pode notar, através dos exemplos entre arte popular e erudita, este debate já existe, porém, parece ainda nebulosa a associação entre economia e pornografia. Na citação acima, fica claro que o autor associa o pornográfico à massa e, em contrapartida, associa o erótico às classes que consomem arte erudita, ou seja, atribui um valor classista, que compreende pornografia através de um prisma moral, quando, na verdade, se pode verificar, com a pornologia proposta por Dufour (2013), que quanto mais rico, quanto mais poderoso e socioeconomicamente privilegiado, mais obsceno e pornográfico pode ser o sistema. Deste modo, inverte a relação moral que no senso comum associa pornografia e obsceno ao vulgar. Por isso, vale distinguir a pornografia do erótico, do obsceno, do vulgar e do explícito com mais clareza, pois pode nos ajudar a fazer a roda deste debate girar um pouco mais.

Neste sentido moralizante e classista, ainda de acordo com Londero (2016), Alexandrain (1993, p.8) e Winkler (1983) preferem não distinguir erotismo e pornografia, pois o que chamam de erotismo é, na verdade, uma pornografia revalorizada em função de uma ideia de amor ou da vida social revalorizada pelas classes dominantes.

Winkler apresenta uma distinção entre pornografia branda e pornografia forte: enquanto a primeira é a reafirmação do mundo burguês, fortalecendo “o hedonismo privatizado”, a segunda desvela “os limites da liberação sexual dentro dos quadros capitalistas” (WINCKLER, 1983, p. 80, apud LONDERO, 2016, p.70)

Além da associação de pornografia e poder capital em Winckler (1983) Marilena Chauí (1984) também explora esta relação quando comenta a obra **Eros e Civilização** (1983), de Marcuse, compreendendo a pornografia como o controle da sexualidade por meio do consumo (CHAUÍ, 1984, p.157 apud

LONDERA 2016, p. 71); e esta visão combina com a afirmação de ser “a pornografia uma indústria que organiza a transgressão e domestica o desejo” (MORAES; LAPEIZ, 1991, p.141 apud LONDERA, 2016, p.71).

Para as autoras, se o erotismo é a transgressão, a prática do proibido social e culturalmente, então a **‘pornografia talvez exista para ordenar esta desordem, para restaurar a ordem cultural como uma forma de transgressão organizada’** (MORAES e LAPEIZ, 1991, p. 141, apud LONDERA (2016), grifo nosso)

Acima, Moraes e Lapeiz sugerem a pornografia como um dispositivo de poder cuja força seria capaz de disciplinar a desordem. Podemos pensar então, a pornografia como um adestramento do potencial revolucionário do erótico. Herbert Marcuse já reconhecia que Eros e pornografia estavam se confundindo no capital, e estava detido neste mesmo problema, ao dizer:

Hoje, comparada com a dos períodos puritano e vitoriano, a liberdade sexual aumentou indiscutivelmente (embora uma reação contra a década de 1920 possa claramente observar-se). Ao mesmo tempo, porém, **as relações sexuais passaram a estar muito mais assimiladas com as relações sociais; a liberdade sexual harmoniza-se com o conformismo lucrativo.** O antagonismo fundamental entre sexo e utilidade sexual – em si mesmo um reflexo do conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade – é obnubilado pela progressiva incrustação do princípio de realidade no princípio de prazer. **Num mundo de alienação, a libertação de Eros atuaria, necessariamente, como uma força destruidora e fatal – como a toda negação do princípio que governa a realidade repressiva**” (MARCUSE, 1983, p. 89-90, grifo nosso, apud LONDERA, 2016, p. 73)

Ainda caminhando a partir de Marcuse, Londero pensa a pornografia como um dispositivo que “serviria para ocultar o princípio de desempenho” (2016, p. 73), e raciocina a partir da tese de que prazer sexual, sensualidade e pulsões libidinais escapariam da razão. O que o autor parece ter perdido de vista, é que justamente a pornografia se tornou uma lógica, como propõe o filósofo

espanhol Paul B. Preciado³², ao reconhecer que a pornografia não é apenas um traço ou um efeito do capitalismo, mas que é sua lógica de operar agora.

A razão pornográfica que agora nos regula, nos subjetiva e nos governa, produziu, em cada um de nós, um raciocínio pornológico. Confundir Eros e pornografia pode ser fatal nesta análise, pois, de fato, o fator erótico se alimenta de pulsões transgressoras e é capaz de desordenar o sujeito, mas a pornografia parece fazer o contrário: adentra o erótico, ensinando-o a caminhar do escuro velado que o nutre para o caminho da luz intensa que o resseca e o desidrata.

O erotismo não vive em escuro absoluto. O objeto erótico demonstra seus contornos como se estivesse à luz de velas, mas não sobrevive aos holofotes. Neste sentido, podemos pensar Eros como uma força biófila, e a pornografia como uma força necrófila. Deste modo, podemos admitir a pornografia como um dispositivo³³ importante da necropolítica³⁴.

Paul. B. Preciado (2018), ao propor o conceito de “potencia gaudendi” (força orgásmica), encontra um modo de nomear o mecanismo de racionalização da sexualidade que produziu a razão pornográfica, e que alimenta a economia libidinal no atual estágio do capitalismo. O autor nos ajuda a reconhecer o mundo farmacopornográfico como este dispositivo de produção de sujeitos pornográficos. Para Preciado, o neoliberalismo reconheceu que a repressão

³² Em **Texto Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**, São Paulo: n-1 edições, 2018.

³³ A noção de dispositivo foi explorada por diversos autores, a exemplo de Foucault e Agamben nos quais o conceito toma dimensões biopolíticas. Em *O Amigo e o que é um Dispositivo* (2014), Agamben explica que chamará de dispositivo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar, assegurar os gestos, as condutas, as opiniões, e os discursos dos seres viventes” (p.39).

³⁴ Em **Necropolítica** (2018), Achille Mbembe explica que vivemos a expressão máxima da soberania, não somente sob o fato de existir um poder que decide quem deve viver e quem deve morrer, mas somos submetidos agora a um regime em que experimentamos os limites do poder soberano em seu gerenciamento da morte.

sexual, ao contrário do que pensou a maioria dos autores que debateu o tema, não se torna produtiva para o capital, pois a sexualidade entendida em sua perversão polimorfa poderia estimular libidos e prazeres, fazendo do corpo uma totalidade sexual, cuja força pode ser desfrutada pelo capitalismo neoliberal como força de trabalho:

No capitalismo farmacopornográfico, a força de trabalho revelou seu verdadeiro substrato: a força orgásmica ou a *potentia gaudendi*. O que o capitalismo atual tenta colocar para trabalhar é a *potentia gaudendi*, seja qual for a forma em que exista: seja na força farmacológica (uma molécula consumível e um agente material que vai operar dentro do corpo da pessoa que a está absorvendo), na forma de representação pornográfica (um signo semiótico-técnico que pode ser convertido em dado numérico ou transferido para mídia digital, televisiva, ou telefônica), ou na forma de serviço sexual... (PRECIADO, p.45, 2018)

Preciado propõe estarmos vivendo o que chama de “farmacopornismo” (2018, p.45), ou seja, um regime de produção cujo *logos* pornográfico regula desde a produção e o consumo de fenômenos químicos até os fenômenos psicossociais, ou seja, cada um de nós. Para o autor, o corpo precisa ser excitado e estimulado a se manter como uma totalidade de prazer, como se cada célula pudesse descobrir sua capacidade de gozar, e diz ainda que “o corpo pansexual vivo é o bioporto da força orgásmica” (2018, p. 46). É como se o neoliberalismo tivesse conseguido descobrir um mecanismo de perversão da perversão polimorfa³⁵, ou seja, converter o estado puro do prazer total do corpo

³⁵ Na sua obra **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade** (1905), Freud apresenta o conceito de perversão. Trata da permanência na vida adulta de certas características perverso-polimorfas, típicas da sexualidade pré-genital infantil, em detrimento da sexualidade genital adulta. Segundo o autor é na infância que ocorre a estimulação das zonas erógenas que na criança estariam espalhadas pelo corpo todo, e por isso Freud explica que a criança tem diversas formas de práticas sexuais, seja na masturbação, nos jogos sexuais ou em seu relacionamento com animais, a criança é um perverso polimorfo no sentido de ser capaz de assumir diferentes formas dentro do contexto sexual. Mais adiante, entenderemos que a geografização de zonas erógenas do corpo se dará por questões culturais e, por isso, a maioria de nós não se torna **polimorfo**. Não adotamos diversas formas sexuais, mas, em geral, as concentramos em regiões genitais, reduzindo assim as formas de explorar a dimensão sexual.

em força utilitária de produção capital. Neste contexto, no qual a luz pornográfica vai iluminando o mundo tão profundamente, Eros vai agonizando³⁶ em espaços cada vez mais estreitos em cada um de nós, e vai se esgueirando em busca das sombras tão indispensáveis para a constituição do sujeito.

Limpendo a cena

Notas sobre pornografias

Ao iniciar esta pesquisa, foi possível identificar que o objeto deste trabalho, a Pornocracia, por se valer de uma certa acepção do conceito de pornografia, enfrentaria uma dificuldade, pois a pornografia é um fenômeno que, não só no senso comum, parece seguir confinado à zona das pautas morais. A dificuldade, então, seria fazer com que o leitor do presente trabalho não perdesse de vista que a leitura, quando menos se espera, pode ser traída, assombrada e cair na armadilha do julgamento moral. Por isso, seremos absolutamente explícitos em dizer que a proposição deste trabalho não se vale de recursos morais para sua análise, mas justamente o contrário, pois reconhece o jogo de perversão dos moralismos que envolvem este debate. Por isso, pedimos a você, leitor, que fique alerta, vigilante e que duvide sempre que achar que leu algum julgamento moral. Leia de novo as linhas que te incomodam, procure ler o que está escrito, que, claro, é sempre mediado pelas coleções de informações de quem lê. A escrita deve servir para alargar nossas coleções, então, desenvolveremos alguns argumentos e exemplos para tentar contribuir com o enfrentamento da carga moral que ameaça a leitura aqui proposta. Vamos lá.

Nos apoiaremos num exemplo clássico. Pensem na figura da puta na sociedade, reconheça a carga moral à qual está submetida uma pessoa que se prostitui. Repare que a puta é tratada, na nossa sociedade, justamente por um regulador moral, que garante que, se ela se mantém lá no puteiro, confinada na zona de tolerância na qual a admitimos, quem sabe ela pode até nos servir,

³⁶ Menção ao título **Agonia de Eros** (2017), do filósofo Byung-Chul Han

né? Mas, se ela se colocar na porta da escola onde estudam os filhos dos mesmos que, na zona, se servem de seus serviços, daí não suportamos. Eis o ponto nevrálgico do que tentaremos chamar a atenção. O que está jogado logo aí?

Percebe que há uma espécie de confinamento, no qual a nossa moral guetifica certos corpos? Ou seja, a puta na zona, tudo bem, lá, no “lugar dela”, autorizado por nossa moral perverso-puritana; mas se ela ousar sair desta zona de tolerância, romper fronteiras e entrar numa universidade, cursar uma carreira acadêmica, se tornar professora, então, isso seria demais, não suportamos, nem mesmo concebemos, pois ela já teria saído do lugar no qual confinamos a sua existência.

O mesmo ocorre com os corpos negros, pobres, indígenas e/ou dissidentes da heteronormatividade, da cisgeneridade, entre outras performances naturalizadas por normatividades consagradas historicamente.

O mecanismo que pretendemos chamar a atenção aqui, é que a moral é conservadora, porque justamente quer manter fixo os lugares de existência de algo ou alguém por interesses que garantem privilégios históricos. Neste sentido, o repertório de elementos e ingredientes daquilo que é tradicionalmente considerado vulgar, baixo, sujo, quando mantido sob o estatuto de pornográfico, também mantém este fenômeno na zona de tolerância na qual ele já é aceito.

Outro aviso importante é que as coleções de ideias aqui eleitas não lidarão com os erotismos e as pornografias como se fossem fenômenos indistintos, pois a percepção proposta aqui é que a pornografia se tornou uma forma de gestão mercadológica com intuito de dominar a força desordenadora de eros.

Destacamos ainda que os problemas que levantaremos, nada têm a ver com qualquer constrangimento e/ou restrição em exibir nudez ou mostrar o sexo, muito longe disto. A intenção é revelar que na pornografia, ao mostrar o sexo, ou qualquer outra coisa, se esconde e vela algo, no mínimo, o perverso-puritanismo. A hipótese é a de que o mecanismo da pornografia parece ser mostrar para esconder, enquanto o erotismo, ao supostamente esconder algo, revelaria mais do que se supõe no pornográfico.

Sugerimos aqui que Sade³⁷, Hilst³⁸, Flaubert³⁹, Baudelaire⁴⁰, Aretino⁴¹, na literatura, que Bataille⁴², Carrascosa e Saez⁴³, Vidarte⁴⁴, Preciado⁴⁵, na filosofia, ou ainda, Tunga⁴⁶, Matthew Barney⁴⁷ e Marina Abramovic⁴⁸, nas artes plásticas e performance, dentre tantos outros autores e criadores da literatura, filosofia e das artes, quando falam ou “mostram tudo”, sem pudor algum, o fazem para denunciar algo escondido neste suposto “tudo”, ou seja, mostram para mostrar ainda mais. Se apropriam do obsceno para explicitar e iluminar o escuro perverso que o sombreamento moral esconde, e, neste sentido, não se submetem à pornografia da qual tratamos aqui. Estes autores pervertem a perversão, ou seja, usam de suas habilidades artísticas, intelectuais, filosóficas, compositivas, por fim, criativas, para vencer a mortífera tática pornográfica, que dissimula tudo exibir quando, na verdade, existe justamente para impedir que vejamos o que lhe é conveniente esconder. Estes autores profanam e despem a pornografia porque a tiram de sua zona de domínio moral.

³⁷ Por conta dos livros **Filosofia na Alcova** (1725) e **Os 120 dias de Sodoma, ou a Escola de Libertinagem (1785)** - este último publicado pela primeira vez em 1904, na Alemanha.

³⁸ Sobretudo por ser mulher e escrever **Caderno Rosa de Lori Lamby** (1989), **Contos d'Éscarnio** (1990), **Cartas de um Sedutor** (1991) e seu livro de poemas **Bufólicas** (1992). Outros textos considerados pornográficos pelo ambiente editorial podem ser encontrados na coletânea **Pornô Chic**, Hilda Hilst, São Paulo, Biblioteca Azul, 2018.

³⁹ Por conta de *Madame Bovary* (1857)

⁴⁰ Por conta de **As flores do Mal** (1857)

⁴¹ Por conta dos **Sonetos Luxuriosos** (1525)

⁴² Por conta de seu livro **História do olho** (1928)

⁴³ Por conta de **Pelo Cú, Políticas Anais** (2016)

⁴⁴ Por conta de **Ética Marica** (2007), traduzido e publicado como **Ética Bixa** (2019) pela N-1 Edições

⁴⁵ Por conta de **Manifesto Contrassexual** (2000), **Testo Junkie** (2008), **Pornotopia** (2010), e entre outros títulos e publicações.

⁴⁶ Por conta do filme **Cooking** (2013) considerado pornográfico.

⁴⁷ Por conta de sua curta metragem **De Lama Lâmina** (2007)

⁴⁸ Por diversas performances e também pelo filme **Balkan Erotic** (2006)

Por isso, admitir que Sade, por exemplo, revele meramente cu, pau e boceta, seria um equívoco, quando na verdade ele usou estes recursos, ditos vulgares, para escancarar algo invisibilizado. Mesmo quando se mostra pau, cu e boceta, estes ingredientes, porque combinados em situações e contextos que ultrapassam as barreiras de confinamento das zonas morais onde estiveram confinados, acabam por mostrar justamente os mecanismos e instituições morais que confinam e encarceram estes temas sob o julgo moral da tradição conservadora. Os exemplos no campo artístico servem apenas como referência, mas exploraremos mais adiante este fenômeno em outros campos, sobretudo na articulação política entre mercado e comunicação.

Seria muito ingênuo lidar com o pornográfico entendendo que este mostra tudo, ao passo que seria simplista, em igual medida, conceber que o erótico é o que apenas esconde uma parte. Não valeria pensarmos o contrário? Ou, pelo menos, deixar de afirmar e se perguntar: a pornografia tudo revela? O erótico é, de fato, o que esconde? A serviço do que se mostra uma obscenidade? Estas nos parecem perguntas fundamentais para criarmos alguma borda e pactuarmos algum acordo entre o leitor e essa escrita.

Destacamos ainda que, às vezes, se mostra “tudo” e, com isso, se consegue mostrar mais e além do “tudo” que se mostra. Este caso parece ser o que denominamos denúncia. Entretanto, às vezes, se mostra “tudo”, mas, para distrair e confundir que tudo foi mostrado, como se não restasse nada fora deste tudo. Mas o nada que restou é lotado de recheios e interstícios de potencial revelador, então, este parece ser o caso da pornografia. A pornografia então, parece ser quando o “tudo” é mostrado pra esconder um aparente nada, enquanto o erotismo parece ser quando o quase “tudo” é mostrado para revelar um ainda mais, que está para além do que se mostra.

Se não pretendemos usar pornografia e erotismo como sinônimos, também pretendemos escapar da cilada de os admitirmos como antônimos, contrários ou avessos. Todavia, reconhecemos que o estado da arte deste debate associou estes dois fenômenos, e aqui, tentaremos, em certa medida, não ignorar o trato que foi dado historicamente ao debate, mas não se limitar aos vícios que nos impediria de fazer caminhos menos habituais neste debate.

Neste sentido, precisamos lembrar que nenhum fenômeno é um fenômeno em si, ou seja, não há um troço chamado pornografia, ou um chamado erotismo, como se fossem categorias universais e fechadas em si. Seria ainda um equívoco tentar defini-los universalmente como se faz com um fenômeno físico por exemplo, pois fenômenos culturais, parecem existir sempre em relação aos seus contextos e ambientes específicos. Trataremos, portanto, no plural, das diversas formas de pornografias, e, quando necessário, de erotismos, lembrando sempre que estes não existem sem o ambiente e contexto no qual agem.

Evidentemente, um fenômeno considerado pornográfico no Renascimento não poderia ser lido do mesmo modo hoje. Queremos afirmar, com isso, que, ao “mostrar tudo” num tempo no qual a lei era esconder, a pornografia poderia ter uma força revolucionária, mas, revelar tudo no atual contexto, no qual o imperativo é o mostrar, a pornografia se torna a mais tacanha das obediências servis.

Vale destacar, ainda, que as nuances do uso de tons e elementos mais vulgares, escrachados, obscenos, explícitos, desbocados e etc, não é isso que caracteriza um fenômeno como pornográfico, pois estes elementos se referem apenas ao tempero estilístico dos modos de compor os erotismos e/ou pornografias, mas não são eles que definem ou distinguem erotismo de pornografia. Senão, bastaria dizer que quanto mais obsceno e vulgar, mais se chega perto do pornográfico, e quanto mais velado e discreto, mais próximo ao erótico. Esta abordagem de senso comum está pejada de uma carga moral que nos impediria de chegar mais perto do objeto aqui proposto – a razão pornográfica e sua operação lógica.

É importante esclarecer que o erótico é bem mais que uma pornografia higienizada pela moral perverso-puritana. E a pornografia também é bem mais que apenas um mero erotismo “sujo”.

A pornografia, enquanto um logos, parece mesmo ser aquilo que “tudo” MOSTRA com o intuito de esconder algo; e o erotismo seria aquilo que quase tudo, ou tudo mostra, revelando algo a mais do que os objetos que exhibe.

A barreira entre erótico e pornográfico não tem a ver com o que passa a ser mais ou menos aceitável de época para época; não são as cenas de novelas que mostravam menos e agora mostram mais, que estariam agora alargando a barreira do erótico porque, supostamente, o público estaria mais permissivo e, com isso, diminuiria o espraiamento do pornográfico. Na leitura proposta aqui, esta seria uma divisão simplista.

O fenômeno que aqui analisamos não é de ordem temporal, ou histórica, é alguma coisa da ordem lógica que, em cada contexto, mais ou menos permissivo, mais ou menos moralista, mais ou menos naturalizado, atua sequestrando e desapropriando a potência de um fenômeno denunciatório. Pornografia é quando o poder de denúncia do exhibir é adestrado e reduzido ao mero estatuto de obscenidade.

- Professora o Joãozinho mostrou o pinto dele pra mim!

- Que feio! Seu safado! Vamos agora para a diretoria e espero que sua mãe te dê uma bela surra!

Lá se vai Joãozinho para a diretoria e será julgado moralmente por este ato obsceno, que atenta ao pudor. Mas o que este ato de exhibir escondeu? Em nome do que esta obscenidade apareceu?

Parece não ser somente na educação de um sujeito (que logicamente precisa aprender a viver em sociedade e respeitar as regras de convívio), que as motivações de uma ação obscena precisam de outro trato que não o mero julgamento moral. O reconhecimento do que motiva este mecanismo parece hoje ser de enorme urgência, pois a perversão infantil de acreditar-se transgressor fazendo sacanagem, parece não estar mais restrita apenas à comunicação interpessoal, mas agora parece integrar os meios de comunicação que servem aos mecanismos psicopolíticos⁴⁹, que forjam uma outra racionalidade, ou, pelo menos, instauram novas forças nestes traços, agora hipertróficos.

A pornografia é um mecanismo que parece servir ao mercado. É o mercado que precisa de um dispositivo cujo funcionamento é exhibir

⁴⁹ Psicopolítica é o termo utilizado pelo filósofo Bjung-Chul para nomear os mecanismos de subjetivação das comunicações digitais a serviço do neoliberalismo. Ver em **Psicopolítica – O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**, Ed. Âyné, Belo Horizonte, 2018.

excessivamente em vitrines, nos cegando e nos impedindo de enxergar e reconhecer o que esta exibição denunciaria.

O olhar erótico, porque instigado a revelar mistérios, parece ser da ordem do investigativo. Deve, portanto, escarafunchar o que, supostamente, é pura exibição, mostrando que, mesmo o puramente exibitório tem mais a ser enxergado: uma esfera íntima. Já o olhar pornográfico, se contenta e se satisfaz em preguiçosamente consumir a falsa sensação de ter enxergado tudo na rasa exterioridade, situando-se numa espécie de um suposto *fora* do objeto.

O “*tudo*” é muito grande, de modo que escapará sempre dele um pedaço que nosso olho não dá conta de deter. Algo que diz que é capaz de mostrar tudo, de partida, é falso. Se a pornografia pretende isso, revela sua falsidade pretensiosa originária.

Pornografia é bem mais que apenas a exibição de palavras e imagens que ferem o pudor. Pornografia também é mais que apenas a ilusão de mostrar o real. Se diz, no senso comum, que aquilo que é exibido de forma muito “realista”, por exemplo, uma cena desvestida de ludicidade, ou um texto mais explícito, seriam adjetivados de pornográficos. No entanto, a pornografia é justamente aquilo que se finge de real, que se passa por, dissimulando-o, portanto, estando distante de sê-lo. Pornografia é uma representação dissimulada do real. Um movimento perverso pur(t)amente falso – um suposto real tentando convencer que é real. Não é somente o orgasmo fingido da atriz pornô, os dissimulados barracos e conflitos de “família” em programas sensacionalistas, ou ainda, o fingimento de atores se passando por pessoas comuns vítimas das pegadinhas de programas de entretenimento na TV, mas é também, o discurso pseudo-presidencial que dissimula lutar contra uma crise quando na verdade é o que a fortalece.

Nesta acepção, pornografia não seria apenas mostrar e falar de uma coisa explicitamente. Cabe perguntar: o que revelam, com suas obscenidades, aquilo e aqueles que se manifestam pornograficamente?

É importante não perder de vista que um escritor, por exemplo, mesmo quando muito explícito, não mostra, de fato, os objetos do qual trata na sua escrita, pois o objeto que exhibe é justamente a sua escrita, ou seja, a literatura. E mesmo que fosse uma imagem, as imagens não são as próprias coisas, são representações delas. Palavras e imagens, são representações de algo que

estariam fora da coisa, ou seja, nem mesmo foto, nem vídeo, podem mostrar tudo que reside nas coisas que mostra. As coisas têm sempre mais a ser visto, nem mesmo o nosso olho vê tudo, porque nossa percepção tem suas limitações cognitivas e vemos apenas o que ela permite enxergarmos. Uma cobra vê tons de cores nas temperaturas, a gente não, um cachorro ouve sons que nosso espectro sonoro não alcança, ou seja, as coisas não são nunca percebidas inteiramente, mas pelo que o nosso limitado aparato perceptivo permite. Isso pra lembrar que, se a coisa em questão a ser exibida, por exemplo, for um pênis ou uma vagina, na foto, no vídeo, na literatura e etc, é sempre uma representação e, nestes casos, bidimensionais, que retiraram as dimensões, volume, textura, temperatura, cheiro, e todas as materialidades inerentes à coisa. Tudo isso pra dizer que tentar explicar a pornografia como algo que mostra a coisa como ela é, não parece ser um bom caminho para procurar defini-la, pois não parece ser só isso. Aliás, definições generalizantes parecem ser inadequadas sempre. A razão pornográfica parece ser um modo singular de relação circunstancial e não um objeto alienado do contexto no qual age.

As pornografias poderiam ser vistas como um modo de relação em contextos de exibição, no qual a potência de denúncia é atrapalhada por algo que finge delatar. Se depende sempre da relação, as pornografias nunca são algo, elas não podem ser, apenas estar. Pensar a pornografia precisa considerar que sendo ela da ordem da relação, só pode *estar* de acordo com o contexto relacional em que se manifesta.

Se assim é com tudo, na pornografia, a mesma imagem ou conteúdo, em contextos relacionais distintos, podem ser pornografia ou não, erotismo ou não, ou não ser nenhum dos dois. Portanto, uma cena de sexo explícito no cinema pode ser pornográfica, erótica ou nenhum dos dois, pois a pergunta fundamental parece ser: a serviço do quê esta obscenidade é exibida?

Nos parece que as pornografias se valem sempre do comércio e reprodução de um repertório obsceno e vulgar, mas nem sempre o obsceno e o vulgar são pornográficos. Quando o obsceno e vulgar estiverem a serviço de algo que não esteja orientado pelo simples critério da reprodutibilidade mercadológica e seus interesses comerciais, este deslocamento, por construir

novas relações e gerar outros contextos mais complexos, do ponto de vista relacional, emancipa o obsceno e o vulgar do confinamento moral do pornográfico.

A artista brasileira Linn da Quebrada, por exemplo, se utiliza dos elementos e repertórios obscenos, mas, em grande parte do que produz em suas performances, parece conseguir tecer relações que autonomizam o vulgar da zona de confinamento moral, transgredindo não porque fala palavrões, mas porque os submete a contextos compositivos, relacionando-os com religião, política, sexualidade, economia e cultura, de modo a recompor e ressignificar seus usos e desfuncionalizando os usos habituais deste repertório. Mas claro, como em qualquer processo criativo, não é sempre que os artistas conseguem manter a coerência de suas intenções. Portanto, seja Linn da Quebrada ou Sade, não é em 100% de sua obra que o deslocamento emancipatório do confinamento moral de um repertório obsceno é realizado. O álbum **Pajubá** (2017), de Linn da Quebrada, por exemplo, é repleto de faixas, a exemplo de **Bomba pra Caralho**⁵⁰, **Bixa Travesty**⁵¹, **Transudo**⁵² entre outras, com sofisticados deslocamentos emancipatórios do repertório obsceno e, por isso, uma importante referência contemporânea para reconhecermos o desconfinamento destes ingredientes historicamente condenados ao pornográfico. Mas, há também no mesmo trabalho, faixas que parecem não se emancipar do sintoma pornográfico como intentam, a exemplo de **Dedo Nocué**⁵³, pois não basta um mero trocadilho para que haja o deslocamento emancipatório da moral pornográfica. Aliás, os trocadilhos sexualizantes parecem ser constituintes da perversão pornográfica, que assedia ambientes sexualizando contextos.

Alguns autores insistem que existiria um fenômeno chamado arte pornográfica e que esta seria sinônimo da arte erótica, uma afirmação que elimina as diferenças propostas aqui. As ideias que se articulam aqui mostram que se há pornografia, não pode haver arte, uma vez que a função da pornografia é explicitamente atender a encomenda de um desejo e mostrar

⁵⁰ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ZYOlVMyZ_GU

⁵¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=re0ZRpQbhdI>

⁵² https://www.youtube.com/watch?v=OKjx_lICGUk

⁵³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NtUtgkNtFg>

exatamente o que queremos ver, enquanto a arte não teria a mesma função, aliás, a arte não teria nem mesmo uma função, ou, se tiver alguma, seria a disfunção, ou seja, desfazer a função das coisas, pois a hipótese com a qual trabalhamos é a de que, ao retirar um fenômeno de sua zona pressuposta e preconcebida de atuação, um algo aparentemente invisível se revela.

Neste sentido, a arte se vale justamente do elemento erótico intrínseco a ela, ou seja, compor um modo de mostrar algo, um algo que não veríamos, e, ao vê-lo, algo além se revela, de modo que passamos a enxergar o que não conseguíamos antes desta experiência.

Por isso, parece tão coerente que a indústria cultural se valha tanto da pornografia. Afinal, ela entrega as encomendas de hábitos construídos pela repetição, enquanto a arte traria a negatividade, recusando entregar o que o consumidor deseja, promovendo atrito e atrapalhando o puro gozo masturbatório do qual se vale a economia libidinal do obscuro mercado capitalista. A pornografia tem um intuito imediato de excitar o consumidor sem questionar os desejos, esta lógica eficaz do mercado, tem há muito abduzido e hipnotizado artistas que, cada vez mais, vão atuando com esta racionalidade e deixando de fazer aquilo que parece ser tão importante à arte – questionar os desejos.

A hipótese aqui desenvolvida está de acordo com o entendimento que o filósofo americano Alva Noë elabora em seu livro **Strange Tools – Art and Human Nature**, no qual fundamenta uma importante hipótese para lidar com o conceito de arte. Noë, em depoimento ao canal **Big Think**⁵⁴, no Youtube, sustenta que não há arte pornográfica. Transcrevemos o depoimento na íntegra, abaixo, para que o leitor possa acompanhar o raciocínio do autor:

A pornografia é um instrumento com uma determinada função em mente. As pessoas usam pornografia para obter prazer sexual. Francamente, é para se masturbar. É para isso que serve. Na minha teoria, as obras de arte não são instrumentos. Eles não têm funções. Eles não são ferramentas. Obras de arte subvertem funções. Elas atrapalham as funções. Elas interrompem funções. E elas fazem isso porque a interrupção pode ser reveladora. Porque pense em uma ferramenta simples como uma maçaneta. Usamos maçanetas sem

⁵⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcxccQXyHJQ>

esforço. Há uma porta, a gente a gira e passa direto por ela. Não paramos para pensar sobre isso. Se tivermos que parar e pensar sobre isso, provavelmente há algum problema com a maçaneta. Mas pense em quanto está pressuposto em uma maçaneta. Que temos uma mão como o tipo de mão que temos. Que nossos corpos têm o tamanho certo que temos. Que vivemos em edifícios. Que passamos de uma sala para outra. Muita coisa está pressuposta pela “instituição” da maçaneta. Então, o que seria uma maçaneta estranha? Seria uma maçaneta que de alguma forma não funcionou ou estava no lugar errado. E isso, portanto, convoca todas as coisas que estavam escondidas no fundo para o primeiro plano e esse é o tipo de coisa que quero dizer ao dizer que a experiência nos revela a nós mesmos. Pode haver arte que trabalhe com sexo, que trabalhe com sexo explícito e que trabalhe com os ingredientes da fantasia, do erótico e todas as outras coisas que vão para a pornografia como - violência, degradação, todas as coisas que estão na pornografia. Minha única estipulação é que não seria bom para se masturbar, porque não estaria dando a você o que você quer, porque a arte está ocupada em questionar o que seus desejos pressupõem. A pornografia nunca desafia as expectativas. Se isso acontecer, não executa sua função. Assim como uma maçaneta que você precisa parar e se perguntar como usar, não seria uma maçaneta muito boa. Mas a arte acontece precisamente quando as expectativas definidas não são atendidas. A arte acontece precisamente quando aquilo que consideramos garantido é forçado. E é por isso que não acho que possa haver arte pornográfica.⁵⁵

Se a arte não é uma ferramenta, como sugere Noë, nem mesmo um instrumento, e se não tem uma função que não seja *desfuncionalizar* as ferramentas, então, segundo esta perspectiva, a pornografia não alcançaria o estatuto de arte, justamente porque seu objetivo é estritamente funcional – atender a desejos. Como diz Alva Noë, de maneira bem didática, a arte

⁵⁵ Pornography is an instrument with a certain function in mind. People use pornography to get sexual pleasure. Frankly it's for masturbating to. That's what it's for. On my theory works of art are not instruments. They don't have functions. They're not tools. Works of art subvert functions. They disrupt functions. They interrupt functions. And they do that because the disruption interruption can be revelatory. Because think about a simple tool like a doorknob. We use doorknobs effortlessly. There's the door. Turn it, walk right through. We don't stop and think about it. If we do have to stop and think about it there's probably some problem with the doorknob's design. But think how much is presupposed by a doorknob. That we have a hand like the kind of hands that we have. That our bodies are the right size that we are. That we live in buildings. That we get from one room to another. So much is presupposed by the institution of the doorknob. So what would a strange doorknob be? It would be a doorknob that somehow didn't work or was the wrong place. And that therefore called all of the stuff just hidden in the background into the foreground and that's the kind of thing I mean by saying the experience reveals us to ourselves. There could be art that worked with sex and that worked with explicit sex and that worked with the ingredients of fantasy and the erotic and all the other things that go into pornography like -violence, degradation, all the different things that go into pornography. My only stipulation is that it wouldn't be good for masturbating because it wouldn't be giving you what you want because art is in the business of questioning what you want presuppose. Pornography never defies expectations. If it does it doesn't perform its function. Just as a doorknob that you need to stop and wonder how to use wouldn't be a very good doorknob. But art happens precisely when expectations are defined. Art happens precisely when that which we're talking for granted is forced on. And that's why I don't think there can be pornographic art. (Tradução nossa)

logicamente pode usar elementos sexuais, explícitos, vulgares, nudez, e etc, mas isso não configura a relação lógica da razão pornográfica, então, neste sentido, a arte não é pornográfica porque usa dos componentes de exibição sexual, mas pode ser absolutamente pornográfica se existe para servir e atender encomendas e desejos, mesmo que não use de um repertório obscuro, por exemplo. Mas, para este debate, a arte e a indústria cultural já contam com escolas de pensamento⁵⁶ na história da filosofia.

Explicando ainda mais: mesmo quando se usa de recato e da moralidade mais tacanha, do conservadorismo mais careta, pode nisso conter o elemento pornográfico. E, mesmo quando há aquilo que a moral chama de obscuro – o corpo nu, sexo, intimidades expostas, por exemplo, a depender a serviço do quê isso está lá, pode ser este um trabalho de arte, cuja utilização destes elementos não a destitui do estatuto de coisa artística, ou seja, não dá função a isso.

Se Sade e outros scandalizaram o sentimento perverso-puritano de suas épocas foi porque colocaram a filosofia e a obscenidade em relação, transgrediram a zona de tolerância à qual o vulgar “deveria” estar confinado. Sofisticaram, em termos compositivos, e relacionaram temas tidos como chulos e vulgares com a decência intelectual, com a “boa” literatura (aquela que pode ser ensinada na academia) e a erudição. Neste ato, “desobcenizam” a moral perverso-puritana e explicitaram a hipocrisia que sustenta uma falsa harmonia social.

Na alcova, Sade faz uma orgia filosófica, e, com isso, revela algo que estava desautorizado pela moral de seu tempo. O poder de denúncia da literatura de Sade foi potente num tempo no qual a pornografia e o obscuro eram lidos como infrações das leis morais, aconteciam de modo paralelo ao mundo oficial, ou seja, se configuravam como manifestações clandestinas da cultura vigente, e por isso não atendiam os desejos de seu tempo. Causou

⁵⁶ Diversos autores da escola de Frankfurt, com destaque a Max Horkheimer e Theodor W. Adorno, desenvolveram importantes formulações acerca da indústria cultural.

desagrado, injuriou e traumatizou a época. Talvez seja este movimento que nos falte hoje - a capacidade de contrabandear e de clandestinamente realizarmos o inteligente, o sofisticado, o elaborado e o bem composto. Nos falta produzir negatividade; diante da descompostura chula do mundo, evocar a compostura; diante da quebra de decoro, se corar; ruborescer, diante de um mundo desavergonhado; se constranger, diante da indecência autorizada pela moral; elaborar a decência ética do desconforto que um embaraço produz.

Como hoje a pornografia passa a ser oficial, se torna uma razão que orienta governos, dando forma a uma Pornocracia, aquilo que um dia foi clandestino e ilícito, agora foi lícito, se tornando a lei que nos regula e nos domestica. Exibir e expor tinha um potencial transgressor noutro mundo, mas agora, a pura exibição pornográfica é a lei que nos governa, de modo que o mero mostrar e exibir se perverteu no atual contexto, em pura obediência conservadora.

É neste contexto que a vergonha parece agora poder ser uma força revolucionária. Não a vergonha moral de exibir o corpo ou o sexo, mas a vergonha de passar a perceber que o mostrar e exibir numa Pornocracia é a mais tacanha e ridícula obediência servil. Por isso, reconhecemos como um equívoco a arte que se engaja em dizer-se pornográfica, pós pornográfica, ou qualquer variante destas, acreditando-se transgressora ou revolucionária. Pode até parecer revolução, mas é apenas neoliberalismo⁵⁷ sem vergonha.

Os Inomináveis são desgerados

As artes des-generadas⁵⁸ foram acusadas de fazerem mal porque, de fato, elas dinamitaram os gêneros e, ao fazer isso, desmancharam a possibilidade de mantermos uma *identidade* para estas produções artísticas, e produções artísticas sem *identidade* são menos rastreáveis, colocam um problema ao capitalismo: em qual prateleira colocá-las? Aquilo que subverte a noção de segmento, gênero, identidade, etiqueta, nomeação, departamento,

⁵⁷ Menção ao título do texto publicado na edição 172, de janeiro de 2021, na revista Piauí, assinada pelo pseudônimo Benakê Kamu Almudras, disponível em:

<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/parece-revolucao-mas-e-so-neoliberalismo/>

⁵⁸ Reconhecemos que a designação 'arte degenerada' é contaminada historicamente pelo nazismo e stalinismo, todavia, aqui pretendemos falar das artes que borram gêneros.

rastreabilidade e etc, de fato, pode parecer degenerado, pois detona os gêneros adotados pela moral capitalista. Se o mercado depende de publicidade e propaganda, e estas dependem da eficiência de mecanismos de segmentação, identificação identitária e rastreamento de interesses para ficarem mais eficientes, tudo aquilo que atrapalhe esta eficiência, que borre a nitidez das prateleiras, que dificulte a nomeação, será visto como inconveniente, inapropriado e inoportuno.

Estas manifestações degeneradas revelam relações entre coisas que a nossa cultura teima em tentar esconder. Revelar que o pudor do corpo e um discurso político têm relação, por exemplo, interessa a quem? Que ameaça traz a relação sexo e saber? Qual perigo está posto e o que corre risco quando um conhecimento erudito transgride sua forma de linguagem e utiliza recursos *proibidos*⁵⁹ à erudição?

O modo como lidamos com nossos corpos e as ideias que professamos no mundo são absolutamente ligadas, e o reconhecimento disso tem um potencial subversivo de enorme alcance. Talvez por isso, o capitalismo neoliberal tenha encontrado tanto acolhimento e visto uma aliada tão poderosa na pornografia, pois ela se torna a serva fiel que faz a gestão do potencial subversivo e revolucionário de Eros, administrando e adestrando as formas de relação que este elemento está autorizado a realizar neste regime, de modo que a mistura proliferante e imprevisível dos encontros eróticos devem agora ser geridos e confinados às zonas de controle da tirania pornográfica.

A pornografia se tornou um dispositivo de controle do conhecimento, porque ela impõe ao saber um modo de relação excluindo outros possíveis. Se há limitador, não há descontrole, e como a libido que impulsiona a vida é da ordem da composição das misturas improváveis, a transa das ideias precisa ser promíscua para testar possibilidades outras de relacionar e criar pensamentos. Por isso, precisamos de uma filosofia puta, como sugere Dufour:

Trataremos assim de localizar esse momento surpreendentemente em que a filosofia puritana dá à luz, contra toda expectativa, um princípio pornográfico que faria escola, como veremos ao

⁵⁹ Menção ao livro *Conhecimento Proibido*, de Roger Schattuck, publicado pela editora Companhia das Letras, 1ª ed. (1998).

acompanhar seu destino a partir dos segmentos que Pierre Nicole, Pierre Bayle, Mandeville e, em seguida, Adam Smith dariam a esse princípio. Mostraremos, finalmente, que restaria apenas a Sade, um século depois de Pascal, extrair todas as consequências filosóficas e éticas desta ênfase que passou a ser dada a concupiscência e ao amor de si. Teremos então passado, se assim se pode dizer, da filosofia puritana a filosofia puta. (DUFOR, 2013, p. 59)

Eros, o elemento do descontrole, que jorra o líquido fértil e fecundo da vida, dispara processos proliferantes de criação e não pode ser detido e domado, gerenciado e nem domesticado pela pornografia. Ao impor limites ao erótico, a pornografia se converte num poderoso recurso necropolítico porque inibe a fecunda dimensão que é inerente ao conhecimento do corpo, ao desejo, à política e à comunicação. Pornografia é o *thanatos* político contra o poder erótico da comunicação.

A pornografia roteiriza e encerra porque premedita um percurso que se esgota em gozo, um roteiro novelesco que encerra num *happy end*, enquanto a dimensão erótica é um gozo devastador na jornada do imprevisível, um percurso acidental, a deriva, que se entrega ao descontrole e desfruta da condição de estar submetido ao imprevisto. É neste sentido que a pornografia serve como mecanismo de subjetivação do perverso, porque dá a sensação de controle gerencial do incontrolável.

O capitalismo tem medo do que o corpo comunica

Por que tememos pela relação sexo e conhecimento? Por que marginalizamos a produção de conhecimento gestada pelo sexo e pelo corpo? Por que não podemos dar dignidade filosófica, política, estética e intelectual para abordagens que incluem o cú, pau, tetas e boceta? Por que estas palavras, ditas assim, vulgarmente, incomodam um leitor?

Por que estas partes do corpo são confinadas a um tipo de comunicação deslegitimada dos espaços de conhecimento formais e são mantidas

associadas a operações de linguagem que produzem relações pobres, precárias e de baixa complexidade?

Se um dos mais fundamentais conhecimentos perpassam o conhecimento sexual, precisamos admitir a dignidade deste debate, afinal a pergunta filosófica fundamental - de onde viemos ou como nascemos -, que pode ser enunciada por uma inocente criança, evoca uma resposta da ordem sexual.

O capitalismo tem medo do corpo, do seu potencial erótico-comunicativo, por isso a pornografia é tão cara ao neoliberalismo, pois, reduzindo o corpo à sua explicitude, a uma comunicação de superfícies, a pornografia o esconde sob seu manto de luz intensa e, com isso, vela o muito mais que o corpo é.

Uma lição de perversão que ajuda neste controle é a exacerbação do uso reiterado das partes baixas do corpo, associando-as sempre às operações de baixa complexidade na linguagem, comunicando uma lei moral, que confina certas partes do corpo sob o estatuto de coisa menor, portanto desimportante. Esta operação é mais nefasta do que se pode perceber, às vezes, porque justamente ela impede de reconhecermos a potência da sofisticada elaboração que podemos ter quando trabalhamos com altos índices de complexidade para compor relações entre sexo e saber. O perverso-puritano sabe que precisa manter um certo léxico refém do estatuto de injúria, para impedir o deslocamento de operações transgressoras.

Sabe-se que os autores malditos da história foram soterrados nos porões das bibliotecas, que os artistas transgressores foram invisibilizados, quando não censurados, porque se temia que eles ativassem fantasias violentas em potenciais criminosos ou revoluções em potenciais revolucionários. O que dizer da irrestrita propagação de enorme alcance dada pelas redes sociais aos perversos hoje? E as declarações explicitamente odiosas que incitam a violência, feitas pelo poder oficial?

René Magritte, ao dizer que uma pintura de um cachimbo não é um cachimbo, demonstra que, às vezes, o óbvio fica oculto, e que, às vezes, é preciso explicitar o evidente. Dizemos isso para lembrar ao leitor que, quando a arte mostra, por exemplo, uma violência explícita, se, com isso, ela conseguir revelar algo além, ela cumpre um papel importante na construção do

conhecimento sobre aquele tipo de experiência; por isso, é fundamental o direito deste tipo de manifestação ser expressa, de se comunicar. Mas, quando as representações são ditas por quem tem o poder de decisão nas palavras, não deveria, portanto, serem exibidas, ou seja, não deveria ir para a cena, senão ficar no *obscenum*. Quando Twitter e Facebook proibe o ex-presidente dos EUA Donald Trump de utilizar suas plataformas de comunicação, parece que as empresas, ao menos neste caso, entenderam a diferença entre representação do perigo e incitação ao perigo real.

Sade não é um “cachimbo”, é literatura, representação, e, portanto, deve-se acolher aquela literatura publicamente. Já o que não deveria ser tolerado é acolhermos os sádicos nas posições de poder e autorizar sua livre expressão, pelo simples motivo daquilo se passar por representação, quando não o é. Daí a ameaça ao real na Pornocracia, o seu elemento dissimulador teatrocrático, isto é, quando os discursos e atos se travestem de dissimulação de representação do real, ou seja: eu não estou colocando uma arma na mão de uma criança, é uma representação de arminha com os dedos, é de mentirinha:



O perigo é nos confundirmos e acreditarmos que uma verdadeira mentira que dissimula o real, se torne o real falsamente.

Seria como se ao consumir pornografia para se masturbar, o sujeito fantasiasse e se convencesse de que aquela dissimulação fosse pura realidade (mesmo sabendo que não é), mas após gozar, continuasse acreditando que aquilo é o real e não que foi apenas um acordo temporário para desfrutar de suas fantasias desejantes.

A Pornocracia nos doutrina a acreditar que se pode fazer e dizer tudo.

Sequestrando este direito, que é inerente à ficção, como já havia nos avisado Bataille ao afirmar, em um dos seus principais aforismos sobre literatura, que “sendo inorgânica, a ficção é irresponsável, nada pesa sobre ela, ela pode dizer tudo” (Bataille 1989, p. 22). Então, se a arte e a ficção podem, a partir de deslocamentos, dizer tudo, elas são perigosas às leis morais e sociais, portanto. Fica claro, assim, o seu potencial transgressor. Parece ser por isso que a Pornocracia se esforça tanto para expropriar este direito da arte e da ficção, o direito de representação, um direito que o real não tem direito.

Esta é outra lição de perversão, num regime pornocrático: os perversos precisam burlar as leis do real, cultuar o negacionismo e borrar a realidade com a ficção. O sujeito perverso não quer ser interditado ou negado, para ele qualquer recusa se configura como censura da sua suposta soberania em ser o que quer ser. Quando o real passa a poder dizer e fazer tudo, ele borra a fronteira e assemelha-se (quando não supera) a ficção. Eis a teatrocracia pornocrática que, nesta operação, oculta o óbvio. Deveria ser óbvio que, por exemplo, um presidente ao dizer, age, que justamente a sua fala consiste em atos, pois, até no teatro, quando é representação, se sabe que qualquer ator em cena, ao dizer algo, o ato de dizer, se torna um fazer. É também por conta desta ameaça que deveríamos ter critérios, no âmbito da comunicação, para o estatuto de obscenidade e coisa pública.

Espaço público, espaço público

Por que o obsceno não deveria se tornar público?

O obsceno não é necessariamente algo pejorativo, mas pode ser algo da ordem do inadequado, no sentido de que ele ocupa um lugar que não deveria. Não deveria porque atrapalha e toma o espaço daquilo que, de fato, precisaria estar na cena.

Obscena, por exemplo, é a enxurrada de postagens com um monte de nada que todos postam todos os dias nas redes sociais, ocupando o espaço do debate público, impedindo que, na cena, fique o que importa para produzir reflexão crítica e fertilizar a conversa geradora de pensamento e vida.

Obsceno é o que deveria deixar de ser dito e mostrado, não por pudor, por recato ou por moralismo, mas em nome de uma ética, uma

responsabilidade em saber que ocupar o espaço público é um ato que toma tempo e consome a energia de corpos, da vida, dos Outros. Deveríamos ter vergonha de assaltar e sequestrar o tempo da vida pública com as nossas asneiras narcísicas e egóicas, com nossas tolas intimidades, com nossos cultos a irrelevância.

Seria obsceno quando, ao invés de se masturbar no banheiro ou no quarto, o sujeito se coloca na sala de estar ou de jantar, junto da família, obrigando-os a compartilhar desta experiência masturbatória, que interessa somente a ele. Por que compartilhar uma experiência na qual os outros não gozarão dela?

O obsceno deveria ficar no escuro por isso, não por moralidade, mas em nome de uma ética da vergonha. Deveríamos ter vergonha de tomar tanto espaço e tempo do interesse público. Portanto, se a pornografia é o dispositivo predatório que leva o obsceno do privado ao espaço-tempo público, ela toma por assalto este espaço-tempo público, o invadindo e o sequestrando. Também opera privatizando-o, tal qual empresas e seus interesses neoliberais. Esta é a razão pornográfica à qual estamos submetidos numa Pornocracia, doutrinados a um imperativo – comunique tudo!

Quando aquilo que está escondido não é de interesse público e é mostrado, não chama denúncia, chama-se pornografia. É uma estratégia adotada pelo mercado fingir que este algo que eu te mostro é do teu interesse, mesmo quando você não sabia que se interessava, mas, ao ser exibido, colocado no foco da luz, em cima da prateleira, o sujeito é estimulado e excitado ao seu consumo.

Repetir este procedimento todos os dias, voluntariamente, com as próprias informações de esfera íntima, imputa o sujeito pornocrático a uma lição perversa, que consiste em ritualizar tarefas egóicas e narcísicas, que atrapalham o espaço e tempo do interesse público em detrimento da atenção que cada um de nós se especializa em furtar a cada instante.

Submetidos ao logotipo pornográfico, ao sujeito, na Pornocracia, não cabe se perguntar se existe uma coisa chamada pornografia e o que implicam suas leis. O sujeito não sabe se ela é nefasta ou inofensiva, só se serve dela e a serve.

O sujeito forjado no ambiente de consumo pornográfico, subjetivado na condição de pornógrafo de si, de tanto consumir o mundo pornográfico se consoma pornograficamente e alimenta os mecanismos que regimentam a Pornocracia. O sujeito pornocrático confunde seu espaço público com o nosso espaço público.

Ao reconhecer isso, mais importante que dizer o que é a pornografia, parece importar reconhecer o que ela está sendo, o que se tornou e ao que ela serve agora.

Operação da luz

Desde sempre, a iluminação de uma cena se fez indispensável para sua visibilidade. Antes com velas, candelabros e lampiões, a luz da cena, no teatro, se desenvolveu a tal ponto de passar pelos canhões usados para seguir quem deviam iluminar, operados por um técnico, aos atuais *moving lights*⁶⁰, programados por computadores.

Stephan Mallarmé (1842-1898), em seus escritos sobre teatro e dança, afirma que o elemento principal da cena não é o corpo do ator ou do bailarino, nem mesmo os gestos, ou o cenário, senão, a iluminação, que é o elemento que dá a ver qualquer cenário e qualquer cena. Ou seja, atentarmos para o recorte que a luz faz orientando nosso olhar, e que tipo de luz ilumina cada cena e seus atos, parece ser indispensável num espetáculo social.

Se a luz de vela e as chamadas lâmpadas quentes produziram a visibilidade e convocaram a construção do olhar na cena teatral até então, agora, na teatrocracia, temos canhões de lâmpadas frias que permitem apenas a visualidade de cenas que passamos a não enxergar, mas apenas a visualizar. Visualizar é o verbo usado, não *ver*, *enxergar*, muito menos *olhar*, basta somente visualizar. Ao olhar, não cabe mais apenas repousar e contemplar as experiências é como se ao olho coubesse agora a mera função mecânica de golpear um fenômeno, pois se enxergar implica o tempo da

⁶⁰ *Moving lights* são refletores de iluminação inteligente, cujos movimentos podem ser automatizadas e pré-programados de acordo com a cena que se deseja iluminar.

mediação e da reflexão, visualizar implica apenas o estímulo, excitação e imediatez da resposta. Parece não nos interessar tanto a qualidade da resposta, senão a celeridade com que ela chega. Não à toa, ao visualizar que alguém visualizou sua mensagem no Whatsapp e não respondeu, este é um motivo, hoje, para gerar ansiedade e preocupação. Os tempos de perceber, compreender e decidir foram enlaçados pela hiperiluminação sequestradora, que convoca o mero visualizar, e que nos impele a responder tudo imediatamente. Num mundo de respostas prontas na ponta da língua, se torna inoportuno o tempo do pensar. O tempo de reconhecer o objeto olhado sempre precisou considerar as sombras contidas nele, precisou de dúvida, às vezes, precisou que se esperasse o dia amanhecer para ver com outra luz aquilo que a imediatez não revelou, ou mesmo, se precisou esperar anoitecer para poder ver com menos luz aquilo que reflete e encandece sob o sol, porque visualizar e enxergar são modos distintos de ver.

Do ponto de vista físico o nosso olho atinge apenas o passado. Dada a enorme velocidade da luz que recorta um objeto para ser percebido pelo nosso aparato cognitivo, ver na pura fisicalidade tecnicamente é perceber o passado, portanto, mas construir um olhar, que seria um modo complexo de percepção, requer uma composição com o tempo futuro. Visualizar rapidinho, ou colecionar visualizações ligeiras, os chamados *views* nas postagens nas plataformas de comunicação digital, se tornou um modo de *olhar tudo no tempo do ontem*, retirando do olhar a elaboração que considera o amanhã. É neste sentido que o olhar se torna pornográfico. Agora, sem o tempo do desvelamento, o olhar se condiciona a mirar a pura visualidade e não despe mais o fenômeno em sua profundidade, se contenta em estancar na camada mais superficial. Sem a eroticidade do enxergar, na visualização, todos os fenômenos passam a estar nus, desinvestidos de suas camadas de complexidade.

Não é o olho que está nu, pois o olho está revestido de hiperiluminação, de tal modo que a depuração de um olhar, que simbolicamente se forjava no exercício de considerar os contrastes de sombra e luz pra ter alguma nitidez, se reduz agora à mera visualização que despe o olhar, que, agora cru, se torna-se pura visualidade.

Um olhar quando cru e nu, desinvestido do imaginário, do inventivo, do metafórico, do associativo, da hermenêutica, um olhar quando expropriado de

sua eroticidade, sem fantasia, é pornografizado e rendido ao consumo superficial das imagens e informações pré-fabricadas.

Na cabine de comando da cena, operando a mesa de luz.

Nossa cena *obscena* agora se passa na cabine técnica, no *backstage* das plataformas de comunicação digital, no qual se dá a operação e comando de luz, na qual os algoritmos ocupam a função de técnicos de iluminação e se comportam como atiradores de elite, que, com mira especializada, se posicionam atrás de um canhão seguidor, que atira sua luz sobre os corpos e subjetividades, retirando da sombra aquilo que seria indispensável ao sujeito manter invisível, em nome de sua autonomia subjetiva.

O algoritmo passa a perseguir e orientar a cada passo e gesto de quem age nesta cena, como uma espécie de iluminação que direciona, indica e recorta caminhos. É uma imagem bélica: o corpo como alvo da luz que o canhão atira com sua mira precisa, cujo alvo são as sombras do sujeito, ou seja, a privacidade, intimidade, desejos ou qualquer informação íntima, sendo a munição as informações de cada um de nós, contra nós mesmos. Cada informação é iluminada diante do alvo como um tiro preciso nesse sujeito, agora atacado pela luz midiática. Mas, nem sempre o sujeito é atacado pela luz, muitas vezes ele, voluntariamente, se submete a ela, midiaticizando-se em autoiluminação. As selfies com as iluminações específicas acopladas em seus aparelhos celulares, se tornam as armas de um jogo de roleta russa, no qual o sujeito mira para sua própria cabeça e dispara tentativas desesperadas na busca de alcançar visualizações.

O youtuber, a blogueira e os chamados produtores de conteúdos nas redes sociais, se utilizam do recurso da *ring light* para melhorar a imagem, isto é, eliminar as sombras das imagens que transmitem, por meio dos dispositivos de telecomunicação. A *ring light* é uma lâmpada em forma de anel, uma luz anelar cujos raios incidem sobre o objeto iluminado, em geral o rosto na cena, por todos os ângulos, em 360 graus. Um rosto diante de uma *ring light* elimina praticamente todas as sombras. O desejo de eliminar as sombras na cena não vem do teatro, mas da publicidade e do mercado.



Ring light acoplada ao dispositivo celular.



Efeito da lâmpada ring light no olho: uma íris de luz.

Qualquer um que já teve a experiência de ver um *grid* de iluminação em uma passarela de um desfile de moda, por exemplo, saberá quantos canhões são necessários para mirar no corpo-alvo, e que é na frente, na boca da cena da passarela, onde estão os outros “atiradores de elite”, o pit dos fotógrafos dos veículos midiáticos com o dedo em riste no gatilho, cujo click dispara flashes que metralham e enlaçam o corpo na cena, traduzindo-o em imagem.

Não é exagero relacionar a luz ao bélico e ao policiaisco, afinal é a polícia quem usa uma luz que gira em 360 graus. O giroflex policial, como se diz, varre o espaço no deslocamento urbano de um automóvel. São também as bombas e seus enormes cogumelos de luz e fumaça que explodem, iluminando as noites de guerra, ou arranhando o céu de dia com seus enormes clarões. Sabe-se ainda que, ao passar por uma blitz policial, é adequado acender a luz interna do carro para submeter o rosto à luz e, ao mesmo tempo, abaixar o farol e manter o corpo do policial sob luz baixa, quando não raro se leva um fecho de luz no rosto, cegando os olhos com a invasiva luz de uma lanterna policial que nos submete à exposição compulsória. Ou seja, há uma etiqueta da blitz policial: é adequado nela deixar o policial no escuro e se render em boa iluminação.

Mas não foi sempre que a luz foi um direito a ser ostentado. Enquanto a pele alva ostentava o direito à luz, a negra, pele alvo⁶¹, era obrigada a submeter-se à ela.

No século XVIII, Lantern Laws foi o nome dado à lei norte americana

⁶¹ Menção à música **Ismália**, de Emicida, na adaptação ao poema homônimo de Alphonsus de Guimaraens, na qual o rapper diz: “80 tiros te lembram que existe pele alva e pele alvo”

que obrigava uma pessoa escravizada a manter uma lamparina no rosto no espaço público, ao cair da noite, ou seja, os escravizados eram confinados à luz. A escravidão, há muito entendeu que estar confinado à luz é um mecanismo de controle que impede o sujeito de desfrutar da liberdade que o anonimato do breu misterioso possibilita.

No livro da professora Simone Browne, **Dark Matters: On the Surveillance of Blackness**, publicado pela Duke University Press, em 2015, ela argumenta que a história do policiamento de pessoas negras, durante e após a instituição da escravidão, permanece central para tecnologias e práticas contemporâneas de vigilância. Browne argumenta que a lanterna de vela foi um dos primeiros exemplos de uma "tecnologia de supervisão", citando que, a lei que foi instituída em abril de 1731 dizia que qualquer pessoa branca era delegada a impedir que qualquer negro, mestiço ou indígena, transitasse sem a presença de um desses aparelhos iluminadores. Browne propõe que esse precedente, concebido e implementado pela primeira vez durante a era colonial, estabeleceu o arcabouço legal para práticas policiais abusivas de parar e revistar um corpo negro no escuro.⁶²

Já na dissertação de R. Joshua Scannell, **Electric Light: Automating the Carceral State during the Quantification of Everything**, publicada pela City University of New York (2018), ele estende o trabalho de Browne, para conectar as Leis da Lanterna no passado com a militarização atual de alta intensidade das luzes artificiais, holofotes ou giroflex das viaturas policiais durante a noite, em determinados conjuntos habitacionais que, segundo o autor “sujeitam as pessoas a uma iluminação violenta”:

As táticas policiais não mudaram muito. Podemos não chamá-los mais de "Leis da Lanterna", mas a estratégia de "Onipresença" do NYPD posiciona holofotes da polícia dentro e ao redor de bairros de "alta criminalidade" para que a polícia possa ver, "saber" quando e onde as pessoas de cor se movem pela cidade. A designação de “bairro de alta criminalidade” é em si um certo tipo de luminosidade. Os mapas de calor que transformam o ambiente vivido em um alvo do Estado e deprimem as proteções

⁶² Simone Browne desenvolve este assunto no capítulo “Torches, Torture, and Totau: Lantern Laws in New York City” (p.173 a 148), em **Dark Matters: On the Surveillance of Blackness** (2015)

constitucionais de pessoas que vivem em condições de "alto índice de criminalidade" (FERGUSON e BERNACHE, em SCANNELL, 2018, p. 8 e 9)⁶³

Vale lembrar ainda que a palavra fotografia se alimenta do prefixo 'photo', que é luz, em grego, e, portanto, numa acepção muito simplista, poderíamos, no mínimo, admitir que fotografia é uma escrita com luz. Neste sentido, interessa perceber que, no ambiente da comunicação digital, as postagens de fotografias são espécies de luzes que se inscrevem no espaço público. Se o cinema descobriu que eram os seus 24 fotogramas por segundo que o aproximavam do movimento como o percebemos no que chamamos de real em nossa cognição, a comunicação na internet reconheceu que extrapolar a quantidade de fotogramas por segundo seria capaz de produzir uma outra percepção da realidade comunicacional.

Expostos a incontáveis microcenas por nanossegundo, a percepção do tempo, do movimento e da informação, foi implodida por uma nova física. Uma física estroboscópica da comunicação. Um ambiente *photofilico*. A comunicação digital é, neste sentido, uma *photofilia*, uma obsessão pela luz. Um ambiente *photofilico*, sugerimos aqui, se trata daquele que se nutre de luz em nome da pura exibição, e que subjetiva sujeitos apaixonados pela luz. Esse *pathos* do *photos* retrata um fato: gera o excesso de luminosidade que cega e impede o sujeito de se reconhecer em meio à comunicação expositiva e hiperiluminada das redes sociais.

Se, quando estamos no escuro, voltamos a procurar nossos corpos, a nos tocar, e a apalpar o espaço para nos perceber nele, se no escuro nos voltamos para nós mesmos, sob a luz, pelo contrário, não requeremos a confirmação do toque que constata a nossa presença. Nesta espécie de regime hiperiluminado no qual as plataformas de comunicação digital se

⁶³ Police tactics have not changed much. We may not call them "Lantern Laws" anymore, but NYPD's "Omnipresence" strategy positions police floodlights in and around "high crime" neighborhoods so that the police can see, can "know," when and where people of color move about the city. The designation of "high crime neighborhood" is itself a certain type of luminosity. The heat maps that transform the lived environment into a state target, and depress the constitutional protections of people living under conditions of "high crime" (Ferguson and Bernache 2008). Disponível em: https://academicworks.cuny.edu/gc_etds/2571/

transformaram, sem poder conviver com as sombras simbólicas que nos contrastam, parece termos nos abstraído de nossos corpos, nos despojando da percepção do corpo e nos forjando enquanto projeções ilusórias.

Precisamos de espaços de escuridão para nos livrarmos do confinamento nostálgico⁶⁴ da luz. Parece ser na comunicação por telas que a promessa bíblica de que o sol brilhará para todos, e que a redenção vem pela luz, mostra sua face diabólica. Afinal, Lúcifer⁶⁵ é o nome do anjo detentor da luz. Lúcifer seria, então, o elemento portador da luz, que pode carregá-la e, portanto, te manter na escuridão, ou, na leitura que propomos aqui, confiná-lo à luz.

Nos lembrar que luz nem sempre é vida pode ser fundamental, num ambiente de obsessão por ela; importa saber que o sol aquece, mas também queima, que a luz permite ver, mas também cega, que ela vitaliza e revigora, mas também desidrata, que ela faz fotossíntese, mas também evapora e volatiliza. E cabe ainda lembrar que a sombra permite o descanso e a contemplação do entorno. É preciso voltar a elogiar as sombras⁶⁶.

É preciso pleitear uma física preta⁶⁷, na qual o negrume da escuridão seja valorizado. É preciso devolver ao olhar à experiência deste caso particular de visão, que é o escuro.

Pornográfica é a *luz* das telas quando arranca as sombras de nossa subjetividade, absolutamente expostas agora. Quando devora nossos rostos no escuro, esta iluminação de janelas digitais que invadem nossas faces e afetos, antes mesmo dos raios de sol atravessarem as cortinas das janelas de nossas casas, fazendo dos olhos e olhares que serviram um dia para capturar a luz e traduzi-la, agora servos capturados por ela. Quando a luz, física ou simbolicamente, rastreia nosso olhar e o direciona, o dirige, o domestica, o mantém no passado do olhar, portanto conserva o olhar em visualidade

⁶⁴ Menção ao documentário **Nostalgia da Luz** (2010) do diretor Patricio Guzmán

⁶⁵ O substantivo Lúcifer (portador da luz) vem da junção das palavras em latim *lux* (luz) e *fero* (carregar).

⁶⁶ Menção do título **Elogio da Sombra** (1933), de Junichiro Tanizaki, escritor japonês cujos textos são conhecidos por serem considerados de forte caráter sexual e erótico. Neste título, ele explora a importância da sombra nas arquiteturas japonesas.

⁶⁷ Menção ao livro de Michelle M. Wright, **Physics of blackness: Beyond the middle passage epistemology**. University of Minnesota Press, 2015.

conservadora. Esse modo de visão, reduzido à visualidade, interessa a quem manipula a comunicação. Precisamos devolver aos olhos o poder das folhas, cuja luz do sol, a traga e a traduz⁶⁸.

Luz, câmera, não aja! Dissimule!

É pornográfico um mundo hiper-iluminado pela claridade branca, que varre e lava os espaços higienicamente, jogando no lixo todo e qualquer escuro, descartando as sombras e o negrume. Submetido a flashes estroboscópicos, o tempo da cena é capturado e determina a velocidade dos movimentos, fazendo deles gestos retardados e interrompidos. A luz estroboscópica picota a ação, fragmenta o ato, interrompe temporariamente o acontecimento do gesto. É da ordem da estroboscopia a velocidade com que os flashes de notícias nos bombardeiam todos os dias, causando vertigem e impossibilitando o tempo da leitura, da reflexão e do olhar. São notícias para visualizar.

A luz midiática é uma luz pré-fabricada, não é como a luz teatral, que se gesta junto a uma cena, que é concebida para iluminar cada ação, que é uma luz criada para cada contexto. A luz pré-moldada da comunicação pornográfica é modelar, submete cenas distintas a um mesmo foco, já afinado previamente. Não é uma afinação para valorizar o objeto em cada cena, senão uma afinação em detrimento de revelar o que interessa aos veículos a partir de seus interesses comerciais e mercadológicos.

Refém da luz midiática, o pensamento crítico precisa revirar o monturo que se empilha diante de nós a cada instante, em busca das *sobras das sombras*. Lá, no chorume do que foi iluminado pelos interesses do mercado, reside a sombra contemplativa da leitura crítica, que requer o olhar de um catador especializado nas materialidades preciosas que as matérias jornalísticas amontoaram.

⁶⁸ Menção a canção **Luz do Sol** (1985) de Caetano Veloso, que inicia assim:

Luz do sol

Que a folha traga e traduz

Em verde novo

Em folha, em graça, em vida, em força, em luz...

Velar, revelar, desvelar

Sucedem que a descrição fenomênica à qual esta dissertação se dedica a formular uma leitura, só se sabe dela por uma mediação, sendo que a notícia jornalística é sempre uma operação que faz um outro nível do jogo de revelar e esconder. Jogo do qual a própria cena já se vale. Queremos, com isso, dizer que, ao dar uma notícia de uma obscenidade política, por exemplo, o modo como a matéria jornalística é formulada faz uma espécie de desobscenização/pornocratização da cena, porque uma notícia jornalística sempre revela uma coisa e esconde outra. Sempre ilumina, ao seu modo.

Aqui, o leitor pode estar se perguntando se, na verdade, esta última afirmação não caberia para tudo na vida; afinal, nunca sabemos de fato o que é um objeto, se não a partir da nossa limitada percepção sobre ele, e sendo assim, sempre é a percepção uma experiência que revela algo deixando outro algo velado no objeto percebido. Sim, é verdade, mas aqui chamamos a atenção para o motivo pelo qual, no jornalismo, numa cena, é revelado um pedaço em detrimento do velamento de outro aspecto dela, que fica na penumbra, e a hipótese com a qual estamos trabalhando é que, quando o critério deste jogo de velamento e exposição acontece imbuído por critérios mercadológicos e de interesse comerciais, estamos então falando de uma comunicação com traços pornográficos.

Ou seja, são pelo menos dois os níveis de descrição de uma cena pornocrática, porque a essas cenas precisamos agregar o entendimento de que entramos em contato com elas por representação, ou seja, por um modo como elas foram iluminadas, sombreadas, editadas, recortadas e retocadas. Sabemos que o ato pornográfico exhibe muito, mas não tudo, imagine, então, a descrição ou relato jornalístico de uma cena que nunca testemunhamos. É preciso se atentar a esta articulação de uma dupla operação, pois são dois níveis de descrição que se sobrelavam e se perpassam, um no outro. Temos ciência de que este trecho ficou demasiado filosófico, mas nos esforçaremos para explicar, pois nos parece bastante importante não perder de vista esta operação.

Repare bem nestas perguntas a seguir: quando a pornografia denuncia o que ela, de fato, fez ou faz? Quando ela mostra o que ela esconde? Não esqueça que o esforço deste texto é lembrar que a pornografia não é exatamente o que tudo exhibe, mas que ela, ao dissimular tudo mostrar, esconde algo; no mínimo, sua lógica, pelo menos, sua razão de ser. Sendo assim, a exibição pornográfica, ao exibir “tudo”, ao iluminar “tudo”, ao revelar, denuncia o que ela está escondendo: seus velados interesses sombrios.

No jornalismo, isso se dá numa operação perversa, em pura comunicação pornográfica, que considera ingênua, diríamos, quase infantil, a leitura do seu público, e, por isso, vamos nos valer aqui de uma imagem pueril para exemplificar o que estamos dizendo: quando uma criança pequena quer mentir, esconder, fingir que não pegou certo objeto que, de fato, pegou, ela, com as mãos para trás do próprio corpo, escondendo tal objeto, ao ser indagada se está escondendo algo, nega veementemente. Porém, a posição óbvia de colocar as mãos para trás, mesmo que bem escondidinho entre os dedos, de modo a não nos deixar enxergar o objeto escondido, mesmo assim, sabemos, por sua postura corporal, que esconde algo. Ou seja, não importa exatamente que objeto se esconde, mas o próprio fato de estar escondendo coloca o corpo numa posição que o denuncia. Esta imagem é a imagem da comunicação pornográfica, obviamente sem o elemento ingênuo e pueril que nos faria achar graça, mas, ao contrário, com a perversão astuta que considera a ingenuidade do sujeito e subestima sua leitura crítica.

Um recente evento jornalístico parece elucidar bem nossa questão aqui apresentada.

Em meio a uma das fases mais agudas da crise sanitária instaurada pela epidemia do novo Corona vírus, os principais jornais do país publicaram um anúncio⁶⁹ pago sobre um suposto tratamento precoce contra a Covid-19. No anúncio, um grupo de médicos, intitulados de Associação Médicos pela Vida, usaram informações falsas para defender um tratamento ineficaz e sem comprovação científica contra a Covid-19. O informe publicitário negacionista estampou-se nos jornais O Globo, Folha de São Paulo, Estado de Minas, Jornal

⁶⁹ <https://www.poder360.com.br/midia/jornais-publicaram-anuncio-pago-de-tratamento-precoce-contracovid-19/>

do Comercio, Zero Hora, Jornal Correio, Correio Braziliense e O Povo. Ao aceitar publicar uma informação que atenta contra a vida, os departamentos comerciais dos veículos atestam, não somente a já conhecida separação entre o critério editorial e o departamento comercial dos veículos, mas descortinam algo bem maior: que o critério editorial está à mercê e refém dos interesses de mercado, mesmo quando isso atenta contra a vida. Aceitar que um anúncio publicitário de meia página, em defesa de um suposto tratamento precoce, que é uma informação falsa e que é um atentado contra a vida, seja divulgado nas versões impressas, vela, mas também revela muito mais do que suspeitam esconder os editoriais. Eis aí um jogo de luz e sombra ao qual precisamos nos desvelar, ou seja, nos alertar e ficarmos vigilantes, pois este jogo se torna invisível num piscar de olhos.

O que esconde e se revela nesta obscenidade jornalística? No mínimo, se dá a ver que aqueles que se colocam em cena, defendendo a vida, numa redação jornalística, por vezes suas matérias acabam por “encenar” no proscênio do palco midiático performances de preocupação em combater a desinformação por exemplo, quando aqueles que determinam as relações comerciais só estão comprometidos com isso, literalmente, até a página 2, pois, se a página 3 for um espaço de publicidade, aí é o logos *obcenus* que age, e nele, vale tudo, pode entrar, inclusive, uma propaganda assassina, que vende e mercantiliza a morte, contradizendo todo o esforço de uma redação realmente comprometida com o cuidado da informação.

Numa Pornocracia, a ética da comunicação se rende ao logos pornográfico, é da ordem da prostituição, se vende obscena e absolutamente quase tudo, os limites são cada vez menores. Cabe trazer Kant na formulação que faz sobre o princípio da dignidade em seus **Fundamentos da Metafísica e dos Costumes (1785)** ao dizer que tudo pode ser comprado, exceto aquilo que é digno⁷⁰. Cabe reconhecer que, na Pornocracia, cafetinar a dignidade cabe como prática explícita, que, aliás, se vela no vórtice de flashes vertiginosos de informações, que causam enjoo e dificultam a leitura. Para muitos de nós, ler

⁷⁰ A frase de Kant é: “Tudo tem ou bem um preço, ou bem uma dignidade. O que tem um preço pode ser substituído pelo seu equivalente; em compensação, o que não tem preço, nem, portanto, equivalente, é aquilo que possui uma dignidade. Em Immanuel Kant, *Fondements de la métaphysique de mours*, 1785, Paris, Garnier-Flammarion, p.116. Edição portuguesa: *Fundamentação da metafísica e dos costumes*, Lisboa, Edições 70, 2011.

em alta velocidade dá ânsia, pois, ao corpo, algumas experiências produzem desconforto e recusa, mas, nem sempre quem dirige está disposto a reduzir a velocidade, muito menos a frear, quem dera parar de seguir o caminho que se planejou a traçar.

São dos tempos obscuros de excesso de luz que se serve a *Pornocracia*.

Opacidade da transparência

No livro **Black Transparency** (METAHAVEN, 2014) a citação de Clare Birchall alerta para o fato de que não vivemos em uma era da transparência, mas, sim, da defesa da transparência. E, como se pode reconhecer, a transparência passou a ser encarada como uma forma de moralidade cívica. Evgeny Morozov⁷¹ alerta que tudo passou a ser cívico, até mesmo os carros da Honda são “*civic*”. Agora atada ao falso discurso de segurança pública, a moralidade da transparência revela seus traços pornografizantes.

A transparência neoliberal transfigura-se não somente num “fácil de ver através”, mas numa transparência opaca, num inimigo combativo da privacidade e do segredo, quando se sabe que o segredo, na política, é muito mais antigo que a nova moral da transparência. Figuras como Edward Snowden, Chelsea Manning e Julian Assange fraturam a falsa moral da transparência porque são translúcidos demais. Ao serem criminalizados e transformados em terroristas por cumprirem justamente o que o discurso neoliberal louva como moralidade (a transparência), o paradoxo moral se revela, ou seja, enquanto Snowden é caçado, Manning é criminalizada e Assange é preso, todos por tornarem públicos fatos ocorridos, empresas e governos se valem da opacidade para gerir corpos.

Quando conhecemos o aparato freudiano, sabemos que os humanos não são transparentes nem consigo mesmos, pois o corpo não funciona assim, mas justamente ao contrário. Segundo Freud (1929), o *eu* nega e reprime justamente o que o inconsciente deseja e afirma. É, com efeito, esta falta de clareza e de transparência do si mesmo a lógica que sustenta a existência neurótica do

⁷¹ Evgeny Morozov é um pesquisador e escritor bielorrusso, estudioso das implicações políticas e sociais do progresso tecnológico e digital

sujeito.

De qual transparência exatamente estamos falando, senão de uma transparência pornográfica, aquela que simula uma nudez espontânea diante de seu público, através do mecanismo da obscenidade? Esta “*black transparency*” (uma transparência não transparente, porque escura) parece ser o modo comercial que o neoliberalismo encontrou de maquiagem com opacidade a completa invasão que agora realiza, não só no comportamento, mas na subjetividade de cada um de nós. Compramos o discurso da transparência como sendo a garantia da segurança, pois a hipocrisia flagrante é mais difícil de ser vendida. Ou seja, o obsceno, este obscuro da cena, este *b(l)ackstage*, vem ao proscênio maquiado de cena, e agora roteiriza os enredos biopolíticos na comunicação neoliberal.

Methahaven ainda nos lembra que, em 1851, o Crystal Pallace é inaugurado, em Londres, gerando grande impacto e influenciando a arquitetura, o design, a arte e outros campos. A modernidade, anunciada simbolicamente através de uma arquitetura de vidro. Um palácio transparente, no qual, antes de entrar, você já tinha conhecido o seu interior. Uma arquitetura que não reservava nenhum erotismo, pois exibia seu interior para fora em pura exposição aclamada como sinônimo de progresso. Sem promessas, sem imprecisão, sem mistérios a serem revelados, este pode ser um marco que espalhou a metáfora do vidro como subjetivação de um sujeito da transparência. A vida moderna que todos desejavam, conquistada através da claridade e exposição do seu interior. Talvez este seja um marco importante para o nascimento da sociedade da transparência⁷².

No Brasil, em Curitiba, capital do Paraná, uma das influências do Crystal Pallace se materializa. Em 1992, em uma versão moderno-barroca e euro-tropical, a Ópera de Arame, um teatro transparente, pretende revitalizar, através da sua intervenção arquitetônica, um parque municipal com pedreiras desativas, abandonadas pelas empresas que literalmente explodiram aquela topografia, ao dinamitar o seu solo em busca de minérios. Ironia, cinismo e perversidade ofuscados no discurso da *revitalização* (um devolver à vida que foi tirada) de um espaço, e para isso, esconder o estrago feito com uma arquitetura transparente. Literalmente, uma transparência construída para esconder.

⁷² Referência ao título de Byung-Chul Han *Sociedade da Transparência* (2017)

Foi nesta mesma Curitiba que o Juiz Sergio Moro, ex-ministro da Justiça de Bolsonaro, se celebrizou com a, digamos, “transparência” excessiva, quando enviou para a mídia, gravações protegidas pela lei, que deveriam ser mantidas secretas - o que se tornou marca de sua atuação, inclusive ao abandonar o governo Bolsonaro, em abril de 2020, quando seguiu imediatamente para a imprensa e entregou suas conversas de WhatsApp, para expor as intimidades com o seu ex-chefe, mostrando, assim, a força de sua tática pornográfica na tentativa de usá-la como antidoto ao regime pornocrático: revelar as entranhas, mostrar os interstícios e esgarçar as filigranas da Pornocracia:



As acusações do ex-ministro da Justiça Sérgio Moro contra o presidente Jair Bolsonaro estão respaldadas em provas documentais. Troca de mensagens de WhatsApp obtidas pelo jornal O Estado de S. Paulo mostra que o presidente citou reportagem sobre uma investigação envolvendo deputados bolsonaristas como motivo para demitir o então diretor-geral da Polícia Federal, Maurício Valeixo. A mudança no comando do órgão provocou a saída do ministro do governo.



CUIDADO
O que os donos ignoram em um cachorro e que pode ser uma alergia grave veja agora >>>

Assine a nossa newsletter

Digite seu endereço de e-mail para acompanhar as notícias diárias do Correio Braziliense.

INSCREVA-SE

Ao se utilizar de mecanismos obscenos, o juiz Sergio Moro conseguiu pornografizar a justiça e espetacularizar o julgamento daquele que, segundo autores como Domenico de Masi⁷³, Noam Chomsky⁷⁴, Boaventura de Souza Santos⁷⁵ entre outros, foi o maior líder político da história recente do Brasil.

Um espetáculo operístico e opacamente transparente, ou seja, uma transparência para escurecer as evidências, forjado na articulação entre pornografia, política, justiça e comunicação. Uma ópera deste tipo de transparência, que se materializa numa arquitetura política na mesma cidade na qual um dos pontos turísticos mais importantes é um teatro de vidro.

Ao receber o apelido de Morolândia, através de diversos posts midiáticos e, sobretudo, nas hashtags nas redes sociais, através de seus usuários, fazendo alusão ao sobrenome do Juiz Sergio Moro, Curitiba se torna símbolo de um lugar onde a brincadeira e a diversão perversa institucionalizam seus fetiches em pura Pornocracia. Este fato nos alerta ainda para o fato desta política econômica da comunicação responder agora à lógica de uma teatocracia (HAN, p.22, 2017), cujo valor de exposição, espetacularização e venda não se sustentaria sem a produção do seu público consumidor – o perverso-puritano, que encontra neste contexto, espaço para manifestar os seus traços sádicos e seus fetiches de impulsos denegados. Daí a relevância de entender os dois eixos fundamentais desta pesquisa: a produção de um sujeito pornográfico e de uma política pornológica na comunicação, que o subjetiva fundando uma Pornocracia.

Mocinhos da Democracia, Vilões da Pornocracia

Julian Assange é o fundador do Wikileaks. Ele tornou públicas informações secretas, e agora está preso. Usou a translucidez como desobediência e rebeldia à ditadura da transparência. Fez do translúcido uma

⁷³Professor-emérito de sociologia do trabalho da Universidade La Sapienza, de Roma: <https://www.redebrasilatual.com.br/politica/2019/04/lula-e-o-mais-importante-lider-politico-do-mundo/> consultado em 20/02/2020

⁷⁴Noam Chomsky, linguista, filósofo, sociólogo, cientista cognitivo, comentarista e ativista político norte-americano: <https://www.redebrasilatual.com.br/blogs/blog-na-rede/2018/10/chomsky-relata-visita-a-lula-o-mais-proeminente-presos-politico-da-atualidade-1/> consultado em 20/02/2020

⁷⁵Boaventura de Sousa Santos: Professor Catedrático Jubilado da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra: <https://www.facebook.com/Lula/videos/sociólogo-português-boaventura-de-sousa-santos-relata-visita-a-lula/511868072558170/> consultado em 20/02/2020

ética e não operou na moral da transparência opaca que serve ao controle do que deveria ser visível. Nos é dito que, ao esconder nossos dados, somos reconhecidos como potenciais terroristas; ao expormos os dados escondidos pelo governo que interessam a todos, somos tratados como terroristas, ou seja, a moralidade cívica da transparência não se estende ao Estado, que pode manter privacidade e segredo, mas somente ao sujeito pornográfico, a quem cabe agora, como seu dever cívico, expor tudo.

WIKILEAKS LIBERA TODOS OS DOCUMENTOS SECRETOS APÓS PRISÃO DE JULIAN ASSANGE



O fundador do WikiLeaks, Julian Assange, foi preso nesta quinta-feira (11) pela polícia britânica na embaixada do Equador, em Londres, onde estava refugiado desde 2012; horas depois da prisão, o Wikileaks liberou o acesso a milhares de documentos governamentais e de empresas

11 DE ABRIL DE 2019 ÀS 22:14

I

N

T

E

R

V

A

L

O

COMERCIAL

A moral da transparência também já alcançou o discurso publicitário e, não por acaso, as instituições bancárias. Numa recente publicidade⁷⁶ do Banco Santander, diversas vozes solicitam o CPF de um suposto cliente, que não tem voz e nem imagem no vídeo, até que surge uma outra voz, que fala diretamente com quem está assistindo: “Tem muitas empresas até lucrando com os seus dados. Por que só você não está ganhando nada com isso?”

A publicidade diz, ainda, que somente neste banco o cliente tem acesso aos dados que o banco tem de cada cliente, e a propaganda termina com a pergunta que faz triunfar a moralidade do nosso tempo: “Como a gente pode ser mais transparente hoje?”. O Santander apenas não expõe os dados, mas os toma para uso privado, para lucrar com eles, e acha que é uma posição honesta contar que faz isso, enquanto seus pares não contam. É uma espécie de culpa moral, com a justificativa “a gente pelo menos te conta, enquanto os outros bancos, não”, como se este tipo de transparência fosse uma posição ética, quando serve para sustentar a moral da transparência escura, que regula e controla a comunicação.



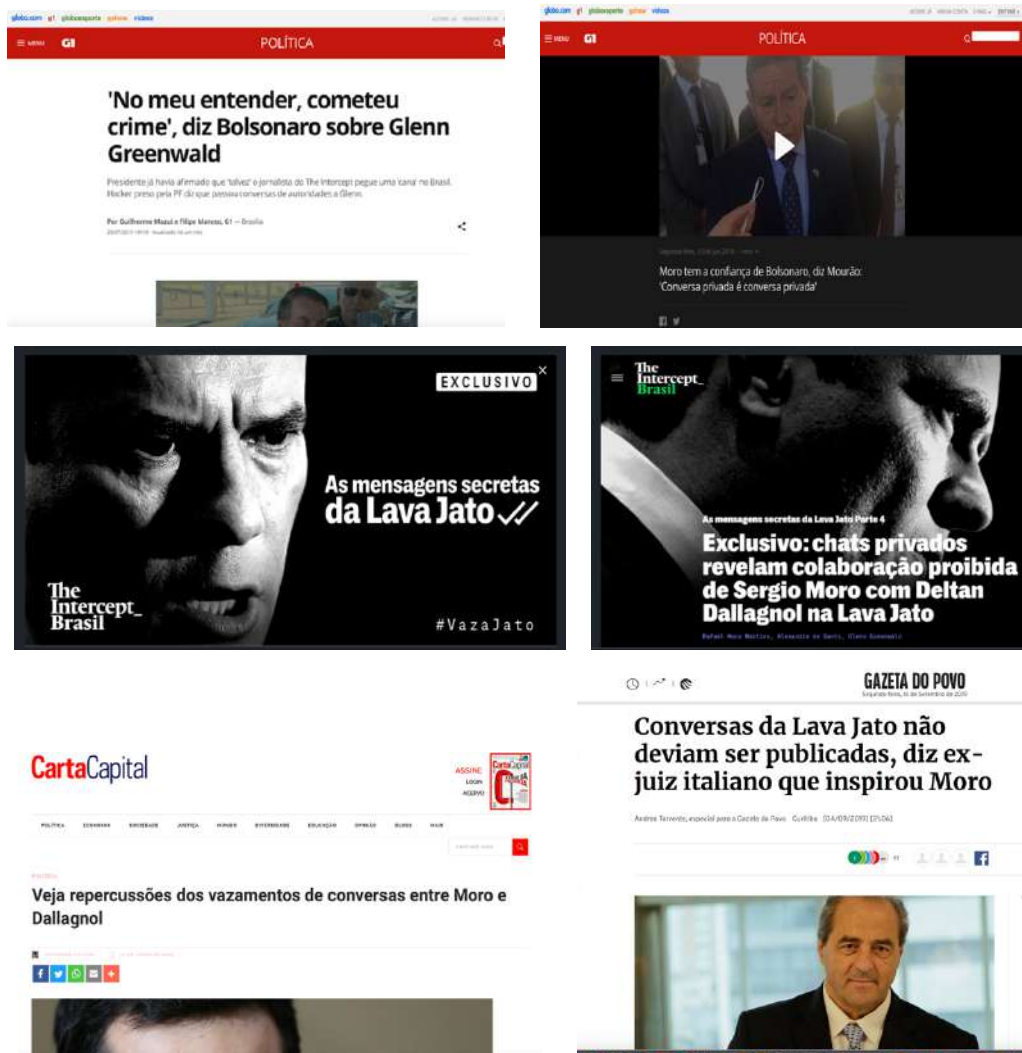
É um tipo de transparência da transparência, justamente a operação que a torna opaca, na qual o banco se utiliza da associação entre transparência e honestidade. Ou seja, já que seus dados privados se tornaram transparentes, você também deve lucrar com isso, não somente as empresas que os usam. É a tentativa de monetizar a moral da transparência numa ética do “jogar limpo”. Ética da honestidade e moral da transparência eclipsadas em um jogo publicitário que intenta transformar valores em produtos bancários.

⁷⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=r4YRAEdMHVw> consultado em 20/02/2020

Em julho de 2019, o jornal The Intercept golpeia a Pornocracia com a pontiaguda transparência hacker. Mais uma vez, aquilo que era secreto veio a público, excitou os ânimos e subiu a temperatura dos debates. Só em 2021, o STF analisou as denúncias decidindo pela suspeição do Juiz Sergio Moro, cuja parcialidade estava exposta desde a publicação da matéria. Antes da decisão judiciária, o evento produziu espetáculos midiáticos, pautou a imprensa mundial, ou seja, nesta sociedade do espetáculo (DÉBORD, 1967), continuamos a dançar obedientemente a coreografia social (HEWIT, 2005), e estamos reféns dos papéis e das narrativas dos enredos pornográficos compostos pelos dramaturgos⁷⁷ e coreógrafos oficiais do estado, até que decidam dar um desfecho a cena. É como se o excesso de dissimulação e representação estivesse nos desabilitado a reconhecer quando aquilo que costumávamos chamar de verdade aparece. Na Pornocracia, a *verdade nua* se esconde em nome de uma “ética da vergonha” (GIACOIA JUNIOR, 2018), enquanto o falso performa no figurino da moralidade.

Neste enredo teatrocrático (nesta ditadura de dissimulações), os personagens podem sofrer a inversão de seus papéis, assim como ocorreu com o jornalista Glenn Greenwald, responsável por revelar as conversas do então juiz e ex-ministro Sergio Moro e do procurador da operação Lava Jato, Deltan Dallagnol. Assim como Manning, Assange e Snowden, Glenn Grenwald se tornou um vilão, foi criminalizado por aqueles que se entendem, na *Pornocracia*, como um poder soberano.

⁷⁷ No caso do Brasil, não é uma vaga metáfora, basta lembrar o fato de Roberto Alvim, dramaturgo e diretor teatral ter se tornado cargo de confiança do presidente, não por experiência administrativa, mas por ter demonstrado sua capacidade de atuação pornográfica. Alexandre Frota e Roberto Alvim parecem se misturar neste ponto, em suas capacidades de atuar pornologicamente. Ambos já desligados do atual governo, mas personagens que marcaram o roteiro desta história de tal modo que ela não poderá ser contada sem eles.



Pornografia como racionalidade comunicacional

LAZZARATO (2017) chama a atenção para o fato do neoliberalismo utilizar-se do mecanismo da dívida como estratégia para cultivar uma sociedade de maioria de devedores e minoria de credores, através de políticas que dão acesso ao crédito como um direito a contrair dívidas, um sistema que não dá aumento salarial, mas estimula os contratos de previdências privadas, retira a seguridade social e oferece a contratação de seguros de vida, tira a saúde pública e oferece os planos de saúde particulares, não dá direito à moradia, mas libera empréstimos imobiliários e etc. O autor toma como exemplo o sistema de endividamento dos programas de financiamento das universidades norte americanas e da produção de uma geração de sujeitos que iniciam sua vida

profissional como sujeitos endividados. No Brasil, com o FIES⁷⁸ (fundo de financiamento estudantil), esta situação se reproduz, em matéria publicada em dezembro de 2019 na revista Época os dados são alarmantes, são 584 mil jovens endividados devem ao país 2 bilhões de reais.

O documentário **Darknet** (2017)⁷⁹ conta a trajetória de Allie Eve Knox, uma trabalhadora sexual que se exhibe diante das câmeras em chats sexuais realizando fetiches (os fetiches são mais bem remunerados, ela explica), e recebe seus pagamentos em bitcoins. Allie relata que iniciou seu trabalho de prostituição *on line* para pagar as dívidas contraídas nos financiamentos de sua graduação e mestrado. Em Allie, um complexo entretencimento pornológico se formula, ao explicitar uma subjetividade que se utiliza de sua economia libidinal para pagar a dívida que toda dádiva implica. O capitalismo pulsional, do qual depende a Pornocracia, fabrica sujeitos/objetos condicionados à prostituição em suas diversas formas, para além do seu consumo neurótico; o desejo concebido pelo consumidor perverso e sadomasoquista caracteriza a produção regulada pelo pornobiopoder⁸⁰.

Desde 2016, a plataforma digital Onlyfans atua na comercialização de conteúdos diversos, mas se consagrou como uma plataforma de conteúdos sexuais que “democratizou” a prostituição e a produção de pornografia, monetizadas para todos os tipos de corpos. Trazendo uma roupagem de rede social despojada, a plataforma tem conteúdos pornográficos desde atrizes de Hollywood⁸¹ e estrelas do pop⁸², até detentos de penitenciárias do México⁸³, permitindo um amplo espectro de ofertas e consumo de material pornográfico.

No ligeiro avanço do capitalismo, os corpos dissidentes dos padrões estéticos publicitários também podem e devem se tornar fetiches agora. O voraz

⁷⁸ Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/12/epoca-negocios-mec-muda-regra-do-fies-e-pode-cobrar-na-justica-584-mil-alunos-em-atraso.html>

⁷⁹ Documentário americano, disponível na plataforma Netflix, episódio **My_Money**, dirigido por Jeremy Siefer, veiculado em 2017.

⁸⁰ A partir do conceito do filósofo espanhol Paul B. Preciado, desenvolvido em seu livro **Texto Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**, São Paulo: n-1 edições, 2018.

⁸¹ <https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2020/08/bella-thorne-da-calote-em-usuarios-do-onlyfans-e-revolta-produtores-de-conteudo-erotico.shtml>

⁸² <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2021/02/04/anitta-cria-conta-no-onlyfans-site-que-ficou-conhecido-por-venda-de-nudes.ghtml>

⁸³ <https://extra.globo.com/noticias/page-not-found/detentos-burlam-lei-vendem-conteudo-erotico-em-plataforma-digital-24975019.html>

e faminto apetite do capitalismo, o mesmo que produz estigmas e estereótipos, faz ao contrário quando lhe convém, ou seja, agora desestigmatiza alguns tipos de corpos, porque estes passaram a ser um nicho com potencial a ser consumido e a se tornar consumidor. Os corpos não padrões agora também podem ser pornografizados, e de brinde, levam o falso discurso da liberdade, aceitação, diversidade e conquista de espaços na sociedade.

A Pornocracia parece ser um regime que "democratiza" o consumo de corpos, de modo que nenhum escape do mercado. Esta é operação justamente que impede os corpos de se emanciparem da posição de objetos pornográficos de consumo e se consumarem enquanto sujeitos eróticos.

Durante o isolamento social produzido pela crise sanitária do Covid 19, a plataforma se tornou um fenômeno e catapultou seu alcance, ultrapassando os 100 milhões de usuários⁸⁴, se tornando uma opção para muitos sujeitos prestarem seus serviços sexuais para obter recursos financeiros. Vale destacar, que, nesta plataforma, o entendimento de serviço sexual se ampliou, havendo depoimentos⁸⁵, por exemplo, de garotas que recebem dinheiro para cozinhar cookies e encaminhar os biscoitinhos por correio, após tê-los cozinhado numa performance picante e íntima por vídeo-chamada. A princípio, neste exemplo, pode parecer que a pessoa não fez sexo com o seu cliente, mas se a sexualização de contextos faz parte das fantasias das quais gozam subjetividades constituídas por traços perversos, talvez possamos admitir, então, que a escola de perversões na qual se tornaram algumas plataformas digitais, têm ampliado a própria noção do que é sexo, pornografia, mercado, produto, serviço e comunicação.

Nas últimas décadas, alguns autores têm se dedicado a ligar pornografia, eroticidade, sexualidade, gênero e economia. A exemplo do título **A Cidade**

⁸⁴ <https://olhardigital.com.br/2021/04/01/internet-e-redes-sociais/only-fans-atinge-100-milhoes-de-usuarios/>

⁸⁵ <https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,depois-que-o-porno-fica-chato-profissionais-do-sexo-buscam-alternativas,70003468622>

Perversa: Pornografia e Liberalismo, de Dany-Robert Dufour (2013), que propõe o reconhecimento da relação estreita entre as ideias da literatura de Marques de Sade e o liberalismo de Adam Smith, no Brasil podemos ter como exemplo o pensamento do antropólogo e historiador brasileiro Luis Mott que, em seu livro **Bahia: Inquisição e Sociedade** (2010), explica que, na inquisição do Brasil colonial e pós-colonial, não se podia queimar os sodomitas, especialmente os sodomitas fazendeiros, pois eram numerosos demais, e isto traria extremo impacto na economia brasileira daquele contexto.

Paul B. Preciado, em seu livro **Manifesto Contrassexual** (2015), lembra que, desde 1868, a sexualidade passa a ter grande relação com a economia, e sintonizou-se com o mundo liberal que estava em curso. Ou seja, neste novo mundo das indústrias produtoras, no qual o capital venceria e tudo haveria de ser quantificado, o sexo também deveria se enquadrar no critério das métricas capazes de medir o fruto do seu “trabalho” corporal, isto é, o sexo passaria a ser tratado enquanto atividade reprodutora apenas. A moralidade liberal transformaria a associação do sexo com o prazer num ato de desperdício e improdutividade, em ócio inútil, deixando de combinar com a moralidade do corpo produtivo e seus resultados quantificáveis. Daí, para passar a ser tratado como imoral, o caminho foi curto, de modo que todas as práticas sexuais fora do espectro heterossexual e cisgênero estariam condenadas por não atenderem à esta perspectiva ideológica.

O *logos* da pornografia que agora parece regular tantos aspectos da vida depende da produção de um sujeito específico: um sujeito pornocrático, cuja razão pornográfica age numa racionalidade pornológica. De acordo com Judith Butler (2018), não existiria sujeito sem atos de fala; para a autora, o enredamento subjetivo é demarcado, sobretudo na linguagem, e a linguagem constitui modos de perceber o mundo. Com esta hipótese, podemos pensar a comunicação pornológica à qual estamos submetidos, como um mecanismo pornoizante de produção de subjetividades. Não somente nas redes sociais, o sujeito se comunica performando sua exposição. O jornalismo, no Brasil, parece também responder a este tipo de pacto comunicacional agora. Após tanta obscenidade estampada em manchetes cotidianamente, após tantos anos de treinamento diante das telas, especializando-nos em expor nossas vidas íntimas, parece que um quadro comunicativo se desenha e emoldura a linguagem, pintando forte

nossa subjetividade da cor da transparência. É agora, com esta nova razão, que o sujeito se constitui, admitindo uma postura comunicacional que parece tornar a subjetividade transparente. É um raciocínio pornológico, que permite o obsceno ser encenado, que autoriza o vulgar ser trivializado, que sustenta a dissimulação como verdade, e que é incapaz de reconstituir a ética da vergonha sem confundi-la como moral.

Comunicação sem vergonha

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas... Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto... E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que a muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhe tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como ela... Também andavam, entre eles, quatro ou cinco mulheres moças, nuas como eles, que não pareciam mal. Entre elas andava uma com uma coxa, do joelho até o quadril, e a nádega, toda tinta daquela tintura preta; e o resto, tudo da sua própria cor. Outra trazia ambos os joelhos, com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas e com tanta inocência descobertas, que nisso não havia nenhuma vergonha.

(Fragmento da carta de Pero Vaz de Caminha, 1500)⁸⁶

Verecundia, em latim, é a origem etimológica da palavra vergonha, e significa respeito, pudor, timidez (MALKIEL, 1944). No grego, é a palavra *Aidos*⁸⁷, que significa vergonha, pudor, temor reverencial, compaixão, ou o que causa vergonha. Dufour (2013, p.18) nos lembra ainda que a palavra *Achtung*, em alemão, que significa perigo, atenção, alerta, cuidado, é utilizada mais de 300 vezes por Kant, em sua **Crítica da Razão Prática** e nos **Fundamentos da Metafísica dos Costumes**, e sugere que os termos são empregados para

⁸⁶ Disponível em: http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/carta.pdf

⁸⁷ Dicionário Grego-Português e Português-Grego, Braga: Livraria AI, 1998. [8ª edição]

significar o respeito aos outros.

Se, em latim, *Verecundia* está associada ao respeito; no grego *Aidos*, ao temor; e, em alemão, *Achtung* remete ao perigo, podemos concluir que, a princípio, **Vergonha** é um **afeto** que, ao se manifestar, não só **PROTEGE** o outro **através** do **respeito**, mas nos protege de algum perigo.

Neste sentido, a vergonha seria uma emoção que teria a função de proteger o sujeito de algum risco ao qual ele está exposto, como afirma o neurocientista Antônio Damásio (p.35, 2004), ao dizer que “até mesmo as emoções propriamente ditas o medo, a felicidade, a tristeza, a simpatia e a **vergonha** visam à regulação da vida, direta ou indiretamente”.

Dufour (2013) explica, ainda, que até pouco tempo, historicamente, a vergonha impedia que o gozo fosse exibido, não por moralismo ou puritanismo, mas porque, ao exibir o gozo, o sujeito estaria exibindo algo ao qual fica completamente entregue. Se está entregue, o sujeito está em pura vulnerabilidade e, portanto, precisaria confiar absolutamente nos que estão diante do seu gozar. Neste sentido, sempre interessa muito ao predador que o sujeito se exhiba em puro gozo, assim o preda sem resistência em sua débil vulnerabilidade.

Em que consiste o neoliberalismo hoje senão na compulsão sem vergonha de exibição do gozo? Sendo o *mais gozar a mais valia*⁸⁸ neoliberal, cada sujeito está instado a se regozijar ao exibir o seu estado de gozo.

O mercado é o abusador que explora o estado de gozo. Agora, este abusador mora em nossa casa, dorme em nossa cama, ou seja, ele também nos olha logo pela manhã pelo espelho quando escovamos os dentes, pois somos nós mesmos os abusadores de si, não obedecemos mais, somente, ao imperativo *você deve*, mas sobretudo, ao *você pode*⁸⁹.

É nas redes sociais que o sujeito ritualiza a exibição de seu gozo. Aliás,

⁸⁸ A *mais valia* é um dos pilares da teoria marxista, e um fator importante na manutenção da desigualdade. Refere-se à disparidade entre o valor produzido pelo trabalhador e a remuneração que ele recebe. Ele precisa trabalhar mais dias do que seriam necessários para produzir as mercadorias cujo preço de venda equivaleria ao seu salário. Para obter lucro, o empregador exige mais força de trabalho e paga menos ao trabalhador. Essa diferença é a *mais valia*.

⁸⁹ Em **Agonia de Eros** (2017), Byung-Chul Han formula: “O *tu podes* exerce mais coerção que o *tu deves*” p.24.

a doutrina à qual estamos submetidos dita que não se pode mais gozar de nenhuma experiência sem comunicá-la; a comunicação do gozar parece ser uma condição ao gozo. Pensando bem, parece ser no ato de comunicar que o sujeito supõe mais gozar agora, pois, ocupado em comunicar, não vive, de fato, a experiência que supostamente gozaria, pois está mesmo ocupado em transmiti-la, propagá-la, publicá-la, postá-la, e, ocupado disso, o sujeito não goza nela, com e na experiência, mas através dela, quando a exhibe.

Pornógrafo de si, o sujeito goza com os registros (fotos, vídeos e relatos) que comunicam a si mesmo e aos outros, que viveu algo que o satisfaz e lhe dá prazer.

O gozo compartilhado expõe o sujeito e o torna vulnerável, porque gozar é se entregar⁹⁰ a uma experiência cuja condição de participação é perder o controle. Se fosse cauteloso e arisco, o sujeito se entregaria apenas nas experiências íntimas, confiando nos que dela compartilham. Mas, domesticado e amansado, se esquecendo dos riscos, o sujeito age sem aquela emoção que o protegeria – a vergonha.

Expor-se em vulnerabilidade sempre permite ao sujeito selar pactos. Exibir-se em funcionamento pulsional, ou seja, em estado de gozo, manifestando aspectos de pelo menos três libidos⁹¹, seja sexual, seja no prazer por um conhecimento, seja pelo prazer em dominar algo ou alguém, estas exposições exigem ao sujeito exposto a selagem de pactos, porque toda exposição de um sujeito está suscetível a mostrar suas fragilidades. Todo pacto é passível de traição, mesmo por um suposto conhecido, imaginemos, então, dos que nenhum motivo temos para confiar. Se diz, daquele que não toma cuidado e mostra mais do que gostaria, de modo a se comprometer em público, que o sujeito “dá bandeira”. Sem *Aidos*, sem vergonha, agora corremos perigo, fincamos no chão a bandeira que demarca o território do reino pornográfico.

⁹⁰ Este assunto se desenvolverá da página 97 a 106.

⁹¹ Refere-se aqui as 3 libidos classificadas ao longo da história, a paixão dos sentidos da carne (libido *sentienti*), a do prazer em ter poder e dominar (libido *dominandi*) e o prazer em conhecer (a libido *sciendi*). Santo Agostinho (354 - 430 dc.) desenvolve esta análise no livro X das **Confissões**. Ela decorre em linha direta das concupiscências a que se referia o apóstolo João: a cobiça dos olhos, a cobiça da carne, e o orgulho da vida (Primeira epístola de João, 2:16) em **Confissões**, São Paulo, Nova Cultural, 1999.

Um mundo descuidado é um mundo sem vergonha, e um mundo sem vergonha é um mundo em risco.

Se, dentre tantos comportamentos, os hábitos comunicacionais nas redes sociais, também estão confinados ao reino da pur(t)a exposição, podemos admitir estas práticas como uma comunicação sem privacidade. Comunicação sem privacidade seria uma comunicação privada de sua instância privada. Isso mesmo, privada do privado, a comunicação se torna sempre divulgação. Refém da função de propagar, a comunicação fica escrava da propaganda. Logo, muito (ou quase tudo) dela, se torna publicidade. Esta não é uma brilhante constatação, dada a sua obviedade, mas talvez haja algo oculto no óbvio que mereça nossa atenção. Ainda mais quando, talvez o óbvio não esteja meramente oculto, mas ocultado, o que é bem diferente.

O fato é que a comunicação refém da condição de um regime publicitário se torna uma comunicação sem vergonha, no sentido grego, ou seja, uma comunicação sem o elemento do cuidado à sua própria vida, uma comunicação vulnerável, que, sem *aidos*, se torna anêmica, isca fácil ao seu predador - o capitalismo.

Há muito não se pode falar apenas em comunicação, senão, em capitalismo comunicacional (PRADO, 2019), ou em economia política da comunicação (BARBERO, 2010), pois as políticas econômicas e as economias políticas que regulam a comunicação agem predatoriamente na vida ética do ambiente comunicacional.

Se os veículos e suas linhas editoriais, por vezes, se vendem aos critérios publicitários⁹², se são os anunciantes que há muito definem a distribuição dos espaços numa edição, alterando o que, e como se comporta a comunicação nos veículos jornalísticos, e se os sujeitos não mais se incomodam com a comunicação e exposição de seus conteúdos íntimos, que se tornam dados indexados para transações comerciais de grandes corporações, aliás, se estes sujeitos agem voluntariamente como veículos comunicacionais orientados por critérios publicitários, anunciando-se em posts em diversas plataformas digitais, propagando-se comercialmente para serem

⁹² Lembramos ao leitor do exemplo dos anúncios realizados pela Associação Médicos pela Vida citado na página 69.

consumidos como desejam, talvez tenhamos a ressonância destes dois ambientes comunicacionais (o dos veículos oficiais e o dos perfis individuais de cada sujeito), numa sintonia sem vergonha, que poderíamos denominar de comunicação pornográfica.

Desaparecer de vergonha, vergonha de desaparecer

No mundo patriarcal em que vivemos, pelo menos até aqui, por questões que felizmente hoje são problematizadas e se deslocam, ainda que lentamente, na sociedade, as meninas foram sempre educadas a serem mais discretas, portanto, condicionadas a sentirem mais vergonha. Sentir vergonha é um sentimento que nos insta a desaparecer. Através de uma moral sexista, elas foram “envaginadas”, orientadas ao seu interior, a uma vida uterina, privada, invisível, silenciosa, mas, sabemos hoje, essa situação vem passando por profundas transformações.

Já os meninos, foram sempre estimulados a serem mais expansivos, a propagar-se no espaço, a se esgueirar ocupando e marcando território, ensinados a aparecer, sendo cobrados quando tímidos ou discretos, e são treinados a não sentir vergonha, ao contrário, a se orgulhar no ato de mostrar-se.

Se o elemento externalizante, aquilo que se mostra e aparece pra fora, é o ingrediente fálico e se liga à construção biocultural⁹³ (FROST, 2016) do elemento macho, que na construção da *natureza cultural dos corpos*⁹⁴ está ainda refém de um mecanismo machista, e se, a economia libidinal e a política da comunicação neoliberal instam o sujeito a exhibir seu desejo de consumo e seu gozo, podemos concluir, então, que a comunicação sem vergonha responde precisamente a um aprimoramento do mecanismo patriarcal. Este mecanismo não depende somente de um sujeito sem vergonha que exhiba suas intimidades, mas que ostente a sua exibição, que se orgulhe ao mostrar as informações que consome, informações estas, que se tornam, neste

⁹³ FROST, Samantha. **Biocultural creatures: Toward a new theory of the human**. Duke University Press, 2016.

⁹⁴ Menção a artigo homônimo de GREINER, Christine; KATZ, Helena. “A natureza cultural do corpo”, em **Lições de dança**, v. 3, n. 1, p. 77-102, 2001.

mecanismo, dote fálico que alimenta um valor moral do querer se fazer aparecer através das informações que comunica na busca do poder. Mostrar tudo para instituir algum poder, colocar tudo para fora das calças - eis o mandamento supremo da comunicação sem vergonha.

É assim que o sujeito se aparece hoje - dando notícia que leu a notícia. Usando o tempo que precisaria para, de fato, se informar, para informar aos outros que está informado. Os botões curtir e compartilhar, nas plataformas digitais, se resumem basicamente a isso, a dar notícia que tomamos notícia, quando, na verdade, mal lemos a manchete. Esta prática passa a ser a amostragem fálica do sujeito da comunicação sem vergonha, esta que não comunica, que não informa, pois está ocupada em contar que o faz, por isso mesmo não conclui seu suposto objetivo, então, apenas dissimula comunicar. Neste regime falocrata ao qual está submetido, cada sujeito, agora, esburaca a comunicação, querendo fazer algo, como o famigerado furo jornalístico, impelido a contar ao outro, o mais rapidamente possível, que está sabendo de algo, que está antenado e por dentro. É o sujeito que não teme sua ignorância, teme apenas que os outros saibam que ela existe. É o sujeito obsessivo por informar que está informado e que tem fobia da não informação. É o sujeito da FOMO⁹⁵ (*fear of missing out*), síndrome psicopatológica que afeta milhares pelo mundo, causando sofrimento, ansiedade e medo.

Os fatos históricos nos ajudam a lembrar que, numa época na qual o exibicionismo não era a lei, as fobias já foram outras. Era comum se envergonhar e ter ruborização facial, e ainda, passou a ter nome um sintoma que consistia na fobia de sentir vergonha de ruborescer. Eritrofobia foi o nome dado ao pânico do rubor facial, sintoma identificado em meados do século XIX, segundo autores da psicologia⁹⁶.

A denominação fobia social tem provavelmente sua primeira aparição nos trabalhos de Pierre Janet, mesmo que de forma marginal. Dentre as fobias

⁹⁵ FOMO (*fear of missing out*), em português, algo como "medo de ficar de fora", se caracteriza por uma necessidade constante de saber o que outras pessoas estão fazendo, pela necessidade constante em se atualizar nas redes sociais, durante a noite, no trabalho, durante as refeições, ao dirigir, etc, gerando ansiedade, entre outros sintomas.

⁹⁶ No século XIX, JL Casper (cf Pelissolo e Lepine op.cit) descreveu um caso clínico num livro que se tornaria célebre - **Biographie d'une idée fixe** - de um jovem cuja vida girava em torno do receio de enrubescer em público.

definidas por este autor como situacionais (as demais seriam fobias corporais, fobias de objetos e fobias de ideias), Janet descreve (apud Pelissolo e Lepine 1995, p. 18) pacientes cuja principal característica seria dificuldade de agir em público (VERZTMAN, 2006)⁹⁷

Eritrofobia define o medo de ser tomado pelo *erythrós* (vermelho, sangue) grego, o pânico de avermelha-se. O pavor de se expor em público, que fazia enrubescer, o medo de tornar público aquilo que deveria permanecer escondido e que fazia a face corar por vergonha, deu espaço, agora, a um mundo no qual o sangue não sobe mais ao rosto. Um mundo sem vergonha, incapaz de levar sangue às caras pálidas de olhares anêmicos que privatizam o espaço público com as manifestações de interesses de esfera íntima, num mecanismo individual que imita, sem vergonha, o *logos* neoliberal – expropriar e privatizar o bem público.

Agora, com a possibilidade de comunicar, divulgar e propagar de si apenas aquilo que gostaria, o sujeito faz uma curadoria do que deseja mostrar; elege, a partir de critérios particulares, exatamente os traços que gostaria de destacar no espelho e faz das telas o deleite narcísico perfeito. Com este suposto controle gerencial daquilo que deseja comunicar de si ao mundo, o sujeito se acredita um sujeito sem vergonha, não um sujeito safado que perdeu o seu pudor, mas um sujeito que se sente livre porque é incapaz de sofrer a emoção da vergonha e seus efeitos.

Nos parece que a experiência da vergonha consiste no resultado do que acontece quando se comunica e se exhibe algo que não gostaríamos, porque escapa de nosso controle. Mas agora, diante do controle e gerenciamento de suas próprias exhibições, o sujeito se acredita infalível. Sendo a vergonha um sentimento da ordem da falibilidade, ou seja, se é inerente a ela mostrar aquilo que reconhecemos como falha, mesmo que seja uma leitura de natureza moral, a vergonha seria, então, uma anunciadora do nosso suposto fracasso. Portanto, ter dispositivos de controle que gerenciem este risco satisfaz e alimenta a perversão de sujeitos pornocráticos. Afinal, a falsa sensação de poder manipular, controlar, dissimular e dirigir cada cena, e ainda, administrar

⁹⁷ Verztman, Julio. "Vergonha de si e fobia social." Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. 2006

cada detalhe do que será comunicado, se torna um fetiche cobiçado pelo perverso.

Se “o envergonhado sente-se vulnerável, desprezível, desarmado: um alvo perfeito para os sadismos alheios” (GREEN, p. 1647, 2003, em VERTZMAN, 2006), poder escapar desta condição de um sujeito da vergonha, emancipa o nosso personagem principal (o sujeito de traços perverso, sádico, narcísico e pornocrático), elevando-o, perversa e libertinamente, ao estatuto de sujeito sem vergonha. *Se a vergonha nos impele à vontade de sumir, é ela que precisa sumir numa sociedade cuja lei é o aparecer.*

Vergonha como emoção/sentimento revolucionários

Sofrer uma vergonha consiste, basicamente, em experiências nas quais aquilo que acreditamos que deveria estar escondido (porque profundamente desvalorizado por nós mesmos e também pela sociedade)⁹⁸, se torna visível pra todos. Aquilo que se torna público, de alguma maneira, desqualifica a possibilidade da nossa imagem pública continuar a pertencer aos valores aos quais gostaríamos de nos manter vinculados.

A vergonha intensa, às vezes, pode ser da ordem do irreparável, e quando vivemos algo que não podemos reparar em nós mesmos, ao não poder desaparecer, a única maneira de lidar é nos transformarmos num outro. Portanto, a capacidade de sentir vergonha é uma disposição para transformações radicais. Não ser capaz de se envergonhar, nos orientaria, então, a um certo desejo de manter conservado traços que não desejamos mudar em nós mesmos.

A vergonha nos é apresentada como um afeto que possui diferentes gradações de intensidade... E o destino da ferida causada por ela, como todo traumatismo sem recalçamento, é conservar-se congelada, com camadas construídas ao redor do núcleo vergonhoso, que implicam em estratégias de

⁹⁸ Sejam por valores morais ou éticos, o que interessa aqui é reconhecer o mecanismo desta emoção.

evitação parecidas com as fóbicas. (BILENKY, 2013)⁹⁹

As consequências da vergonha produzem uma mancha que macula a honra de algo ou alguém, nos abatendo diante do sentimento pessoal de desonra. A honra parece ser o direito de representar os valores que cultivamos com orgulho, e se os cultivamos, certamente é na intenção de perpetuá-los adiante. Ser envergonhado, então, é, neste sentido, perder o direito ao orgulho daquilo ao qual se desejava ser representante, portanto, a vergonha custa caro, é profundamente traumática de modo que o sujeito, ao desejar que a experiência causadora da vergonha desapareça, por vezes, se confunde nela, desejando ele mesmo sumir.

A vergonha é paralisante e tem efeito de corte, expõe a intimidade do sujeito com amplos efeitos narcísicos. O indivíduo deixa de se sentir digno do amor do grupo e se retrai. Se na culpa existe a possibilidade de reparação do dano causado ao outro, na vergonha não há como consertar a imagem narcísica danificada e a angústia leva o indivíduo a uma paralisia da ação. (BILENKY, 2013)

Talvez por isso, o dito popular nos diga que “uma vergonha profunda só pode ser lavada em sangue”, mas anemizado pela incapacidade de envergonhar-se, o sujeito agora é impelido ao contrário, a assumir o seu *não sumir*, fazendo justamente o oposto, o *aparecer*.

Às vezes, a morte parece ser a única opção para atravessar a vergonha profunda, porque:

Sem poder voltar ao passado e com o futuro bloqueado, o sujeito é tomado pelo sentimento de insuficiência, acompanhado pela vergonha e deprime. A vontade de desaparecer une vergonha e depressão, afastando o deprimido cada vez mais daquilo que dele se espera, ação e exposição da intimidade. (BILENKY, 2013)

⁹⁹ Bilenky, Marina Kon. "A vergonha e os sofrimentos narcísicos." *Ide* 36.56 (2013): 201-205. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062013000200014

No entanto, o sujeito perverso quer vencer a morte e aniquilar todas as emoções e sentimentos de negatividade, portanto, precisa esmigalhar a vergonha. Sem vergonha, o sujeito se sente infalível, e isto tem consequências, pois algo ou alguém que não atura sua própria falibilidade, pode vir a se julgar imortal. Sentir vergonha tem que ver com reconhecer que é preciso aceitar matar ou deixar morrer um pedaço de si que não vale a pena nutrir, mas o sujeito infalível, editado por si mesmo, só existe em positividade assertiva, um sujeito cheio de sua razão, coberto pelo manto da razão pornográfica.

O imperativo “mostre-se!”, na cultura positiva do exibir-se, faz um reforço negativo da vergonha, instaura uma espécie de vergonha da vergonha.

Se antes a vergonha nos fazia desejar desaparecer, agora desejamos que ela desapareça, ou seja, se temos alguma vergonha agora, é de desaparecer. Nas redes sociais, todos sendo observados em tempo integral, cuidando para não ter nenhum embaraço individual, passamos a nos proteger de sentir vergonha em nossa esfera íntima, de não parecermos e aparecermos inadequados aos valores de exibição consagrados na comunicação digital, de modo que nos distraímos do ridículo ao qual estamos expostos coletivamente e publicamente. Alguns de nós ainda sentem vergonha de ver alguém falando alto ao telefone, falando “sozinho” com fones de ouvido nas ruas, quando podemos escutar a sua conversa, vergonha da foto fazendo biquinho “sexy”, que multidões postam nas redes sociais, das bandeiras que todos dão demonstrando suas carências e fraquezas.

Alguns de nós ainda somos capazes de sentir vergonha alheia, mas, cada vez menos. A tônica da sociedade narcísica é cuidar para não se embaraçar em sua esfera pessoal, sem perceber que, com isso, se enovela e se emaranha em situações pessoais, sociais e políticas vexaminosas, sem ser capaz de sentir vergonha publicamente, se colocando assim em risco.

O sujeito da ultra exposição que regimenta uma comunicação sem vergonha, acredita ser esta emoção um demérito, que envergonhar-se é vexaminoso, que constranger-se é uma desonra. Manchar-se e embaraçar-se nas quebras de decoro se constitui enquanto prática perversa na Pornocracia. Despojado de pudor, o sujeito pornocrático não reconhece a emoção da vergonha como virtude, mas como fraqueza. Não é capaz de distinguir a

mediocre e covarde fraqueza do recato perverso-puritano e identificar a *ética da vergonha*¹⁰⁰ como força revolucionária diante de uma Pornocracia.

Posto isso, espera-se que tenha ficado claro ao leitor que não é da vergonha recatada e pseudo puritana, da qual fala moralmente Pero Vaz de Caminha em sua carta, que nos valem aqui. Ao contrário, tratamos aqui da falta de uma certa vergonha (*Aidos, Verecundia*), da falta de uma certa emoção que traz sangue aos olhos, esquenta o corpo, ruboresce a face e pode trazer o ímpeto da centelha revolucionária diante de regimes pornocráticos. Uma emoção que, por faltar, nos vulnerabiliza, nos põe em risco (*Achtung*), e nos condiciona como presas fáceis. Presas que, após 521 anos, continuam a permitir a instituição de poderes coloniais que nos mantêm servos obedientes ao extrativismo predatório dos que lá mineravam nosso ouro, dentre outras materialidades, e agora, aqui, garimpam nossos dados. Se lá, sem entender nada da cosmovisão¹⁰¹ daqueles corpos que “mostravam suas vergonhas”, o predador os escravizou, mas não foi capaz de preda as suas almas, talvez hoje, não possamos afirmar o mesmo. Com a subjetividade escravizada, cabe reconhecer que agora o capitalismo não mais se empenha em descobrir a alma dos negócios, mas se dedica a fazer, como diz-se, negócios de nossas almas, consagrando uma economia política de uma comunicação pornográfica.

Perguntas descartadas

Qual o potencial transgressor de uma comunicação hoje?

Diante do que está posto, como realizar uma denúncia potente numa Pornocracia?

O que ainda seria considerado escândalo, quando se oficializou, despudoradamente, uma política sem vergonha?

Como recuperar a decência sem sua carga moralizante? Como sentir uma vergonha revolucionária, sem o elemento puritano neo-reacionário?

¹⁰⁰ Menção ao título do livro do professor Oswaldo Giacoia Junior ***Agamben: Por uma ética da vergonha e do resto***. n-1 edições, 2020.

¹⁰¹ Gostaríamos de chamar atenção aqui para o fato de que na incapacidade de praticar aquilo que o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro chamou de *Perspectivismo Ameríndio*, ao falar em vergonha, Pero Vaz de Caminha coloniza, com sua cosmovisão, e importa o seu pudor sobre a nudez de corpos supondo, equivocadamente, seus valores como ontológicos e universais. Para saber mais ver: ***Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural***. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.

Se a comunicação jornalística, por exemplo, serve também para denunciar, como ela lida com o fato de que a denúncia foi sequestrada pela razão pornográfica? Afinal, a serviço do que deveria estar a vergonha hoje?

O rei está nu. E daí?

No mundo que outrora foi erótico, a nudez pública do rei o desmoralizaria. Numa Pornocracia, a nudez do rei, ao contrário, o glorifica, o consagra por aclamação. Explico a qual nudez referimo-nos: no conto de Andersen¹⁰², o rei é vítima de uma espécie de estelionato intelectual, na medida em que é persuadido pelo falso alfaiate, que supostamente seria capaz de confeccionar roupas que só os inteligentes poderiam ver. No conto, o rei cai na ladainha e vai a público “vestido” por este traje especial, seguido por seu séquito, que finge enxergar a vestimenta real. A certa altura, é a espontaneidade inocente e sincera de uma criança que, ao gritar “O rei está nu!”, revela a hipocrisia tacanha do poder e de seus dominados. Esta alegoria precisa ser lida de outro modo numa Pornocracia.

Precisamos, agora, da habilidade de um verdadeiro alfaiate para costurarmos fenômenos aparentemente isolados e confeccionar, através desses retalhos, um tecido de leitura crítica para vestir nosso olhar. Se, no conto, só os inteligentes poderiam enxergar as roupas do rei, mesmo que ele estivesse nu, hoje, talvez, seja o contrário, pois dependemos de uma inteligência específica (a pornologia) para conseguir reconhecer a nudez do rei, quando aparentemente ele veste terno e gravata.

Com inúmeros ‘escândalos’ que já não escandalizam mais, a imprensa tem bombardeado o ambiente midiático com conteúdos de hiper-exposição dos atores políticos, dos bastidores obscenos da corrupção, e até de suas vidas íntimas. Vivemos em um mundo no qual cada um compartilha voluntariamente as imagens de seus corpos nus (o fenômeno dos *nudes*) por WhatsApp e apps de relacionamento, por exemplo. Habitado a um contexto de excesso de

¹⁰² O conto **A roupa nova do rei** (em dinamarquês, **Kejserens nye Klæder**; e em outras traduções: **A roupa nova do imperador**, **O fato novo do imperador**, **O fato novo do rei**, **As roupas novas do imperador**) é um conto de autoria do dinamarquês Hans Christian Andersen, e foi inicialmente publicado em 1837. O conto foi inspirado numa história encontrada no **Libro de los Ejemplos** (ou **El Conde Lucanor**, 1335), uma coleção medieval espanhola de 55 contos morais de várias fontes, como Esopo e outros autores clássicos.

informação, ultratransparência, hipervisibilidade, megaexposição e supercomunicação, como o sujeito se escandalizaria com notícias pornográficas, gestos pornológicos e lógicas pornocráticas?

A sociedade da transparência é, ademais, uma sociedade na qual tudo está exposto. Nessa sociedade exposta, cada sujeito é seu próprio objeto de propaganda. Tudo é medido em seu valor de exposição, desaparecendo todo e qualquer valor cultural que não consista no ser-exposto, mas o ser-aí, na existência. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica; tudo está voltado para fora, descoberto, desnudo, despido e exposto. O rosto exposto sem qualquer aura fica nivelado *à face*, sua forma mercadológica. O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria, “escancarado sem qualquer mistério e exposto ao consumo imediato”. Obscena é a total exposição, o colocar-se sob o holofote escancarado; é a hipervisibilidade. Não é no escuro que as coisas desaparecem, mas na superiluminação e na hipervisibilidade: consideradas genericamente, as coisas visíveis não findam no escuro ou no silêncio, mas se volatizam naquilo que é mais visível do que o visível, na obscenidade. A destruição das barreiras e dos umbrais é pornográfica. **Obscenas são também as correntes rasas e ininterruptas da hiperinformação e da hipercomunicação, às quais falta qualquer negatividade do mistério, do inacessível e do oculto; é a coação em expor tudo à comunicação e à visibilidade. Comunicação sem qualquer cenografia é pornografia.**” (HAN, p. 208-210, 2017, grifo nosso)

Agora, não só mais o rei está nu, mas o povo também. A comunicação através das redes sociais deu a ver que pode haver uma comunicação, que nos despe. Despidos, mas trajando uma suposta roupa transparente, essa indumentária pornocrática se tornou a principal fantasia que anima a festa libertina neoliberal. Fantasia que nunca vestiu, de fato, mas antes, este não vestir, era, ao menos, mostrado pelas fábulas. Agora quem as veste, está despido também de olhar, de fabulações, não é capaz de reconhecer a

transparência do figurino que veste para atuar na cena de uma datacracia¹⁰³ ultraliberal. “O striptease das almas, nas redes sociais, desmanchou a derradeira ilusão da imagem que importávamos para nosso espelho” (BRUM, p.84, 2019), e assim, passamos a nos acreditar livres, quando absolutamente submetidos às doutrinas de uma nudez invisível, apoiada numa moral da transparência, da qual somos reféns, a mostrar infinitamente mais que apenas o corpo e a carne humana, mas expor a venda, o cerne daquilo que nos constitui enquanto humanidade.

Spoiler, haverá sexo e morte no final



Vem aí um diálogo maior, segue, então, um resumo para você acompanhar o episódio inteiro:

Sem esquecer que a vida e a morte se dependem, e que o perverso quer ver o ob-scenus, somos sujeitos de condição sexuada, nos quais gozar é desaparecer por um instante

O sexo e a morte se conectam. O orgasmo é a relação entre a pequena e a grande morte. A única certeza da vida é justamente aquela experiência que nunca teremos, pois, a morte é uma não experiência, portanto o gozar é um modo de experimentar o seu ensaio. Testar todos os riscos e implicações da pequena morte é um modo de simular a experiência que jamais teremos. No gozar, há um prazer em morrer, e pra outros, gozar é o prazer em matar.

A morte e o gozo: o (mais) morrer e o (mais) gozar

Há, pelo menos, três coisas principais que o mundo de neuróticos costuma esconder: cadáveres, os órgãos sexuais e o gozar. Justamente as coisas “proibidas” que o perverso gostaria de revelar, e o mecanismo mais eficiente de fazer esta operação parece ser a pornografia.

Tem algo curiosamente similar em esconder os órgãos sexuais e os cadáveres, pois o primeiro nos conta de nossa condição de seres sexuados com

¹⁰³ *Datacracia* é o termo utilizado por diversos autores que estudam a era dos algoritmos, a indexação, controle de dados e as relações de poder que se configuram a partir deste fenômeno.

aptidão para a fertilização e a fecundação do início da vida¹⁰⁴, e o segundo, é onde a vida termina, ou seja, nossa condição de seres morrentes. Dizendo de outro modo, a natureza permite a vida, mas exige a morte, somos, então, seres vivos para a morte: “levanto a hipótese de que é precisamente isso que é preciso esconder e precisamente o que o perverso quer ver” (DUFOR, 2013, p.306).

A necessidade de esconder por onde passa a possibilidade de vida nos corpos de condição sexuada, e de sua condição de finitude, quando se torna um cadáver, é uma lei moral neurótica, mas o perverso não lutaria para esconder estes objetos, bem pelo contrário, facilitaria o seu desvelamento pornocraticamente. Esta lógica parece nos dar pistas sobre a perversão que rege o necropornobiopoder bolsonarista¹⁰⁵, no caso do Brasil atual.

Mas, além das genitais e dos cadáveres, historicamente, o orgasmo¹⁰⁶ também tem ficado na categoria do obsceno, do que deveria ficar fora da cena, e antes que pareça ser apenas uma leitura moral, vamos explorar outros motivos pelos quais isso parece ter sua importância.

O fato da vida e da morte serem codependentes, e não uma oposição binária, pode nos revelar a fobia das lógicas trinitárias, dos fenômenos relacionais, múltiplos, variados e tão complexos que nos fundam. A fobia de descobrir que na vida está implicada a morte faz dos seus gestos e símbolos um fenômeno da ordem do obsceno, do que não deveria ser mostrado em cena. A esta altura, o leitor atento já deve estar se perguntando, “mas e o orgasmo, o que tem a ver com isso?”. Para formular esta proposta, precisaremos recorrer a uma hipótese psicanalítica: a de que gozar é uma espécie de morrer.

A leitura de que no gozar está uma espécie de aviso sobre a morte parece ajudar a reconhecer o poder da comunicação pornográfica e seu valor no projeto neoliberal de um capitalismo comunicacional. Vamos lá.

A experiência corporal do orgasmo pode ser considerada uma espécie de desaparecimento, pois, no momento do gozo, é como se o sujeito

¹⁰⁴ Aqui não estamos debatendo sexualidade, muito menos orientação sexual, apenas o fato de os corpos humanos serem de condição sexuada e da vida, por enquanto ainda poder se fazer por via sexual.

¹⁰⁵ Refere-se aqui à explícita política de deixar morrer, durante a gestão da crise sanitária do Covid 19 no Brasil, durante o governo Bolsonaro.

¹⁰⁶ A dissertação de mestrado da pesquisadora Camila Boarine Pereira faz uma leitura biopolítica da plataforma australiana Beautiful Agony, cujo conteúdo consiste na postagem de vídeos capturando as expressões dos rostos de pessoas comuns durante o orgasmo. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22405>

desaparecesse naquele instante; numa entrega absoluta, o sujeito “evapora”, perde a noção do si mesmo, e deixa de estar ali, em certa medida. Dizendo de outro jeito, no instante do orgasmo, nos perdemos de nós mesmos. Esta leitura implica em entendermos que o ato de gozar é a plena entrega e significa que para desfrutar desta liberdade orgástica é preciso se abandonar de si, ou seja, só se goza quando o *Eu* deixa por um instante de ser. É o descontrole, a falta de comando, a entrega, a desistência, o despojar-se do controle que permite o gozar. “quando gozamos é porque não há mais ninguém para gozar” (DUFOUR, 2013, p. 307).

Para Dufour, é por conta desta hipótese que Lacan teria afirmado que *não existe relação sexual* porque, se no momento que se supõe o maior encontro, ambos, na verdade, desaparecem, não haveria sujeito para se encontrar, talvez apenas pra se perderem um do outro, e este jogo de esconder-se e achar-se, com/no outro, de ganho e perda, parece ser o *logos* erótico que resiste como pulsão de vida neste gozar, que seria, nesta leitura, um ensaio da morte.

O gozo, como esta perda momentânea da consciência, como uma desconexão consigo mesmo e, por consequência, com o outro, serviria como um aviso de que este momento, que parece ser o ápice da experiência de vida, está implicado nele a lembrança da morte. A maior experiência da nossa humanidade seria este sumir nas profundezas do si mesmo, de modo a não se encontrar, para então, nos lembrarmos do simples fato de que *somos*.

Na ausência de nós mesmos, experimentamos um nível de finitude que nos remete à nossa condição mortal. É um paradoxo: o ápice do sentir-se vivo nos leva à beira do desaparecimento, a uma morte simbólica.

Não podemos negar que, neste momento, diferentemente do luto, é um prazer poder experimentar a presença da ausência. Entender que para viver é preciso se arriscar e se aproximar da morte, mesmo que seja um ensaio, nos revela, mesmo que de modo inconsciente, que a experiência do gozo nos aproxima da *petit mort*, como chamou Bataille, em seu livro **O Erotismo** (1957), e que se liga ao conceito de pulsão de morte, em Freud.

Seria, mais ou menos, isso: ao gozar, o ‘eu’ se descobre medíocre ao julgar-se vivo, e, portanto, reconhece a condição limítrofe de vida e morte, mesmo que inconscientemente. O gozar, ou seja, esta pequena morte, é o ensaio para a grande. A sabedoria popular, desde muito adverte que a morte é

a única certeza e garantia da vida, mas esquece de nos lembrar que esta única certeza, é também, justamente, a de uma experiência que não viveremos, que não teremos, ou seja, a única certeza é de uma não experiência. O gozar seria então a única chance de experimentar aspectos desta grande experiência que jamais teremos, por isso nos entregamos a ele com tanta devoção, e dizemos que transcendemos e somos levados às alturas, mas esta metáfora cristã já seria outra história.

O poder ir e voltar desta pequena morte nos desafia ao excitante jogo perverso de ensaiar a transgressão da Lei (com letra maiúscula, a Lei da vida), nos ensinando uma importante lição: a de que, em algum ponto limite, a vida se converte em morte, ou seja, a Lei mostra suas entranhas, escancara seus intestinos, revela seus segredos uterinos. O fato é que no gozar perdemos a consciência, em certa medida; nem sempre apreendemos o conhecimento desta lição, e alguns de nós voltamos sempre a ela como um eterno calouro aprendiz. Todavia, o perverso parece perceber o potencial revolucionário e transgressor de aprender esta lição e, por isso, parece buscar um estado perpétuo de gozo. Se mantendo no limite, cara a cara, vis a vis com o gozar, mas mantendo o controle, tanto quanto possível. Enquanto o perverso quer desvendar, iluminar, expor e dominar este lugar, o neurótico prefere manter velado e escondido. Parece ser esta a razão pela qual as sociedades neuróticas precisam esconder cadáveres, órgão sexuais e o gozar: o medo de se deparar, no ápice de seu prazer, com o letreiro reluzente e piscante *memento mori*.¹⁰⁷

Aqui, o leitor astuto em roteiros já deve ter percebido onde pretendemos chegar. Repare bem, se o gozo lembra a morte e são estas duas categorias que foram mantidas sempre na obscenidade, qual o motivo para justificar uma política pornográfica da comunicação que não se constrange em exibi-las?

A hipótese que levantamos aqui é que num capitalismo pulsional, regido por uma economia libidinal, com um mercado perverso de consumidores narcísicos e sadeanos, o gozar como mandamento supremo sádico, desempenha uma função de *velar a morte*, e não de exibi-la.

¹⁰⁷ *Memento mori* é uma expressão latina que significa algo em torno de "lembre-se de que você é mortal", "lembre-se de que você vai morrer" ou "lembre-se da morte". A imagem clássica de um crânio, uma ampulheta e uma flor em cima da mesa de um escritor ou filósofo seria o símbolo que os lembrariam que a vida é efêmera e, portanto, é preciso gozar dela.

Embora tenhamos sido informados oficialmente que a crise sanitária da Covid 19, já fez e deixou morrer mais de 3 milhões de vítimas no mundo todo, e só no Brasil cerca de 440 mil¹⁰⁸ pessoas até o momento que esta linha é redigida, podemos também reconhecer que não vimos estes milhões de cadáveres.

Foram amplamente divulgadas imagens aéreas de cemitérios com milhares de covas abertas, noticiou-se que os containers frigoríficos contendo cadáveres estavam ocupando estacionamentos de hospitais, que corpos foram enterrados em valas comuns, mas, de fato, apenas soubemos, ouvimos dizer, não presenciamos imagens midiáticas dos corpos, ou seja, ainda há alguma restrição que impede o estado pornocrático, mesmo que presidido por traços perversos, de revelar e exibir os cadáveres que deixou e fez morrer. Parece que o aviso de *memento mori* não é bem-vindo ao projeto neoliberal das comunicações pornográficas.

Mas há algo que deve ser mostrado. O que deve ser exibido é o gozar, pois ele alimenta a economia libidinal, excita o desejo de consumo e agita o mercado. **Esconder os cadáveres e exibir o gozo** faz parte da performance teatral da Pornocracia neoliberal e para isso a comunicação é o mecanismo fundamental.

Se a produção de desejo no capitalismo descobriu que, o mecanismo de excitar para que o consumidor goze no ato de compra, possuindo seu objeto de desejo, como quem, pelo consumo, consuma o ato de gozar, descobriu, em igual medida, que o sujeito consumidor não pode se desconcentrar, pois isto custaria a dispersão de sua excitação. **A pequena morte** pode, e mais que isso, deve ser exibida em seu pleno funcionamento pulsional, mas a *Grande Morte* precisa continuar velada nos porões neoliberais das milícias da ditadura pornográfica.

O luto pela Grande Morte, sabemos, sequestra a libido da maioria dos neuróticos, mas parece que, nem sempre, rapta a libido de subjetividades

¹⁰⁸ Esta escrita acontece enquanto os números obscenos de mortos crescem a cada dia, sobretudo, no Brasil, portanto, pedimos ao leitor que considere a provável defasagem dos dados no momento que estiver lendo este trecho. Vale considerar ainda, que os números que temos acesso podem ser imprecisos, como apontam as recentes declarações da OMS: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,oms-estima-que-numero-de-mortes-por-covid-19-no-mundo-e-ate-3-vezes-maior-que-dados-oficiais,70003722094>

orientadas por traços perversos¹⁰⁹, e como, por enquanto, parece que uma maioria de neuróticos é governada por uma minoria de perversos, a equação do domínio e controle do necropornobiopoder ficaria ameaçada, no caso de sua estrutura lógica ser revelada. Mas claro, para que todo este aparato político de traços necrófilos tenha valência, ele precisa da adesão de sujeitos perversos, mas não somente. Precisa ser absorvido pelos traços perversos dos sujeitos neuróticos, pois os neuróticos também reservam traços de perversão, sobretudo num ambiente regulado pela perversidade institucionalizada. Para manter esta estrutura em funcionamento, os traços perversos precisam ser hipertrofiados, e nos parece estar aí o papel central da comunicação agora. Seja através da espetacularização midiática das mídias jornalísticas, com vazamentos de conversas secretas, bastidores, intimidades e delações, ou através dos ambientes comunicacionais das redes sociais, o projeto de subjetivação da perversidade tem encontrado seu mais adequado e hospitaleiro ambiente para proliferar e se perpetuar.

Excite-se!

É na comunicação diante das telas, em redes sociais, que narciso encontra o lago cristalizado em forma de tela, no qual não morre mais por asfixia ao manter-se lá mergulhado. Ao passo que pode mergulhar em si e, aparentemente, não morrer afogado (pelo menos, de uma só vez), este narciso neoliberal se comporta como um falso Sísifo, que acredita enganar a Grande Morte, mas se engana ao supor que desfruta plenamente da pequena, tendo como castigo o dever de manter-se excitando-se masturbatoriamente em nome do projeto sádico que ordena o seu gozar escravizado, se tornando um corpo que nem goza e nem vive. Mas, como sabemos, os fenômenos são sempre mais complexos do que ousamos descrever. Talvez não possamos mais afirmar, com tanta convicção, que gozar é o mandamento supremo numa Pornocracia, pois reconhecemos que, talvez, mais que o gozar, agora seja: *excite-se!*

¹⁰⁹ No documentário **Rocco** (2016), que conta a história do astro pornô italiano Rocco Siffredi, ele relata que, durante o velório de sua própria mãe, reencontra uma senhora que não via desde sua infância e, com quem, ao receber um abraço de pêsames, teria se excitado e recebido dela sexo oral. A sexualização do contexto do velório da própria mãe e o fetiche em gozar com a comadre do cadáver revelam um nível de perversão elevado, para dizer o mínimo.

É no estado de excitação que o sujeito deseja consumir o consumo do objeto de desejo – seu fetiche. Se for possível manter o estado de excitação no limite de um quase gozar, se conseguiu um nível de vulnerabilidade mais profundo que o próprio gozo parece permitir, e que aqui denominamos, *mais gozar*.

Parece ser no âmbito dos fenômenos midiáticos sobre práticas sexuais que podemos tirar exemplos que ilustram esta hipótese. Há um fenômeno relativamente recente, com grande sucesso de visualizações em plataformas como Youtube, por exemplo, sobretudo de rapazes jovens entre 18 a 30 anos, que explicam a prática do *Edging*, ou masturbação tântrica. Segundo estes “especialistas” autodeclarados, a prática consiste em se masturbar até o limite do orgasmo e, quando estiver muito perto, no limite, à beira da perda do controle, a instrução é respirar fundo, deixar de se tocar, aguardar o tempo necessário até que o risco de gozar se evanesça, e então, deve-se iniciar o procedimento novamente, e assim por diante, ritualisticamente. O gozo deve ser *provocado*, no sentido vulgar da palavra, mas se manter apenas como uma provocação, que não saia disso, para que o estado de um quase gozar se perpetue pelo maior tempo possível de duração. A palavra *Edge*, em inglês, pode ser traduzida como borda, beira, limite e, nesse caso específico, indica que o sujeito deve se manter como se estivesse à beira do precipício. Estar na beira deste “abismo” é o grande “gozo” do *Edging*: justamente o não gozar.

Há inúmeros vídeos de Youtubers que funcionam como verdadeiros “coachings motivacionais de hombridade”¹¹⁰, que sugerem que a prática do *Edging*, (que, em alguns casos, é concebida como uma não masturbação porque não se consuma) pode auxiliar na produtividade e nas tarefas profissionais. Como o orgasmo gasta muita energia, causaria prejuízos ao produtivismo. Assim, a prática do *Edging* permitiria que o praticante gerencie e determine onde empregará a sua energia pulsional, onde conseguirá encontrar satisfação e regozijo, reorientando sua energia sexual para o ambiente de trabalho, por exemplo.

Há lições de perversão com tonalidades ainda mais perverso-puritanas, como as comunidades de *NO FAP*, que são verdadeiros diários *online*, nos quais

¹¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=TAtArwL0KR4>

jovens organizam redes de apoio para fortalecerem-se contra a prática da masturbação. FAP não é uma sigla, é a onomatopeia do barulho que o gesto de se masturbar produz. Os adeptos do *NO FAP* testemunham suas experiências de aumento de produtividade¹¹¹ e, curiosamente, a maioria dos títulos dos vídeos assemelha-se ao estereótipo dos discursos de rodas terapêuticas de dependentes químicos, como por exemplo: “120 dias de NO FAP”¹¹².

É neste sentido que o deslocamento das doutrinas sadeanas devem ser observadas, no atual estágio neoliberal. Se em **Os 120 dias de Sodoma, ou a Escola de Libertinagem** (1904)¹¹³, de Marquês de Sade, se fazia um retiro para o gozar, a especialização da expertise perversa parece ter atualizado suas lições e recomenda, agora, um retiro para a excitação. O mandamento supremo agora é: *Excite-se!* A doutrina na Pornocracia dita: chegue ao limite, na beira, na borda do abismo no qual a *Pequena Morte* te espera, mas não se relacione com ela, basta provocá-la bem de perto. A domine e não se deixe controlar por ela! Gerencie a *Pequena Morte!* Pelo menos, enquanto não puder gerenciar a Grande.

Paul B. Preciado, quando escreveu o seu conceito de *Potentia Gaudendi*,¹¹⁴ já havia ousado imaginar que haveria lições de gerenciamento que pensassem a potência orgásmica em termos administrativos e gerenciais.

É através da comunicação em redes sociais que encontramos a ostentação da excitação e a ostentação do gozo. É um gozar a exibição do gozo e do mais gozar. A mais valia do gozar valorada através dos discursos masturbatórios, que não buscam nada além de encontrar os ecos de sua própria voz narcísica. Um procedimento de auto felação, que faz jorrar ejaculatoriamente a imagem de si mesmo, como falsa alteridade. Não à toa, um dos instrumentos prediletos de usuários de redes sociais, que se popularizou rapidamente, foi o ‘Pau de Selfie’. Ou pau de self(ie), o pau do eu, que, na ponta, a única coisa que jorra é a própria imagem.

¹¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=B4alTx7dyGA>

¹¹² <https://www.youtube.com/watch?v=9lWCNo6yFWw>

¹¹³ Que ganhou a versão cinematográfica por Pasolini em *Saló os 120 dias de Sodoma* (1975).

¹¹⁴ O conceito desenvolvido pelo filósofo sugere que o capitalismo tem a intenção de administrar a força orgásmica de cada célula no corpo. Conferir na citação do autor na página 35 desta dissertação.

Pornografia da Morte

Esconder a morte em estatística, reduzir corpos, sujeitos, vidas e histórias a números, eis outra importante lição da escola de perversos do estado pornocrático, necropolítico e suicidário¹¹⁵ no Brasil. As subnotificações dos mortos, durante a crise sanitária do novo Coronavírus no Brasil, fizeram com que a lógica da sociedade de classes chegasse aos mortos. Cadáveres que foram registrados ganharam atestado de óbito, foram documentados e poderão entrar para o relato histórico deste período, e os subnotificados, enterrados em valas comuns, foram apagados da história oficial. Isto monta uma cena obscena, na qual alguns cadáveres terão direito de memória, e outros tiveram este direito recusado. Nesta Pornocracia, até os cadáveres são separados por divisão de classes.

No Brasil, a subnotificação tratou de velar cadáveres, e o governo dificultou a transparência dos dados, levando alguns veículos de comunicação a se associarem num consórcio inédito contra a desinformação. Lição perversa de especialista numa Pornocracia: “erotizar” pornograficamente a morte, vesti-la de números, estatísticas e discursos. Na Pornocracia, a vida deve ser promíscua e nua, enquanto a morte pu(ri)tanizada deve ser vestida e velada.

Talvez aqui, ao leitor atento, pareça ter havido uma contradição, já que viemos sustentando que a pornografia é um mecanismo que quase tudo exhibe, sobretudo o que mereceria ficar velado, e que a Pornocracia é um regime regulado por esta razão pornográfica, e, no entanto, acabamos de afirmar que, num regime pornocrático, escondeu-se algo (os números reais de mortos), ao invés de exhibi-los. Parece que temos, de fato, um paradigma pornográfico quando falamos de vida e morte, pois, de todos os fenômenos analisados por esta pornologia aqui desenvolvida, talvez haja mesmo algo que a pornografia mais perversa ainda teima em esconder: a Morte.

A Grande Morte continua a ser escondida na Pornocracia, mas, como já dito, o sucesso de regimes pornocráticos depende do dever de exhibir a Pequena, portanto, e, com isso, tornar a Grande pequena e a Pequena grande, num vórtice

¹¹⁵ Termo desenvolvido pelo filósofo Vladimir Safatle em seu artigo “Bem Vindos ao Estado Suicidário”, disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/23>

de movimento perverso-pornocrático de natureza tática. Desaprender de morrer para celebrar o gozo, eis uma das leis constituintes da Pornocracia.

A morte não pode ficar nua e mostrar-se em intimidade, por isso os números a travestem, tornando-a estatística. É preciso fantasiá-la e vesti-la pelo discurso midiático, em nome de uma estratégia necropolítica: manter o valor de ocultação da morte para não desvalorizá-la no perverso mercado que a produz.

A Pornocracia tenta, através destas estratégias, o monopólio do lucrativo mercado da morte. Nela, separa-se o luto da morte e de qualquer ritual que a comunique ou lembre que estes sempre foram parceiros inseparáveis. Como a Grande Morte produz o luto, e o luto, por sua vez, diminui a libido, a única coisa que a Pornocracia quer vestida é a morte, e para isso, torna a morte viúva do luto. A morte é forçada a viver um luto do luto para que a Pornocracia goze, soberana e perversamente, da transgressão da Lei da vida.

O aquecimento do mercado perverso e a economia libidinal não podem esfriar, e para manter estimulado e excitado o sujeito consumidor, precisam impedir que experiências desestimulantes e amortecedoras, como o luto, ganhem visibilidade. O neoliberalismo não pode perder seus mecanismos de excitação e, por isso, a morte, como um enorme desprazer, precisa ser gerenciada de modo a ser velada, escondida, erotizada e morta em nome da Pornocracia, e, para alcançar este objetivo, a comunicação é seu mecanismo.

Você não leu mal, não é uma contradição, é um paradigma pornocrático: na Pornocracia, a morte deve ser morta. O exacerbado convívio com a morte, na mera visualidade de seu nível informacional, nos impede de enxergá-la em sua profundidade hermenêutica e subjetiva, impedindo conhecermos e cuidarmos do si¹¹⁶ e das condições que permitem a construção de um sujeito ético. Enquanto o elemento erótico segue na direção biófila, de produção da vida, a razão pornográfica é necrófila, se alimenta da vida para manter a morte. Na Pornocracia a morte é amortalhada pornograficamente. A Grande Morte e o luto se tornam obscenos, restando espaço apenas para o masturbatório gozo melancólico do sujeito pornocrático em seu automartírio prazeroso. “No luto, é o

¹¹⁶ Referência à noção do *Cuidado de Si*, desenvolvido em **A Hermeneutica do Sujeito**, livro que transcreve o curso realizado por Michel Foucault no Collège de France (1981-1982).

mundo que se torna pobre e vazio; na melancolia é o próprio Eu” (FREUD, 1917). Pornografia parece trabalhar a serviço dos *logos* da morte, enquanto o erótico se compromete com a vida.



*O spoiler prometeu que
haveria sexo e morte, né?
E teve!*

*Vamos rebobinar a fita e
fazer o reverso agora para
recapitular o que a cena da
exibição do gozo mostrou:
que a comunicação,
quando tira a Grande Morte
da cena e a obsceniza,
retira o objeto de perda do
palco e da cena, retirando
também a nossa
capacidade de lidar com a
perda e com o objeto
perdido. Perda sem objeto
perdido não é luto, é
melancolia¹¹⁷. Por isso, o
luto, quando afastado da
morte, melancoliza o
sujeito. Um mundo que não
pode viver seu luto é um
mundo melancolizado,
portanto vulnerável e ainda
mais passível de
dominação¹¹⁸. Neste
sentido, é que podemos ler
o paradigmático jogo
pornocrático de expor a
morte para velá-la, como
um dispositivo do
necropornobiopoder.*

¹¹⁷ Esta é a tese sustentada por Freud em seu célebre texto **Luto e Melancolia** (1917)

¹¹⁸ Em **O Circuito dos Afetos – Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019,. Vladimir Safatle desenvolve a hipótese de que o capitalismo tem empreendido mecanismos de poder para dominar pela melancolia.

SEGUNDO ATO: A *Pornocracia* descortina-se

Cena 1: Apresentação do cenário

Você sabe em que Brasil acorda a cada manhã?

Gilberto Freyre (1984) e Alexandre Marcussi Almeida (2016) ajudarão a montar o cenário e a descrever as suas materialidades. Com eles, apresentaremos o ambiente cenográfico no qual nosso roteiro se passa. É algo como uma grande fazenda chamada Pindorama, que mais tarde será batizada de Brasil, mas não deixará de funcionar como uma antiga fazenda.

Os materiais que construíram o cenário, além de madeira (muito pau-brasil), ouro (muito ouro) e outros minérios nobres, foram também o sangue, o suor, peles vermelhas, negras e lágrimas. A materialidade principal, nesta confecção cenográfica, foi a colonização, em um lugar fundado pelo estupro, que foi sifilizado antes de ser civilizado (FREYRE, 1984). Sua fundação foi estaiada com racismo, adornada com brutalidade, e alguns penduricalhos de desigualdades e abusos.

A pintura vermelha fica sempre no verso da cena (escorre fresca), voltada para o escuro do *backstage*, para o lado de dentro. Para fora, as cores dos acabamentos têm tom marrom clarinho, puxado pro bege, que simula ser branco, um certo branco, mas não muito branco, um branco encardido de ranços eugênicos, mas que acredita ser branco translúcido, quase transparente, uma branquitude coral pálida, cor de cara pálida, cor de moral fálica.

Este cenário é um lugar no qual o sexo constitui a gênese de sua política, mas não qualquer sexo, o sexo do abuso e do estupro.

O intercurso sexual entre o conquistador europeu e a mulher índia não foi apenas perturbado pela sífilis e por doenças europeias de fácil contágio venéreo (...) em circunstâncias desfavoráveis à mulher (...) o furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo... (FREYRE, 1984 p, 50)

Um cenário que foi o último das américas a abolir a escravidão. Neste cenário, nunca houve um presidente negro, mas ditadura, sim. E quando, neste cenário, ousou-se colar papéis de parede que pareciam o ambiente de uma jovem democracia progressista, na qual uma mulher poderia se tornar presidente, os papéis de parede, porque superficiais, foram arrancados à unha. Então, é neste cenário rasgado, esfacelado, puído, roto, manchado, apodrecido, embolorado e ferido que nossas cenas vão se desenrolar.

E sobre as materialidades orgânicas que compõem este cenário, não podemos nos esquecer, claro, que também fazem parte os mares e as exuberantes praias (afogadas em óleo), os abundantes Pantanal e Amazônia (em cinzas), faunas deslumbrantes (que se tornam churrasco, como a nossa história nos museus da Língua Portuguesa, em São Paulo, e Nacional, no Rio de Janeiro, ambos carbonizados). É desta massa espessa e viscosa feita de cinzas, fuligem, sangue e dor que o nosso cenário vai lambrecar cada ação, cada ato, cada gesto, cada texto, no roteiro coreográfico que sucederá a seguir. Por isso, valerá conhecermos ainda melhor o olhar de quem nos ajuda a reconhecer e montar este cenário.

Das lógicas arquitetônicas ceno(porno)gráficas:

No Brasil, o sexo pode ser pensado como a primeira forma de comunicação, como o dispositivo comunicacional que mediou corpos, antes mesmo da linguagem idiomática. E os ecos coloniais revelam que este traço que nos constitui não ficou restrito apenas ao dito período colonial. Vale lembrar do relato de Richard Parker (2002) sobre michês de Copacabana, que não falam o idioma dos seus clientes estrangeiros. O depoimento que se segue é do michê nomeado como João:

Vocês podem até não falar uma língua comum, mas o próprio sexo passa a ser quase uma forma de comunicação. É estranho, mas o sexo torna-se uma maneira de fazer uma ligação entre as diferenças, ou atravessa fronteiras. Eu acho que, para muita gente, há uma espécie de fascinação no relacionamento com pessoas de outros lugares, outras culturas. Através do sexo, diferenças culturais e línguas

diferentes são parcialmente deixadas de lado – essas se traduzem na linguagem do corpo (João, em PARKER, p.265, 2002)

Aquilo que, nos anos 1930, Gilberto Freyre chamou de economia perversa do afeto, parece uma formulação importante para ler a economia política da comunicação hoje. A hipótese de Freyre é a de que os afetos nos atravessam em diagonal, desrespeitando as estruturas lineares, uma espécie de dialética que não gera síntese, mas contradição.

Dentre todos os espaços de confraternização dos antagonismos diagonais que formavam a sociedade brasileira, **o mais decisivo** na obra de Freyre é, sem dúvida alguma, **a confraternização sexual**. Verdadeira obsessão do autor, pode ser considerada como o aspecto dominante do retrato que ele elabora das relações inter-raciais no Brasil, localizadas no **ambiente de intoxicação sexual**” da casa-grande, de modo que **é legítimo considerar que a relação sexual constitui o esteio fundamental daquela “intercomunicação”** e “fusão harmoniosa” de culturas de que fala o autor. **A relação sexual** entre homens brancos e mulheres negras e índias **é encarada**, inclusive, **como um dos sustentáculos** da família patriarcal e, por extensão, **da sociedade brasileira**, já que **é por meio dela** que **o colono português** teria dado conta de ocupar a terra com uma prole mestiça e **garantir, assim, o sucesso do empreendimento colonial**. (MARCUSSI, 2016, p 214-215) (grifos nossos)¹¹⁹

Se o sexo foi o que garantiu o sucesso do empreendimento colonial, se tornando o sustentáculo da sociedade brasileira, devemos concordar com Freyre no que se refere a reconhecer o ato sexual como uma instituição social na fundação do Brasil. O cenário do qual falamos, então, é um Brasil como um local de afetos contraditórios e de uma sexualidade social.

¹¹⁹ Nosso grifo tem aqui a intenção de chamar atenção para as contradições e complexidades das quais fala Freyre ao propor termos como **“confraternização sexual”** e, ao mesmo tempo, admitir **abusos** e **“intoxicação sexual”**. Marcussi faz uma leitura crítica de Freyre e revela a complexidade das contradições do autor e, ao mesmo tempo, nos ajuda a perceber que Freyre reconhecia não as suas próprias, mas as contradições dos afetos entre dominadores e dominados.

Afetos contraditórios, pois parece ser da natureza da cultura e da cultura da natureza o acomodamento de um bocado de coisas que não se combinam.

A **contradição parece ser a cultura do natural.**

Os abusos e as brutalidades naturalizadas na cultura brasileira, desde o começo, se tornam um regime de afetividade assimétrica, marcada pela violência e pelo gozo.

Por meio de interações reiteradamente violentas, o senhor branco se tornaria sádico e seus dominados masoquistas, passando ambos a buscar o prazer no exercício da violência. Uns na posição do dominador e outros na posição do dominado. (MARCUSSE, 2016, p.18)

Na perversão afetiva é que Freire elabora a lei das forças diagonais. A relação sexual violenta desenha o entrecruzar das linhas opostas e o afeto as une. O afeto é este esteio capaz de assegurar a união das forças diagonais. O amor do escravo em servir pela dádiva e o débito do senhor em ser servido pela dívida. Um jogo sado-masoquista que forja a sociedade brasileira.

Referindo-se à leitura que Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) faz de **Casa-Grande e Senzala**, Marcussi afirma:

O equilíbrio entre os opostos seria sustentado, em última instância, pelos excessos de convivência da casa-grande, em especial, o excesso sexual. Para Araújo, a casa-grande freyriana se caracterizaria por um ethos da hybris, ou seja, do excesso desmedido, **por uma aristocracia carnavalesca que, ao invés de rejeitar os apetites e impulsos corporais e a proximidade com as classes baixas, potencializaria sua aproximação em relação a eles por meio dos contatos sexuais.** (MARCUSSE, 2016, p.215)

Nesse cenário, se forjou uma sexualidade social e historicamente construída. Vale insistir que não é qualquer sexualidade. É uma sexualidade para mediar corpos antes do idioma, ou seja, uma sexualidade no lugar da linguagem, o sexo como comunicação. Uma comunicação violenta, autoritária e abusiva, que informava que sua economia política era libidinal de partida.

Há um ingrediente importante desta comunicação, que precisa ser explorado com atenção: o traço sádico.

A primeira extensão do sadismo do senhor, já na infância, ocorre em relação ao moleque, transformado no masoquista da relação. **E estende-se quase como uma cadeia por todo o tecido social, oferecendo um modelo explicativo global para as relações sociais, culturais e até políticas** (MARCUSI, p. 219) (grifo nosso)

Freyre nos chama ainda atenção para o fato do Brasil ter o componente sádico como matriz política, econômica e social:

Mas esse sadismo de senhor e o correspondente masoquismo de escravo, excedendo a esfera da vida sexual, têm-se feito sentir através da nossa formação, em campo mais largo: social e político. Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exerce-se com requintes, às vezes sádico; certas vezes, deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do chamado marechal-de-ferro. (...) Mesmo em sinceras expressões individuais – não de todo invulgares, nesta espécie de Rússia americana que é o Brasil – de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se. Por outro lado, a tradição conservadora, no Brasil, sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em “princípio de Autoridade” ou “defesa da Ordem”. Entre essas duas místicas – a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a da Democracia – é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente europeia e outros de cultura principalmente africana ou ameríndia” (FREYRE, 1984, p. 51-52)

O que Freyre ajuda a revelar é que a falsa harmonia social do Brasil não se faz fora destas relações de gozo e violência, mas justamente por uma espécie de afetividade perversa, que esta mistura forma. O gozo na/da violência, institucionalizado como afeto perverso, fundaria nossas relações políticas e sociais e condenaria os sujeitos ao afeto binário opressor/oprimido, com a complexidade do sádico ser um perverso que cria a lei em ação autoritária, e o masoquista ser um neurótico que a obedece em servidão voluntária.



*Os níveis de descrição psicanalíticos, que serão feitos a seguir, parecem ser fundamentais porque o neoliberalismo se tornou um processo de subjetivação, de acordo com Dardot e Laval, em **A Nova Razão do Mundo** (2016), e as democracias neoliberais se tornaram uma psicopolítica, de acordo com Han, em **Psicopolítica** (2018). Com isso, propõe-se aqui que a Pornocracia no Brasil, parece ter se tornado uma psicopatopolítica.*

Cena 2: Apresentação do elenco e personagens principais desta cena

De acordo com Freud (1856-1939), existem três grandes estruturas psicopatológicas: a neurose, resultado da repressão e do recalque; a psicose, resultado da forclusão¹²⁰; e a perversão, resultado da denegação/recusa. A neurose gera sintoma; a psicose, alucinação; e a perversão, fetiche.¹²¹

Embora as cenas do nosso roteiro possam ser compostas de neuróticos, psicóticos e perversos, parece ser traços deste último que protagoniza, e, mais que isso, roteiriza, coreografa e dirige as cenas políticas no Brasil agora. A recusa do real e o negacionismo, parecem fazer parte do contexto perverso.

No roteiro que apresentaremos, o elenco se intercala, se substitui, uns ocupam papéis dos outros a cada cena, não definem funções fixas. Neuróticos dançam o *chorus line* na periferia da cena enquanto perversos protagonizam no proscênio; intervenções coadjuvantes de sádicos e masoquistas a todo momento trocam de papéis entre si, disputando o espaço intermediário entre centro e periferia do palco; em alguns casos, perversos-puritanos participam como figurantes, supõem-se discretos, até que seus tropeços roubam a atenção da cena.

São, pelo menos, dois tipos de protagonismo que aparecem: o perverso que protagoniza com o palco cheio, cujo prazer, é justamente a sua posição central na cena, que determina a organização espacial periférica de todo o resto. O segundo é o protagonismo narcísico, cujo gozo é o palco vazio, um protagonismo solista, ao qual não basta protagonizar em cena compartilhada, mas requer a garantia de que, no vazio, será o único foco para a audiência. Mas não é somente entre o elenco que os papéis fazem rodízio, pois numa *Pornocracia* interessam também os papéis que ficam atrás da cena, de modo que o elenco ambiciona, desempenhar ainda, os papéis de diretor, coreógrafo, dramaturgo, produtor, crítico, roteirista, cenógrafo, iluminador e etc. Além de

¹²⁰ Mecanismo de incluir para fora um elemento simbólico fundamental na estrutura psíquica do sujeito

¹²¹ Fetiche é o mecanismo que tem como função colocar o outro como objeto inanimado como meio de gozo aos fins do perverso, mas não somente, também ocorre o inverso, transformar o objeto de gozo em um outro animado, o fetiche é um fim para qual todos os meios se justificam. Fetiche é também uma condição básica a que todo objeto deve atender para tornar-se viável no universo do consumo. Neste sentido que podemos ler o mercado como um outro perverso cujos sujeitos por ele escravizados se tornam sua mercadoria.

estrelar a cena, o sujeito quer também dirigi-la, coreografá-la, dar sua opinião “crítica”, mover o canhão seguidor para os aspectos da cena que lhe interessa iluminar. A *Pornocracia* é um palco nu, de ponta cabeça, as pernas, coxias e bambolinas foram removidas para exhibir o osso de seu funcionamento. O gozo teatocrático ejacula líquido sinovial, e é da cervical fraturada e da medula líquida, como nos lembra Agamben¹²², que a fera de dorso quebrado está impedida de olhar para trás, conferir seus rastros e conhecer as consequências de seus trajetos. Na atual sociedade do espetáculo a cena não fica mais restrita a um palco, mas cada um na plateia também é cena, é performance, faz dramaturgia íntimo espetacular de si mesmo. A cena derrama, transborda, o palco dilui suas fronteiras, a plateia atua, interpreta, ou melhor dizendo, dissimula interpretar.

Cena 3: Os protagonistas perversos

De modo muito simples, perversão seria um desvio que nos desperta indignação. Mas, como sabemos, o que socialmente chamamos de “normal”, nem sempre representa o bem ético, então, não dá pra afirmar isso. Afinal, muitos se indignarão com um casal homossexual na rua, e os acusarão de pervertidos, mas, neste caso, a suposta *normalidade* estaria pautada por uma “lei” moral, por princípios religiosos e uma certa tradição. Queremos dizer com isso, que às vezes, sair da regra (as regras e leis morais instituídas) é um desvio progressista, útil e benéfico. Ou seja, quando o desvio é em prol de um bem ético, dirigido a um coletivo maior, ele perverte as regras impostas em nome dos semelhantes, configurando esta numa atitude de outra natureza perversa. Não é sobre este tipo de perversão que desenvolveremos nosso objeto, mas do tipo que não faz a dissociação entre norma e seu oposto, bem e mal, real e ideal. São estas as características da perversão que nos interessa explorar aqui, ou seja, não é da perversão como desvio progressista que falaremos, mas daquela

¹²² Em *O que é o contemporâneo* (2009) Agamben recorre ao poema de 1923, intitulado *O século*, do poeta russo Osip Mandelstam para enunciar a tese de que a poesia é sempre retorno: “Não apenas a época-fera tem as vértebras fraturadas, mas *vek*, o século recém-nascido, com um gesto impossível para quem tem o dorso quebrado quer virar-se para trás, contemplar as próprias pegadas e, desse modo, mostra seu rosto demente” (p. 62)

que quer transgredir por transgredir, para afirmar sua soberania, para inventar e impor suas próprias leis.

Vale lembrar que, em certa medida, “precisamos dos perversos nas nossas democracias para não sermos pego pelo rebanho de neuróticos” (DUFOR, 2013, p.302). O perverso é capaz de se opor em ato e, com isso, às vezes, esse traço pode ser revolucionário. Por isso, uma pitada de perversão não faz mal a ninguém, mas se o perverso se interessa apenas em impor suas leis próprias em seu próprio benefício, sem que a transgressão alcance e represente avanços do interesse coletivo, o perverso se torna apenas a besta escrava de suas paixões que acredita-se livre, com sua liberdade em pleno cativeiro. Tão selvagem quanto uma hiena carniceira que treina o olfato para farejar onde o vital perde sua força vivaz de modo a atacar presas frágeis e indefesas.

Na perspectiva psicanalítica freudiana, o perverso não quer apenas transgredir as leis morais, a legislação da constituição de seu país, mas deseja, sobretudo, transgredir as Leis com “L” maiúsculo. Ao perverso seria conveniente se pudesse burlar algumas Leis da vida, por exemplo superar o envelhecimento, ignorar o fato de que os anos trazem consequências e, se fosse possível, impedir ainda uma Lei maior, a própria morte. Ao perverso isso seria a plenitude, a não ser que a morte se faça sob algum regime de seu domínio.

Ao passo que um neurótico se satisfaz na obediência, o perverso goza dando ordens, criando regras, fazendo leis, mas estas vinculações são menos homogêneas do que se quer crer. Elas coexistem em relação, todavia, alguns traços se acentuam, como alerta Freud: “nem toda disposição vai se desenvolver numa afecção”¹²³ (2016, p. 127) Portanto, neuróticos com disposições perversas desenvolverão suas afecções se encontrarem os ambientes de estímulo capazes de ensinar-lhes lições de perversão. Ficará claro, mais adiante, como a comunicação por telas e nas redes sociais são verdadeiras fábricas de sujeitos com traços perversos.

¹²³ Afecção é um conceito desenvolvido por Espinosa sobreduo em seu livro *Ética* no qual define: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções. Assim, quando podemos ser a causa adequada de alguma dessas afecções, por afeto compreendo, então, uma ação; em caso contrário, uma paixão”. (2009, p 98)

Uns dos traços típicos da perversão é estereotipar o comportamento de um outro, pegar um traço e exagerá-lo, produzindo uma operação metonímica coercitiva, de modo a pautar a relação com a alteridade condicionado por esta parte que tomou do todo. Pode ser o exagero de um traço visto como defeito ou a diminuição de um visto como uma qualidade, o perverso tende a atuar na diminuição ou aumento dos traços que interessam aos seus propósitos. Certos ambientes contribuem para a proliferação das estratégias e práticas perversas, como por exemplo a comédia stand-up, que sabe bem como se utilizar deste mecanismo a serviço do controle de sua plateia - uma prática correlata ao modo de comunicar através de memes, emojis, figurinhas e outras imagens nas redes sociais, ambiente em que assuntos de alta complexidade são reduzidos a traços estereotípicos, realizando verdadeiras lições de perversão.

As redes sociais parecem funcionar como uma escola de perversos, ou seja, um ambiente comunicacional de subjetivação da perversão. Ao achar graça e compartilhar com humor, um vídeo que viraliza nas redes sócias, com crianças nordestinas, negras e evidentemente pobres, falando mal inglês, por exemplo, os sujeitos que difundem este tipo de humor reduzem a complexidade da brutal desigualdade e dos desafios que impedem que aquelas crianças pudessem pronunciar o idioma pretendido como crianças brancas da zona sul de uma capital do sudeste do país. Tentar falar sobre isso com um amigo ou familiar que te manda este tipo de “compartilhamento”, pode exigir muita energia afetiva e pedagógica, pois o sujeito não reconhece neste ato sua perversidade, aliás, sequer reconhece nesta prática, uma lição que o ensina traços perversos.

Uma outra característica curiosa do sujeito perverso é que o fato dele recusar o reconhecimento de um desejo o faz projetar fantasias no outro, em quem ficcionaliza o seu próprio desejo, e assim acredita escapar da dor do seu próprio recalque. O perverso se desvia deste sofrido caminho habitual que faria o neurótico, e com isso, não paga os custos do processo doloroso de renúncia e repressão que o recalque produz.

Escapar do processo doloroso do recalque como estratégia transgressora, não é sem efeitos, tem seus custos, uma vez que as fantasias desejanter continuam assediando o sujeito, e estas fantasias passam a perturbá-lo; assediado por elas, o sujeito deixa-as escapar de diversos modos, e um deles por exemplo é a sexualização de contextos. O trocadilho incontrolável

ou a piadinha que sexualiza ambientes, distantes do erótico, em princípio, são sintomas deste processo. Cada um de nós já encontrou sujeitos que fazem piadas sexuais e associações sexualizantes que não teriam a ver com o contexto. Este traço psíquico do perverso ganha outra dimensão quando está em manchetes de jornais, quando se torna trending topic em redes sociais, quando está no discurso de um presidente da república, por um simples motivo: seu discurso perverso se tornará midiático e, com isso, se tornará um referencial representativo.

São inúmeros os exemplos de matérias jornalísticas que estampam todos os dias as pérolas de perversão do antipresidente Jair Bolsonaro, de piadinhas bufonas como o midiático comentário com o japonês no aeroporto *“tá tudo pequenininho aí?”*¹²⁴, até o uso intencional, misógino e malicioso, no exemplo do *“furo da jornalista”*¹²⁵, ou em contextos diplomáticos, nos quais a própria contextualização, de tão inadequada, parece fora de contexto, como retratar a Amazônia como uma *“virgem que todo tarado quer”*¹²⁶, ou ainda na declaração sobre a possível candidatura de Dória para 2022 *“Dória é ejaculação precoce para 2022”*¹²⁷, ou então, sua obsessão com o *golden shower*¹²⁸ no carnaval, com praticas “homossexualizantes”, ou com os excrementos, vide o discurso sobre o *“cocô petrificado de índio”*¹²⁹ ou sua sugestão para *“reduzir a poluição global”*¹³⁰. Os exemplos são inúmeros e não cessam de surgir¹³¹.

Quando uma democracia é governada pelas paixões perversas, a imprensa é pautada por declarações sexualizantes, e a alteridade é ficcionalizada (como um inimigo cuja existência evoca o assédio das fantasias

¹²⁴ <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bolsonaro-faz-piada-com-oriental-tudo-pequeninho-ai-veja-video-rv1-1-23668287.html>

¹²⁵ https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/02/18/interna_politica,828834/bolsonaro-sobre-reporter-da-folha-ela-queria-dar-um-furo-jornal-reage.shtml

¹²⁶ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/06/brasil-e-uma-virgem-que-todo-tarado-de-fora-quer-diz-bolsonaro-ao-falar-sobre-amazonia.ghtml>

¹²⁷ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/09/bolsonaro-diz-que-doria-e-ejaculacao-precoce-e-nao-tem-chance-em-2022.shtml>

¹²⁸ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/03/06/apos-postar-video-com-pornografia-bolsonaro-pergunta-o-que-e-golden-shower.ghtml>

¹²⁹ <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/08/12/bolsonaro-diz-que-cocozinho-petrificado-em-ndio-impede-licenciamento-de-obras-em-passagem-pelo-rs.ghtml>

¹³⁰ <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/08/09/bolsonaro-sugere-fazer-coco-dia-sim-dia-nao-para-reduzir-poluicao-ambiental.ghtml>

¹³¹ Os incansáveis exemplos midiáticos serão apresentados adiante, com recortes de jornais e publicações em portais jornalísticos.

que perturbam o sujeito), parece estarmos submetidos a uma razão pornográfica de traços perversos. Parece ser a normalização institucional deste discurso, um dos dispositivos que faz os ambientes políticos, diplomáticos e oficiais estarem submetidos agora ao regime pornocrático, pois em alguma medida, a perversão é a exposição em ato da mais íntima pulsão, que irrefreável, escapa da esfera íntima do sujeito descontrolado, revelando seu funcionamento pulsional ao mundo.

Outro traço forte do nosso personagem perverso é sua necessidade de desvio, o ímpeto de sair dos trilhos daquilo que se chama normalidade. O perverso quer sempre tomar um atalho, fazer outra via, ou um percurso que julga mais sabido, e, deste modo, passa a se reconhecer como alguém fora da ordem, fora do lugar adequado, que seria o lugar onde a alteridade de supostos inferiores se adequam e ele não, justamente, por seu sentimento de superioridade. Ele se acha superior, já que acredita deter as leis, já que as cumpre ou não. Como ele gosta de tomar os atalhos, se acha espertalhão e com isso tende a ficar arrogante e autoconfiante demais. Um sujeito desse num cargo político é o típico que começa a governar por decretos, que desrespeita o ritual democrático, que ignora o poder legislativo, é aquele que quer encontrar a fresta para “passar a boiada”¹³². O perverso acredita que o adequado é inadequado e que, ao negar a norma, com isso, afirma sua força. Nesta visão o mundo seria bipartido entre os normais obedientes e os “especiais”, que seriam os transgressores. Mas ao perverso não basta transgredir, seu traço narcísico é agudo e precisa exibir sua transgressão.

Apesar da extrema variedade histórica e antropológica, há duas maneiras básicas de perversão da lei: afirmá-la por meio de uma negação ou negá-la por meio de uma afirmação (DUNKER, 2010, p.44)

O perverso quer o protagonismo da cena, por isso polemiza, não importa se é o contrário do que diz a lei ou se é a lei, ele precisa se colocar em oposição, afirma para negar e/ou nega para afirmar, fixa-se e refere-se sempre à coisa,

¹³² <https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-passou-a-boiada-no-meio-ambiente-durante-a-pandemia-mostra-levantamento/>

mas sempre para negá-la e recusá-la. São pelo menos duas as instâncias de atuação do perverso: afirmação e/ou negação de uma lei, ou o próprio sujeito crê se tornar a lei.

A lei do perverso não é a lei jurídica ou a lei como conjunto de costumes sociais, senão o *logos* que orienta suas paixões, ou seja, a lei de seu desejo, a lei ao qual o seu desejo obedece. Vibrar destruindo um cupinzeiro, ou queimar uma casa de marimbondos não é contra a lei, mas é um tipo de gozo perverso. Crianças podem ter experimentado esse tipo de satisfação, que sofrerá uma inversão de perspectiva quando elas se imaginarem no lugar dos cupins ou dos marimbondos, imaginarem que aquela seria a sua própria casa destruída e, assim, poderão abandonar esta prática de gozo sádica.

Vemos formas de perversão ordinária todos os dias: professores que usam suas posições de poder para oprimir seus alunos, policiais que abusam de seu poder com violência, etc, por isso, parece que que:

É neste ponto que a definição popular de perversão argumentará que ela ocorre justamente por falta de sentimentos morais como culpa, vergonha e o nojo. Daí a ausência de arrependimento, de reparação e de consideração pelo outro que historicamente fez dos perversos os ícones da maldade. Eles não apenas praticam o mal, mas principalmente, gostam de fazer mal aos outros, especialmente quando se comprazem em causar angústia, terror e tortura. (DUNKER, 2010, p.45)

No perverso, não é exatamente a ausência de um supereu¹³³, que por uma suposta ausência não frearia os desejos do id, mas ao contrário, governa a supremacia de um supereu hipertrofiado, narcísico, egóico e cínico.

É neste sentido que alertamos que parece ser no âmbito das comunicações digitais que a satisfação do exibicionismo e voyeurismo, os gozos narcísicos e cínicos se tornam inerentes ao comportamento comunicacional para o qual as redes sociais nos treinam. As gramáticas pulsionais do exhibir, ostentar, revelar e expor-se, parece ter colocado o sujeito no lugar não apenas de

¹³³ Seja o supereu freudiano que teria a função de reprimir moralmente os desejos pulsionais ou seja o supereu lacaniano que ao contrário impele o sujeito a gozar acima de tudo, ambos reservam o mesmo traço – desejam dominar e tyrannizar o id. O id seria nossa parcela mais instintiva, que privilegia desejos, vontades, ímpetos, sem conhecer freios morais e éticos.

consumidor de fenômenos pornográficos, mas de tê-lo pervertido num produtor¹³⁴ ativo de atitudes, relações, comportamentos e subjetividades *pornocráticas*.

Ao contrário do que possa se pensar, o perverso não é uma pessoa menos humana, mas o inverso, é demasiado e vulneravelmente humano, ou seja, tão rendido a sua humanidade que se torna escravo de suas paixões¹³⁵. O perverso não obedece às leis do supereu, ele se insurge e se coloca no lugar do supereu. Uma espécie de *Eu*³, um eu elevado ao cubo, um ego multiplicado por si próprio pelo menos três vezes ocupando as posições do id e do superego como uma santíssima trindade do si mesmo. Os três sujeitos mais importantes do planeta, *Me, Myself and I* elevados a potência narcísica que dissimula clinicamente estar em rede com o Outro, estando apenas enredado e emaranhado num enovelamento de si.

A hipótese aqui é a de que ao treinar modos de comunicação que passam a substituir a real conversação por falsas conversas, nas quais o sujeito fala apenas com vozes idênticas a sua própria, estas práticas comunicacionais parecem promover *ensimesmamentos* perversos ao sujeito, lições que motivam o sujeito a uma tentativa de insujeição a própria lei de subjetivação neurótica. Um Eu sem referencial de alteridade, que não admite mais ser reprimido pelo supereu, mas que passam a ficar complacentes e ambos se tornam escravos do id. Este Eu não ficaria mais dividido trinitariamente, mas parecem se reduzir a uma instância unária¹³⁶.

Este mecanismo parece ser comum em lideranças políticas, corporativas e religiosas e, ao exibirem este traço por meio de discursos, geram fascínio. O púlpito, o palanque e o microfone são dispositivos analógicos de ampliação destas vozes, e agora, com um celular que tenha câmera, qualquer sujeito pode se tornar uma *webcelebrity*, um *digital influencer*, ou *youtuber*, praticando a auto-

¹³⁴ <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/04/12/quanto-rende-o-onlyfans-os-lucros-e-perrengues-de-brasileiras-que-vendem-nudes-no-site.ghtml>

¹³⁵ “A lei de Sade diz: “Goze!”, e a de Kant diz algo como: “Sobretudo não se escravize a suas paixões!”, - ou seja, o contrário.”(DUFOR, 2013, p. 245)

¹³⁶ A hipótese da redução da instância trinitária do Eu, ao âmbito unário, é desenvolvida por Dany-Robert Dufour em seus livros *Locura y Democracia: ensayo sobre la forma unaria* (2002) e em os *Mistérios da Trindade* (1990).

autorização para falar o que quiser, como quiser, do modo que bem entender.

Na comunicação diante das telas, o sujeito se sente um super-herói, se torna um *Super Eu*, um Eu herói que supõe ter vencido os impedimentos e restrições que os outros, vistos por estes, como inferiores, não “ousaram” superar. Alguns fenômenos midiáticos no campo político, ao tornar amplo o alcance de certas vozes perversas, expressam esta dinâmica. O fanatismo que uma performance perversa gera diante de uma manada de neuróticos tende ao messianismo e, portanto, tende a compor sistemas totalitários que expressam a própria relação perversa com a lei. Quando isso ocorre, nosso fascínio e admiração nos disponibiliza voluntariamente a servir como instrumento de gozo do outro, já que o que o perverso realiza é aquilo pelo qual se materializam as fantasias que o neurótico idealizou mas não fez. Neste sentido, o perverso passa a ser um legítimo representante de neuróticos, psicóticos e falsos perversos, pois ele seria a senha de acesso à fantasia que, por algum motivo, não foi realizada. Faz o sujeito gozar por procuração, faz as fantasias serem vividas em massa e, de quebra, o salva, isentando-o do sentimento de culpa. Este Eu neurótico covarde se livra do ônus, responsabilidade, culpa e não precisa viver por meios próprios a experiência fantasiada, já que alguém perversamente ousou representá-lo.

Todavia, a covardia não retira o traço perverso do sujeito, o submete apenas a uma versão hipócrita da perversidade, fazendo com que se torne um perverso ordinário que vive às custas da representatividade de um perverso extraordinário eleito a representá-lo.

Covarde em admitir-se perversamente, o sujeito se torna um perverso-puritano, ou seja, quando um bando de neuróticos passa a ensaiar as lições de perversão nos seus hábitos comunicacionais, e passam a ver um verdadeiro perverso se tornar um fenômeno midiático, este parece ser um dos motivos pelos quais os neuróticos com traços de perversão se identificam e mitificam o perverso. Sem coragem de fazer aquilo que gostariam, reconhecem no outro uma virtude que é antítese de sua fraqueza, um outro mais ousado que ao fazer o que não sou capaz se torna um mito.

Nomear uma comunidade específica de fãs e seguidores mais obstinados se tornou um fenômeno comunicacional, um código identitário cujo sentido de pertença forma verdadeiras legiões de defensores, protetores e fanáticos. Um destes fenômenos é da ordem da linguagem, e sintetiza-se no uso do sufixo “er” que, na língua inglesa, significa algo em torno de “aquele ou aquilo que”, ou seja, o “er” ao ser fixado depois de um verbo o transforma em substantivo. O verbo de ação da sentença passa a se submeter àquilo que se realiza pela ação. Importado do inglês, o sufixo faz uma colagem colonial para designar aquele que se faz pelo que segue, como explica a matéria da revista *Veja* São Paulo, em 13 de dezembro de 2019, e que se tornou *trending topic* no Twitter, por conta da repercussão de seu título de capa: *Os Faria Limers – Como vivem, enriquecem, gastam e se cuidam os paulistanos que trabalham no enclave de maior crescimento econômico do país, polo de modas e ambições apelidado de “condado”*.

“Faria Limers” designaria, então, os que seguem um certo estilo de vida, aqueles que pertencem ao modo de viver dos empreendedores da região da Av. Faria Lima na cidade de São Paulo, apelidada por eles mesmos como “condado”, ou seja, um lugar onde os condes governam a partir de suas ambições, pulsões e libido *dominandi*¹³⁷. Seguindo esta lógica, basta aplicar o sufixo “er” ao nome de uma celebridade, como por exemplo, da cantora pop Anitta cujo exército¹³⁸ de fãs seriam os “anitters”, e assim sucessivamente.

Repare a perversão na lei gramatical, pois o sufixo “er”, no inglês, transforma um verbo em substantivo, mas na adaptação brasileira, é o substantivo próprio, ele mesmo, que se apropria do sujeito, fazendo-o mero adjetivo. Um deixar de ser, para, ser para, ou ser em função de. Completa submissão, que mantém no anonimato, na obediência e na servidão voluntária,

¹³⁷ Das 3 as libidos classificadas a do prazer em ter poder e dominar (libido *dominandi*).

¹³⁸ A linguagem militar que foi celebrizada pela cantora pop desde sua primeira música de sucesso *Show das Poderosas* na qual dizia “Meu exército é pesado a gente tem poder” foi também adotada pela imprensa que passou a estampar manchetes se referindo ao poderoso exército de anitters: <https://g1.globo.com/pop-arte/musica/rock-in-rio/2019/noticia/2019/10/05/como-o-exercito-de-fas-da-anitta-se-organiza-e-ajudou-a-colocar-a-cantora-no-rock-in-rio.ghtml>

o sujeito que mitifica e idolatra o perverso que narcisicamente o domina. Não à toa o termo *cadelinha*, que indica pejorativamente conotação submissa, se popularizou nas redes sociais para designar os seguidores fiéis de algum *digital influencer*, político ou celebridade. Vale lembrar que não é o fato de alguém ser famoso ou digital influencer que faz com que esta pessoa possa ser caracterizada como perversa, só reconhecemos que há um ambiente que gera situações de perversão, práticas e lições que nos ensinam traços perversos.

Recentemente (15/07/2020), foi no **The New York Times**, um palco midiático do jornalismo mundial, que o youtuber Felipe Neto¹³⁹ teceu duras críticas ao anti presidente do Brasil Jair Bolsonaro; em seguida, foi na edição de 23 de setembro de 2020 da revista **Time**, que se encontraram novamente e duelaram, numa cena que os colocou na lista das pessoas mais influentes do mundo. Mesmo sendo antagonistas, nesta cena de amplo alcance midiático, estes personagens contracenam lado a lado. Quando personagens de acentuados traços narcísicos, e quando perversos ordinários, extraordinários e perversos-puritanos passam a disputar o protagonismo da cena dos palcos midiáticos mais prestigiados do mundo indistintamente, um alerta deve soar: as condições regulatórias que sustentam uma democracia foram ameaçadas, dando lugar ao valor de exibição que fundamenta as leis pornográficas, pervertendo democracia em Pornocracia.

Cena 4: Os masoquistas coadjuvantes

Aparentemente, o masoquista parece ser menos nocivo que o sádico, mais ingênuo e mais passivamente passional, mas não parece ser bem assim, já que a contraparte do sadismo é o próprio masoquismo, ou seja, sem a cumplicidade dos oprimidos, o opressor não gozaria. É, portanto, de enorme importância reconhecer a que se presta a midiatização de discursos de grupos oprimidos nas redes sociais, se eles estão cumprindo algum papel

¹³⁹ Felipe neto tem mais de 40 milhões de seguidores, ou seja, sozinho, se comunica com mais pessoas que a maior parte das emissoras televisas no Brasil:
<https://diariodegoias.com.br/felipe-neto-chega-a-40-milhoes-de-seguidores-no-youtube-que-felicidade-absurda-comemorou/>

revolucionário, ou se são, estes mesmos discursos midiáticos, que estimulam e que excitam o gozo sádico num mero jogo neoreacionário de troca de papéis.

Em princípio, é o prazer como meta que regula e domina nossos processos psíquicos, mas no masoquista, não; pelo contrário, nele, a dor, o sofrimento e o desprazer são as metas. O princípio de prazer no masoquista fica entorpecido:

(...) o guardião da nossa vida psíquica fica como que narcotizado. Assim, o masoquismo se nos apresenta sob a luz de um grande perigo, **o que, de forma alguma, vale para a sua contraparte, o sadismo**. Sentimo-nos tentados a chamar o princípio de prazer de guardião de nossas vidas, e não apenas de nossa vida psíquica (FREUD, 2016, p. 287).

Se o princípio de prazer é narcotizado, as características hedônicas do ambiente diminuem, abrindo espaço para governos e comportamentos de traços agônicos, na qual a manipulação e afeição pelo poder e controle se instauram e, com isso, o controle da difusão das informações se impõe, e se consolida uma comunicação violenta e violentada. Ditaduras e censuras são regimes desta composição.

Embora o masoquismo erógeno, se ligue ao masoquismo moral, nos deteremos ao segundo, que para Freud, está relacionado ao sentimento moral da culpa. Vale lembrar que a condição do ser vivente criacionista é a noção da vida como dádiva, como prêmio, a vida como algo que não nos pertence, mas como um empréstimo divino, que é devido a priori; a vida como um bem afiançado, que deve ser cuidado, prestada contas dela. Uma dívida que deve ser paga a prestações, já que, sob esta ótica, a todo tempo o sofrimento é a moeda com que se paga a dívida da dádiva da vida. Neste contexto, podemos entender o problema econômico masoquista e suas relações com o sentimento religioso.

A noção de penitência aos pecados ilustra bem esta mítica da economia masoquista, o sofrimento como um modo de manter quites as contas com um agiota perigoso e onipotente que, além de nos extorquir a vida toda, a qualquer momento poderá cobrá-la com a morte.

O masoquista parte da premissa da impotência, sua posição de submisso é uma condição da qual supostamente não haveria ação para libertá-lo, as fantasias masoquistas terminam por nunca se realizarem como tal, mas por

experiências lúdicas, representações ou simulações de perversão, que finalizam em atos masturbatórios, ou eles, em si mesmos, são tidos como a própria satisfação sexual.

As atividades reais dos perversos masoquistas coincidem perfeitamente com as fantasias, sejam elas executadas com um fim em si mesmas ou sirvam para produzir potência e iniciar o ato sexual. Em ambos os casos – as atividades são apenas a execução lúdica das fantasias – o conteúdo manifesto é: ser amordaçado, amarrado, dolorosamente espancado, açoitado, de alguma maneira maltratado, forçado à obediência incondicional, sujado e humilhado. Muito mais raras, e só com grandes imitações, são também inseridas mutilações dentro deste conteúdo. (FREUD, 2016, p.290)

Nas subculturas sexuais masoquistas, as algemas, vendas e mordanças são materiais centrais. Performar o lugar de impotências do agir, ver e falar, e nesta performance encontrar a sua satisfação e gozo - é assim que o perverso masoquista é um falso rebelde, porque sua transgressão é infantilizada, ele quer ser reconhecido e tratado como uma criança pequena e malcomportada, desamparada e sempre dependente, é paciente do elemento agente sádico.

Na comunicação pornográfica, este jogo parece se revelar, na medida em que uma manada de perversos masoquistas obedecem, mimetizam e repetem as palavras de ordem daqueles de quem são seguidores. Uma espécie de transferência simbólica na comunicação, um jogo sadomasoquista de quem fala e quem repete, de quem dita e de quem obedece, do *influencer* que goza ditando o discurso e palavras de ordem e do seguidor que goza reproduzindo e obedecendo aos mandamentos da figura com a qual tem fetiche. Gozar em ser “cadelinha” do influencer “lacrador”¹⁴⁰. Cultuar a voz fálica da lacração, que pretende meter-se a tapar buracos, dizer por último. Um falar sem escuta, não para dizer, mas uma fala-falo, cujo intuito é demonstrar o poder de silenciar vozes dissonantes.

¹⁴⁰ O verbo lacrar designa algo capaz de selar ou de fechar algo com um lacre, no sentido de proteger e manter algo inviolado. Na cultura LGBTQIA+, o termo designa aquele que obteve êxito no que se propôs fazer; quem se destaca em relação aos demais, alguém que se deu bem e que ostenta seu sucesso.

É comum ouvir discursos ufanistas de usuários de redes sociais, gozando e se refestelando de prazer ao dizer que um certo digital influencer, que se admiram e seguem, fez um vídeo ou post “*lacrativo*” e “*jantou*”¹⁴¹ fulano ou ciclano e, por isso, tem orgulho de ser “*cadelinha*” deste influencer. A expressão “*pisa menos*” também se popularizou e se refere a um elogio a uma pessoa que supostamente esta “*arrasando*”, “*lacrando*”, “*jantando*” alguém ou dominando algum assunto e ou situação. Repara que o verbo pisar e jantar, conotam superioridade e admiração, e o orgulho em ser “*cadelinha*”, revela o gozo na submissão. Manifestações comunicacionais desta natureza habitam e se proliferam no ambiente da comunicação digital e seus signos merecem nossa atenção.

O masoquismo é uma espécie de pulsão passiva, de estímulo reacionário, pois não é propriamente uma excitação senão uma coexcitação passiva, que depende do elemento ativo sádico para existir. O masoquismo moral mantém mais frouxas suas relações com a sexualidade.

Em geral, o masoquista encontra satisfação no sofrimento advindo do seu objeto de desejo, mas o masoquismo moral não depende do sofrimento provocado por um outro desejado, basta encontrar situações e circunstâncias que causem oportunidade de sofrimento. Sentimento inconsciente de culpa e necessidade de punição são traços principais da perversão masoquista.

No recalçamento clássico da neurose, o sujeito se reprime renunciando suas pulsões e, como consequência, aparecem seus traços morais. Freud, no entanto, sustentará que, na perversão masoquista, é o processo contrário que ocorre, um traço moral se torna uma eticidade, que exige a renúncia pulsional.

É assim que o masoquismo moral passa a ser a testemunha clássica da existência da fusão pulsional. Sua periculosidade se deve ao fato de derivar da pulsão de morte, de corresponder aquela sua parcela, que escapou de ser voltada para fora, como pulsão de destruição. Mas como, por outro lado, ele tem o valor de um componente erótico, a autodestruição da pessoa também não pode se realizar sem uma satisfação libidinal” (FREUD, 2016, p.301)

¹⁴¹ <https://rd1.com.br/gabriela-prioli-janta-colega-na-cnn-brasil-por-causa-de-bolsonaro-e-conquista-a-web/>

Parece haver, portanto, uma economia libidinal política da comunicação, que opera regulada por uma linguagem que produz corpos com certas perversões, que se cultivam e se manifestam através dos novos hábitos comunicacionais.

Cena 5: Os sádicos contracenam ou a contracena sádica

A contraparte do masoquismo é o sadismo.

O sádico é o que nega a lei socialmente compartilhada, para afirmar uma lei maior, cujas regras estão em suas mãos e atendem à sua satisfação.

O ser vivo tem duas pulsões (de vida e de morte), sendo que a pulsão de vida enfrenta, a todo instante, a pulsão de morte, e é através das libidos¹⁴² que isso se dá. A tarefa da libido (pulsão vital) é tornar inofensiva a pulsão de morte e, para isso, ela desvia para fora do sujeito esta força contra algum objeto. Isso que Freud chamou de pulsão de destruição (*Destruktionstrieb*), pulsão de empoderamento (*Bemächtigungstrieb*) ou vontade de poder (*Wille zur Macht*), são os ingredientes das pulsões que plasmam o sadismo.

Enquanto o masoquismo é uma coexcitação passiva que permanece ligada libidinalmente à pulsão de vida, mesmo que por mera submissão às suas leis, o sadismo é o representante leal da pulsão de morte, pelo desejo de controle da vida. Se a vida é o elemento proliferante e incontrolável, o sádico se sente desafiado a controlá-la.

Ambiente perfeito para o florescimento do sadismo é o capitalismo, que parece obedecer ao logos sádico, ao desejar controle e conquista, mesmo quando a sua economia libidinal custe a pulsão de morte. A pulsão de vida tira o sujeito do controle, pois aberto a seus efeitos, o sujeito é afetado pelas perturbações e atritos pulsionais aos quais se permite estar submetido. Já a pulsão de morte seria o mecanismo que tenta pilotar a cabine de comando, de modo a impedir que as perturbações apareçam e surpreendam a vida com o acaso. O desejo de controlar o incontrolável parece levar o sádico a desgovernar-se, revelando um modo frustrado de exibir sua pulsão de destruição

¹⁴² Libidos no plural porque consideramos pelo menos as 3 libidos já citadas na nota de rodapé de número 90.

e vontade de poder. Governos, grupos, ou sujeitos violentos e autoritários, parecem se servir destes mecanismos, independente dos regimes econômicos.

O desejo de ter nas mãos o controle da vida segue rumo à pulsão de morte, enquanto, o próprio desejo que é potência libidinal, com seu elemento incontrolável, inestancável e proliferante, é da ordem da pulsão vital. Ao exercitar este tipo de controle, o sádico amorna o fervor da vida, fazendo dela, nem água fervente, que nos faria queimar e arder, nem água fria, que nos faria contrair e pular, mas apenas um mero estado morno de vida. Uma vida sem intensidade vital, uma vida controlada, sem furor vivaz, algo como uma banheira morna, na qual se pode relaxar, dormir e confortavelmente se afogar.

Lidaremos com esta abordagem psicanalítica, sem nos determos aos detalhes psicoquímicos, fisiológicos, para explicar quais os caminhos que a libido realiza no corpo para domar a pulsão de morte. Aqui, o que nos parece mais importante é situar que, embora hajam essas duas pulsões que, aparentemente, se tornam os binômios vida e morte, eles não se comportam de maneira binária no corpo, ou seja, vida e morte coexistem em relação, mas também, nem por isso, geram um terceiro, ou uma síntese, mas devires-outros, variáveis e combinatórias compositivas de morte vital e vida mortal, de modo que a pulsão de morte, este sadismo originário, flerta e troca de papel com o masoquismo, cabendo reconhecer a cada experiência e fenômeno, qual traço se estabeleceu com mais força e determinou os contextos, sempre circunstanciais.

Se a dinâmica do masoquismo é para dentro e do sadismo pra fora, também não é determinista esta condição:

Não ficaremos espantados ao ouvir que, sob certas circunstâncias, o sadismo – ou pulsão de destruição – voltado e projetado para fora, pode ser novamente voltado e introjetado para dentro, de modo que regride a sua situação anterior. Isso resulta, então, no masoquismo secundário, que se somaria ao originário (FREUD, 2016, p.293-294)

O sadismo do superego ao qual o Eu se submete, é o próprio masoquismo do Eu, que deseja ser castigado, seja pelo superego ou por qualquer outro, mas, em ambos os casos, uma necessidade que pode ser apaziguada através de dor e sofrimento. O sadismo do superego é consciente, ao passo que o anseio

masoquista do Eu é inconsciente. O masoquismo moral é inconsciente, portanto, por isso profundo e pouco visível.

Parece ser nesse jogo de velado e revelado, de público e privado, de secreto e notório, de erótico e pornográfico que agem as comunicações digitais, na medida em que produzem o borrão indistinto destas fronteiras, estas práticas não são sem consequências na produção de subjetividades. A comunicação e o sujeito parecem se modular a cada avanço dos hábitos *pornoizantes* que agora habitam e mediam a comunicação dos corpos por telas.



Para justificar a “contação de história” num trabalho teórico emprestaremos a frase que André Gide inicia a apresentação a Paul Valéry em seu livro O tratado de Narciso (teoria do símbolo)¹⁴³: “Conheceis a história, sabemos. Por isso mesmo nós a diremos de novo, pois todas as coisas já foram ditas, mas como ninguém mais as escuta, é preciso recomeçar sempre”.

¹⁴³ GIDE, André, 1983, p. 9 ed: Flumen Livreros e Editores Ltda, São Paulo

Interlúdio mitológico - Narciso

Echo fazia parte das ninfas com quem Zeus, o rei dos deuses, se satisfazia em orgias amorosas. Echo tinha uma característica especial, era demasiadamente falante. Echo tentou usar sua fala como uma arma contra Juno, esposa de Zeus, que chega ao bosque em busca de flagrar seu marido na orgia. Echo usa da sua fala como um falo, porque exhibe o poder fálico de sua condição falante para deter, manipular e controlar Juno, verborrágica e ejaculatoriamente. Nesta espécie de estratégia fálico-falante, para desfrutar dos poderes fálicos de Zeus, Echo ejacula o seu “falar”.

Ao perceber a intenção de Echo, Juno a amaldiçoa, não a emudecendo, mas a amaldiçoa a não ter mais voz própria e a condiciona a falar apenas as últimas palavras que ouvisse de alguém, numa espécie de repetição ritual, a condiciona a um tipo de karaokê¹⁴⁴ no qual só se canta em canção.

Amaldiçoada por Juno e apaixonada por Narciso que, por amar apenas sua própria imagem, a rejeitou, Echo se recolheu no interior de uma caverna, sucumbindo na escuridão, desintegrando seu corpo e restando apenas os restos de sua voz.

Narciso era um homem de beleza inestimável e de grande vaidade, motivo de sua arrogância e orgulho que feriu tantas pretendentes com sua rejeição. Ao serem rejeitadas, teriam ficado ressentidas e pediram a Nemesis, deusa da vingança, a amaldiçoar Narciso, que recebeu como castigo apaixonar-se por seu próprio reflexo no lago perto da caverna na qual a voz de Echo chorava calada. Ao ver sua própria imagem refletida, Narciso teria caído apaixonado, debruçando-se diante do lago. Ao tentar falar com a imagem que desejava, Echo, da caverna, podia ouvi-lo e repetia suas últimas palavras, dando-lhe a sensação de que a imagem no lago era quem o respondia. Ao dizer, você é lindo, Narciso recebia de volta a mesma frase, replicada inúmeras vezes: “você é lindo, você é lindo, você é lindo...”. Só tinha, portanto, como retorno, o eco de suas próprias palavras.

Narciso, então, passa dias prostrado diante de seu reflexo no lago, de modo que não comia, não bebia e nem dormia, emagrecendo e ficando doente,

¹⁴⁴ Tal qual acontece hoje nas redes sociais, e desenvolveremos mais adiante, à luz do livro **Karaoke Culture** (2011), da escritora iugoslava Dubravka Ugrešić.

quando decide, então, beijar o lábio liquefeito da bela imagem, e se afoga, morrendo em si mesmo.

Esta fabulação parece nos ajudar a reconhecer traços indispensáveis de nosso tempo, pois parece ser precisamente a imagem de um eco condicionado a repetir as palavras de um sujeito que ama apenas a si mesmo a condição da comunicação que se espelha no reflexo das telas de cristal líquido que nos afogam agora.



Pensa comigo: se Echo e Narciso estivessem nas redes sociais, seria como se Echo estivesse condenada a curtir apenas as postagens de Narciso, que por sua vez está amaldiçoado a dar like somente nas suas próprias postagens, ou onde o idêntico apareça, onde o si mesmo se revele. Eco obedece aos passos de Narciso, repetindo apenas o que interessa a ele ouvir e, por isso mesmo, Narciso não é capaz de reconhecer Echo como um Outro, de modo que o si mesmo passa a ser um falso outro, por quem, equivocadamente, ele se apaixona. Você não acha que isso descreve bem a nossa condição hoje?

Perceba: um sujeito apaixonado por uma imagem que, ao sorrir, sorri de volta, que ao acenar, acena de volta, que ao olhar apaixonado, olha igualmente a ele, relação mediada por uma mídia, uma superfície reflexiva, um lago, uma tela líquida que congela sua melhor versão, mas que, ao tentar se aproximar e mergulhar em si mesmo para descobrir-se, a imagem se turva, se esvai, borrando a projeção ideal narcísica, tão cristalina, com o ofuscamento opaco do real. É como se Narciso morresse de depressão, que é um jeito de se inundar de si mesmo, até se afogar. Onde está Eros para fechar e sangrar o coração de Narciso, sequestrá-lo e salvá-lo de si mesmo para atirá-lo num Outro? Reconhece a semelhança com nossas práticas comunicacionais diante das telas?

Cena 6: Os narcísicos querem um solo

Com a libido orientada a si mesmo, o narcísico se protege do outro, se torna indisponível para desejar a alteridade e realoca seu desejo a si próprio. Quando ama, ama um falso outro que, na verdade, é apenas a extensão de sua própria imagem. Dizendo de outro modo, o narcísico se ama através do outro, usa o outro objetivamente, como veículo do amor de si mesmo. Um outro verdadeiro aparece como uma perturbação ameaçadora ao narcísico, que pode tirar do protagonismo e da centralidade da cena, os traços que o sujeito narcísico cultiva. O narcísico busca um si ideal, portanto, projetado, idealizado e ficcionalizado, uma suposta plenitude e perfeição, pelas quais busca incansavelmente, de modo que está sempre insatisfeito, por exemplo, com seu corpo, se sente sempre inadequado, se sente abaixo de seus ideais. Estes são exemplos de transtornos narcísicos

As perturbações narcísicas têm dificuldade de reconhecer a operação fálica como um mecanismo simbólico, e por isso, quanto mais o sujeito é dependente de identificações narcísicas, mais precisa ter dotes fálicos como: dinheiro, carros, posições de poder, likes, views, seguidores, fama, glória e etc. Traços que revigoram o narcisismo e faz do sujeito um sujeito “bem dotado”.

O narcísico não é exatamente um reflexo de si no espelho, é bem mais uma selfie com filtros de instagram, no qual as rugas são alisadas, os traços do cansaço de existir no real são maquiados e os cenários de fundo podem ser inventados. Os processos narcísicos operam sob o regime dos processos de individualização, agudização dos traços egóicos e desinflação do altruísmo e do reconhecimento da alteridade.

Não a toa, nas comunicações em redes sociais, ao acreditar lutar pela alteridade, o narcísico revela sua estrutura em atos falhos da linguagem quando, por exemplo, para lutar por um suposto outro (seja Marielle, a Amazônia, a Educação, o Brasil, o atentado ao Charlie Hebdo), o narcísico admite que sua luta só é válida quando, na verdade, for por si mesmo, ou seja, dirá EU SOU o outro, vide as hashtags #eusoumarille, #somostodosindígenas, #eusoucharliehebdo e etc, ao invés de dizer-se aliado ao Outro, com o Outro, pelo Outro, ou por um Outro.

O narcísico não pode ser com um Outro porquê ainda não se sabe, não

sabe quem é, se afogou em si mesmo, no reflexo da sua própria imagem e num lago que agora é feito de cristal líquido, no qual a magia de criar sua imagem e semelhança com a perfeição que acredita ser possível, se materializa com os toques mágicos das pontas de seus dedos. Parece ser nas comunicações por telas, que se forja um sujeito hiper-narcísico, que agora reúne traços pornográficos.

Cena 7: O sujeito pornocrático ambiciona o papel do herói

O sujeito que se expõe em sua obscenidade mostra apenas o demonstrar-se, e assim, se desinveste de mistério, desprovendo-se do erótico e se trajando de pornografia. Esta é a transparência aqui denunciada:

Trata-se aqui da descarada indiferença que, antes de qualquer outra coisa, os modelos, estrelas pornô e **outros profissionais da exposição** devem aprender a conquistar: não dar a ver nada mais que um dar a ver (ou seja, a própria e absoluta medialidade e integração midiática). (AGAMBEN, 2007, p. 78)

Mostrar puramente o mostrar, e nada além. Mostrar *putamente* o mostrar, e nada além. Assim como o corpo do ator pornô, os outros profissionais da exposição agora são corposmídia¹⁴⁵ que refletem a moral da transparência. É um fingir que se legitima em representação. Fica claro como moral e pornografia podem conviver em harmonia na política. É quando a economia política da comunicação alcança o atual estágio mercantil de exhibir seu funcionamento pulsional e se torna uma pura comunicação puta, que um ator pornô consegue ser eleito deputado federal e consagrar-se como voz política sustentando morais conservadoras, tal como aconteceu recentemente no Brasil.

¹⁴⁵ A Teoria Corpomídia (KATZ e GREINER) explica que, ao se relacionar com um ambiente, o corpo se contamina sempre com as características do ambiente, voluntária ou involuntariamente. A Teoria Corpomídia também explica que querendo ou não, sabendo ou não, o corpo revela do que é mídia, ou seja, ele se denuncia a todo tempo, ele mostra qual coleção de informações o constitui a cada momento. Deste modo, os corposmídia que praticam o jogo pornológico da transparência se tornam corpos que expõem a relevância que a transparência tem agora na Pornocracia.

Diz Dufour (2013) que o liberalismo evoca o sujeito sadeano, já que, para o autor, o liberalismo poderia ser definido como uma mistura de Adam Smith e Sade. Caminhando com esta hipótese, uma vez reconhecidos os traços atuais que compõem a nossa subjetividade, parece ser necessário acrescentar ao sujeito forjado no neoliberalismo comunicacional o ingrediente narcísico, de modo que não bastaria mais misturar apenas Adam Smith e Sade, sem que Narciso se refestele neste encontro. **A comunicação no ambiente neoliberal parece ter produzido um sujeito sadomasonarcísico de traços perverso-puritanos. Essa mistura parece compor e condensar o nosso protagonista da Pornocracia: o sujeito pornocrático.**

Este é nosso protagonista, o solista principal desta cena: o pornocrático é um sujeito que reúne traços sádicos e/ou masoquistas, narcísicos e perverso-puritanos, que se enovelam e se combinam, a depender da relação promíscua com a qual decidem prostituir suas vidas, expondo publicitariamente seus comportamentos, afetos e desejos em troca de moedas e valores que precificam com a vitrinização de suas vidas. Sujeitos cuja vida passou a ter valor venal. O vício da venalidade agora é um traço constituinte de nossa subjetividade e reconhecido como uma virtude.

O sujeito pornocrático é, portanto, deserotizado, tem o caráter corroído pela perversão sádica e exibicionista. A este sujeito onde tudo é performance e espetáculo, resta um terreno erótico erodido. Ao perversamente não suportar renunciar a seus desejos, mimado e infantilizado, este sujeito não mais admite nenhuma repressão e negação, e sem precisar reprimir nada, o sujeito se afirma em pura positividade e ocorre a erosão do seu campo erótico, já que o erótico presume sempre alguma negatividade, pois vale lembrar que o sujeito erótico compõe-se com as sombras. **Com a obsessão de se esconder das sombras e ambicionar toda a luz para se expor, o espaço erótico é erodido, das erosões vaza a luz que carboniza traços no interior do sujeito e corrói seu caráter.**

Se, como nos conta a Teoria Corpomídia (KATZ E GREINER), são os processos de trocas entre corpo e ambiente que configuram a subjetividade e hábitos cognitivos de um corpo, reconhecer os traços que regulam nossos ambientes parece, então, primordial. Como vivemos em modos de vidas sustentados, sobretudo, por nossos trabalhos e modos de nos comunicar, as lógicas que regulam estes ambientes precisam ser analisadas, pois são chaves na produção e constituição de subjetividades. Este parece ser o grande valor da contribuição de Richard Sennett, no seu título **A Corrosão do Caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo** (1998). No livro, o autor explora a noção de que os novos modos de trabalho no mundo neoliberal vão modificando características sociais, culturais, afetivas e políticas do sujeito. Chama atenção para o fato de que as gerações mais recentes não se planejam para longas carreiras e percursos profissionais, já que o mercado funciona cada vez mais através de execução de projetos e, sendo assim, consequências como a falta de confiança são reconhecidas como efeitos colaterais pelo autor:

Vejam a questão do compromisso e lealdade. “Não há longo prazo!” é um princípio que corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo. A confiança, pode, claro, ser uma questão puramente formal... Mas, em geral, as experiências mais profundas de confiança são mais informais... Esses laços sociais levam tempo para surgir, enraizando-se devagar nas fendas e brechas das instituições. O esquema de curto prazo das instituições modernas limita o amadurecimento da confiança informal. (SENNETT, p. 24, 2015)

Se, no mundo do trabalho, as relações ligeiras e superficiais são inóspitas para sentimentos que requerem tempo e profundidade para se enraizar, como no exemplo da confiança citada pelo autor, vai ficando claro a qual tipo de corrosão do caráter Sennett se refere, cabendo a nós reconhecer estes efeitos em outros campos. De um jeito muito simples, se caráter é aquilo que nos caracteriza, ou seja, aquilo que nos marca como singulares, vale lembrar que, segundo Freud, nosso aparato psíquico procede num regime de repressões, e que seriam justamente os desejos recusados, os impulsos renunciados e a vontade reprimida que causariam as cicatrizes que marcam nosso caráter. O

caráter, como uma marca do que foi reprimido, sugere que o sujeito é resultado deste processo de negação da sua positividade. Portanto, este processo de negação é o que atrita, encrespa, enruga, arranha e esfacela as bordas do sujeito para que elas não fiquem lisas e polidas, apenas refletindo a alteridade, sem acolhê-la, mas sendo poroso, absorvendo o diverso e o variado.

Se este processo de “gravura subjetiva”, ou seja, as repressões que nos esculpem enquanto sujeito têm sido corroídas, alisadas, polidas pela positividade e autoafirmação do indivíduo, as marcas que nos talham, agora parecem desentalhar o sujeito e, talvez por isso, o caráter estaria em estado de corrosão. De caráter corroído, ficamos desprovidos de talhos, veios, sulcos, nuances e profundidades; agora alheios a existir com o outro em relação, ficamos alisados na superfície do eu. Este é o contexto perfeito para a fragilidade dos laços humanos, como Sennett, citando o sociólogo Mark Granovetter (1973)¹⁴⁶, diz

que as redes institucionais modernas se caracterizam pela *‘força de laços fracos’*, com o que quer dizer, em parte, que as formas passageiras de associação são mais uteis às pessoas que as ligações de longo prazo, e em parte, que fortes laços sociais, como a lealdade, deixaram de ser atraentes. Esses laços fracos se concretizam no trabalho de equipe, em que a equipe passa de tarefa em tarefa e muda de pessoal no caminho (SENNETT, p. 25, 2015)

Como se sabe, não é só no mundo do trabalho que reina a *força dos laços fracos*, sobretudo agora, quando, as redes sociais são um ambiente comunicacional no qual estas frágeis relações ganham força. A Teoria Corpomídia adverte que o que um corpo treina em qualquer ambiente não fica restrito a este ambiente específico, mas se torna, como qualquer treinamento, o próprio corpo. Neste sentido, as relações interpessoais, afetivas e amorosas também estão corroídas agora, por este tipo de força da fraqueza imputada pela vigorosa comunicação digital.

¹⁴⁶ Mark Granovetter, "The Strength of Weak Ties", American Journal of Sociology 78 (1973), 1360-80

Com o caráter corroído e nossa subjetividade prostituída na internet, não nos admitimos prostitutas, e o traço puritano no perverso o impede de admitir o que um profissional do sexo, por exemplo, consegue, com certa clareza:

Mario: Não, não é realmente prostituição, pelo menos não como michê. Bem, às vezes é, naturalmente – no Rio, principalmente, há muitos michês que são especializados em clientes estrangeiros. Mas, de modo geral, é mais complexo. Os gringos percebem que têm mais dinheiro, então, mesmo se eles não contratam você como prostituto, eles provavelmente pagarão a comida ou o seu ingresso para verem um show juntos, ou a sua passagem e seu hotel, se você viaja junto. E, naturalmente, você trepa com eles, mas não é uma troca direta, nua e crua, como você faz na prostituição. É mais como um entendimento entre as partes, um tem mais dinheiro e pode arcar com as despesas, enquanto o outro pode oferecer outro tipo de coisa – como conhecimento do local e também prazer sexual. É engraçado. Soa um pouco forte. Mas não é exploração. Os dois lados ganham alguma coisa. Quando eu era mais jovem, foi através deste tipo de contato que eu aprendi muito sobre o ser humano e sobre o mundo. Frequentemente, esse tipo de relacionamento pode ficar muito forte. Eu ainda tenho muitos amigos que eu conheci desta maneira, que mais tarde eu visitei na Europa, na Inglaterra, na Bélgica e na Itália. (Mario, em PARKER, 2002, p.264)

No depoimento à Richard Parker, o michê profissional Mário é capaz de reconhecer que, quando um “gringo” economicamente mais poderoso oferece alguns benefícios, mesmo que não tenha te contratado explicitamente como prostituto, é preciso oferecer algo em troca para recompensar esta relação comercial: “não é uma troca direta, nua e crua, como você faz na prostituição, é mais como um entendimento entre as partes”, e o depoente ainda reitera que ambas as partes ganham algo. Este depoimento parece esclarecer bem as relações de usos, trocas e recompensas que os “gringos” como Google, Facebook, Instagram, WhatsApp, Amazon, Apple, dentre outros, esperam de seus usuários.

O que seria a relação com estas plataformas comunicacionais, senão uma relação promíscua, na qual os estrangeiros

economicamente poderosos te oferecem acesso a serviços que você não pode ter, e em troca, recebem suas intimidades, as quais exploram comercialmente?

Mas há, claro, uma diferença importante, pois, na prostituição sexual, o profissional do sexo oferece um serviço a ser consumido por um cliente, o jogo mercadológico é claro, enquanto nos serviços oferecidos por comunicações digitais, há um conveniente borrão, no qual indefinimos as noções de clientes e servidores. Nas telas, produzimos e, consumidos, demandamos e ofertamos ao mesmo tempo, de modo que preferimos não ver a putanização da vida como nossa principal atividade agora.

Supremacia pornográfica

O supremo protagonista da Pornocracia reúne traços pornográficos específicos, é alguém que não caminha, desliza. Desliza irrefreavelmente diante de si mesmo, num plano liso, de uma comunicação lisa e plana como uma tela, um sujeito automóvel, cuja comunicação também ficou automóvel, é sujeito de uma comunicação automobilística.

Agora com tecnologias de tração e velocidade que simulam centenas de milhares de cavalos, nos projetando em deslocamento perpétuo, este sujeito se desloca como um trator que derruba florestas, cruza mares, atropela leis, esmaga a justiça e aniquila vidas.

Talvez, além de tudo isso, a perversão do sujeito pornocrático se engaje num projeto ainda mais ambicioso: insurgir-se contra sua própria condição subjetiva. Queremos dizer com isso, que este sujeito parece querer se emancipar das próprias leis de subjetivação e pretende deixar de ser sujeito, uma tentativa exacerbada de controle que enseja a insurreição de sua própria subjetividade. Um sujeito que quer denegar sua sujeição e se despojar do prefixo *sub* que conota submissão, que indica estar abaixo sob alguma regra ou lei, que o sujeita, portanto, para aderir o prefixo *pro* que, em latim, significa adiante, ou seja, como sugere Han (2018), o *sujeito* quer se tornar *projeto*.

Parece ser ainda mais que isso, o sujeito da Pornocracia quer ser projétil. Um objeto sólido, rijo e ereto que se desloca no espaço, uma flecha, que não é lançada, mas que se lança. Um sujeito que é pedra e estilingue, alvo e munição, um sujeito fálico, que perfura e penetra o futuro, não para fecundá-lo, mas para destruí-lo. Um sujeito, cuja vida passou a ser um plano de metas, que lida com a vida como um business plan (RAJAN, 2006)¹⁴⁷.

Parece estarmos em vias de testemunhar a consolidação de um sujeito ultraperverso, que supostamente tenta transgredir as próprias leis da sua subjetividade perversa, se acreditando fora do julgo que o jogo subjetivo nos submete. Esta é a hipótese defendida por Han (2018), mas o autor parece se esquecer que, nesta tentativa, o perverso não se emancipa verdadeiramente, não se insurge e não se insubmete, mas, ao contrário, ao querer ser a lei e dominar as regras do jogo subjetivo, se torna ainda mais interior a elas, de modo que o sujeito acredita falsamente estar extinguindo as regras das quais está sob julgo, quando, na verdade está, se tornando, ele mesmo, o guardião das próprias regras do jogo, de modo que está ainda mais implicado e submetido às suas leis e operações.

É o sujeito pornocrático e ultraperverso que se utiliza da regra democrática, por exemplo, para lançar um partido político com a logotipo cravejado a balas de metralhadora.



¹⁴⁷ *Life as a business plan*, é o termo utilizado por Kaushik Sunder Rajan em seu livro **Bio capital. The Constitutions of a Postgenomic Life**, Durham e Londres: Duke University Press, 2006.

Todavia, o traço sádico e ultraperverso parece não estar apenas em governos e autoridades. É também estes traços que fazem de nós sujeitos bélico-fálicos, que metralhamos palavras de ódio nas redes sociais, que fazemos da fala um falo, da voz uma arma, do discurso a munição destruidora em alvos que são os inimigos ficcionais, cujos campos de batalha são as plataformas de comunicação digital. É todo este jogo psicossocial que está na comunicação por telas, onde sádicos, masoquistas, narcísicos, perversos-puritanos e outras combinações subjetivas dissimulam uma ágora, se fingem numa democracia rota e puída, na qual se apoiam com a falsa premissa de seu direito de “liberdade de expressão”, para disputar espaços de destaque, narrativas e roteiros, cujos enredos sirvam apenas para afirmar, de maneira pseudodemocrática, o seu protagonismo.



Antes que pareça um pessimismo ler assim o Brasil, vale lembrar ao leitor que os ismos aqui ajudam pouco. Nem o ismo do ótimo (otimismo), nem o ismo do péssimo (pessimismo). A sugestão é reconhecer que entre o ótimo e o péssimo existe o real; e o real é complexo. Nos deteremos, portanto, nas complexidades que nos tecem, nas tramas e no tear que costuram as esteiras da nossa história. *Situados dos personagens e do cenário onde se passam, as cenas e episódios da nossa teatrocracia pornocrática espetacularizada em fenômenos midiáticos, descreveremos a seguir o modo como as cenas serão apresentadas.*

TERCEIRO ATO: Coreopornocracia

Democracia prostituída é Pornocracia

Quais são as condições regulatórias que fazem de uma democracia uma pornocracia?

Quando esse funcionamento pornográfico atinge o Estado, podemos falar de *pornocracia*. A pornocracia é um regime em que o corpo do rei (e o corpo da rainha) é exibido em seu funcionamento pulsional (DUFOR, 2013, p.37)

Qual a relação entre o fato da vida privada estar hoje indistinta da vida pública e a ação da mídia, que vem construindo um regime pornocrático, com sujeitos “des-erotizados” e pornográficos?

O grande Sujeito foi de certa forma encolhido. Mas aposto que temos muito a aprender sobre o poder hoje, considerando o corpo do atual reizinho. **Bastaria considerar as pulsões que o agitam constantemente e que ele não consegue controlar.** Esta permanente agitação desagradada a muitos, mas não devemos excluir a hipótese de que a exibição permanente de sua veemência pulsional acabe por agradar e mesmo por permitir aos liberais e ultraliberais liberados (sejam de direita sejam de esquerda) “ganhar a batalha ideológica”- aquela que garantiria a vitória total do liberalismo em longo prazo. Não é concebível ganhar essa batalha sem ir na direção da criação desse **misto de democracia e pornografia a que aqui dou o nome de *pornocracia*.**

Ela poderá ser definida da seguinte maneira: a pornocracia é a forma de governança mais adaptada à era ultraliberal, na medida em que utiliza o Estado residual para emitir e propagar o mandamento: “Goze!”. (DUFOR, 2013, p.42, grifos nossos)

Quais práticas e lições os sujeitos de uma pornocracia devem aprender para sustentá-la?

Para se perenizar, essa pornocracia pressupõe, com efeito, a permanente difusão de autênticas lições de perversão, vale dizer, a exibição pública de comportamentos “culturais”, políticos, econômicos, ou artísticos pornoizantes. (DUFOUR, 2013, p.42)

As práticas de expor a vida íntima e fazer da vida uma vitrine, que exhibe através da transparência seu interior recheado de produtos cuidadosamente expostos, de modo a despertar o desejo de consumo, parece ser um mecanismo que deserotiza o sujeito, pornografizando-o. Ao praticar algo, o corpo se habilita, mas ao praticar algo com regularidade cotidiana e ininterrupta, o corpo se especializa. É este tipo de especialização subjetiva e cognitiva que o atual contexto das redes sociais parece promover. Não estamos somente familiarizados, mas vacinados pelo *logos* da pornografia. Portanto, ao nos embebermos destas práticas, imunizamos a nossa capacidade de percebê-la como patológica. A pornografia da qual falamos é a da hiper-exposição do corpo, dos hábitos e da vida íntima, que acabam por imunizar a percepção do sujeito para a obscenidade política. Vivemos agora como meros objetos dos fetiches perversos de uma *psicopatopolítica* sádica e pornocrática, e obedecemos às suas doutrinas.

Aviso antes do sinal: contrato, pactos e acordos de relacionamento com a proposta cênico-coreo-gráfica.

Há aqui a pretensão de investigar, nos fatos midiáticos pré, durante e pós-período eleitoral de 2018, os sintomas liberais e pornográficos presentes na nossa forma de existir, trazendo-os para a visibilidade. Ao leitor, vale o alerta de não tentar buscar a estrutura tradicional de um espetáculo no roteiro a seguir. Embora esta escrita procure explorar os modos cênicos, dramatúrgicos e coreográficos, e se utilize de prólogos, epílogos, atos e cenas, todas estas partes estarão contaminadas e em troca com o modo como a atual sociedade do espetáculo (Débord, 1967) tem se apresentado. Ao invés de cenas com começo, desenvolvimento e conclusão, teremos *stories*, *posts*, fragmentos, uma dramaturgia despedaçada, um contexto esquartejado, mas, às vezes um

mosaico marchetado pelo bombardeio de cenas esquizoides¹⁴⁸, tal qual determina o regime estético da comunicação nas redes sociais.

Poderá haver ainda, no nosso roteiro, um recurso teatral que foi amplamente capturado pela cena pornográfica - a quebra da quarta parede. Neste caso, será quebrada a parede da escrita acadêmica e, a todo tempo, poderá haver um contato despudorado do escritor ou das ideias dele com o leitor. Você estará assistindo a cena e, de repente, te olharemos pela lente da objetiva, pela fresta da fechadura e nos referiremos diretamente a você, assim, igual agora, nesta escrita sem vergonha, desvestida dos habituais figurinos da escrita acadêmica. Falaremos com você olho no olho, vis a vis, só que não, você sabe, este texto já está escrito, este roteiro existe antes de você chegar nele, mas faremos como faz um ator pornô, fingir quebrar a quarta parede, dissimularemos olhar para você, uma estratégia contrapornográfica, já que simbólica, com o intuito de erotizarmos esta leitura.

Às vezes, nosso roteiro terá cara de episódios de uma série; às vezes, cara de novela; noutras, com roupagem de notícia jornalística, contos de fadas, ou com jeito de status de instagram, ou como sequências de twittes, ou como correntes de whatsapp e etc. O convite será o de nunca esquecermos que cada exemplo, cada pedaço ou fragmento, faz parte de uma cena maior. Às vezes, daremos zoom, faremos planos próximos, em *close up*, mostraremos o detalhe da face de um objeto que nos interessa, e em outras vezes, sobrevoaremos de drone, porque interessará mostrar não cada ilha, mas o arquipélago de fenômenos nos quais estamos oceanizados. Às vezes mapa, às vezes atlas, poderemos nos perder nas dimensões continentais da *Pornotopia*¹⁴⁹, mas algo é recomendável não perder de vista: o regime geopolítico do *topos* pornográfico incide sobre o corpo.

¹⁴⁸ O termo esquizoide é utilizado por Dany-Robert Dufour em seu livro *A arte de reduzir as cabeças* (2005), no qual o autor analisa as implicações psíquicas no sujeito que em 1952 passou a ter a tecla *zapping* no controle remoto dos aparelhos televisivos e com isso não mais detinha sua atenção somente a um canal, mas *zapeava* dispersamente sintonizando-se em múltiplas conexões, importando através deste hábito traços esquizofrênicos – o convívio com realidades múltiplas. A esse sujeito esquizoide Dufour chamou de *Homo-Zappiens*.

¹⁴⁹ Referência ao livro de Paul B. Preciado com título homônimo no qual o autor discute a pornografia como um *topos* político, social e midiático, ao analisar a história da revista **Playboy**.

Prólogo

Rastros da Pornocracia

Antes que, a certa altura, o leitor se pergunte o porquê dos detalhes históricos que virão a seguir, daremos um aviso: não faremos uma abordagem histórica, mas nos parece que certos dados nos ajudam a reconhecer a mescla entre puritanismo religioso e perversão governamental que nutre a gênese da Pornocracia (um pressuposto da nossa hipótese). Portanto, eis aqui um ligeiro convite ao leitor impaciente: expiar pela fechadura da história alguns dos detalhes que foram trancados no quatinho escuro da perversa união entre pornografia, religião e política.

Em razão das recentes publicações, nesta última década, foi possível rastrear algum histórico da utilização do termo Pornocracia. Em **Historia oculta de los Papas** (BLANCO, 2010)¹⁵⁰, o autor afirma que o termo foi cunhado por Liutprando de Cremona (920 – 972), historiador e bispo de Cremona que, sob o reinado de Hugo de Arles (que durou de 924 a 947), aos 11 anos, foi ser educado na Catedral de Pavia, na qual se tornou clérigo. Após a morte do rei Hugo, Liuprando, além de suas responsabilidades eclesiásticas, seguiu carreira diplomática, tornando-se secretário do verdadeiro governante da Itália, Berengário II, para quem foi chanceler e, então, embaixador na corte bizantina de Constantino VII, em 949. Com um olhar que misturou competências religiosas e políticas, Liutprando foi uma testemunha dos bastidores do reinado de Hugo de Arles, sobretudo no que se referiu ao seu casamento com a polêmica Marózia.

Marózia era filha de Teofilato I, chefe militar que foi senador e cônsul romano, e da senadora aristocrata Teodora Teofilacto (870-916), que foi amante do arcebispo de Ravena, D. Lando, que posteriormente se tornaria o Papa João X, cujo curto papado foi encerrado por uma morte súbita. Segundo Liutprando, Teodora incentivou sua filha Marozia, desde sua infância, a seduzir o papa Sergio III - um projeto bem-sucedido, já que Marozia se tornaria amante do papa

¹⁵⁰ García Blanco (Zaragoza, 1977) é jornalista, fotógrafo e escritor. Formado em história da arte pela Universidade de Zaragoza

e com ele conceberia um filho que, futuramente, se tornaria o Papa João XI. Ainda mais tarde, em 955, o neto de Marozia se tornaria o papa João XII. Ou seja, Teodora, além de aliciar o Papa Sergio III através de sua filha, foi amante de papa (João X), avó de papa (João XI) e bisavó de papa (João XII). A senadora romana controlava o papado através de João X, a nobreza, por via do seu marido, Teofilato I, e o poder militar graças ao genro, Alberico, marquês de Camerino, casado com sua filha Marózia. Por isso, o historiador Liutprando de Cremona retratou Teodora como uma *"prostituta sem vergonha ... que exerce poder sobre os cidadãos romanos como um homem"*¹⁵¹.

Ao se referir à Teodora como prostituta, a afirmação de Liutprando revela a moralidade que atribui à mulher o traço perverso de transgredir as leis morais e considera o homem como um neurótico inocente e seduzido. O seduzido é descrito como um sujeito que não agiu por livre escolha, mas por supostos poderes do encantamento feminino do qual seria objeto. Nesta leitura, o papa fica retratado como o inocente brinquedo, infantilizado pela perversa mulher.

Este Papa tem a duvidosa honra de ter iniciado uma etapa papal que o cardeal de Cremona, Liutprand, batizou de "pornocracia". Este termo alude ao fato de que durante este período os pontífices revelaram-se, para todos os efeitos, covardes controlados por certas mulheres que jogavam muito bem com as 'cartas' das paixões pessoais" (BLANCO, 2010)¹⁵²

Após a morte de Teodora, sua filha Marózia assumiu o comando, e teria mandado encarcerar o Papa João X (amante de sua mãe) e ordenado que o asfixiassem com uma almofada. No controle, Marozia teria utilizado de favores sexuais para escalar Leão VI, descrito por Liutprando como dócil e servil, mas que foi rapidamente assassinado. Sucedeu-lhe Estêvão VII, outro amante de Marozia, que também seria assassinado, tempo suficiente para seu filho crescer e, então, ascender ao poder (aos 25 anos) como Papa João XI. Com Alberico I,

¹⁵¹ "Cierta ramera sin vergüenza llamada Teodora fue durante algún tiempo el único monarca de Roma, y —vergüenza da escribirlo— ejerció su poder como un hombre. Tuvo dos hijas, Marozia y Teodora, que no sólo la igualaron, sino que la sobrepasaron en las prácticas que ama Venus" fragmento de Liutprando de Cremona, em Antapodosis, capítulo XLVIII em "Historia oculta de los Papas Javier García Blanco, 2010"

¹⁵² "Este Papa posee el dudoso honor de haber iniciado una etapa papal que el cardenal de Cremona, Liutprand, bautizó como «pornocracia». Dicho término alude al hecho de que durante este periodo los pontífices resultaron ser, a todos los efectos, peleles manejados por ciertas mujeres que jugaron muy bien con las «cartas» de las pasiones personales" (BLANCO, 2010)

seu primeiro marido, Marozia teve também um filho, Alberico II, e quando seu pai morreu, em 929, Marozia negociou um casamento com Hugo de Arles, o atual rei da Itália na ocasião. Alberico II encabeçaria uma oposição ao governo de seu padrasto e de sua mãe, promovendo um levante. Alberico II conseguiu a queda de Hugo de Arles e assumiu o poder; ao assumir, encarcerou sua mãe, que permaneceu 5 anos na prisão, até a morte.

Obscenos poderes necrófilos

Concílio ou Sínodo do Cadáver é o nome pelo qual ficou conhecido o episódio do julgamento póstumo do Papa Formoso, em janeiro de 897, na Basílica de São João Latrão, em Roma. O corpo de Formoso, após nove meses de sua morte, foi exumado por ordens de seu sucessor, Estevão VI, que, por motivações políticas, imputou ao corpo inerte as acusações das quais o cadáver foi julgado culpado. Vestido com vestes e ornamentos papais e posto num trono, o corpo inerte sofreu as acusações. Deste ritual bizarro participou Sérgio III, o papa que futuramente seria amante de Marozia, e que tinha parentesco com um dos condes de Túsculo, o principal promotor do Sínodo do Cadáver. Desta mistura de poder militar e político, doutrinas religiosas e moralidade sexual, assassinatos e inquisição com cadáveres exumados, pedofilia, incesto, envenenamento de amantes, vingança e estelionato, surge o período denominado pelos historiadores católicos como governo das prostitutas ou Pornocracia.

Do grego Πορνοκρατία, transliterado no italiano como Pornokratía, o termo apareceu no século X, com Liuprando de Cremona, para designar um governo político e religioso caracterizado pela influência das cortesãs nos assuntos públicos. Literalmente, significa o governo das prostitutas. Caracterizou-se também como um governo de corrupções e trocas de favores sexuais, ou seja, em primeira instância, a Pornocracia designava a capacidade que as mulheres tinham de desenvolver um poder pessoal, através de relações sexuais, sendo amantes dos homens governantes. O período foi retratado

também como *Saeculum Obscurum*. O **Liber Pontificalis**¹⁵³ e as crônicas de Liutprando de Cremona são as principais fontes dos detalhes deste período.

Parece mesmo inacreditável, mas este roteiro, que pode parecer exageradamente criativo para ser real, não parece menos surrealista que os recentes episódios espetacularizados midiaticamente no Brasil, haja visto o roteiro “medieval”¹⁵⁴ do caso da deputada federal Flordelis. Relembrando o leitor, a deputada federal e pastora evangélica teria concebido 4 e adotado 51 de seus 55 filhos, dos quais um deles, Anderson do Carmo, se tornaria seu genro ao namorar com a própria irmã, Simone dos Santos Rodrigues, umas das filhas biológicas de Flordelis. Com o fim do relacionamento, Anderson do Carmo se casaria com a ex-sogra, sua mãe adotiva (Flordelis). Após várias tentativas de envenenamento, como aponta a investigação da Polícia Federal, Flordelis teria contratado um matador de aluguel, que efetivou o assassinato encomendado do seu marido-filho-genro-pastor, em julho de 2019.

Numa mistura de incesto, casa de swing¹⁵⁵, envenenamento, encomenda de assassinato e liderança religiosa e política, a história de Flordelis reserva grandes semelhanças com a de Marózia, e evoca o *seculum obscurum* descrito por Liutprando de Cremona. Manchetes associando sexo, incesto, assassinato, religião, polícia e política se estamparam por semanas nos jornais brasileiros e pautaram os assuntos mais amplamente difundidos nas redes sociais, no início do segundo semestre em 2020. Contudo, em razão da imunidade parlamentar, Flordelis, que só pode ser presa em flagrante por crime inafiançável, cumpre medidas cautelares, sendo monitorada por tornozeleira eletrônica.

Estes fatos chamam atenção para o traço explicitamente pornocrático deste episódio. No entanto, não leremos, neste trabalho, apenas casos extremos como este, para situar o atual estágio da Pornocracia no Brasil. O esforço aqui será o de procurar o oculto no óbvio e não se deixar conduzir pela sedutora atração de episódios espetaculares que vulgarizam o obscuro. Será, de fato, um

¹⁵³ O **Liber Pontificalis** é um livro de biografias de papas que retrata de São Pedro, até o Papa Estêvão V do século XV.

¹⁵⁴ “Medieval” porque embora atual, se assemelha a um roteiro bárbaro da idade média.

¹⁵⁵ Manchetes amplamente midiaticizadas em que política, polícia, religião e swing exploravam a espetacularização perverso-puritana foram publicadas, a exemplo do caderno Extra, de casos de polícia, no jornal O Globo em 20/06/2020: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/flordelis-marido-frequentavam-casa-de-swing-afirma-antiga-frequentadora-da-igreja-policia-24490333.html>, consultado em 14 de outubro de 2020.

esforço escapar dos exemplos com ingredientes sexuais, pois a Pornocracia da qual falaremos não se limita a eles, ao passo que o leitor perceberá que, no Brasil, o sexo é social, política e economicamente institucionalizado, e está em muitas dimensões da comunicação político-econômica. No nosso país, o vulgar toma o lugar do sutil, por isso tentaremos, sobretudo, nos deter na zona cinza, indistinta e opaca da Pornocracia, para explorar como os traços sádicos e perversos destes personagens incríveis da história residem nas lógicas e nos modos da comunicação se dar hoje, e revelar como nos tornamos, cada um de nós, em certa medida, sujeitos pornocráticos. O asco puritano, que nos faz querer recusar e não admitir como reais estes personagens horrendamente perversos, pode nos fazer reconhecer “*a perversidade nossa de cada dia*” (DUNKER, 2010)¹⁵⁶. Tentaremos mostrar que a Pornocracia depende de um personagem central: os sujeitos de traços perverso-puritanos. Tentaremos revelar ainda mais, que o modo de nos comunicarmos agora, nutre e produz estes traços, que são os principais componentes do que parecemos sustentar como regime econômico-político-comunicacional.

¹⁵⁶ Paráfrase de título homônimo do artigo do professor Christian Dunker, publicado na revista Cult, ed.144, em 2010, p. 42.



Se acomodem, senhoras e senhores, as últimas cenas do espetáculo já vão começar.

Alguns avisos: A classificação é livre. Não há indicação etária, apenas advertimos que é preciso bons índices de sanidade mental para acompanhar o roteiro.

Em caso de enjoo, vomite à vontade.

Se tiver vertigem, ou fobia, lamentamos, você está num teatro sem saída de emergência. Talvez haja uma: entrar em cena e mudar o roteiro, fazendo o que Boal tentava ensinar: entrar em cena e ensaiar uma revolução.

As luzes se acenderão, serão tantas que ninguém mais poderá enxergar, somente vultos e lapsos serão flagrados, enquanto os olhos ardentes choram e piscam fragmentando tudo. Você poderá fechá-los às vezes, e tentar enxergar no escuro.

O som ruidoso você pode diminuir, basta colaborar para não aumentá-lo, isso cabe a você, em certa medida.

Sejam bem vindos, ao coliseu pornográfico, a ágora obscena, ao picadeiro teatrocrático, ao palco da Pornocracia no Brasil.

Desejamos a todos estômago e lucidez.

Esperamos que todos tenham um bom ensaio.

AÇÃO!

Cena 1: O obsceno golpeia a cervical da democracia



Em 17 de abril de 2016, homens absolutamente nus aglomerados em orgia política no Congresso Nacional

Não, a legenda da foto não está equivocada, é isso mesmo que vemos nela: despidos de humanidade, criaturas aglomeram-se em orgia política no Congresso Nacional.

A cena é espetacular. Nela, em maioria esmagadora, libertinos sádicos e perversos-puritanos disputam, de forma primitiva, o protagonismo, enquanto tiranizam neuróticos que insistem inutilmente em discursos ponderados pela razão. Os libertinos gritam, vociferam, saltam, suam, se empurram, se aglomeram, se esfregam, se abraçam, se estapeiam, se embriagam num bacanal político regado a ódio e ressentimento¹⁵⁷. Se expõem em puro funcionamento pulsional, excretam publicamente sem pudor, se rasgam, exibem suas vísceras, os corpos se refestelam nas tripas e no fedor de seus recheios, ritualizam, aclamam a libertinagem, sem vergonha, ao contrário, com orgulho.

A cena é uma espécie de *divina tragédia dantesca*¹⁵⁸, uma versão paródica dos círculos infernais. Se Pasolini usou a estrutura do inferno de Dante como referência para fazer uma crítica ao fascismo italiano em **Saló ou os 120**

¹⁵⁷ Ressentimento, segundo a autora Maria Rita Kehl, não é um sentimento, senão uma constelação de afetos que compõe diversos sintomas no sujeito ressentido; um dos principais deles é o sentimento de prejuízo, pois o sujeito ressentido se sente prejudicado e não se sente responsável, mas vítima do suposto agravo que sofreu. Ver mais em: **Ressentimento** (3. Ed.), São Paulo: Boitempo, 2020.

¹⁵⁸ Referência à **Divina Commedia** (1304–1321), de Dante Alighieri (1265-1321).

dias de Sodoma¹⁵⁹, e se o *círculo da merda* é um dos subsolos mais perturbadores deste inferno que Pasolini revela, a cena que descrevemos aqui ambicionou fazer a realidade superar a ficção.

A cena, majoritariamente, composta por homens ressentidos, que transborda tanto ódio, revela um sentimento de “prejuízo”. É como se este momento fosse a oportunidade de vingar e fazer o reparo indenizatório, em uma história que ousou permitir a primeira mulher, a chegar ao poder presidencial no palco patriarcal político do Brasil. O elemento misógino não pode ser desconsiderado nesta cena, pelo contrário, é da misoginia que os perversos ordinários já vinham, há tempos, se servindo para manifestar seu sentimento de supostas vítimas ameaçadas a perder os seus privilégios patriarcais.

São em vulgaridades explícitas e obscenas como, por exemplo, na produção, veiculação e comercialização, em 2015, da montagem infeliz, com a foto da então presidente Dilma Rousseff de pernas abertas, que se tornou adesivo para carros, disponível para compra na internet. Neste evento midiático, a perversa misoginia já mostrava sua face faminta. O adesivo era instalado no entorno do buraco do tanque de combustível dos carros, de modo que, ao abastecer, a forma fálica da bomba de combustível simulava uma penetração, estuprando simbolicamente o corpo da presidente.

Este tipo de manifestação, que se disfarçou de protesto jocoso para expressar insatisfação com o aumento do preço dos combustíveis, revela o sadismo e uma misoginia com temperos e especiarias nacionais específicos. Permite ver, ainda, uma composição perversa que, àquela altura, já pairava, permissivamente, no ambiente comunicacional, e que foi gestando este tipo de violência, que contribui na autorização de um golpe político sexista, disfarçado, de maneira inconvincente, de democracia.

¹⁵⁹ Inspirados nos três círculos do inferno da **Divina Comédia**, de Dante, o filme de Pasolini é dividido em três partes: o círculo das manias, o círculo da merda e o círculo do sangue.



Num julgamento de caráter inquisitorial, os bárbaros gozam, numa performance medieval, usando dos seus discursos e das suas veementes intencionalidades como tochas inflamadas, como combustível, como se não bastasse ter sido introjetado pela vagina, agora banha todo o corpo desta bruxa, no qual ateiem o fogo com suas línguas, carbonizando e amaldiçoando-a por cometer supostos crimes, mas também o maior dos pecados: ameaçar o sagrado privilégio masculino de dominar a dominação.

O ingrediente perverso-puritano prepondera o texto dos atores em performances charlatãs nesta cena. Seus votos condenatórios se acovardam em admitir suas satisfações sádicas, portanto, se travestem de puritanos e declamam a sentença escorados em uma suposta defesa de valores conservadores. “Pela família!”, “Pela paz em Jerusalém!”. “Pelos maçons do Brasil!”. “Pela nação evangélica!”. “Pelos militares de 64!”. “Pelos pais, pelos filhos e pelos netos, os que já existem e os que estão chegando!”. “Em nome dos filhos e da esposa que formam a família no Brasil”. “Pelo povo de Deus”.

Na mesma toada, um dos protagonistas e coringa deste roteiro, o presidente da Câmara dos Deputados na ocasião, Eduardo Cunha¹⁶¹ (quem autorizou a abertura do processo de impeachment), proclama: “Que Deus tenha misericórdia desta nação. Eu voto sim!”.

Embora o perverso-puritanismo tenha regado a grande maioria dos textos deste ritual, é o texto de um certo personagem, que viria a protagonizar a

¹⁶⁰ <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/governo-denuncia-adesivo-com-ofensa-sexual-a-dilma,33f5fa7ff225c4a3d42f654bee769de9sgleRCRD.html>

¹⁶¹ Em 19 de outubro de 2016, foi preso, preventivamente, pela Polícia Federal, na Lava Jato, e em março de 2017, foi condenado a 15 anos e quatro meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. Em maio de 2021, obteve o direito de responder em liberdade.

pornocena desta Teatrocracia: o discurso que é explicitamente dotado do ingrediente sádico, triunfa! É aclamado, glorificado, mitificado, de tal modo que, agora, nos governa. O então deputado federal Jair Messias Bolsonaro, ousa performar, sem o disfarce puritano, admitindo a face puramente perversa sem a necessidade de mascarar-la. Com a petulância daquele que não precisa mais esconder o rosto obscuro do sadismo, ele evoca o obscuro, resgata-o da clandestinidade, sequestra o sombrio e atira-o diante da luz na cena, e, neste ato, proclama o início de um regime de pornografia política. Jair Bolsonaro diz: "Perderam em 64, perderam agora, em 2016: contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ulstra, o pavor de Dilma Rousseff, eu voto sim!".

Como advertem Freyre (1984) e Marcuse (2016), na apresentação do cenário em que se passam estas cenas, o traço sádico, que é um componente fundante da nossa sociedade, neste episódio ganha uma dimensão espetacularizada e amplamente midiaticizada, difundindo uma perversa auto-autorização que seria institucionalizada, e que passou a alimentar a nostalgia daqueles que têm saudades de um Brasil ditatorial.

O discurso que homenageia um torturador se coloca fora da órbita democrática, mudando as "leis gravitacionais" que, até ali, davam algum equilíbrio aos passos da jovem democracia brasileira que, ainda trôpega, aprendendo a andar, neste ato perde seu eixo, desapruma e tomba. Neste gesto, Bolsonaro fissa o chão do estado democrático de direito, neste chão se abre uma espécie de buraco negro, que suga o presente, confundindo-o com o passado. Neste túnel do tempo, que ressuscita o pior da violência autoritária do passado recente do Brasil, a ré é lançada, compulsoriamente, num *déjà vu* traumático. A fala de Bolsonaro funciona como um abracadabra¹⁶² da Pornocracia no Brasil, que, num só golpe psicopatômico¹⁶³, desmancha o ilusionismo democrático e tortura, virtualmente, o corpo que quer aniquilar, remontando uma nefasta cena:

¹⁶² Uma possível origem seria do Aramaico אַבְרָא כְּדַבְרָא (*avra kedabra*), que significa "Criarei conforme falo" ou *abhadda kedhabhra*, que significa 'desapareça como essa palavra'. Ver mais em: <https://super.abril.com.br/historia/o-que-e-abracadabra/>

¹⁶³ Psicomagia é o nome que o cineasta Alejandro Jodorowsky dá a uma estratégia de suposta cura espiritual. Aqui, usamos metaforicamente, sugerindo que o ato de Bolsonaro é "psicopatômico", ou seja, não age para curar, mas para adoecer.



Dilma Rousseff, interrogada depois de 22 dias de tortura, aos 22 anos, em novembro de 1970, depondo numa auditoria militar, no RJ. Os seus interrogadores cobrem o rosto. Em 2016, já não é mais preciso.

Vale lembrar que um dos fatores pelo qual Dilma precisava ser expulsa da cena, tem relação com o não impedimento das investigações da Lava Jato, e que, em seu governo as delações premiadas se tornaram uma política recorrente no sistema judiciário. Um prêmio para delatar. Este é um mecanismo legitimamente pornográfico: considerar que aquele que denuncia é merecedor de um prêmio, ou seja, ao denunciar os cúmplices num crime que cometeu o sujeito é beneficiado com a redução de sua pena porque deixou de esconder mais um pedaço da obscenidade na qual atuou. O mecanismo da delação premiada se torna então um *toma la da cá* jurídico, no qual uma “bolsa de valores morais” vai precificando as ações “decentes”: quanto mais se mostra, mais se ganham prêmios. Assim, o mostrar é valorado e se realiza um outro valor de exposição, muito diferente daquele do qual tratou Walter Benjamin.

Ao mesmo tempo, numa Pornocracia continuam a existir as denúncias. Ou seja, um outro tipo de obscenidade, aquela que deve se tornar pública porque é de interesse público. Mas o problema é que, numa Pornocracia, o excesso de obscenidade que não interessa ao espaço público, ofusca e tira a força da potência denunciatória. Por isso, por exemplo, o áudio do Ministro do Planejamento Romero Jucá com Sergio Machado, presidente da Transpetro, quando vaza para a imprensa, semanas após o impeachment, mesmo sendo uma denúncia de interesse público, não age na cena de modo a configurá-la. Alias, produz pouco efeito.

Acompanhe fragmentos do diálogo¹⁶⁴ obsceno:

JUCÁ - ...Eu acho que...

MACHADO - Tem que ter um impeachment.

JUCÁ - Tem que ter impeachment. Não tem saída.

MACHADO - Rapaz, a solução mais fácil era botar o Michel [Temer].

JUCÁ - Só o Renan [Calheiros] que está contra essa porra. 'Porque não gosta do Michel, porque o Michel é Eduardo Cunha. Gente, esquece o Eduardo Cunha, o Eduardo Cunha está morto, porra.

MACHADO - É um acordo, botar o Michel, num grande acordo nacional.

JUCÁ - Com o Supremo, com tudo.

MACHADO - Com tudo, aí parava tudo.

JUCÁ - É. Delimitava onde está, pronto...

A conversa aconteceu semanas antes da câmara aprovar a abertura do processo de impeachment. Na conversa, basicamente, os perversos tramam transgredir a lei democrática como única forma de acabar com as investigações contra eles mesmos. Mesmo depois de tornar isso público, o processo não foi anulado.

Numa cena de protagonismo perverso-puritano e de um solista sádico, um coadjuvante ganha algum destaque, não pelo que disse, mas pelo que fez. O então deputado federal Jean Wyllys, que ficou famoso ao participar da 5ª edição do BBB (Big Brother Brasil), em 2005, passa a atuar num outro “reality show”, ironicamente contra outro BBB¹⁶⁵, as bancadas do boi, bala e da bíblia.

Em discurso, no seu voto, ele se diz “constrangido por fazer parte desta farsa, desta eleição indireta, conduzida por um ladrão, urdida por um traidor conspirador e apoiada por torturadores covardes ... essa farsa sexista”. E então, vota não. Seu discurso, indignado e crítico, já não tinha mais efeito no reino pornográfico. Sendo vaiado e sofrendo injúrias homofóbicas de Jair Bolsonaro, Jean, num ímpeto rebelde em manter a autonomia de sua posição política, se vira e cospe em Bolsonaro, e então, este gesto ganha destaque na cena midiática. O que parece ter intuído Jean Wyllys, diante da obscenidade política, é que as palavras ali já não mais valiam, mas talvez, coubesse ainda ao gesto, o estatuto de coisa que age.

¹⁶⁴ Diálogo na íntegra disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/05/leia-os-trechos-dos-dialogos-entre-romero-juca-e-sergio-machado.html>

¹⁶⁵ A Bancada BBB é um termo usado para referir-se conjuntamente à bancada armamentista (da bala), bancada ruralista (do boi) e a bancada evangélica (da bíblia) no Congresso Nacional. As agendas destas bancadas estão alinhadas à direita política mais conservadora do país.

Não qualquer gesto, mas um gesto ejaculatório, que parodiava a ejaculação fálica, um gesto que espirra e salta de um descontrole, que também goza de alguma vingança, que revela alguma perversão e capacidade transgressora. Com este texto gestual, Jean Willys comunica e esfrega na cara dos perversos-puritanos e dos sádicos, que entendeu ali não se tratar mais de um espaço regulado pela lógica da linguagem, senão, de atos perversos e pulsionais, dos quais a linguagem tinha se tornado refém. O gesto do cuspe literaliza e faz uma síntese poderosa e satírica daquelas bocas, das quais só jorram excrementos. Parte da imprensa retratou o episódio como “o momento mais lamentável, mais triste e antidemocrático”¹⁶⁶ da votação do impeachment.

Em depoimento ao documentário **Democracia em Vertigem** (2019), de Petra Costa, perguntado como se sentia após o episódio, Bolsonaro diz: “Me chamam de grosso, homofóbico, facista e etc, eu sou o herói, e estou cada dia mais vivo perante a opinião pública”. No mesmo filme, ao ser perguntada como se sentia após a votação no congresso que autorizou o processo de impeachment, a então presidente Dilma Rousseff diz, após ser ré e expectadora, ao mesmo tempo, do espetáculo inquisitorial ao qual foi submetida: “Com imensa indignação! Como é que pode aparecer assim perante o mundo? O que que vão pensar de nós? Eu tive vergonha também! Tive as duas coisas”.

Enquanto o perverso sádico se reconhece, orgulhosamente, como herói, a ré, que acaba de ser torturada psicologicamente, se diz envergonhada. Vergonha da desonra pública perante o mundo, uma vergonha política, que retira o direito ao orgulho. Parece que estas emoções já não mais importavam no reino da Pornocracia. Na sequência, noutra cena, Dilma diz se sentir como o personagem Josef K., do romance **O Processo** (1925), de Kafka, mas com a diferença de ter a sorte de ter um advogado.

Quando a ficção e a distopia são superadas pelo real, uma vertigem parece tomar os corpos que passam a tentar localizar referências para se apoiar, mas que, muitas vezes, não são encontradas. Parece ser assim que esta cena funciona, é um antes e depois dela, como se, ao termos vivenciado, a cena nos

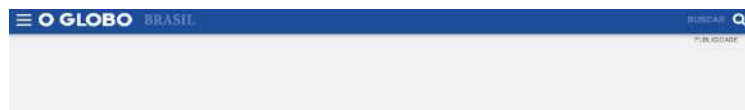
¹⁶⁶ <https://recordtv.r7.com/fala-brasil/videos/jean-wyllys-cospe-em-bolsonaro-e-diz-que-foi-insultado-06102018> - matéria da rede Record, emissora que tem como maior financiadora a igreja evangélica Universal do Reino de Deus e que foi apoiadora da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro. Ver em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,edir-macedo-declara-apoio-a-bolsonaro,70002526353>

sequestrou ao centro do picadeiro, no qual todos passaram a caminhar em corda bamba, de ponta cabeça e equilibrando pratos, sem saber se existe saída, ou fim da linha. É assim que esta cena não acaba, com todos aqueles que se achavam meros espectadores, flagrando-se em cena, reconhecendo, pouco a pouco, que o corpo da bruxa era, na verdade, um corpo vodu da democracia, no qual cada um de nós também foi violentado e torturado, em alguma medida, perdendo a vitalidade e o vigor, nos tornando corpos melancolizados e passíveis de controle pelo desejo sádico.

Enquanto nos ocupávamos em acompanhar a cena central deste espetáculo midiático, nas bordas da cena, a lama de Mariana¹⁶⁷ ainda escorria seus 663km até chegar ao mar. Escorria lama e lei. Este impeachment, que se configurou como um golpe parlamentar, escorria pelos corredores do legislativo como um rio pesado e lambrecado pelos dejetos dos anos de chumbo que foram derretidos pelo tempo. Este líquido espesso e viscoso se esgueirava pelas veias amazônicas do país, coagulando a democracia e provocando uma trombose política, colapsando a Constituição e o corpo republicano do Brasil. Se o Brasil fosse um corpo, seria de tromboembolismo pulmonar que ele agonizaria. Sem oxigênio, entupindo os canais e sofrendo acidentes vasculares, as sequelas deste trauma, podem ter deixado a nossa história demente. Golpe que fratura a cervical, imobiliza, colapsa e mata.

¹⁶⁷ O rompimento da barragem em Mariana ocorreu na tarde de 5 de novembro de 2015, no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 km do centro do município de Mariana, em MG. Rompeu-se a barragem de rejeitos de mineração, administrada pela Samarco Mineração S.A., um empreendimento conjunto das maiores empresas de mineração do mundo. Este episódio é considerado um dos maiores desastres, com maior impacto ambiental da história brasileira.

Cena 2: A histeria se fantasia de exorcismo



Perfil: Janaína Paschoal e a 'República da Cobra' que tomou conta das redes

'Não sou pastora, nem estava possuída', diz advogada que assina pedido de impeachment

Mariana Sanchez
06/04/2016 - 06:00 / Atualizado em 06/04/2016 - 09:52



Como já avisamos aos nossos leitores/espectadores, nosso roteiro não respeita a cronologia dos fatos, porque tece uma dramaturgia em rede, de acontecimentos ilógicos, indeterminados pelo tempo e espaço como acontece na internet e na vida, em que algo que já aconteceu, volta a ser um acontecimento. Aqui, os acontecimentos já vistos e sabidos são evocados no roteiro coreográfico com a intenção de (re)compor uma peça única, que dê a ver as pistas que respondem a pergunta principal que motivou esta criação: O que faz uma democracia se tornar uma Pornocracia?

Portanto, nossa próxima cena teatrocrática aconteceu antes da espetacular cena do impeachment, é uma cena performática, uma cena marginal, que não é transmitida com a oficialidade da primeira, mas, nem por isso, não reserva seu cunho oficial nesta dramaturgia.

A cena acontece no dia 4 de abril de 2016, a personagem que sobe ao palco não é solista, mas divide o protagonismo pornocrático: é a advogada e deputada estadual em São Paulo Janaína Paschoal, filiada ao PSL, partido com que Bolsonaro se elegeu. A moça foi uma das autoras do pedido de impeachment.

Em cena, numa performance ensandecida, com truques clichês que mimetizam um desempenho pastoral de lideranças religiosas num culto evangélico, ela realiza uma fervorosa exortação, com palavras de ordem metaforizadas por cosmovisões criacionistas. Grita, caminha raivosa rapidamente para frente e para trás na cena, se vira de costas para tomar fôlego antes dos próximos gritos sucessivos, que agitam e excitam os ânimos da plateia. Evidentemente, gozando do estrelato, o corpo histórico, aos berros, reforça o pior estereótipo do feminino e neste ato vai se despindo simbolicamente e agindo em puro funcionamento pulsional, de modo que se pode ver o mais profundo de suas entranhas. O texto não é dito, mas esbravejado: *"Deus não dá asas a cobra¹⁶⁸. Mas, às vezes, a cobra cria asas. Quando isso acontece, Deus manda uma legião para cortar as asas da cobra. Queremos libertar o país do cativeiro de almas e mentes"*, conclama no palanque, enquanto gritos de apoio tomam o espaço, e então, segue: *"Nós queremos libertar o país do cativeiro de almas e mentes. Acabou a República da Cobra. Impeachment já!"*

O perverso-puritanismo exacerba-se numa performance *over*, que intenta dissimular um exorcismo político, colocando as ideias na categoria de espíritos, e substituindo a razão pelas paixões dos celerados.

De 2016 em diante, algo foi ficando mais explícito na cena política do Brasil: atores políticos se vulgarizaram e pornocratizavam gestos, revelando que havia algo diferente, um novo traço ao qual a cena obedeceria – a obscenidade.

Enquanto os reflexos estereotípicos refratam ao espelhar o Brasil, o brasileiro vai se tornando uma criatura que se estranha, uma espécie de narciso que acha o espelho feio. Como lembra Eliane Brum, a fantasia do homem cordial

¹⁶⁸ A metáfora da cobra no discurso de Janaina faz referência ao discurso que Lula fez ao indignar-se com a ilegal condução coercitiva expedida pelo então Juiz Sergio Moro, que permitiu um espetáculo midiático, na ocasião. Em discurso, Lula disse: "Se tentaram matar a jararaca, não bateram na cabeça, bateram no rabo". Ver em: <https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2016/03/se-tentaram-matar-jararaca-nao-bateram-na-cabeca-bateram-no-rabo-diz-lula-em-discurso.html>
<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/04/1757474-acabou-a-republica-da-cobra-diz-autora-da-denuncia-de-impeachment.shtml>
<https://oglobo.globo.com/brasil/perfil-janaina-paschoal-a-republica-da-cobra-que-tomou-conta-das-redes-19026078>

não cabia mais nos palhaços que animavam a festa, tornando “o Brasil da segunda década do século 21 uma criatura que se estranha no espelho” (BRUM, 2019, p. 82)¹⁶⁹.

As condições regulatórias que sustentavam a democracia iam, ato após ato, gesto após gesto, desidratando, e, ressecadas, racharam, dando um aspecto craquelado ao cenário democrático que, agora, coberto de lama já seca, mimetizavam o solo do sertão. Um cenário árido e inóspito se alastrou de norte a sul do país, nos tornando “sertanejos políticos”, cujas virgas¹⁷⁰ se volatizam em queda livre.

Cena 3: O batismo do messias



Distante do “sertão” político que ajudou a fundar, não foi em busca de qualquer água na qual Jair Messias Bolsonaro buscou se banhar. A nossa próxima cena continua enredada pela mítica cristã e se passa no rio Jordão, no qual não apenas Jesus, mas agora Bolsonaro também se batiza. Numa espécie de golpe marqueteiro, aquele que viria a ser candidato a presidente, contou com

¹⁶⁹ Em **Brasil, construtor de ruínas – Um olhar sobre o país de Lula a Bolsonaro**, Porto Alegre: Arquipélago editorial, 2019.

¹⁷⁰ Em meteorologia, Virga, também conhecida por "Chuva Invisível" ou "Chuva Fantasma", é um tipo de precipitação que cai de uma nuvem, mas evapora antes de atingir o solo enquanto está ainda a cair, num fenômeno que acontece, principalmente, em períodos e locais de ar seco.

uma equipe, da qual Steve Bannon¹⁷¹ fez parte. Seus estrategistas já haviam entendido em quais signos precisava atar a sua campanha. Num Brasil cuja imprensa havia demonizado o PT, personificado o diabo na figura de Lula, transformado a presidente numa bruxa, feito uma inquisição disfarçada de rito legal, forjada por uma advogada que pregou que uma legião cortaria as asas da cobra, faltava neste roteiro do fim dos tempos, apenas o redentor, aquele que pudesse salvar, arrebatrar e “libertar as almas do cativo da república das cobras”.

Por ironia, Bolsonaro tem Messias no nome, e esta mera coincidência não deixou de ser explorada, enquanto signo cristão, pelos gurus de sua campanha. No dia 12 de agosto de 2016, enquanto a votação do impeachment acontecia no senado brasileiro, dando continuidade ao espetáculo realizado pelo Congresso Nacional, Bolsonaro se batiza em Israel. A imagem é esta: o senado pegando fogo enquanto Bolsonaro é imergido nas águas do Jordão.¹⁷²

Não são pouca coisa os signos produzidos neste gesto. A metáfora da purificação, da limpeza, do banho sagrado, evoca uma espécie de versão silenciosa e molhada de Varre, Varre, Vassourinha¹⁷³, como quem sabe que a poeira moralista agora se tornou espessa lama.

A princípio não parece, mas esta cena é uma estratégia poderosa de comunicação; talvez este tenha sido um dos gestos mais importantes para a aproximação de Bolsonaro aos grupos cristãos (que não são poucos), e que foram indispensáveis para sua vitória em 2018. Casado com uma evangélica, batizado por Everaldo Dias Pereira, pastor da Assembleia de Deus e presidente do Partido Social Cristão (PSC), esta cena projeta este “Messias” entre os pastores e seus fiéis rebanhos, garantindo doutrinação eleitoral durante os cultos em igrejas por todo o país e ainda ganha a cobertura amistosa dos veículos de comunicação ligados às igrejas.

¹⁷¹ Steve Bannon ficou conhecido por ser assessor de comunicação da campanha de Trump, cujos métodos se apoiaram em produção de fatos (pós verdade), Fake News e indústria da desinformação. Foi também um dos criadores da Cambridge Analytica, uma das primeiras grandes empresas do setor de mineração de dados.

¹⁷² Cena disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oFA7AYI8-oU>
<https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html>

¹⁷³ O jingle da campanha de Jânio Quadros, candidato do PTN, apoiado pela conservadora UDN nas eleições para a presidência do Brasil, em 1960
<https://www.youtube.com/watch?v=cMo2cZHLJfo>

O pastor Everaldo que regeu o ritual sacro do batismo deste Messias brasileiro, é preso¹⁷⁴ em 28 de agosto de 2020, acusado por ser “líder de um dos grupos que compõem uma sofisticada organização criminosa, que tem o objetivo comum de desviar recursos públicos e realizar a lavagem de capitais, dentre outros crimes”.¹⁷⁵ Antes de ser mergulhado nas águas do Jordão, Bolsonaro respondeu às perguntas do pastor Everaldo, reconhecendo a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

- *Jair Bolsonaro, você acredita que Jesus é o filho de Deus?*

- *Acredito.*

- *Você crê que Ele morreu na cruz?*

- *Sim.*

- *Que Ele ressuscitou?*

- *Sim*

- *Está vivo para todo o sempre?*

- *Sim*

- *É o salvador da humanidade?*

- *Sim.*

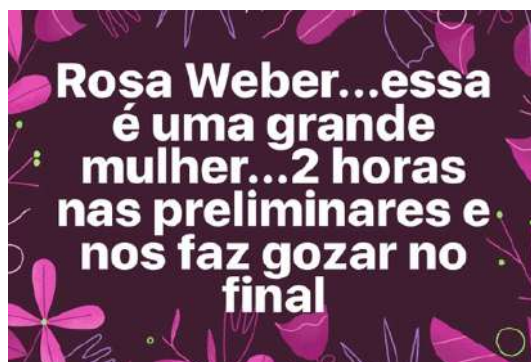
- *Mediante a sua confissão pública, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

Depois de mergulhar Bolsonaro nas águas do Jordão, o pastor faz uma brincadeira: “peso pesado”. O público ri e aplaude. O deputado, então, se afasta agradecendo os aplausos: “Obrigado, obrigado”. A cena acaba.

¹⁷⁴ <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2020/08/4871770-presos-pela-pf-pastor-everaldo-batizou-bolsonaro-no-rio-jordao.html>

¹⁷⁵ Fragmento retirado da matéria disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/08/28/pastor-everaldo-e-presos-em-operacao-que-afastou-witzel-do-governo-de-rj.ghtml>

é da ministra Rosa Weber, cujo voto autoriza a prisão em 2ª instância de Lula. Por seu feito, a ministra ganha elogios perversos, ao estilo pornocrático, que circularam nas redes bolsonaristas pelo WhatsApp:



O “elogio” à Rosa Weber demonstra bem o imaginário perverso que se constituía em torno da espetacularização do judiciário brasileiro, e como a perversão atua sexualizando contextos inimagináveis, como, por exemplo, uma decisão judicial. E como o corpo de uma mulher é reconhecido, seja queimado como o de uma bruxa, seja idolatrada como o de uma salvadora. Se for o primeiro caso, é um corpo passível de punição sexual: fazemos um estupro simbólico, com uma bomba de combustível; se for o segundo, torna-se um corpo passível de elogios sexuais. O corpo feminino, perversamente reconhecido como passível de sofrer ou capaz de dar prazer. Em ambos os casos, lhe resta a servidão sexual, condenado a uma economia sadomasoquista.

O fato é que a decisão de Rosa Weber coloca Lula na mão de seu pior algoz, o Juiz Sergio Moro e, com isso, faz gozar os sádicos que assistem à espetacularização midiática à qual foi submetido o sistema judiciário brasileiro. Em tempo recorde (menos de 24h), Moro emite o mandado de prisão.

Uma vez negado o pedido de Habeas Corpus¹⁷⁷, Lula, então, se torna “sem corpo”. Que tenhas corpo! Este passa a ser o pedido de uma parcela expressiva da opinião pública ao caso Lula. O corpo que representava tantos corpos, passaria, então, a ser controlado pelo Estado.

¹⁷⁷ O *habeas corpus*, em latim, “**que tenhas o corpo**”, é uma medida judicial que tem como objetivo a proteção da liberdade de locomoção do indivíduo, quando esta se encontra ameaçada ou restringida de forma direta ou indireta. Aqui, nos interessa destacar a tradução literal do latim.

Cena 5: A prisão do tesão diabólico



Uma outra legião clama: Habeas Corpus!

Amanhece o dia, é 7 de abril de 2018, a cena acontece na sede do Sindicato dos Metalúrgicos, em São Bernardo do Campo, na grande São Paulo. Uma multidão invade as ruas, a massa de corpos abraça o prédio do sindicato e os quarteirões no entorno. Os corpos se apertam, se esgueiram, se pressionam, se esfregam como se constituíssem uma barreira protetora contra o Estado, como se quisessem tomar do Estado o direito sobre o corpo de Lula, que decide se entregar à Polícia Federal.

Em discurso aos militantes, Lula explica o motivo para esta decisão: *"Eles decretaram a minha prisão e deixa eu contar uma coisa pra vocês. Vou atender o mandato deles. E vou atender porque quero fazer a transferência de responsabilidade. Eles acham que tudo que acontece nesse país acontece por minha causa. Se eu não acreditasse na justiça, eu não tinha feito partido político. Eu tinha proposto uma revolução neste país. Mas eu acredito na justiça, numa justiça justa, numa justiça que vota um processo baseado nos autos do processo".*¹⁷⁸

Ao tomar a decisão de se entregar, um outro *"Habeas Corpus"*, não jurídico, mas político, tinha sido negado a Lula. Desta vez, pelos seus defensores. Discordando da decisão de Lula, a massa decidiu mantê-lo preso

¹⁷⁸ Discurso na íntegra: <https://www.brasilefato.com.br/2018/04/07/leia-a-integra-do-discurso-historico-de-lula-em-sao-bernardo/>

sob seu cuidado, bloqueando portões, impedindo a saída dele e a chegada da Polícia Federal. A massa de corpos mostrava ali a sua autonomia, se insurgindo contra a vontade da liderança, mas ao mesmo tempo, a favor dela.

Muitos autores da sociologia, antropologia, filosofia e outros campos do conhecimento das áreas humanas se detiveram a estudar as insurreições políticas, o discurso das multidões, a alienação das massas e as inteligências coletivas. Todavia, em muitos casos, parece que algumas análises continuaram um outro dualismo no corpo, não separando alma de corpo, mas dividindo o próprio corpo, fatiando-o da cintura para cima.

Na obra **A Psicologia das Multidões** (1895), Gustavo Le Bon descreve sua visão do fenômeno das multidões grifando forte os aspectos negativos do ajuntamento de indivíduos. Para o autor a massa mostra o aspecto mais selvagem e primitivo do ser humano:

A história nos conta que, no momento em que as forças morais sobre as quais repousava uma civilização perderam seu império, chegou à dissolução final para levar a cabo essas multidões inconscientes e brutais, justamente qualificadas de bárbaras. (LE BON, 1942, p.20)¹⁷⁹

Em **Massa e Poder** (1960), Elias Canetti compartilha com Le Bon uma visão estereotipada da massa como baderneira e selvagem:

A massa destrói, preferencialmente, edifícios e objetos. Como frequentemente se trata de coisas quebradiças – como vidraças, espelhos, vasos, quadros, louça, inclinamo-nos a acreditar que é justamente este caráter quebradiço dos objetos que estimula a massa à destruição. Seguramente, o ruído da destruição – o espatifar-se da louça, o tinir das vidraças – contribui de modo considerável para o prazer que se tem nela: são os vigorosos sons vitais de uma nova criatura, os gritos de um recém nascido. (CANETTI, 1995, p.18)

E ainda, para Gabriel Tarde, que em **A Opinião e as Massas** (1992) matiza um tanto mais o poder revolucionário das massas, para ele ainda haveria

¹⁷⁹ “La Historia nos dice que, en el momento en que las fuerzas morales sobre que reposada una civilización han perdido su império, la disolucion final han venido a realizaria essas muchedumbres inconscientes y brutales, com justicia calificadas de bárbaras”

uma distinção entre massa e público, sendo o primeiro mais suscetível às forças primitivas da natureza e o segundo, mais civilizado e intelectualizado.

A multidão, agrupamento mais natural, está mais submetida às forças da natureza; depende da chuva ou do bom tempo, do calor ou do frio; ela é mais frequente no verão que no inverno. ...Mas o público, agrupamento de uma ordem superior, não se submete a tais variações e caprichos do meio físico, da estação ou mesmo do clima. (TARDE, 2005, p. 15)

É com Freud em a **Psicologia das Massas** (1921) que o fenômeno ganha o reconhecimento de seu caráter desejante e libidinal. Ao relatar o pensamento de Mc Dougall, que ainda vê o caráter pulsional das massas como algo descontrolado, Freud revela:

A massa é impulsiva, volúvel e excitável.
...Embora deseje as coisas apaixonadamente, nunca o faz por muito tempo, é incapaz de uma vontade persistente. Não tolera qualquer demora entre o seu desejo e a realização dele. (FREUD, 2011, p.25)

Freud relê criticamente os autores já citados e conclui:

Quem toma a sexualidade por algo vergonhoso e humilhante para a natureza humana, tem inteira liberdade para usar expressões mais nobres, como “Eros” e “erotismo”... Não consigo ver nenhum mérito em ter vergonha da sexualidade; a palavra grega “Eros”, que deveria minorar o insulto, é tão somente a tradução da palavra alemã “amor” (Liebe)... Então, experimentaremos a hipótese de que as relações de amor constituem também a essência da alma coletiva. (FREUD, 2011, p.45)

Se referindo à pulsão libidinal das massas e a seu caráter sexual, Freud ainda grifa, criticando as propostas dos autores citados ao reiterar:

Recordemos que os autores não fazem menção a estes laços. O que corresponderia a eles está evidentemente oculto por trás da tela, do biombo da sugestão. Para começar, apoiaremos nossa expectativa em duas reflexões sumárias. **Primeiro, que evidentemente a massa se mantém unida graças a algum poder. Mas a quem deveríamos atribuir este efeito senão a Eros, que mantém**

unido tudo que há no mundo? Segundo, que temos a impressão, se o indivíduo abandona sua peculiaridade na massa e permite que os outros o sugestionem, que ele o faz porque existe nele uma necessidade de estar de acordo e não em oposição a eles, talvez, então, “por amor a eles”. (FREUD, 2011, p.45) grifo nosso.

Com esta leitura freudiana, o entendimento de corpo nas massas passa a ganhar novos contornos e possibilita que autores contemporâneos como Antônio Negri (2004), Ernest Laclau (2013) e Judith Butler (2015), entre outros, leiam as massas como potências pulsionais de transformação. Para estes autores, o agrupamento faria emergir uma dimensão criadora que, na unidade, não seria possível e que se distinguem das tradicionais visões que associam massa ao poder destrutivo, e passam a ligá-la à criação. Em Butler (2015), são justamente nestas espécies de assembleias públicas que o atrito libidinal produz sua força criativa e vitalidade revolucionária. Com Butler, o capitalismo fálico e a economia libidinal são decifrados pelo corpo e no corpo. Se parecia faltar corpo na discussão social e antropológica, temos agora, com alguns autores, a oportunidade de pensar no desejo das massas, na libido das multidões, no gênero das forças coletivas e na sexualidade das insurreições.

Parece ter sido esta a natureza do atrito que se deu na cena da prisão de Lula: uma massa de neuróticos lutando pela manutenção da pulsão erótica diante da eminente ameaça da razão pornográfica que se materializou como lei. Mas esta massa não era homogênea, não eram todos que queriam impedir a prisão de Lula, uma outra parte tinha aderido a uma liberdade poética para suportar esta prisão política.

É num momento de intuição arguta, no qual Lula, ainda em seu discurso teria aberto uma fenda na pornografia política. Com astúcia, Lula faz uma operação poética que autodeclara seu *Habeas Corpus*, fazendo num gesto só uma tripla transferência de responsabilidade, entregando seu corpo a polícia, a política e a poética: *"Não adianta tentar evitar que eu ande por este país, porque tem milhões e milhões de Lulas, de Boulos, de Manueles e de Dilmás Rouseff para andar por mim. Não adianta tentar acabar com as minhas ideias, elas já*

estão pairando no ar e não tem como prendê-las, não adianta tentar parar os meus sonhos, porque quando eu parar de sonhar, eu sonharei pela cabeça de vocês e pelo sono de vocês, não adianta achar que tudo vai parar o dia que o Lula tiver um infarto, é bobagem, porque o meu coração baterá pelo coração de vocês e são milhões de corações. Os poderosos podem matar uma, duas ou três rosas, mas jamais conseguirão deter a chegada da primavera. E a nossa luta é em busca da primavera"

A primavera é quando ninguém mais espera

A primavera é quando não

A primavera é quando do escuro da terra

Acende a música da paixão

A primavera é quando ninguém mais espera

E desespera tudo em flor

A primavera é quando ninguém acredita

E ressuscita por amor

A primavera é quando ninguém mais espera

A primavera é quando não

A primavera é quando do escuro da terra

Acende a música do tesão

(Primavera, de José Miguel Wisnik, 2003) (grifo nosso)

Juntar Lula e Wisnick talvez nos ensine qual é o demônio a ser preso numa Pornocracia: o **tesão**.

O tesão enquanto entidade primaveril deve ser demonizado no reino sacro da pornografia. O tesão que um discurso político-poético erotiza nas massas, não deve ser sacrificado, mas se tornar matável, pois sacrifícios ainda sagram primaveras.

No reino da Pornocracia, Eros é profanado. Democracia sem Eros é Pornocracia.

Lula se entrega. A cena não acaba, se desfecha.

Cena 6: Pornocracia à brasileira

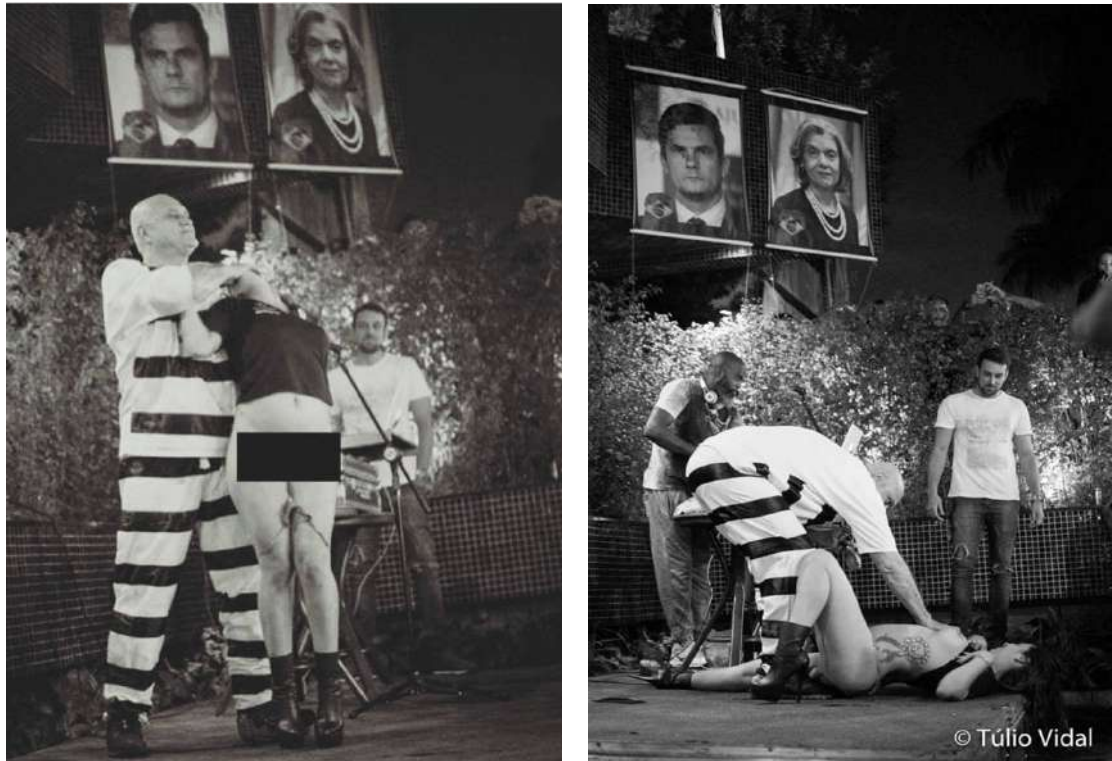
Na cena anterior, pudemos perceber que, numa Pornocracia, o tesão precisa ser preso e controlado. Nesta cena aqui, veremos a outra face desta mesma condição regulatória: não basta confinar o tesão, é preciso libertar o *dever gozar*.

A cena é a comemoração da prisão do ex-presidente Lula pelo empresário e psicólogo Oscar Maroni, em sua casa de prostituição, Bahamas Night Club, a maior de São Paulo. Há implicações políticas, éticas e filosóficas neste fenômeno midiático, que devem ser discutidas. Possivelmente, os sujeitos que cultivam moralismos puritanos são os mesmos que não manifestam indignação com este tipo de celebração. DUFOUR (2013) nos fala do fortalecimento do sujeito perverso-puritano.

...É um mundo de perversos puritanos que se encontram na oposição de não poder distinguir o bem do mal... É um perverso puritano que encontrou a solução de compromisso capaz de aplacar o conflito. Ele é o primeiro a afirmar tranquilamente não só que o bem decorre do mal, mas, sobretudo, que esse novo credo deve tornar-se a lei da Cidade. (DUFOUR, pp.100-101, 2013)

Como se tornou público, a festa de celebração da prisão de Lula, produzida pelo empresário Oscar Maroni, foi regada por mais de 9 mil latas de cerveja, distribuídas gratuitamente, como cortesia, aos participantes. Um DJ tocou música eletrônica em um palco montado especialmente para o evento, e Maroni performou teatrocraticamente, com figurino listrado (estereotipando um presidiário) um ato de dominação, no qual usou uma de suas prostitutas, sufocando sua boca e nariz com as mãos, diante do público 100% masculino, que gritava palavras de ordem. O ritual sádico contou ainda com simulações de enforcamento e abuso sexual do corpo da mulher, que teve suas roupas completamente retiradas diante do público de mais de 2 mil homens. Atrás, compondo o cenário desta performance, dois banners estavam pendurados, como estandartes religiosos adornando um altar, com as fotos dos, então,

principais algozes de Lula - o Juiz Sergio Moro e a ministra Carmem Lúcia - que, nessa “homenagem”, foram colocados na cena como voyeurs do ritual sádico.



Diversos veículos de comunicação publicaram a notícia sem qualquer constrangimento, e sem despertar nenhum movimento coletivo de repulsa pública.

A mídia faz a sua parte transmitindo e naturalizando o caráter agressivo e pornográfico, sem nenhuma leitura crítica. Na verdade, difundindo os seus interesses políticos e manipulando a opinião pública. Consagrando o reino da opinião e erodindo o terreno do pensamento crítico. Portanto, é preciso colaborar para a construção de uma compreensão deste logos da pornografia e contribuir para o reconhecimento de um fato: este tipo de fenômeno é regulado por uma razão pornográfica.

Cena 7: Episódios de horror: a *Pornocracia* se disfarça de democracia

G1

ELEIÇÕES 2018

Última atualização em 15:27:44h de 25/10/2018 (Horário de Brasília)

Presidente

100,00%

seções apuradas: 454490 de 454490

Jair Bolsonaro é eleito presidente com 57,8 milhões de votos

Candidato pelo PSL, capitão reformado do Exército derrotou o petista Fernando Haddad no 2º turno e vai governar o Brasil pelos próximos 4 anos.



Eleito “democraticamente”. Eleito pornocraticamente. O Brasil perverso-puritano se pur(t)ificava. Era oficial, o sadismo havia vencido todos os discursos. O bélico e o fálico se institucionalizariam. O obsceno se tornaria o proscênio. A teatrocracia pornográfica dissimularia agir politicamente quando age policialmente. O golpe militar de 1964 ganharia o direito de ser comemorado, a ditadura se fantasiaria de revolução democrática. A Amazônia e o Pantanal agonizariam carbonizados. Impostos taxariam livros e isentariam as armas. O investimento na defesa aumentaria e diminuiria na saúde e na educação. Uma “gripezinha” se tornaria a maior crise sanitária e o maior colapso hospitalar da história do país.

A excitação necrófila para um gozo político mostraria a face mais perversa da Pornocracia – o mais gozar necropolítico. Disfarçada de democracia, a Pornocracia, performando o papel de um *serial killer* insano e perverso, dá vida a uma psicopatopolítica.



*Daqui em diante não é
mais possível mostrar
cena a cena.
Acabamos de ter um
plot twist, uma virada
narrativa e
dramatúrgica radical,
que desencadeará
microcenas
esquizoides,
causando vertigem e
impedindo qualquer
espectador de
acompanhar o fio da
meada. A partir de
agora, são esquetes
que invadem a cena,
posts, stories, minuto
a minuto, cenas
chocantes, que não
chocam mais, dado o
volume espetacular da
exibição. Cenas
toscas, sem ensaio,
poluem o palco
midiático, de modo
que não sabemos
mais se é ensaio ou
se é pra valer, mas
tudo passa a estar na
cena. A própria
quantidade de
exibições de cena
passa a se tornar
obscena. Inundados
pelas notícias cênicas,
afogados, procurando
bordas para se apoiar,
os corpos se apoiam
uns nos outros, ou em
corpos já afogados
que flutuam à deriva
neste mar, às vezes,
literalmente, cobertos
por lama e óleo.
Advertimos a
obscenidade explícita
da próxima sequência
pornográfica que
mostraremos a seguir.
Elas não são
meramente
ilustrativas.*



Milhões de toneladas de dejetos de mineração soterram Mariana (2015)



Após percorrer cerca de 700 km a lama de Mariana chega ao mar do Espírito Santo (2015)



Desnutridos e desidratados, dezenas de animais atolados precisam ser sacrificados em Brumadinho (2019)



Corpos soterrados pela lama da mineração em Brumadinho.



pescadores fazem mutirão para tirar óleo do oceano (2019)



Everton Miguel dos Anjos, 13 anos, saindo do mar coberto de óleo. Queria limpar o mar para que os turistas voltassem a frequentar o quiosque que sua mãe trabalhava na praia de Itapuama (2019)

“Se a história está nos mostrando algo é que casos como: os rompimentos das barragens de Brumadinho e Mariana, as queimadas na Amazônia e o vazamento de petróleo na costa brasileira não foram desastres naturais. Elas são crimes ambientais”, diz Leo Malafaia, autor das fotos no litoral nordestino, em entrevista ao portal 350¹⁸⁰.

¹⁸⁰ Disponível em: <https://350.org/pt/cop-25-fotos-do-maior-vazamento-de-oleo-do-brasil-sao-expostas-em-madri/>

Não bastasse um discurso sádico eleito a representar uma *Pornocracia*, um novo traço se agudiza – o traço necrófilo. Portanto, muitas cenas terão a estética *snuff*. Filmes *snuff* são vídeos que mostram mortes ou assassinatos reais. **Faces da Morte** e **Traços da Morte**¹⁸¹, foram exemplos destes documentários, apelidados de “shockumentary” nos anos 1980 e 1990, que consistiam em vídeos sensacionalistas explorando imagens reais e ficcionais de mortes brutais. As notícias cotidianas e a mídia de massa, mais ou menos explícitas, foram ficando *snuffies*. Registros de torturas no mundo do tráfico, as violências de extremistas, os castigos e condenações gravados, hoje são encontrados na chamada Deep Web. Vale lembrar que um vídeo *snuff*, da morte por enforcamento do ex-presidente do Iraque Saddam Hussein, circulou livremente na web, e não foi na “web profunda”. O *snuff* e a política flertam, historicamente, há tempos. A estética *snuff* é realidade e ficção borrados através da exploração da morte, é dissimulação do real, misturando no e com o real, é pornografia da morte:

A compreensão popular da pornografia como grau zero da representação se assenta sobre um princípio de soberania necropolítica sexotranscendental que poderíamos denominar “platonismo espermático”, segundo o qual a ejaculação (e a morte) é a única verdade. Foucault destacou que o poder soberano (masculino, teológico, monárquico) foi caracterizado não pelo poder de dar a vida, mas pelo poder de conceder a morte. A partir deste ponto de vista, o *snuff* é o modelo ontocinemático deste tipo de produção pornográfica: filmar o “real”, a ejaculação, a morte, em tempo real, e ainda melhor, fazer coincidir ontocinematicamente morte e ejaculação. (PRECIADO, 2018, p.285)

¹⁸¹ O filme, que tem mais quatro sequências, trata de várias situações similares a **Faces da Morte**. A diferença é que consiste, em sua maioria, de gravações reais de mortes e torturas de pessoas e animais. Foi censurado no Reino Unido por não ter nenhum valor jornalístico ou educacional, que justifique o contexto das fortes imagens mostradas. Entre os temas abordados, está o suicídio de Budd Dwyer, transmitido, ao vivo, pela TV norte-americana, a morte do ator Vic Morrow, ocorrida durante a filmagem de **Twilight Zone**, o bombardeio da Praça do Mercado, de Sarajevo, que matou quase 100 pessoas, cenas de crianças mortas, um ciclista atropelado por um ônibus, e a cena de um homem sendo devorado por leões famintos, em Wallasee, Angola, em 1975.

obsceno é quando um governo goza de poder diante da morte de milhares. Mais ainda, **pornográfico** é a ejaculação do gozo de dominação, não diante, mas com e sobre, milhares de mortos. Quando este horror coincide, parece estarmos submetidos a uma psicopatopolítica pornocrática e necrófila.

I

T

E

R

V

A

L

O



Sabemos que a última sequência foi de tirar o fôlego. Sabemos também que o sujeito pornocrático não tem paciência para ver um striptease, ou seja, não quer revelar nada, quer tudo revelado, exposto, em inteira exibição ao seu dispor, tem preguiça dos mistérios da vida, gostaria que ela fosse mais simples e direta, portanto, a intolerância faz parte deste novo sujeito, é um traço cognitivo a impaciência em cada um de nós agora; por isso, o espetáculo mal começou, mas por considerar a intolerância do leitor já vamos fazer um breve intervalo¹⁸²:

Vamos ali, no foyer do teatro, fococar um pouco, distrair, enquanto tomamos um café “presidencial” e comemos um pão francês na chapa com leite condensado.

¹⁸² O intervalo aqui é uma licença da forma da escrita acadêmica, uma boa oportunidade do autor poder destilar doses de subversão perversa, a boa perversão, se podemos dizer assim, fazendo, deste trabalho acadêmico, um ensaio de alargamento das formas artísticas de ocupar o discurso científico e acadêmico, e uma aposta num modo de pensar formas poéticas de transgredir e existir no espaço universitário. Levar o humor a sério, por que não?



No foyer:

- Viu, você ficou sabendo que esse Bolsonaro come pão francês com leite condensado?¹⁸³ Ai, acho que isso é fetiche com o Makron, isso explica ele ficar xingando a mulher do presidente francês no twitter¹⁸⁴ e recusando o apoio milionário¹⁸⁵ que o cara ia dar em euros para apagar o fogo da Amazônia.

PRIMEIRO SINAL

- Mas acho que esse fogo ele não quer apagar, né? Kkk
- Ai, mas por que fetiche, colega?

SEGUNDO SINAL

- Ah sei lá, comer o pão Francês se lambusando no docinho daquele creme branco dentro, hum, pode significar muita coisa né, colega?
- Nossa, total, cara, faz sentido, nossa, Freud explica né?
- Nossa, haja semiótica!
- Ai, o sinal, o terceiro sinal. Bora!
- Vamos.

TERCEIRO SINAL

¹⁸³ o pão com leite condensado foi amplamente midiaticizado, com direito a cobertura jornalista no O Globo: <https://www.youtube.com/watch?v=S3UVy6qV7tc>

¹⁸⁴ <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2019/09/05/apos-bolsonaro-guedes-tambem-ofende-brigitte-macron-e-feia-mesmo.htm>

¹⁸⁵ <https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-brasileiro-decide-rejeitar-ajuda-de-us-20-milhoes-do-g7-para-amazonia-23906801>

(Obs)Cena 75940328198746371: Leite condensado no rabo



Ao se pronunciar,¹⁸⁶ em evento privado, numa churrascaria, em Brasília, em 27 de janeiro de 2021, com artistas, o antipresidente Jair Bolsonaro, ao mencionar a repercussão dos gastos do governo federal com alimentos¹⁸⁷, se utiliza do mecanismo mais medíocre e precário da linguagem ao dizer: “Quando vejo a imprensa me atacar, dizendo que comprei dois milhões e meio de latas de leite condensado, vai para puta que o pariu. Imprensa de merda, essa daí. É para enfiar no rabo de vocês aí, vocês não, vocês da imprensa, essa lata de leite condensado.”

Na cena,¹⁸⁸ quando ele diz “puta que pariu”, os ânimos dos libertinos são atiçados, de modo que suas pulsões se manifestam, vociferando risos tacanhos e murmúrios gozosos. Mas o descontrole orgástico mesmo vem quando Bolsonaro, estimulado e excitado pela cumplicidade masturbatória das mãos amigas, que o acariciam neste ato de demonstração de dote fálico, diz:

¹⁸⁶ <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-se-revolta-com-caso-do-leite-condensado-e-pra-enfiar-no-rabo-de-voces-da-imprensa/>

¹⁸⁷ O governo federal gastou mais de 1,8 bilhão em compras de alimentos em 2020, 20% a mais do que o gasto em 2019. O levantamento foi feito pelo Metrôpoles no domingo 24/01, com base no Painel de Compras atualizado pelo Ministério da Economia. Só em alfafa, foram gastos mais de um milhão de reais (R\$ 1.042.974,22). Em farelo, mais de 3 milhões (R\$ 3.897.145,01). Com leite condensado, um dos alimentos prediletos de Bolsonaro, foram gastos mais de 15 milhões (R\$ 15.641.777,49) ver em: <https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/bolsonaro-se-revolta-com-caso-do-leite-condensado-e-pra-enfiar-no-rabo-de-voces-da-imprensa/>.

¹⁸⁸ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=t1sB8voe7RM>

“Imprensa de merda essa daí. É para enfiar no rabo de vocês aí”.

Ao mencionar, num discurso oficial, as palavras merda e rabo, os libertinos não suportam e gozam, ejaculam gritos vociferantes, palavras de ordem e manifestações de aclamação, que consagram o ato de seu presidente, e então, o coro masculino entoia o refrão “mito, mito, mito, mito...”.

É mítico, na Pornocracia, quando aquele que dissimula ser um poder soberano se utiliza, explicitamente, do mecanismo pornocrático de vulgarizar o obsceno, retirando do obsceno sua capacidade subversiva, mantendo-o confinado lá, onde o conservadorismo e a tradição insistem em manter o obsceno – condicionado ao estatuto de injúria. Nesta operação, o conservadorismo se traveste de transgressão, finge-se revolucionário, mas é justamente o oposto, reacionário e cafona.

Os veículos de informação, ao comunicar e propagar as cenas e discursos pornocráticos, não reconhecem que não imunizam e nem nos vacinam contra a Pornocracia, mas, ao contrário, ajudam a espalhar e fortalecer o dispositivo viral que se tornou a razão pornográfica. Quanto mais se exhibe o exibicionismo, mais autoimune se torna a Pornocracia.

(Obs)Cena 98475628548345672: O perverso puritanismo encena



A construção da nova Basílica do Divino Pai Eterno, em Trindade, Goiás, iniciada em 2012, é um empreendimento de uma associação católica presidida por um dos padres mais populares do Brasil, o padre Robson Oliveira Pereira. A obra é financiada por fiéis e as doações foram usadas para comprar avião, casas de luxo, fazendas, terrenos em condomínios de alto padrão, com a colaboração

de laranjas, num esquema bilionário de lavagem de dinheiro.¹⁸⁹ O caso se tornou público em agosto de 2020, quando vazaram informações das extorsões do amante do padre, um hacker que resolveu chantageá-lo, ameaçando tornar público os segredos que compartilhavam¹⁹⁰. Uma esdrúxula associação perverso-puritana, que revela o obsceno pornograficamente: a mistura de religião, política, romance secreto entre um padre e um hacker num esquema bilionário de estelionato. São cenas como estas que denunciam a nudez da Pornocracia.



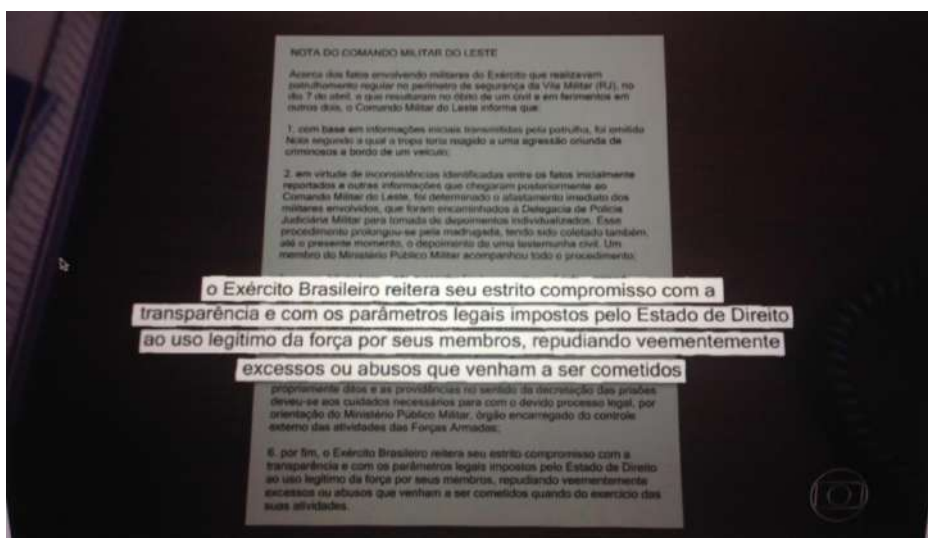
Isso não é pornografia, é denúncia.

¹⁸⁹ <https://globoplay.globo.com/v/8798698/>

¹⁹⁰ <https://g1.globo.com/go/goias/noticia/2020/08/24/hacker-que-estava-a-frente-de-extorsao-contra-padre-robson-tinha-um-romance-com-ele-afirma-decisao.ghtml>

(Obs)Cena 09473998744563824: 80 tiros ou 257 tiros

Esta cena é curta. É o tempo de 80 ou 257¹⁹¹ tiros serem disparados. No dia 08/04/2019, Evaldo Rosa dos Santos, músico negro, foi alvejado por mais de 80 tiros, segundo a imprensa, e morto pelo exército nacional por "engano". O obscuro equívoco foi justificado como um assassinato em nome da segurança nacional. O exército falou pela imprensa, dizendo, através de uma nota pública, que seu compromisso é com a transparência¹⁹².



Fotograma de matéria jornalística do Jornal Nacional que foi ao ar em 08/04/2019

**1,2,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13,14,15,16,17,18,19,20,21,22,23,24,25,
26,27,28,29,30,31,32,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45,46,
47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,
59,60,61,62,63,64,65,66,67,68,69,70,71,72,73,74,75,76,77,78,79,80**

...

.....
.....
.....
.....
.....
.....

... 257

A cena acaba.

¹⁹¹ <https://epoca.globo.com/os-257-tiros-contra-carro-de-evaldo-dos-santos-rosa-23687091>

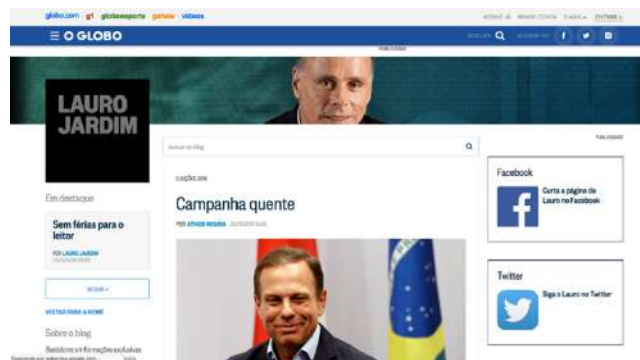
¹⁹² Apresentamos o conceito de transparência da página 73 até a 79.

(Obs)Cenas: 86755469001209311: Pornografia Política



O ex-ator pornô e atual deputado federal Alexandre Frota, em matéria publicada em 13 de setembro de 2019, no Jornal O Estado de São Paulo, dá a seguinte declaração: “O que Bolsonaro faz hoje é pornografia política”. Como autoridade no assunto, ele sabe do que fala. Neste depoimento ressentido, que aparentemente pode ser lido apenas como um modo moralizante de ofender seu recente desafeto (o presidente), tem nele algo importante a ser explorado – o fato dele estar falando de um contexto político de desfiliação do partido do qual era membro, o PSL, (o partido do presidente até novembro de 2019), e de filiação a outro partido, o PSDB, capitaneado atualmente pelo governador do Estado de São Paulo, João Dória, cuja campanha foi pejada de polêmicas pornoizantes:

¹⁹³ Matéria disponível em: <https://brasil.estadao.com.br/blogs/inconsciente-coletivo/alexandre-frota-o-que-bolsonaro-faz-hoje-e-pornografia-politica/>



Vale recapitular o contexto histórico recente: lembrar que as campanhas eleitorais de Dória (para governador) e Bolsonaro (para presidente) foram associadas, a certa altura, como uma espécie de pacto ideológico e estratégia de comunicação sendo nomeado por eles mesmos de “estratégia Bolsodória”.

Em termos semióticos, não é pouca coisa juntar os nomes de modo tão inseparável que se torne uma palavra só. É o casamento que junta sobrenomes. O termo foi divulgado amplamente por diversos veículos de imprensa e aclamado por hashtags, nas redes sociais. Todavia, ao se pretender candidato à presidência em 2022, João Dória se torna automaticamente adversário de Bolsonaro, “merecendo” ataques públicos do presidente ao estilo pornocrático:



Relembrar esta breve “transa política”, filiação simbólica (e não partidária), dissidência para a qual caminhou a promiscua relação dos governos e a desfiliação que os tornam adversários políticos, escancara mais que promiscuidade política, mas exhibe os esboços táticos, aos quais nem se pode nomear de estratégia, pois não se desenham como tal. As estratégias políticas sempre dependeram de segredo e descrição, ou seja, estratégia reserva um erotismo.

É nesta pornográfica cena que um coadjuvante vem ganhando seu protagonismo: Alexandre Frota, abandona o estrelato nos filmes pornográficos para passar a atuar politicamente, numa cena pornocrática. Em muitos países, o traço pornográfico invade a política, mas, talvez seja, por enquanto, no Brasil, onde encontramos a expressão máxima que deflagra, de modo exemplar, o regime pornocrático ao qual agora respondemos de maneira tão explícita.

De fato, as aglomerações em festas clandestinas configuraram-se como obscenas durante a crise sanitária do Covid 19, no Brasil. Ironicamente,

associado a esta obscenidade, o deputado federal Alexandre Frota dissimulou protagonizar as cenas dos fechamentos de estabelecimentos acompanhando a Polícia Civil, mesmo isso não sendo a função de um deputado federal. Todavia, sabe-se que o fetiche de atuar como policial faz parte dos personagens clichês do cinema pornográfico. Em um dos roteiros despudorados desta obscenidade, Alexandre Frota contracena com Oscar Maroni. Esta é a cena:

The screenshot shows the top navigation bar of the Forum website with the logo and date 'sexta, 02 de abril de 2021'. Below the navigation bar is a search bar and a 'FÓRUM EDUCAÇÃO' button. The main content area features a banner for 'Em até 8x Sem Juros' and a news article. The article title is 'Vídeo: Casa noturna Bahamas é fechada em Blitz da pandemia e Oscar Maroni diz que é hotel'. The article text mentions 'Ação da força-tarefa foi acompanhada e filmada pelo deputado Alexandre Frota. Dono, Oscar Maroni, de 70 anos, disse que já tomou vacina e que o local é um hotel: "Acharam que era uma boate, um balneário"'. Below the article is a social media sharing section and a newsletter sign-up form. The newsletter form has fields for 'Nome' and 'E-mail' and a red 'Inscrever' button. Below the newsletter form is a section for 'Últimas Notícias' with a link to 'Leia mais'. The article image shows Oscar Maroni in front of the Bahamas club sign at night. A caption below the image reads 'Oscar Maroni, dono da casa de prostituição Bahamas (Montagem)'. The page number '194' is visible in the bottom right corner of the screenshot.



Você se deu conta da cena que acabou de assistir? Ex-ator pornô fechando um puteiro, performando ser policial, enquanto dissimula ser um deputado federal que apoia, agora, João Dória, Governador do Estado de São Paulo, atualmente um dos principais desafeto do governo federal, ao qual Frota foi “fielmente” filiado.

¹⁹⁴ <https://revistaforum.com.br/noticias/video-casa-noturna-bahamas-e-fechada-em-blitz-da-pandemia-e-oscar-maroni-diz-que-e-hotel/>

Esta cena reúne muitos níveis de obscenidade e dissimulação. Vale lembrar, ainda, que Frota participou, em 2001, da primeira edição do *reality show* **A Casa dos Artistas**, da emissora SBT, e que Oscar Maroni foi também participante da sétima edição do *reality show* **A Fazenda**, da emissora Record, que tem como maior patrocinadora a igreja evangélica Universal do Reino de Deus. Maroni, que é envolvido em diversos processos penais, dentre eles, uma briga judicial contra a jovem de 18 anos que, segundo ele, teria feito leilão¹⁹⁵ da falsa virgindade, foi ainda candidato¹⁹⁶ a deputado federal em 2018, pelo partido, PROS (Partido Republicano da Ordem Social), com o número 9069¹⁹⁷, número que, insistiu em sua campanha, era sugestivo e proposital. Defendeu, em sua campanha, o porte de armas e a pena de morte, entre outras pautas conservadoras¹⁹⁸.

Após celebrar a prisão de Lula, já descrita anteriormente, a certa altura, para homenagear a atuação pornocrática do então Juiz Sergio Moro, Maroni declarou que sua casa de prostituição daria “passe livre”¹⁹⁹ ao Juiz, que, neste ato, é declarado membro VIP de uma das maiores casas de prostituição do país.

The image shows two screenshots. The left one is from CartaCapital, dated October 30, 2019, with the headline "Eduardo Bolsonaro a Alexandre Frota: 'Era menos promíscuo no pornô'". Below the headline is a photo of a man in a suit speaking at a podium. The right screenshot is from Correio Braziliense, dated February 5, 2020, with the headline "Alexandre Frota publica foto de novo diretor da Secom durante ménage". Below the headline is a photo of a man with a beard and tattoos, identified as Alexandre Frota, with two women.

¹⁹⁵ <https://m.folha.uol.com.br/cotidiano/2012/10/1174773-jovem-que-leiloou-virgindade-pediu-r-100-mil-diz-dono-do-bahamas.shtml>

¹⁹⁶ <https://www.youtube.com/watch?v=FqRrk0clwGw>

¹⁹⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=FzP5SbHtDWQ>

¹⁹⁸ Canal de Oscar Maroni no Youtube com os vídeos de sua campanha:

<https://www.youtube.com/channel/UCnNRSh6BBEQuBK5abbndHYQ>

¹⁹⁹ <https://catracalivre.com.br/cidadania/oscar-maroni-mulher-comemorar-prisao-lula/>

(Obs)Cena 66689057688954317: Um retrato Playboy

Placa de Marielle quebrada e "inspeção" em colégios: quem é Daniel Silveira, deputado preso por ordem de ministro do STF

Silveira já havia sido alvo de uma operação da PF sobre a organização e o financiamento de atos antidemocráticos



O deputado federal Daniel Silveira, que foi um dos responsáveis por quebrar a placa em homenagem à vereadora assassinada Marielle Franco (2018), ocasião na qual declarou que estava apenas *"Cumprindo nosso dever cívico, removemos a depredação e restauramos a placa em homenagem ao grande marechal"*. E conclui: *"Preparem-se, esquerdopatas: no que depender de nós, seus dias estão contados"*. Ele é responsável, ainda, por invadir colégios no RJ para fiscalizar os conteúdos de trabalhos pedagógicos como, por exemplo, a sua invasão no tradicional Colégio Estadual Dom Pedro II, que justificou dizendo que o colégio é um lugar que *"fede a marxismo cultural"*²⁰⁰. Acusado de outros inúmeros crimes previstos na Constituição, o parlamentar coleciona atos perversos. Um episódio importante de suas perversões se tornou um fato midiático de grande alcance, e se deu, desta vez, pela não exibição do conteúdo de um vídeo postado pelo deputado federal.

Sabe-se que o vídeo consistia em ataques à democracia, ofendia ministros e fazia apologia ao Ato Institucional número 5, o mais nefasto da ditadura militar brasileira. Provavelmente, por motivos legais, a imprensa não exibiu o conteúdo deste vídeo, e todas as matérias que tumultuaram, por uma semana, o palco midiático no Brasil, ao tratar deste caso, expuseram um vídeo cujo conteúdo foi ocultado. Antes mesmo que muitos tivessem acesso ao conteúdo na plataforma, o Youtube removeu a postagem. Vários setores da sociedade se manifestaram em repúdio ao deputado federal.

²⁰⁰ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2021/02/placa-de-marielle-quebrada-e-inspecao-em-colegios-quem-e-daniel-silveira-deputado-preso-por-ordem-de-ministro-do-stf-ckl9iftdh046101i1iylderc5.html>

Parece que a impossibilidade de ver, na sua explicitude, este conteúdo, fez com que parte do jornalismo investigativo se engajassem na exploração de outras imagens para mostrar, e então, muito mais foi revelado – uma extensa lista de crimes e de acusações. O que parece importar aqui é que, como não pudemos estancar na espetacularização de uma única imagem, ao ficar velada, ela revelou outras cenas que o olhar midiático precisou reconhecer e desvendar.

Parece, neste caso e contexto, que a ocultação de certa informação tenha sido importante à comunicação, pois os veículos precisaram enxergar e nos mostrar para além do proscênio. O espírito pornográfico da **Playboy** invadiu a teatrocracia política, o sujeito playboy, mimado e travesso, chega na política e com suas “travessuras” perversas, deseja ser a lei. Um fanfarrão *bad boy* que performa um personagem digno de protagonismo numa cena pornográfica. Um inominável personagem bufão, um “xurupito”²⁰¹ pornográfico, que agora se leva a sério. O que deveria saber-se piada, se entretém ostentando-se enquanto genuíno.

O caso Daniel Silveira mostra como a teatrocracia política se tornou uma paródia satírica do real, no Brasil, no qual a perversão que quer brincar com a vida, diverte-se e goza com o funesto. Vamos recorrer ao *Rap*, em que brincar com as palavras é um ato sério. Assista a seguir ao fotoclipe: “*Xurupito playboy*”:

Pergunta pro playboy o que ele pensa da vida. Sabe o que ele te diz? Nada, ele baixa porrada! É mais ou menos assim...

Sou playboy e meto porrada, eu dou porrada eu enfio a porrada
Só ando com a galera e bato nos mané
Mas quando eu to sozinho eu só bato nas mulhé
Eu pego muita gata no mata-leão
É isso meu cumpadre, my brother, meu irmão
Se alguma coisa ta na moda, eu faço também
Eu tenho um pitbull chamado Bush Hussein
O Bush é pitbull mas eu sou mais ainda
Arranquei a orelha de uma loira burra linda
Tinha um cara dançando com essa mulher na boate
Então pensei: "Ta na hora do combate!"
Eu falei: "Tu pisou no meu pé meu irmão"
Ele disse que não, eu dei logo um socão
Ele foi pro hospital, ela veio me dar mole
Eu pedi um chopp ela me pediu um gole
Ela me levou pro motel, vou contar um segredo
Quando ela tirou a roupa eu fiquei até com medo
Veio me beijando me chamando de gostoso
Veio me abraçando eu fiquei meio nervoso
Veio se esfregando e eu fiquei com nojo dela
Eu mandei um mordidão e um chute na costela...

...Já sou bem grande, já sei me virar, sei até dirigir, só não aprendi a conversar
Eu não discuto chuto, eu não debato eu bato, não sei bater um papo mas resolvo no sopapo



Entro no meu carro e o pedal vai no chão
Olha o cara ultrapassando pisa aí meu irmão
O cara me encarou aí eu dei uma fechada
Peguei o extintor e parti pra porrada

²⁰¹ *É de Xuripito (1957)* é o nome de uma famosa peça de teatro de revista do diretor Walter Pinto. O termo xurupito/a não consta no dicionário e tem várias acepções populares, como sinônimo de travesso ou levado, ou ainda, algo como supimpa, um adjetivo pra aquilo ou aquele que arrasa e “detona”, no sentido positivo ou negativo a depender do contexto.

Sai de baixo que eu sou macho
 Que eu sou muito macho
 Pelo menos eu acho
 Macho não vacila, macho arrasa
 Macho não leva desaforo pra casa
 Macho é isso, não brinca em serviço
 Macho é robusto, macho é roliço
 Macho é parrudo, macho é pescoçudo
 Macho é poderoso, macho é tudo
 Macho é o que há, e eu gosto muito, rapaz
 Macho é lindo, macho é demais



Eu sou igual àquele cara do casseta
 Me excito mais com uma boa briga do que com uma
 boate, lotada de gata
 Se não tiver porrada, a noitada não tem graça
 Aí é melhor trabalhar os músculos, né
 Malhar é melhor do que mulher



Por falar em malhar, eu lembrei da Maria
 Aquela popozuda que eu peguei na academia
 Levei ela pra praia e eu fiquei amarradão
 A isca perfeita pra arrumar confusão
 O cara olhou pra suas coxas e ficou com a cara roxa
 E o outro olhou pra suas costas e levou fratura
 exposta
 A Maria se amarrou no meu show
 Mulher adora essas coisa brou

É até engraçado, to na delegacia encarando o
 delegado
 Eu não decido nada to esperando advogado
 Papai já ta chegando pra deixar tudo acertado
 Dei até entrevista, vou sair na TV
 Que maneiro, eu adoro aparecer
 E na hora da foto eu fiz cara de mal
 Amanhã minha galera vai me ver no jornal, aí

“Motivo de orgulho”, diz Daniel Silveira após ser preso em flagrante

Deputado bolsonarista foi alvo de mandado de prisão na noite de terça-feira, no Rio. Decisão foi autorizada por Alexandre de Moraes

Tácio Lorenz, Natália Kuhl
 17/03/2021 10:30, atualizado em 17/03/2021 17:40



Sou playboy, filhinho de papai
 Eu tenho um pitbull, e eu imito o que ele faz
 Sou playboy, filhinho de papai
 Eu era um debilóide, fiquei ainda mais



Esse é o retrato da nossa gente fina
 Seja lá no açaí ou ali na cocaína
 É assim que cuidamos do futuro do Brasil
 Até que ponto nós chegamos
 Hein, puta que o pariu



Retrato de um playboy parte 2 – Gabriel O Pensador (1993)

(Obs)Cenas: 87364554536632211: O perverso-puritano é vítima de porn revenge

O ex-senador e pastor Magno Malta que, no documentário **Democracia em Vertigem** (2019) aparece orando, minutos antes da votação do impeachment de Dilma, em 2016, aparece também orando na vitória de Bolsonaro, em 2018. A oração²⁰² dele é transmitida ao vivo, como um dos primeiros momentos do que consagraria a institucionalização perverso-puritana no Brasil. Este senhor é, portanto, um personagem importante, é o pastor que abençoa o golpe contra a bruxa e a posse do messias.



Imagem da oração se tornou meme na internet, postada pelo perfil *Genital Influence*²⁰³

O ex-senador teve como assessora, por anos, a pastora Damares Alves, que se tornou ministra do Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos do governo Bolsonaro, no qual defende pautas morais e conservadoras. Magno Malta, em entrevista²⁰⁴ ao jornal Folha de São Paulo, em 5 de novembro de 2018, é questionado por que havia mudado radicalmente de posição política, já que foi apoiador do PT nas campanhas de Lula e de Dilma. Ele responde, acusando-os: “Em 2002, viajei pelo Brasil

²⁰² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ixUfHHJnMjo>

²⁰³ Vale destacar nesta imagem, que a sexualização de contextos passa a ser um traço perverso, praticado como linguagem pelos mais diversos setores sociais e políticos, se tornando, majoritariamente, injúria e ofensa no discurso da direita conservadora e, recorrentemente, crítica e ironia jocosa na esquerda progressista.

²⁰⁴ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/hoje-aliado-de-bolsonaro-magno-malta-ja-foi-cabo-eleitoral-de-dilma.shtml>

“desatanizando” Lula, mas assim como ele, eu também fui enganado. Fizeram strip-tease moral em praça pública”.

O pastor diz ter “desatanizado” Lula, ou seja, feito um exorcismo político, mas se sente traído, já que Lula, segundo esta leitura, não foi “desatanizado” o suficiente. Vale destacar um dos elementos que o ex-senador e pastor acusa os petistas como “ações satânicas”, já que conclui seu depoimento falando em “strip-tease moral em praça pública”.

Este personagem protagonizou ainda outras cenas. Foi o presidente da CPI²⁰⁵ dos Maus-Tratos, nome dado ao grupo que perseguiu judicialmente manifestações artísticas, em 2017, e que pediu ao Supremo Tribunal Federal autorização para a condução coercitiva do artista Wagner Schwartz, por sua performance no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo), e do curador da exposição Queermuseu, Gaudêncio Fidelis, realizada no Banco Santander, em Porto Alegre. Ambos os casos foram fenômenos midiáticos de dimensão internacional, na época; o artista e o curador foram vítimas de um processo de linchamento virtual e sofreram ameaças de morte. A nudez foi um dos motivos para a criminalização das manifestações artísticas.

Vamos agora para outra cena que, aparentemente, não se liga com estas primeiras, mas se compõe com ela no roteiro pornocrático que estamos exibindo. Continue acompanhando com atenção, por favor.

Em março de 2020, logo quando os primeiros casos de Covid 19 foram registrados, na cidade São Paulo, ficou amplamente difundido um áudio de WhatsApp do reconhecido cardiologista Dr. Fabio Jatene. No áudio, Dr. Jatene explicava que o vírus tinha chegado em solo nacional e que, em reunião com especialistas, àquela altura, já se podia afirmar que teríamos uma tragédia anunciada e que, em poucos meses, teríamos não só instaurada a crise sanitária, mas um colapso no sistema hospitalar, em todo o país. Não era premonição, nem alarmismo, eram especialistas alertando a sociedade. Todavia, este áudio teve um opositor, também médico, o Dr. Anthony Wong, que acusou Jatene de alarmismo e divulgou vários vídeos, em redes sociais, contra o

²⁰⁵ Comissão Parlamentar de Inquérito aprovou requerimentos para a convocação coercitiva por não terem respondido ao convite para as audiências da comissão em São Paulo, Schwartz e Fidelis seriam conduzidos por força policial à reunião da CPI, mas a decisão foi negada pelo ministro Alexandre de Moraes no STF. <https://g1.globo.com/politica/noticia/stf-barra-ordem-de-cpi-para-conducao-coercitiva-de-artista-que-se-apresentou-nu-em-sao-paulo.ghtml>

isolamento social, e relativizando a eficácia de medidas sanitárias orientadas pela OMS. Afirmou que o vírus não sobreviveria num clima tropical, e deu até números, dizendo que “nem 3 mil pessoas se contaminariam na cidade de São Paulo”. Foi a favor do tratamento precoce com o chamado *kit covid*, ainda sem comprovação científica, e do uso de hidroxicloroquina, dentre outras posições, que desinformaram e atrapalharam muito a luta daqueles que estavam comprometidos com a informação verificada e qualificada.

Os áudios de WhatsApp, com as posições contrárias destes médicos, se tornaram pauta midiática, de modo que, em 12 de março, a Folha de São Paulo publica uma manchete intitulada “Médicos entram em ‘guerra de WhatsApp’ por epidemia do novo corona vírus no Brasil”²⁰⁶. Guerra, epidemia viral e comunicação se misturavam, já na primeira semana da chegada do vírus por aqui. O evento escancarava algo que estava ainda obscuro, no campo da comunicação: que precisávamos saber mais do que já sabíamos sobre como nos informar bem, ou seja, que além de checar as fontes das informações e conferir o currículo daqueles que as atestam, mais que nunca, era vital nos educarmos sobre como nos informar, pois a informação equivocada custaria, literalmente, nossas vidas. Neste caso, ambos tinham ótimos currículos, mas não tinham a mesma reputação e reconhecimento entre seus pares, no campo de conhecimento em que atuavam. Esta informação era muito restrita e privada ao ambiente no qual circulavam, e isso não ficou público, infelizmente.

O fato é que o Dr. Anthony Wong, que mostrou traços negacionistas, declarou ter se contaminado com o Covid 19, em entrevista à radio Jovem Pan,²⁰⁷ em novembro de 2020, e em 15 de janeiro de 2021 teve complicações pulmonares, e morreu de parada cardiorrespiratória.²⁰⁸ Este pedaço da cena acaba aqui, mas se desdobra com Magno Malta. Acompanhe:

Mesmo após a morte do Dr. Wong, o ex-senador se utilizou, então, do discurso do suposto especialista, para “fundamentar” seu negacionismo, para defender seus interesses políticos e econômicos, já que é pastor e, sem cultos, as igrejas não faturam.

²⁰⁶ <https://www1.folha.uol.com.br/eqilibrioesaude/2020/03/medicos-entram-guerra-de-whatsapp-por-epidemia-de-novo-coronavirus-no-brasil.shtml>

²⁰⁷ <https://jovempan.com.br/noticias/brasil/morre-dr-anthony-wong-apos-parada-cardiorrespiratoria.html>

²⁰⁸ Em diversos veículos a notícia diz que a causa da morte não foi informada a imprensa, em inúmeras outras foi anunciada como parada cardiorrespiratória e em algumas o texto jornalístico diz explicitamente que a morte foi causada por complicações da infecção pulmonar do novo Corona vírus.

No dia 19 de janeiro (4 dias após a morte de Wong), o pastor posta, em sua página do Facebook, um vídeo no qual o Dr. Wong atestava as falsas informações já contestadas pelos fatos evidentes que a tragédia produziu no Brasil. Ao publicar o obsceno vídeo, a plataforma classificou como informação falsa e excluiu a postagem. Então, frustrado como um sujeito cujo traço perverso não aceita ser contrariado, para manifestar sua revolta pela postagem reprimida, o pastor resolveu fazer uma captura de tela da galeria de vídeos e fotos do seu próprio aparelho celular, no qual tinha a intenção de mostrar o rosto do Dr. Wong, mas não se deu conta que, no canto inferior esquerdo da tela de seu celular, apareciam as miniaturas das imagens de sua galeria de fotos, com fotos de um pênis, supostamente do pastor, que acabou tornando pública esta imagem, duplamente obscena.

Falo, face e fake duelando o protagonismo de uma cena pornocrática, postada por um pastor conservador, com um discurso puritano. O falo ganhou destaque, e antes que houvesse tempo de perceber a gafe, internautas fizeram capturas de tela da postagem e espalharam essa imagem pelas redes. Assim que a repercussão do caso viralizou, o pastor apagou a postagem e, em seguida, alegou ter sido vítima de “hackemento” de sua página. Era tarde demais, o perverso-puritanismo estava escancarado, mais uma vez.





postagem do ex-senador em sua rede social



Recapitulando o episódio desta pornochanchada: O pastor evangélico que diz ter “desatanizado” o demônio Lula; que orou no gabinete de deputados para abençoar o impeachment de Dilma “bruxificada”; que orou, de mãos dadas, com o presidente que homenageia torturadores, ao mesmo tempo sendo cochado pelo ex-ator pornô Alexandre Frota; que, por motivações conservadoras e puritanas, liderou o pedido de condução coercitiva de curadores e artistas que usaram nudez como manifestação artística em museus de arte; que espalhou falsas informações que atentam pornograficamente contra a vida, num descuido, mostra mais do que gostaria, ficando ele mesmo nu, publicamente. Talvez agora, sabendo de tudo isso, faça mais sentido a acusação que fez à Lula e Dilma, na sua entrevista à Folha: o problema não parece ser exatamente o “strip-tease moral”, mas tê-lo feito em “praça pública”, nas palavras do pastor. Cinismo, desfaçatez e perverso-puritanismo traídos por um erro de cálculo da moral pornográfica: a que finge denunciar, quando, na verdade, o “mostrar tudo” é um excesso de exibição, cujo intuito é fazer desaparecer o pedaço que importa velar perversamente.

²⁰⁹ <https://es360.com.br/post-de-magno-malta-mostra-imagens-de-orgaos-genitais/>
<https://www.tribuna.com.br/noticias/atualidades/ex-senador-magno-malta-deixa-foto-de-pênis-vascular-durante-publicação-nas-redes-sociais-1.138867>

(Obs)Cenas: 17171717171717171: Esquetes Pornôs - a crise é também estética

A estética da Teatocracia Bolsorarista é como um ensaio desleixado de uma cena de pornochanchada cafona. O texto teatrocrático precisa ter erros de português, atos falhos de linguagem, incompetência retórica, falta de concordância, balbucios e sonoridade cacofônica. É o humor repetitivo do tio do pavê, misturado com a piada que sexualiza contextos num almoço de família evangélica, constringendo ao invés de fazer rir. Tem ainda um tanto da seriedade cínica, com a qual um vendedor ambulante de produtos falsificados tenta convencer seus clientes.

O corpo, na cena teatrocrática, não sabe se sustentar em cima das pernas, transpõe o peso de um lado a outro, balançando sua insegurança enquanto dissimula, é uma cena de impostores que não se constringem, na qual militares dissimulam ser ministros, astrólogo se declara filósofo, ator pornô se passa por deputado e um síndico se ocupa, dissimulando pra si mesmo, a tentativa de se convencer que é presidente. É uma pornografia autorreferencial, que configura uma espécie de Pornoceno, talvez não mais um *Anthropos*²¹⁰ no centro, senão uma centralidade da pornografia como reguladora dos gestos antropológicos, ou ainda, uma Antropornocena, na qual está no centro da cena uma humanidade desnuda, exposta visceralmente em suas pulsões mais brutas.

Parece ser deste contexto *obcênico* que surgem anomalias pornocênicas, que se autorizam a encenar, no palco político da Teatocracia Bolsonaroista. É nela, por exemplo, que Abraham Weintraub, que dissimulou ser Ministro da Educação por um tempo, se divertiu fazendo esquetes toscas, citando clássicos como *Cantando na Chuva*²¹¹.

Enquanto ocupava o cargo de Ministro da Educação, Weintraub publicou vídeo oficial do MEC, no qual tentou citar a clássica cena de Gene Kelly para fazer uma alusão a uma suposta “chuva de Fake News”, que o vídeo constringedor tinha intenção de combater.

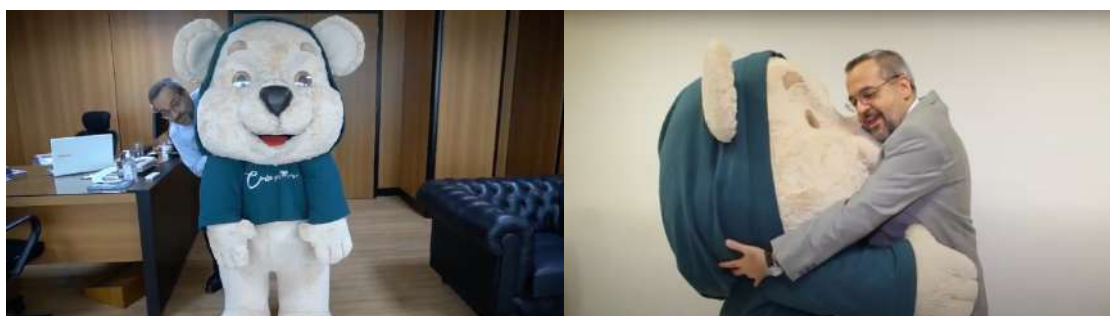
²¹⁰ ANTHROPOS, “ser humano” em Grego, é prefixo de palavras como Antropoceno (o humano como centro da cena), Antropologia (os estudos acerca dos comportamentos humanos ao longo da história), Antropofagia (canibalismo ou um conceito em filosofia proposto por Oswald Andrade) entre outros.

²¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=dLKnBijWSyU>



Fotograma do vídeo

Apostou ainda em seu carisma e em seu próprio senso lúdico para contracenar com o urso Tito, um boneco de pelúcia²¹² que foi lançado como mascote da campanha **Conta pra Mim**²¹³, um programa do MEC que teria a missão de estimular a leitura nas famílias de baixa renda.



Não se sabe o porquê um urso de pelúcia, sem nenhum elemento que se associe a livros, se tornou mascote de uma campanha de estímulo à leitura, mas não precisa fazer sentido, esta é a lógica da Teatocracia Bolsonarista, uma crise estética, sintática e semântica, cujos signos obedecem a leis esquizofrênicas, e buscam perverter os símbolos e os sentidos.

Os fetiches com o teatro e a representação não estacam aí, há fetiches com o cinema também. Noutra cena, vemos o ex-Ministro das Relações Exteriores Ernesto Araújo estrelando a capa da revista digital bolsonarista **A Verdade**,²¹⁴ interpretando o personagem James Bond, do famoso **007**. A foto do chanceler na capa é acompanhada

²¹² <https://twitter.com/AbrahamWeint/status/1202300807535845376?s=20>

²¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=h0yVrT8cIVo>

²¹⁴ <https://istoe.com.br/ernesto-araujo-posa-de-james-bond-e-vira-chacota-entre-diplomatas/>

do título “Missão Brasil” e do subtítulo “em um dos momentos mais difíceis da humanidade, Ernesto Araújo é o homem certo para defender os interesses do Brasil”.



O tosco e mambembe, eleitos como estética oficial, não servem apenas aos atores políticos numa teatrocracia pornográfica; o sujeito de traços perversos também tem a cena como objeto de fetiche, pelo qual, agora, satisfaz seus desejos.



Já eram mais de 10 mil mortos, vítimas da crise sanitária do Covid 19, quando apoiadores do governo ironizaram, fazendo uma pornocena²¹⁵ teatrocrática.

A intervenção obscênica feita num espaço público, no meio de uma avenida, conta com um locutor que, em cima de um caminhão, anuncia no microfone que ocorrerá algo impactante. Então, um grupo aparece com um caixão. Diz o locutor: “Preste bastante atenção no que o coronavírus faz com as pessoas. Suicídio!”, e um homem dissimula um tiro na cabeça e cai. “Fome!”, então outro, com as mãos no estômago, também cai. “Doenças!”, cai uma mulher, “Violência!”, e um sujeito dissimula matar o outro com uma facada. Começa, então, a tocar **Thriller**, de Michael Jackson, cujo clip é famoso pela coreografia com zumbis. Os dissimuladores dançam. Um dos “mortos” abre o caixão, e uma mulher ressuscita lá de dentro. Ela dança e sai tocando em cada um dos “falecidos”, que ressuscitam, se juntando à coreografia dos mortos-vivos.

A obscenidade que deveria deprimir, excita. A precariedade da dissimulação cênica denuncia que a obscenidade instaura crises estética, patéticas, sem ética nem lógica. Parece, mas não é um teatrinho mambembe de quinta série imitando zumbis. São sujeitos pornocráticos exibindo a brutalidade rudimentar de suas pulsões. No final, todos se abraçam, deitados sobre o caixão, o público aplaude.



Fotogramas das pornocenas teatrocráticas

²¹⁵ <https://veja.abril.com.br/blog/radar/o-teatro-bolsonarista-que-debochou-das-10-mil-mortes-da-pandemia-no-pais/>
<https://catracalivre.com.br/cidadania/com-caixao-e-ao-som-de-michael-jackson-bolsonaristas-ironizam-11-mil-mortes/>

A próxima pornocena²¹⁶ acontece quando já tínhamos mais de 150 mil mortos vítimas do Covid 19, no Brasil. Desta vez, um grupo de bolsonaristas, com camisas verde e amarelas, corre em direção ao Palácio do Alvorada, dissimulando fugir do presidente chinês Xi Jinping e do governador de São Paulo, João Doria. Com uma sulfite impressa com o rosto do chefe de Estado chinês, uma pessoa segura uma seringa gigante, na qual está escrito “vachina”, e outra pessoa, com uma peruca, representa o governador de São Paulo. A pessoa que registra o ato obscuro narra, literalizando e explicando cada gesto, numa espécie de linguagem *power point*, na qual a legenda reitera o que a imagem já conta, explicitamente. A voz que narra, explica: “*Vacina obrigatória, não! O povo correndo, pedindo socorro ao nosso presidente. Xi Jinping e Dória querendo obrigar o povo a tomar vacina. O povo diz não*”, diz a narradora.



Na Teatrocrazia, a estética do precário democratiza a cena enquanto fetiche. Neste contexto, a sociedade do espetáculo se converte em sociedade da performance pornográfica, os sujeitos realizam uma dramaturgia obscuro, em que perversos dissimulam pornocenas, que se tornam objetos de fetiche pelos quais gozam, ao performá-las. A Teatrocrazia parece servir como dispositivo para borrar ficção e realidade.

²¹⁶ <https://revistaforum.com.br/noticias/video-bolsonaristas-fazem-teatro-em-brasilia-contracoronavac-a-vacina-chinesa-contracovid/>

Os “teatrinhos” estão auto-autorizados a performar, os dissimuladores não são atores, mas sabem que seus atos são gestos que agem e atuam transformando a cena. Tanto sabem o poder da representação, que tentam impedir apresentações teatrais profissionais, como por exemplo, numa ação da PGR – Procuradoria Geral da República, que tenta censurar a peça **Precisamos Matar o Presidente**²¹⁷, do diretor Davi Porto, com a cia dirigida por ele. Os artistas profissionais relatam estar sofrendo ameaças de morte e ataques à apresentação, mesmo sendo exibida no formato online.



No artigo “**O teatro bolsonarista**”,²¹⁸ no Le Monde Diplomatique, Guilherme Antonio Fernandes e Luís Fernando Baracho ensaiam a hipótese de que o bolsonarismo é teatral, e afirmam: “O bolsonarismo tornou-se maior do que Jair Bolsonaro. Já não importa mais a pessoa, o que importa é a ideologia. Assim, é necessário perceber que a peça teatral à qual o País assiste, que retrata o bolsonarismo, não se limitará em suas alegorias. A pestilência saiu dos palcos e se projetou para todo o teatro nacional. Esse algo de podre não é Jair Bolsonaro, mas é o bolsonarismo. Mais do que o presidente e seu desgoverno, é necessário desconstruir o bolsonarismo. E, mesmo assim, alguns chamarão, ainda, Shakespeare de ... comunista.”

²¹⁷ Leia mais em: <https://veja.abril.com.br/blog/radar/diretor-de-peca-precisamos-matar-o-presidente-diz-sofrer-ameaca-de-morte/>

²¹⁸ <https://diplomatique.org.br/o-teatro-bolsonarista/>

Fernanda Montenegro, a grande dama do teatro brasileiro, aos 90 anos, com muita lucidez, sintetiza a teatrocracia bolsonarista numa entrevista²¹⁹ à Folha de São Paulo: *“O que está na pior neste país é a cultura das artes, porque é vista como inútil, é pecaminosa, não é prioritária. Há tanta carência social que não se pode ‘perder tempo’ com o imaginário criativo. Acho que nunca vivemos isso, não. Porque agora, além de tudo, ainda há uma moralidade em cima de nós (os artistas profissionais), e isso acaba em cima do instrumento do demônio que é o ator. Somos perigosos porque nós nos aceitamos diversos. Como entender isso do ponto de vista de uma religião ou de uma seita que tem lá seus princípios? Isto está no poder!”*.

Fernanda Montenegro ensina que a higiene da teatrocracia bolsonarista não é de ordem estética, a estética bolsonarista não é “limpa” e higiênica como a nazista, é, ao contrário, texturizada pela imundície mais profunda da podridão humana. É binária, quer através de um palco sujo e uma atuação porca limpar da cena a relação entre Apolo e Dionísio. Mais que isso, esta teatrocracia se disfarça de estética do caos em nome da eugenia e conservação de ideias ordenadas.

Esta Teatrocracia traveste Apolo de Dionísio, perverso-puritanamente e dissimula a desordem em busca da ordem neoreacionária. Adestra o elemento dionisíaco a serviço de princípios pseudo-puritanos e usa o elemento apolíneo convertendo-o em pulsões brutas.

É uma estética higiênica do monturo de lixo que sintetiza a Ponocracia Teatocrática do Brasil, e que talvez, não se tenha encontrado ainda sua melhor tradução crítica, senão, no cenário assinado por Daniela Thomas e Felipe Tassarra em **Selvageria** (2017) dirigido por Felipe Hirsch. Parece ser competência do próprio teatro deglutir antropofagicamente a Teatrocracia, metabolizá-la e devorá-la, canibalizando *Thanatos* e regurgitando *Eros*.

Parece caber às artes da cena fertilizar a vida dos signos contra a sua morte, reconhecer profundamente as vivacidades que vivem na morte e as mortandades que acometem a vida e, furiosa e curiosamente, buscar o que está vivo, mesmo que morto.

²¹⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=hBT1M9KKmKI>



Elenco de Selvageria se equilibra nos destroços do progresso na tentativa de documentar teatralmente a história do Brasil.

Se Augusto Boal reconheceu que a arte da representação teatral poderia emancipar os sujeitos através de uma cena amadora no que chamou de Teatro do Oprimido, a Teatrocrazia Bolsonarista parece ter reconhecido a antítese da tese de Boal – que o amadorismo feito profissionalmente, numa cena dissimulada, pode dominar e submeter os sujeitos ao Teatro do Opressor.

o antagonista

Brasil - Brasil
Ministros do STF veem 'teatro' na conversa de Kajuru e Bolsonaro e evitam confronto direto

Por Marlon Marinho
12/04/2019 15:21



Ameaças de Bolsonaro são 'teatro' e não há risco de ruptura institucional, diz Sundfeld

Professor da FGV Direito e presidente da SBDP minimizou ataques feitos pelo presidente às instituições e disse que o governo não tem força para romper o ambiente democrático no país

Por **Cristiane Agostine, Valor** — São Paulo
12/04/2021 13h42 - Atualizado 12/04/2021



FOLHA DE S.PAULO



[lava jato](#) [folhajos](#) [legislativo paulista](#) [entrevista da 2ª](#)

STF · CONGRESSO NACIONAL · SENADO

'Se alguém fez teatro, foi o presidente Bolsonaro', diz Kajuru à Folha após conversa sobre CPI da Covid

Senador afirma que presidente pôde se opor à divulgação da ligação entre eles que abriu nova crise entre Poderes



Renato Machado

(Obs)Cena 09878987656765434: Cena sem cena

João Alberto, um homem negro, é espancado e asfixiado até a morte por seguranças em uma loja da rede de supermercados Carrefour, em Porto Alegre. A voz policial enquanto executa o corpo imobilizado que pede socorro diz: “sem cena!”²²⁰. Então, o “ator” deixa de agir. Se um ator é aquele que age, ficar “sem cena” é ficar sem a possibilidade da ação. Repara que o segurança não disse “não reaja!”. O imperativo “sem cena!” é teatrocrático.

A obscena performance da violência policial sobre corpos negros está naturalizada, de modo que a agonia de um corpo negro, com um joelho em seu pescoço, é vista como simulação. A cena teatral que acontece nos palcos é tida como algo extraordinário, algo fora da vida oficial, já violentar e matar corpos negros, se tornou oficialmente algo ordinário, ou seja, está na ordem do dia de um policial. Neste contexto, quando um gesto de socorro atua em defesa própria, este é lido como extraordinário, portanto, cênico, fora da oficialidade da vida, e assim, os oficiais não dissimulam, mas atuam, retirando oficialmente estas vidas da cena.



'Sem cena, tá? A gente te avisou da outra vez', diz segurança enquanto João Alberto estava imobilizado e agonizava

Imagens foram obtidas pelo site GauchaZH. João Alberto foi imobilizado e espancado na garagem do supermercado Carrefour da Avenida Plínio Brasil Milano, em Porto Alegre.

Por G1 RS
22/11/2020 18h36 - Atualizada há 8 meses



²²⁰ <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2020/11/22/sem-cena-ta-a-gente-te-avisou-da-outra-vez-diz-seguranca-enquanto-joao-alberto-estava-imobilizado-e-agonizava.ghtml>

Este terrível episódio se liga a uma outra cena, de um corpo também sem ação, sem gesto e, ironicamente, também se passa num supermercado da rede Carrefour, mas, desta vez, não no Sul, mas no Nordeste do Brasil.

Em Recife, Moisés dos Santos, empregado de uma unidade Carrefour, sofre um infarto e morre durante seu trabalho. A gerência e os colegas de trabalho resolvem ocultar seu cadáver, cobrindo-o com guarda-sóis, de modo a não atrapalhar o fluxo de compras da loja, que seguiu aberta, em pleno funcionamento. Utilizaram ainda tapumes e fitas zebradas para interditar o local, mas, mesmo assim, não foi suficiente para obcenizar a cena. Clientes do supermercado fotografaram o cenário e publicaram nas redes sociais, chamando atenção para o fato, que foi midiaticizado em diversos veículos jornalísticos²²¹.

CartaCapital

ASSINE CARTA
LEIA A EDIÇÃO DESTA SEMANA
CRIE SEU LOGIN (Assinantes)

ÚLTIMAS POLÍTICA ECONOMIA SOCIEDADE JUSTIÇA MUNDO DIVERSIDADE EDUCAÇÃO OPINIÃO BLOGS

PROCURE AQUI

SOCIEDADE

Carrefour causa revolta ao cobrir corpo de trabalhador com guarda-sóis

Estabelecimento seguiu em funcionamento em Recife

CARTACAPITAL 19 DE AGOSTO DE 2020 - 08:07

f t w e +



CORPO DE REPRESENTANTE DE VENDAS QUE MORREU ENQUANTO TRABALHAVA EM SUPERMERCADO - FOTO: REPRODUÇÃO/TWITTER

²²¹ <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53857667>
<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/carrefour-causa-revolta-ao-cobrir-corpo-de-trabalhador-com-guarda-sois/>
<https://noticias.r7.com/cidades/promotor-de-vendas-morto-e-coberto-com-guarda-sol-em-mercado-19082020>

Uma manchete com leitura pornológica deste fato poderia ser: No mercado, cadáver é ocultado para não desestimular a excitação consumista.

Esta cena, talvez, nos dê as pistas principais para reconhecer que a pornografia neoliberal não pode mesmo revelar tudo, aliás, já dissemos aqui, se tem algo que o capitalismo precisa esconder, este algo parece ser a morte.

Há uma enorme diferença entre pulsão de vida erótica e o “excite-se!” neoliberal da Pornocracia, e é preciso distingui-la.

Estimular a pulsão libidinal através de uma excitação que pulsa a vida é diferente da excitação estéril que a economia libidinal do capitalismo produz. A pornografia parece funcionar como um gerenciamento da excitação, enquanto a eroticidade é a excitação descontrolada da pulsão vital. Assim como a pornografia dirige, orienta, e determina a excitação que fica circunscrita num certo campo, também a estimulação mercadológica ao consumo gerencia, administra e adestra a excitação.

O mercado se torna um dispositivo de controle da excitação, portanto, responde ao logos pornográfico. É uma excitação domesticada e controlada, a excitação promovida pelo consumo, enquanto a pulsão libidinal do elemento erótico é da ordem do jorro incontrolável e proliferante da vida. Vida é um fenômeno proliferante e incontrolável.

Controlar e administrar as pulsões vitais, parece ser este o papel perverso da pornografia e do mercado. Falsear o estímulo, mas apenas dentro de um espectro de controle, cuja excitação está hipnotizada e condenada a encerrar sempre em consumo. A excitação do mercado é narcotizada, entorpecida e viciada no gozo do consumir. Enquanto o tesão erótico excita para o descontrole, a pornografia consumista excita para controlar.

Dispositivos de controle que pretendem gerenciar a força incontrolável da vida se tornam mecanismos necropolíticos. Talvez por isso, a gerência de um supermercado intui que ainda é preciso ocultar um cadáver com guarda-sóis: para que a imagem da morte não broche a excitação consumista dos seus clientes, despertando-os do entorpecimento pornográfico ao qual estão submetidos.

**o capitalismo tem medo do que o corpo, mesmo morto,
COMUNICA.**

(Obs)Cena 36545633372893841: Stories não tem virgula

Nos últimos anos construímos estádios para a copa e olimpíadas enquanto marchamos por mais que 20 centavos durante a inundação das vidas dos ribeirinhos com a construção da hidroelétrica de Belo Monte ao mesmo tempo que um pastor homofóbico presidiu a comissão de direitos humanos e a classe média bateu panela contra a conquista trabalhista das domésticas e Snowden avisava ao mundo que não se podia mais esconder nada mas o Brasil escondia Amarildo e nos esquecemos de procurá-lo porque nos distraímos dividindo nossa atenção entre os vídeos de decapitações realizadas por grupos radicais do estado islâmico e a espetacularização da operação Lava Jato que escorria com a lama de Mariana que percorreu o Brasil chegando até o além mar no qual do outro lado repousava a quietude do corpo de Omran o menino sírio junto aos corpos de outros refugiados ao mesmo tempo que mosquitos contaminavam de Zika vírus as gestantes no nordeste que não puderam abortar a geração de crianças com microcefalia contemporâneos do atentado ao Charlie Hebdo que nos exigiu atenção enquanto as ocupações dos alunos secundaristas apanhavam da polícia nas escolas e Marcos Vinicius tingia de sangue seu uniforme escolar e se mistura a lama desta vez de Brumadinho e os rios de lama e sangue dos mortos do massacre contra homossexuais na boate Pulse que não chegariam a ver a união europeia se desunir pelo Brexit e Trump ser eleito para fazer muros e enjaular crianças refugiadas longe de seus pais enquanto Dilma era impichada e o mundo do trabalho uberizado o museu nacional carbonizado apagando a historia na qual Lula seria preso Marielle morta e a placa em sua homenagem quebrada pelas ruas onde caminhoneiros paravam o país no qual Bolsonaro era eleito e então o Brasil armado começou a matar o Brasil no qual jovens fizeram a chacina de Suzano e Everaldo Rosa levaria 80 ou 257 tiros a queima roupa que queima também a Amazônia e Pantanal em chamas que tentava sobreviver como a Austrália também enquanto que de repente sai merda pelas torneiras do Rio de Janeiro e um grupo conservador tenta impedir o aborto legal da menina de 10 anos que foi estuprada pelo tio e então chega o Covid 19 que instaura a crise psico-sócio-ético-econômico-política e sanitária mais a guerra vaidosa em nome da politização policial da vacina e também sua privatização às empresas para oficializar os fura-filas que não querem padecer do que fez Manaus a capital amazônica considerada o pulmão do mundo morrer sem oxigênio porque os joelhos brancos do poder fincam sua patela no pescoço da democracia impedindo-a de respirar...

"I can't Breath" ... "I can't Breath" ... disse George Floyd antes de morrer sufocado com um joelho policial que esmagou o seu pescoço...

respire...

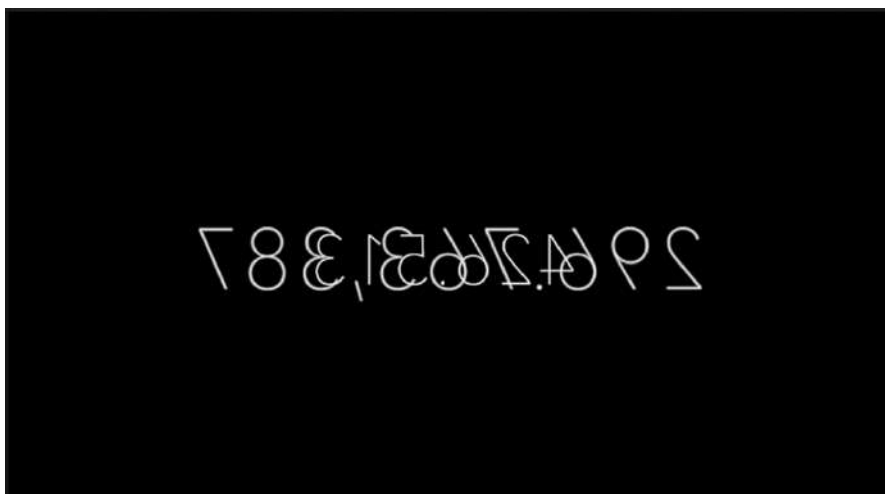
...

...fundo

respire...

...Não consegue?

Cena final: Números não respiram



Obscenos números ilegíveis que nos espelham

A cena que se repete em *looping*, há mais de um ano, cotidianamente. Nos entorpece.

Os números se tornaram a vida nua dos corpos matáveis. As vidas reduzidas ao mais mero nu dos signos, OS NUS, meros, nus, números.

Desinvestidos de carne e desejos, de afetos e sentidos, vidas sem corpos passam a representar corpos sem vida. A vida que a morte anda tendo trajou de números os corpos. Vigorosa, a morte é velada numericamente, e deixamos de enxergá-la. Os números não são nem mesmo fantasmas.

A obscenidade dos números nos impede de acompanhar as histórias de cada singularidade, as experiências individuais são descoladas de cada sujeito, produzindo um mecanismo de de-subjetivação, e transformando vidas em vítimas dos números e estatísticas.

A cena que assistimos todos os dias, no palco midiático, não diferencia as mortes dos mortos. A morte não tem corpo, o morto tem. A abstração das vidas humanas singulares se torna uma instância genérica de padrões generalizantes, retiram a cor, o gênero, a idade, o lugar sócio-econômico e geográfico dos corpos.

Parece que há um fundamentalismo pornográfico que doutrina à exposição de tudo que possa esconder a morte. O capitalismo sempre soube que a vitalidade mercadológica é aperfeiçoada em detrimento da vida humana, mas a Pornocracia neoliberal parece ter descoberto mais que isso: que na medida em que se exhibe aquilo que faz ou deixa morrer, é isso que garante a vida do que se quer manter na invisibilidade: a Morte e o morrer. Neste regime, a exposição velada dos massacres passa a ser vital.

Podemos, talvez, considerar um mecanismo pornocrático o uso da exibição da morte para velar os corpos dos mortos, de modo que a ultra exposição da morte se torna um ritual de vigília, que pune o corpo morto a não ser velado, mas ao seu velamento.

Na crise sanitária que se instaurou, os rituais funerários foram impedidos de ficar na cena, foram substituídos por estatísticas e a exibição midiática dos números se tornaram os velórios. Velórios sem sombra, sem luz de velas, sem velar corpos, mas velórios iluminados pelos holofotes midiáticos, que fazem desaparecer os cadáveres.

A morte sem o morto se torna pornocena, um morrer sem corpo obsceno, que impele a vida a exhibir-se como moral que funda uma eticidade da pornografia da morte.



“cruzes sem nomes, sem corpos, sem datas...”

Epílogo (considerações finais)

Ao leitor, que chegou até aqui, topando o nosso jogo erótico, nossas perversões filosóficas e a nossa transa de ideias, desejamos que esta leitura tenha sido um ensaio para uma vergonha revolucionária.

Despir a razão pornográfica e deixar a pornografia nua, eis o principal objetivo desta pesquisa, que teve de reconhecer os contrários da sua hipótese, de partida: a pornografia se revelou não ser o que mostra tudo, mas o que finge tudo mostrar, justamente para algo esconder. Se apresentou não como uma obscenidade, mas como o mecanismo que sequestra o obsceno para atirá-lo na luz. Se tornou a desfaçatez da face perversa do desejo de dominação, que ambiciona controlar o incontrolável: a força erótica.

Estes traços, na política, parecem ser os que forjam a Pornocracia, um fenômeno que se exibiu como uma espécie de democracia nua, despida, desinvestida do que a veste eroticamente. A Pornocracia é uma democracia libertina e prostituída. Uma democracia puta. Um regime, no qual, a libertinagem liberal se disfarça de liberdade, através da economia política perversa do afeto comunicacional. Sobretudo, diante das telas. Este regime se alimenta do cinismo, da cumplicidade do sujeito pornocrático e de seu perverso-puritanismo. A democracia, que, quando nua e estuprada se torna ditadura, também ao ser prostituída e putanizada, se torna Pornocracia.

O fascismo se serve da pornografia.

Liberalismo, quando tem negatividade, não é puramente pornográfico, mas, sem restrições, desenfreado, mostra sua face pornográfica e pornoizante. As democracias liberais, sem seu aspecto erótico, se tornam faces pornográficas. A face do liberalismo sem máscara é o facismo. Sem rosto e sem semblante, o ismo do faceamento não serve para mostrar, mas para esconder as obscenidades do capitalismo, e, para não serem vistas, são pornografizadas. O fascismo é um liberalismo desmascarado, de face nua.

Quando, por algum motivo, os liberais se desesperam, quando as pressas se perdem no compasso de seus disfarces, mostram mais do que gostariam, e, aparecem em cena sem máscaras, se mostram sem disfarces. Sem as fantasias de liberal fofo,

ficam nus. Capitalismo que fica nu, à mostra, exhibe a desfaçatez que revela o truque pornográfico.

A necromaquiagem das faces cadavéricas não disfarça a cara pálida dos que fazem a tanatopraxia da democracia em função de nutrir a necropolítica. Tirar o sangue e os líquidos da democracia, desidratá-la, secá-la, deixá-la quebradiça, craquelada, frágil, para nos convencer que, anêmica, ela adoeceu e precisa morrer. O perverso desejo pornocrático é: gozar no luto da democracia.

Se a democracia fosse um corpo assassinado, seria preciso exumá-la, descobrir não quem, mas como a matamos, qual sua *causa mortis*. E, em sendo esta uma metáfora, é preciso realizar uma autópsia política e ressuscitá-la.

Pornografia não é denúncia

Vimos que exhibir nem sempre é pornográfico, e que, muito da comunicação jornalística, por exemplo, tem por função exhibir para denunciar, e, exatamente por isso, deveria dar-se conta do nefasto efeito da Pornocracia à comunicação. Expropriado da sua capacidade de denúncia, o jornalismo corre o risco de se tornar comunicação nua. Comunicação nua é a pornografia da comunicação.

O erótico é sujeito

É da transa entre corpo e ambiente que o real erotiza a subjetividade. O velar e o revelar, vai erotizando o imaginário e convocando a percepção para a criação.

É da mistura, mistifório, miscelância, bololô, gororoba, embolamentos e embrulhos que a comunicação, a natureza e a cultura se erotizam, se friccionam, se fecundam, trepam, fertilizam, traduzem e transcriam o processo do qual o corpo é sujeito.

A mágica da ilusão pornográfica não deve ser confundida com os mistérios secretos do erótico. O real é complexo e entretecido. Os laços do entretecimento ao se enovelar produzem sombras. O escamoteio que embute o real, também o enrugam. O real sem rugosidades, sem encrespar, sem poros se alisa. O real alisado em superfície é obsceno.

O óbvio, com sua linearidade sem nuances, se oculta no explícito, se cala no pornográfico. E assim nos coloca servis em linhas retas, enquanto os paradoxos, com

sua eroticidade, com seu atrito em relação, empena o tempo, curvando-o, fazendo-o circular e espiralar a nossa percepção. Sem variações rítmicas, os movimentos perdem a alegria e o erotismo, tornando-se pacientes tristes da opressão pornográfica.

Neste sentido o barroco poderia ser um bom exemplo de força *contrapornográfica*. Com suas curvas sensuais que se constroem e se esculpem de matérias contraditórias (ouro, sangue, minérios nobres, escravidão, dor, brilho, glória e etc), permitindo uma relação dialética que não gera síntese, mas contradição, pode nos servir como lógica para incorporar a diferença, antropofagizá-la eroticamente e perverter a destruição em criação.

O Brasil, quem sabe, poderia reler a sabedoria das manifestações barroquizantes, das esculturas e arquiteturas, que sabidamente são festivas e sensuais, feitas mais para a gente se esfregar do que para rezar diante delas.

O mundo pornográfico não cria, é estéril, não fecunda, portanto, é triste, ao passo que o atrito libidinal do mundo erótico, é criador, fecundo e prazeroso, por isso se forja no movimento da alegria.

Contra a Pornocracia, que alisa as superfícies do mundo, de modo a extinguir a alegria da vida, possa, quem sabe, ser uma força contrária, a ética erótica barroca, que, em contradição, aqui, nos fez surgir.

Se Eros é a força proliferante da vida, a pulsão vital e o descontrole fecundo, na contramão, a pornografia é o mecanismo gerencial desta força, é a tentativa de adestramento do indomável, é a doma da força selvagem da vida.

Na tentativa de tornar administrativa a força pulsional, a pornografia se torna um dispositivo de controle da vida. A pornografia é a parte perversa do elemento macho do mundo. Fállica, exposta, pra fora, pública, é dela que brota o jorro gozoso da exibição do poder, exibição do gozo de poder e exibição do poder de gozo.

Contra o mundo triste da Pornocracia, que agora controla e asfixia a vida, a alegria erótica, o ar, a arte, a arte de ter ar, o olhar artesão, o ar da arte: o tesão.

Se Eros é capaz de flechar e sangrar nossos corações, nos sequestrando do masturbatório e hiper-iluminado mundo narcísico-pornográfico para nos atirar na alteridade, onde a diferença nos faz sombras e nos contrasta, permitindo enxergar com maior nitidez, seria preciso então encontrá-lo.

E o leitor pode se surpreender com a afirmação, mas talvez tenhamos o encontrado. Eros está em Londres, foi sequestrado pelo berço do liberalismo, teve ele seu coração flechado, e, está lá, cristalizado e hipnotizado pela força pornográfica do mercado.

Aqui está:



Eros, na Piccadilly Circus, cristalizado, mirando com seu arco sem flecha, corações consumidores cegados pela iluminação publicitária.

Se encontrá-lo não basta, como despertá-lo deste feitiço?

Parece ser, no enquanto de uma pergunta cuja resposta falta, que o rebuliço pulsional do mistério brota. A necessidade de desvendar mistérios atrapalha a cena pornocrática.

É por isso que precisamos continuar, sem esmorecer, a fazer as perguntas que a Pornocracia quer calar. Por isso esta escrita acaba, evocando o sujeito do desejo, invocando o sujeito da falta, para os quais a ausência mobiliza e agencia ao alegre movimento erótico do buscar. É com a pergunta que recentemente moveu as forças democráticas desejanter que conjuramos aqui o retorno de Eros à democracia: Quem mandou matar Marielle?

Extras - making on-off, por trás do por trás das cenas



Acesso ao acervo pornológico

Sobre o acervo pornológico

O modo de organizar as informações reunidas tem por objetivo reconhecer, nas postagens em redes sociais e nas matérias jornalísticas, fatos que explicitem discursos pornográficos relacionados à política, à economia e à justiça, para investigá-los como índices da tensão entre pornografia e liberalismo que emerge hoje nas relações pornocráticas (DUFOUR, 2013) do regime de hiperexposição das informações nos veículos de comunicação *on* e *offline*.

Não somente manifestações midiáticas que contenham explicitamente manchetes sexualizadas e ou obscenas, mas também fatos que reservam a lógica da pornografia como mecanismo que opera politicamente. Sendo assim, os vazamentos de informações privadas, íntimas, obscenas, de conversas de WhatsApp, Telegram, ligações telefônicas, delações premiadas, declarações vulgares, escatológicas e pornoizantes de atores políticos são aqui o nosso acervo material que corroboram para o fortalecimento da hipótese desta investigação: a de que os hábitos de se comunicar expõem a vida online nos assujeitou sob a forma de um sujeito pornocrático, cuja razão pornográfica regimenta sua comunicação pornologicamente.

São cada vez mais frequentes as relações entre pornografia, obscenidade, sexo e política nas publicações recentes, em veículos de imprensa no Brasil. A frequência da exposição da relação pornografia e política vai se tornando poderosa na operação de misturar expressões idiomáticas, trocadilhos sexuais, linguagem vulgar e sexualizada. São estas imagens que, subliminar e semioticamente, parecem expandir o perverso e sádico neoliberalismo que nos regula e nos disciplina.

O que temos a reconhecer quando o explícito, o obsceno e o pornográfico se eclipsam em Pornocracia?

Ficha Técnica

AGAMBEN, Giorgio, **A Potência do Pensamento**, Ed. Autência Editora, (2015).

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer, o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte:

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Editora Argos, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos** (HOMO SACER IV,2). São Paulo: Boitempo, 2017.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Boitempo Editorial, 2015.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Boitempo Editorial, 2015.

AGOSTINHO, Santo, **Confissões**, São Paulo, Nova Cultural, 1999
Além do princípio de prazer. Escritos sobre a psicologia do inconsciente: 1915-1920, v.2.
Rio de Janeiro: Imago.

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago**. Revista de Antropofagia. Reedição da Revista Literária publicada - Penguin; Edição: (2017)

ARETINO, Pietro. Sonetos lujuriosos. **Sonetos lujuriosos**, p. 1-100, 2007.

BATAILLE, Georges. **História do olho**. Editora Companhia das Letras, 2018.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. [Tradução de Cláudia Fares]. São Paulo: ARX, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. **As flores do mal**. Nova Fronteira, 2013.

BENJAMIN, Walter et al. **Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção**. Contraponto Editora, 2020.

BILENKY, Marina Kon. **A vergonha e os sofrimentos narcísicos**. *Ide*, v. 36, n. 56, p. 201-205, 2013.

BLANCO, Javier García. **Historia oculta de los Papas**. Editorial Tomera Ltda., 2015.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 1975.

BON, Gustave Le. **Psicologia das multidões**. Tradução: Mariana Sérvulo da Cunha. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

- BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação: performances íntimo-espetaculares de si**. Multifoco, 2016.
- BROWNE, Simone. **Dark matters: On the surveillance of blackness**. Duke University Press, 2015.
- BRUM, Eliane. **Brasil, construtor de ruínas: Um olhar sobre o Brasil, de Lula a Bolsonaro**. Arquipélago Editorial, 2019.
- BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Editora José Olympio, 2018.
- BUTLER, Judith. **Notes Toward a Performative Theory of Assembly**. Harvard University Press, 2015.
- CANETTI, Elias. **Massa e poder**. Companhia das Letras, 2019.
- DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas: as origens biológicas dos sentimentos e da cultura**. Editora Companhia das Letras, 2018.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano**. Editora Companhia das Letras, 2012.
- DAMÁSIO, António. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si**. Editora Companhia das Letras, 2015.
- DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian, **A nova Razão do Mundo**, São Paulo: Boitempo, 2016.
- DARDOT, Pierre, LAVAL, Christian, **Comum: ensaio sobre a revolução no século XXI**, São Paulo: Boitempo, 2017.
- DE CASTRO, Eduardo Viveiros, **Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural**. São Paulo: Ubu Editora, n-1 edições, 2018.
- DUFOUR, Dany Robert; AGUILAR, Juan Carlos Rodríguez. **Locura y democracia: ensayo sobre la forma unaria**. FCE, 2002.
- DUFOUR, Dany-Robert - **A cidade perversa: Liberalismo e Pornografia**; Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013
- DUFOUR, Dany-Robert. **L'Art de réduire les têtes –Sur la nouvelle servitude de l'Homme libéré à l'ère du capitalisme total**. Ed. Denoel, 2003.
- DUFOUR, Dany-Robert. Os mistérios da trindade. **Rio de Janeiro: Companhia de Freud**, 2000.
- DUNKER, Christian. A perversão nossa de cada dia. **Revista Cult**, v. 13, n. 144, 2010.

DUNKER, Cristian, **Mal estar, Sofrimento e Sintoma**. São Paulo: Boitempo, 2015.

ESPOSITO, Roberto. **Bios. Biopolítica e Filosofia**. Lisboa: Edições 70, 2010.

ESPOSITO, Roberto. **Communitas, the origin and destiny of community**. Stanford University Press, 2009.

ESPOSITO, Roberto. **Immunitas. Protección y negación de la vida**. Buenos Aires: Amorrortu/editors, 2009.

FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary: 1857**. Hatier, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: As confissões da carne (Vol. 4)**. Editora Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. Michel Foucault, **uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. verve. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 5, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

FREUD, S. (1915/2004c) **Pulsões e destinos da pulsão**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente: 1911-1915, v.1. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, S. (1924/2004e) **O problema econômico do masoquismo**. Escritos sobre a psicologia do inconsciente: 1923-1938, Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. (1909-1910) **observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos**. Ed. Cia das Letras, (2013).

FREUD, Sigmund. (1925) **“Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos”**, v.XIX, p.277-286.

FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**, Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund.. **Além do princípio de prazer**. Porto Alegre: L&PM, 2016.

FREUD, Sigmund. **Neurose, psicose, perversão**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016

FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

- FREUD, Sigmund. **Psicologia das Massas e análise do eu**, Porto Alegre: L&PM, (2013).
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Edição 'Livros do Brasil', 1997.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019.
- FROST, Samantha. **Biocultural creatures: Toward a new theory of the human**. Duke University Press, 2016.
- GIACOIA JR, Oswaldo. **Agamben: Por uma ética da vergonha e do resto**. n-1 edições, 2020.
- GIDE, André, **O Tratado de Narciso (teoria do símbolo)**, ed: Flumen Livreiros e Editores Ltda, São Paulo, 1983
- GRANOVETTER, Mark S. The strength of weak ties. **American journal of sociology**, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.
- GREINER, Christine, **O corpo: Pistas para estudos indisciplinados**, São Paulo: Anna Blume, 2005.
- GREINER, Christine; KATZ, Helena. "A natureza cultural do corpo", em **Lições de dança**, v. 3, n. 1, p. 77-102, 2001.
- HAN, Byung-Chul **Psicopolítica. O neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
- HAN, Byung-Chul, **Sociedade da Transparência**, Editora Vozes: Petropolis – RJ, (2016).
- HAN, Byung-Chul, **Topologia da Violência**, ed. Vozes: Petropolis – RJ, (2017).
- HAN, Byung-Chul. **Agonia de Eros** – ed. Vozes: Petropolis – RJ, (2017)
- HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Editora Vozes Limitada, 2018.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço** – ed. Vozes: Petropolis – RJ, (2017)
- HARDT, Michael; VIRNO, Paolo. **Multitude. The International Encyclopedia of Revolution and Protest**, p. 1-5, 2009.
- HEWITT, Andrew. **Social choreography: Ideology as performance in dance and everyday movement**. Duke University Press, 2005.

- HILST, Hilda. **Pornô Chic, Hilda Hilst**, São Paulo, Biblioteca Azul, 2018.
- HUXLEY, Aldous. **Admirável mundo novo**, Rio de Janeiro: Ed. Dinal, 1966
- JODOROWSKY, Alejandro. **Psicomagia**. Siruela, 2007.
- KANT, Immanuel, **Fundamentação da metafísica e dos costumes**, Lisboa, Edições 70, 2011
- KANT, Immanuel. **Crítica da razão prática**. Editora Vozes Limitada, 2017.
- KATZ, Helena, GREINNER, Christine, **Arte e Cognição: corpo, comunicação e política**. São Paulo: Annablume, 2015.
- KATZ, Helena, **O que lateja na palavra pandemia**, Zazie edições, 2020.
- KATZ, Helena, *Quando “lugar de fala” se torna “fala do lugar” p. 145 a 162*, em **Ágora: modos de ser em dança**, Alumínio (SP): Jogo de Palavras, 2019.
- KATZ, Helena; GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, p. 125-133, 2005.
- KATZ, Helena. A dança na cidade de São Paulo, em meio à produção de inexistência, de novos hábitos cognitivos e do homo oeconomicus. Anais do IV Congresso Nacional de Pesquisadores em Dança. Goiânia: ANDA, 2016. p. 771-779.
- KEHL, Maria Rita. **Ressentimento**. Boitempo Editorial, 2020.
- LACLAU, Ernesto. A razão populista; tradução de Carlos Eugênio Marcondes de Moura. **São Paulo: Três Estrelas**, 2013.
- LAZARATO, Maurizio. **O Governo do Homem Endividado** – São Paulo: N-1 edições, (2017).
- LEMKE, Thomas. **Biopolítica: críticas, debates, perspectivas**. Editora politeia, 2018.
- LONDERO, Rodolfo Rorato. **Pornografia e censura: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e o sistema literário brasileiro nos anos 1970**. SciELO-EDUEL, 2016.
- LYOTARD, Jean-François. Adorno as the Devil. **Telos**, v. 1974, n. 19, p. 127-137, 1974.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1999.
- MARCUSSI, Alexandre Almeida. **Diagonais do afeto: teorias do intercâmbio cultural nos estudos da diáspora africana**, São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016.

MARTÍN BARBERO, Jesús, **De los medios a las mediaciones**. Barcelona- México: Gustavo Gili, 1987.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**, São Paulo: n-1 edições, 2018

METAHAVEN. **Black transparency: the right to know in the age of mass surveillance**. Sternberg Press, 2015.

MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra Maria. **O que é pornografia**. Editora Brasiliense, 1984.

MOTT, Luiz, **Escravidão, Homossexualidade e Demonologia**, São Paulo: Ícone, 1988.

MOTT, Luiz, **Inquisição e sociedade**, Salvador: Edufba, 2010.

MOTT, Luiz. **Bahia: inquisição & sociedade**. EdUFBA, 2010.

MOTT, Luiz, **Sexo Proibido: Virgens, Gays e Escravos nas garras da Inquisição**, Campinas: Papirus, 1989.

NEGRI, Antonio. **Biocapitalismo**. Editora Iluminuras Ltda, 2015.

NEGRI, Antonio. Para uma definição ontológica da multidão. **Lugar comum**, v. 19, n. 20, p. 15-26, 2004.

NOË, Alva. **Strange tools: Art and human nature**. Hill and Wang, 2015.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARISER, Eli. **O filtro invisível: o que a internet está escondendo de você**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2012.

PARKER, Richard. Abaixo do equador. In: **ABAIXO DO EQUADOR: Culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro, Record, 2002.

PRADO, José Luiz Aidar. **Sintoma e fantasia no capitalismo comunicacional**. Editora estação das letras e cores, 2019.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**, São Paulo: n-1 edições, 2020.

PRECIADO, Paul B., **Manifesto Contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

PRECIADO, Paul B., **Testo Junkie: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**, São Paulo: n-1 edições, 2018.

RAJAN, Kaushik Sunder, **Bio capital. The Constitutions of a Postgenomic Life**, Durham e Londres: Duke University Press, 2006.

ROSE, Nicolas. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**, ed. *Vozes: Petropolis – RJ (2011)*

ROSE, Nikolas S. **Governing the soul: The shaping of the private self**. London: Free association books, 1999.

SADE, Marquês de. **A filosofia na alcova**. São Paulo, ed. Iluminuras, 2003

SADE, Marquês de. **Os 120 dias de Sodoma ou a escola da libertinagem**, São Paulo: Penguin Classics Cia das Letras 2018.

SÁEZ, Javier e CARRASCOSA, Sejo. **Pelo Cú, Políticas Anais**, Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAFATLE, Vladmir. **O Circuito dos Afetos – Corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019,.

SCANNELL, R. Joshua. **Electric Light: Automating the Carceral State During the Quantification of Everything**. 2018.

SENNETT, Richard. **A corrosão do carácter: as consequências do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

SHATTUCK, Roger. **Conhecimento proibido: de Prometeu à pornografia**. Companhia das Letras, 2000.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética** (Tradução e notas de Tomaz Tadeu). **Belo Horizonte, Autêntica Editora**, 2007.

TANIZAKI, Junichiro. **El elogio de la sombra**. Siruela, 1994.

TARDE, Gabriel. **A opinião e as massas**. Martins fontes, 1992.

UGRESIC, Dubravka. **Karaoke Culture**, NY: Editora: Open Letter, (2011)

VARELA, Francisco G.; MATURANA, Humberto R.; URIBE, Ricardo. Autopoiesis: the organization of living systems, its characterization and a model. **Biosystems**, v. 5, n. 4, p. 187-196, 1974.

VERZTMAN, Julio. **"Vergonha de si e fobia social."** Anais do II Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental e VIII Congresso Brasileiro de Psicopatologia Fundamental. 2006

VIDARTE, Paco. **Ética bixa: proclamações libertárias para uma militância LGBTQ.** n-1 edições, 2020.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. **Ciência – Formas de Conhecimento: Arte e Ciência uma visão a partir da complexidade** – Fortaleza: Expressão gráfica e editora, (2007).

VIGARELLO, Georges. **O sentimento de si: história da percepção do corpo.** Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

WRIGHT, Michelle M. **Physics of blackness: Beyond the middle passage epistemology.** U of Minnesota Press, 2015.

ZAMIÁTIN, Ievguêni. **Nós.** Aleph, 2017.